



Universidade Federal de Viçosa

Memorial do Jubileu de Ouro do Berimbau 1968-2018



**Memorial do
Jubileu de Ouro do Berimbau
1968-2018**

Cid Barreira da Fonseca
Dinarte Antônio de Souza Carmo
Francisco de Paula Neto
Guilherme Emílio Simão
José Silveira Rivelli
Luiz Gomes de Souza
Maria Eunice de Moura Silva e Fonseca
Paulo Motta Ribas

Memorial do
Jubileu de Ouro do Berimbau
1968-2018



Notas da subcomissão do livro

A Subcomissão do Livro e por extensão a Comissão de Festas optou pela publicação de um documento na forma de um **Memorial** para registrar a comemoração do *Jubileu de Ouro do Clube Berimbau*. Depois de discussões ao longo dos últimos meses, os membros das comissões concluíram que a reedição atualizada do Livro de Formatura de 1968 não faria sentido 50 anos depois. Uma ideia surgiu, então, de produzir um documento mais próximo de um artigo-reportagem que relatasse os caminhos percorridos pelos colegas e suas contribuições para o país. A ideia prosperou, a ela foram acrescentadas outras propostas contextuais e finalmente se tornou um projeto denominado **Memorial do Jubileu de Ouro**. Metodologicamente e ao contrário de 1968, quando um colega biografou o seu companheiro de apartamento ou amigo mais íntimo, em 2018 optou-se pela coleta de autobiografias que serviriam de fontes de informação para o conteúdo deste documento. Do universo estimado de 95 colegas vivos, obtivemos 75 textos autobiográficos cujos dados alimentaram na quase totalidade as narrativas sobre as contribuições dos colegas. Uma fonte secundária de informações foi a memória dos autores do **Memorial** e o conhecimento de fatos, nomes, datas não constadas nas autobiografias. Para os leitores do **Memorial** fica esclarecido, portanto, que nas narrativas individuais será notada a ausência de muitos colegas e isso se deve à falta absoluta de informações sobre os dados biográficos atualizados dos mesmos. A ausência de ilustrações, principalmente de fotos pessoais de todos os autobiografados que poderia aumentar o desequilíbrio contextual foi também uma decisão tomada pela Subcomissão do Livro. Finalmente, as limitações técnicas literárias e editoriais, cujas soluções acarretariam um acréscimo significativo no custo do projeto, levou a Subcomissão a optar pela produção de um CD gravado com o texto memorial. Será distribuída uma cópia para cada colega presente na comemoração do nosso *Jubileu de Ouro*. Cópias extras poderão ser encomendadas na Produtora em Viçosa. Os autores esperam que os leitores nos retornem com correções e informações complementares que serão aplicadas nas reedições futuras do *Memorial do Jubileu de Ouro do Berimbau*.

Viçosa, 15 de dezembro de 2018.

Subcomissão do Livro.

Sumário

Prefácio, **9**

I - Jubileu de Ouro, um marco na história do Clube Berimbau, **11**

II - Da ESAV à UFV, quase um século de profundas transformações, **12**

III - O agronegócio brasileiro nos últimos 50 anos, **17**

IV - O Berimbau na grande virada do agronegócio, **28**

V - Berimbau nas atividades extracurriculares, **63**

VI - O significado da festa de 50 anos, **66**

VII - Os “causos” do Berimbau, **72**

VIII - Saudade, **89**

IX - Reconhecimento, **90**

X - Lembranças, **91**

XI - Epílogo, **92**

XII - Anexo I: Autobiografias, **93**

Prefácio

Cinquenta anos separam o trabalho de redação do nosso livro de formatura, cujos textos originais foram datilografados nas simpáticas “*Olivetti*” e agora digitalizados nos modernos computadores. Tarefa facilitada pela impressionante evolução da tecnologia ao longo desse tempo. Evolução também verificada na estrutura da nossa Universidade Federal de Viçosa e de resto nas atividades inerentes às profissões que escolhemos. Por cerca de quase três anos a partir da histórica reunião do **Clube Berimbau** em julho de 2016, em Viçosa, quando decidimos preparar nossa **Festa de Jubileu de Ouro**, a Comissão de Festas e seu apêndice Comissão do Livro, trabalharam com afinco para que tivéssemos uma comemoração digna dos nossos 50 anos de graduação. Os membros das comissões, com a inestimável ajuda de todos lançaram-se a campo para pesquisar o paradeiro de cada colega, no Brasil e no exterior. Um trabalho de abnegados detetives que logrou êxito na descoberta e nos contatos de cerca de 90 dos 119 formandos da UREMG-UFV de 1968. Nos últimos 12 meses, a Comissão do Livro buscou incansavelmente as informações para compor este documento Memorial. Coletou e formatou as notas autobiográficas e delas selecionou os fatos mais marcantes para expor as relevantes contribuições do **Berimbau** para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro, bem como as conquistas empresariais e sociais para as quais vários de nós emprestaram seus conhecimentos, talentos e espírito cívico. Fica a expectativa de que o **Memorial do Jubileu de Ouro**, com todas as suas limitações editoriais, literárias e lacunas informativas, atinja o objetivo a que se propõe: legar aos colegas, familiares e amigos a memória das realizações, dos fatos, nomes e lembranças de um tempo de nossas vidas. Profundo agradecimento pelo apoio do nosso Presidente Marcos de Paiva Gonçalves, ao colega Fernando Antônio Rodriguez pela inspiração do modelo memorial, aos membros da Comissão de Festas e Subcomissão do Livro, ao José Roberto da Silva Lana pelo serviço de diagramação do texto, ao Wellington Abranches de Oliveira Barros, querido e meio colega **Mamão**, conselheiro na estruturação editorial, à Professora Fabiane Duarte de Souza pelo trabalho de revisão e a todos que trabalharam para que o **Memorial do Jubileu de Ouro** se tornasse uma realidade.

Viçosa, 15 de dezembro de 2018.

Cid Barreira da Fonseca

Dinarte Antônio de Souza Carmo

Fernando Antônio Rodriguez

Francisco de Paula Neto

Guilherme Emilio Simão

Luiz Gomes de Souza

Maria Eunice de Moura Silva e Fonseca

Paulo Motta Ribas

José Silveira Rivelli

I

Jubileu de Ouro, um marco na história do Clube Berimbau

Para se entender o real significado de uma festa de aniversário de formatura na Universidade Federal de Viçosa, em especial os jubileus de prata e ouro, é preciso ou ter sido um estudante da UFV e vivido uma experiência única, ou será preciso mergulhar na história dessa Instituição. Sem desmerecer as instituições coirmãs brasileiras, igualmente centros de excelência no ensino e na produção científica em ciências agrárias, nada se compara ao modelo de Viçosa, responsável pela formação holística de seus formandos e que explica, em boa parte, a emoção que cerca os encontros de ex-alunos realizados a cada cinco anos desde a data de sua graduação. É com esse espírito, com essa empolgação e com imensa alegria que os formandos em Agronomia, Engenharia Florestal e Ciências Domésticas de 1968 celebram seu Jubileu de Ouro. Este singelo documento na forma de um memorial pretende analisar cenários, resgatar fatos, enaltecer as contribuições dos profissionais cinquentões direcionadas ao desenvolvimento técnico do agronegócio brasileiro e às conquistas sociais nos últimos 50 anos. Mas, sobretudo, deixar registrados os ingredientes que proporcionaram a perpetuação de uma forte relação de amizade entre os membros do Berimbau, um Clube que integrava os estudantes das três faculdades à época da antiga Universidade Rural do Estado de Minas Gerais-UREMG. De nosso ingresso em 1965 até 2018, quando celebramos nosso Jubileu de Ouro, profundas transformações aconteceram, tanto na nossa Universidade como também na agropecuária brasileira. Graduamos em dezembro de 1968 e a partir de janeiro de 1969 nos tornaríamos partícipes da extraordinária evolução do que hoje denominamos “*agronegócio brasileiro*”.

II

Da ESAV à UFV, quase um século de profundas transformações

Das primeiras décadas até 1965, ano de ingresso dos Berimbons e Berimboas

Artur da Silva Bernardes, o viçosense mais ilustre então governador do Estado de Minas Gerais, estadista e com visão de futuro, solicitou, em 1920, ao embaixador brasileiro nos Estados Unidos da América, José Cochrane de Alencar, que identificasse em uma Universidade um professor que se dispusesse a vir para Minas Gerais com o objetivo de criar, organizar e dirigir uma Escola Agrícola moderna, que se tornasse padrão e pudesse contribuir significativamente para o desenvolvimento da agricultura mineira e nacional. Tal busca resultou no convite ao professor Peter Henry Rolfs, da Universidade da Flórida.

Com conhecimento e experiência sobre a agricultura moderna dos Estados Unidos, Rolfs veio com a função de implantar a filosofia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão utilizada pelos “Land Grant Colleges of Agriculture” americanos no Vale do Mississippi, que proporcionaram um grande progresso para a agricultura regional e até mesmo nacional.

A escolha do local foi decidida por uma Comissão designada pelo Governo do Estado e Viçosa foi selecionada para abrigar a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV). Criada, em 1922, pelo Governador do Estado de Minas Gerais, Artur da Silva Bernardes, e inaugurada em 28 de agosto de 1926, com a presença do seu idealizador, o então Presidente da República na época, o próprio Artur da Silva Bernardes. Entrou em funcionamento em 1927. A ESAV teve uma orientação filosófica definida em seu documento básico, sendo uma instituição planejada desde o seu início. Ao longo da vitoriosa trajetória da Instituição, ela não tem se afastado de sua trilogia básica: a indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão.

O Curso Superior de Agricultura iniciou-se em 1928 e só em 1952 foi criado o segundo curso superior da Instituição, o Curso de Administração do Lar, com a implantação da Escola Superior de Ciências Domésticas, a primeira do gênero no Brasil. Em 1964 foi instalada a Escola Superior de Florestas, que passou a oferecer o Curso Superior de Florestas.

A história da Instituição é rica em eventos. Assim é que, em 1929, ocorreu a primeira Marcha Nico Lopes, evento que marcou o fim dos “trotos” nos calouros. A Marcha Nico Lopes era um desfile caricato dos calouros pelas dependências da Universidade e ruas de Viçosa, todos fantasiados, pintados e alguns portando cartazes com críticas sociais e às vezes políticas. O evento terminava com um grande baile nas dependências da Universidade ao qual acorriam familiares dos calouros e pessoas da sociedade viçosense.

Ainda em 1929, em julho, realizou-se a Semana do Fazendeiro, primeira manifestação extensionista na área agrária do país – contando com a presença de 39 agricultores – evento esse que acontece anualmente desde então.

A ESAV, rapidamente ganhou reconhecimento e credibilidade, fruto da qualidade de seus ex-alunos, e das contribuições para a geração de conhecimentos e de tecnologia cujos progressos ultrapassaram os limites de Minas Gerais, projetando-a no cenário nacional.

Em 1948, o Governo do Estado de Minas Gerais reconhecendo os méritos da ESAV e, para permitir o seu desenvolvimento e sua expansão, transformou-a em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, a UREMG, preservando sua vocação agrária estabelecida em sua filosofia de compromisso com as questões técnicas, políticas e socioeconômicas da agropecuária.

Com o passar dos anos, o caráter predominantemente agrário da Universidade começou a se mostrar insuficiente para atender à nova realidade do Brasil. A rápida urbanização levou o setor industrial e o de serviços a vertiginoso crescimento. A própria agricultura mudou com o país urbanizado e a Universidade passou a sentir a necessidade de ampliação de seu leque de novas áreas de conhecimento, o que viria a acontecer na década de 70.

Outros fatos relevantes da história da UREMG mostram que, em 1958, com a criação do Centro de Ensino de Extensão, foi ministrado o primeiro curso de Extensão Rural, Economia Doméstica e Crédito Rural Supervisionado.

Já em 1962 foram implantados os primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu*, levando ao grau de M.S em Agronomia e Zootecnia, sendo os primeiros do Brasil nas áreas Agrárias.

O período compreendido entre 1963 a 1967 foi muito importante para a UREMG, pois contou com a assinatura de uma série de convênios nacionais e com organismos internacionais, bem como com a Universidade de Purdue dos Estados Unidos da América. Tal parceria permitiu a alocação de considerável soma de recursos para obras, possibilitando a implantação de laboratórios e outras realizações, além da vinda de um relevante número de professores/pesquisadores americanos, que se estabeleceram na Vila Gianetti e que deram significativo impulso aos cursos de pós-graduação e à pesquisa dessa instituição. A história da Universidade está intimamente relacionada à atuação da Aliança para o Progresso e da USAID no Brasil, servindo de modelo para a posterior atuação daquelas agências em outras Universidades.

Os últimos 50 anos de nossa universidade

Em 1965, eis que a *Turma do Berimbau* ingressa na UREMG, reforçada por alguns colegas da *Turma do Pinguim*, que chegou 1 ano antes de nós. A Instituição, que tinha se tornado Universidade apenas em 1948, possuía pouco mais de 700 alunos nos seus 3 cursos de graduação (Agronomia, Florestas e Ciências Domésticas) e nos dois cursos de Mestrado (Agronomia e Zootecnia), mas já desfrutava de prestígio suficiente para trazer alunos das mais variadas regiões do país e gozava de influência nacional. Esse reconhecimento da qualidade do profissional de Viçosa, tivemos o prazer de sentir quando, antes de nossa formatura, já tínhamos recebido propostas de emprego, possibilitando a cada um de nós escolher o melhor caminho.

Quando ingressamos na Universidade em 1965, a Instituição oferecia o Sistema Acadêmico chamado Seriado, em que os alunos do mesmo curso participavam, em cada semestre, das mesmas disciplinas e, quando chegava ao quarto e último ano do Curso de Agronomia, a Universidade oferecia a opção chamada de Diversificação, em que o aluno optava por uma área mais específica de interesse podendo ser Economia Agrícola, Engenharia Rural, Fitotecnia, Tecnologia de

Alimentos e Zootecnia. Esse Sistema de Diversificação não durou muitos anos, vindo a ser abolido, com a federalização da Universidade no ano seguinte. Foi implantado, assim, o Sistema Acadêmico de Créditos, que perdura até hoje, em que os alunos têm um currículo mais flexível, praticamente desde o início do curso, contando com as disciplinas obrigatórias, optativas e facultativas.

Com a nossa Formatura, em 1968, deixamos a Universidade, mas levamos conosco o seu nome estampado em nosso diploma, que funcionou como um verdadeiro passaporte para ingresso nos melhores empregos. Mas também nos preocupamos em honrar o nome dessa Instituição com a nossa qualificação profissional para então prestar uma contribuição efetiva ao país.

Nos finais da década de 60, a escassez de recursos orçamentários do Governo do Estado de Minas Gerais, dificultava sobremaneira a concretização das aspirações e o atingimento dos horizontes desenhados pela vigorosa UREMG. Essa situação levou o Governo de Minas a buscar a sua federalização, ancorado ao renome nacional já adquirido pela Instituição. Em 1968, com o parecer favorável da Consultoria Geral da República, o governo federal passou a colaborar com o estado de Minas Gerais, liberando verbas destinadas à manutenção da UREMG. E, no ano seguinte, em 1969, o Presidente da República Arthur da Costa e Silva sancionou o Decreto que tornava a Instituição Federal, com a denominação de Universidade Federal de Viçosa, a UFV. Portanto, o ano da Formatura da *Turma do Berimbau* em 1968 foi o último ano da Universidade como Instituição Estadual.

A década de 70 foi de enorme progresso para a UFV, com a entrada de recursos financeiros abundantes, houve aumentos significativos nos salários, que passaram a ser pagos em dia. A doação de verbas para a expansão física do Campus permitiu a criação de novos cursos e a contratação de professores e funcionários, gerando satisfação e rápida expansão. Vários prédios foram construídos ou inaugurados nessa década, como o Edifício do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (1972), o prédio do Departamento de Engenharia Florestal (1975), o moderno Centro de Vivência (1978) local de eventos culturais, que foi implantado perpendicularmente ao Edifício Arthur Bernardes e que gerou um grande contraste no estilo arquitetônico com as edificações vizinhas, expondo as diferentes épocas da Instituição, dentre outros.

O crescimento da UFV tem sido contínuo, independente de crises econômicas do país, assim é que, na década de 80, foram inaugurados, dentre outros, os prédios do BIOAGRO (1986), dos Departamentos de Administração, Economia e Letras (1989) e do COLUNI (1989) e, na década de 90, o prédio do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (1996) bem como o edifício do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (1999), dentre outros.

A expansão física da UFV tem sido resultado do crescimento no número de cursos e em 2000, a Universidade oferecia 29 cursos de Graduação, 21 de Mestrado e 13 de Doutorado. Já em 2010, eram 45 de Graduação, 33 de Mestrado e 20 de Doutorado.

Em 1978, com o novo Estatuto da UFV ficou definida a nova estrutura organizacional, que ainda vigora, com a implantação de quatro Centros de Ciências: Ciências Agrárias (CCA), Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE), Ciências Biológicas e da Saúde (CCB) e Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH), e seus respectivos Departamentos que hoje somam 38, sendo: CCA-7; CCE-10; CCB-10 e CCH-11.

Em 1986 foi criado o BIOAGRO – Núcleo de Biotecnologia Aplicada à Agricultura, programa destinado à utilização de técnicas em biologia celular e molecular na pesquisa agrícola que, com modernas instalações e sofisticados equipamentos, permitiu avanços consideráveis na área, divulgando ainda mais a Universidade.

O fato marcante de 1995 foi a inauguração das novas instalações da Biblioteca Central da UFV, ampliada para 4 pavimentos, com mais de 12 mil metros quadrados de área construída. O acervo atual da Biblioteca Central é de cerca de 300.000 exemplares incluindo livros, periódicos, teses, microfimes, videoteipe e outros materiais.

Em 1996 foi criada a Editora UFV que publica, divulga, distribui e comercializa a produção científica dos professores da Universidade, constituindo-se em um incentivador para o incremento da produção científica da Instituição.

No ano de 2000, a UFV ganhou um novo e moderno Pavilhão de Aulas (o PVB), nas proximidades do Ginásio de Esportes, permitindo desafogar o Pavilhão original, já bastante reformado, e abrigar alunos de novos cursos e novas disciplinas.

Com todo o progresso da Tecnologia da Informação (TI), a UFV, sempre atenta aos novos tempos, iniciou nos anos 80 a experiência no segmento Ensino a Distância (EAD), com o oferecimento esporádico de cursos de extensão e pós-graduação *lato sensu*. A partir do final da década de 1990, a Universidade passou a qualificar-se e a equipar-se para atuar com as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação no processo educacional. Em 2003, iniciou-se o desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem próprio, o PVANet. O objetivo era suprir necessidades didáticas e demandas específicas dos alunos por meio de novas metodologias e recursos tecnológicos.

A UFV mantém até hoje o COLUNI – Colégio Universitário – na forma de Colégio de Aplicação. Criado em 1965, oferece ensino médio em alto nível, e é considerado um dos melhores do país, com os seus alunos galgando aprovação nos processos seletivos para ingresso nos melhores cursos superiores das melhores Universidades do Brasil.

Em Florestal, desde 1969, a CEDAF – Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal – transformou-se em 2006 em um Campus da UFV – UFV Campus Florestal – que mantém os 6 Cursos Técnicos e oferece 10 cursos de Graduação totalizando mais de 1.500 alunos. O mesmo número estimado de alunos no Campus Rio Paranaíba (UFV Rio Paranaíba), que entrou em funcionamento em 2007, e já oferece 10 cursos de graduação e 1 de mestrado.

A UFV mantém ainda a CEPET – Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro, criado em 1965, no município de Capinópolis, onde diversos professores desenvolvem suas pesquisas, principalmente aqueles de interesse para a região do Triângulo Mineiro. É importante salientar que a viabilidade dessa Central só foi possível mediante a doação de terras por fazendeiros locais.

A inauguração mais recente, em abril de 2018, foi do novo e moderno Restaurante Universitário II, nas proximidades do Departamento de Zootecnia, para descentralizar e descongestionar o antigo, que já se encontra bastante modernizado, o famoso RU.

A UFV chega aos seus 92 anos, em 2018, como uma verdadeira Cidade Universitária e continua desfrutando de enorme prestígio nacional e mesmo internacional, tendo se transformado em uma Universidade Multicampi, com quase 16.000 alunos distribuídos entre seus 3 Campi. Só em Viçosa são mais de 12.000 alunos nos seus 45 cursos de graduação que cobrem quase todas as áreas de conhecimento, incluindo **Centro de Ciências Agrárias:** Agronegócio, Agronomia, Cooperativismo, Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia Florestal, Zootecnia; **Centro de Ciências Biológicas e da Saúde:** Bioquímica, Ciências Biológicas – Bacharelado, Educação Física, Enfermagem, Licenciatura em Ciências Biológicas, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição; **Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas:** Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Ciência e Tecnologia de Laticínios, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de

Agrimensura e Cartográfica, Engenharia de Alimentos, Engenharia da Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Física – Bacharelado, Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Química, Matemática – Bacharelado, Química – Bacharelado; **Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes:** Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Comunicação Social – Jornalismo, Dança, Direito, Educação Infantil, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Secretariado Executivo – Trilíngue, Serviço Social, (que substituiu Ciências Domésticas), e 44 programas de Pós-Graduação, sendo 25 de MS (Mestrado) e DS (Doutorado) e 19 somente com MS. Apesar de todo esse crescimento e de se tornar uma Universidade eclética, a área de Ciências Agrárias continua sendo a mais desenvolvida na UFV, sendo conhecida e respeitada no Brasil e no Exterior. É inegável também a expansão em outras áreas do conhecimento tais como: Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e Tecnológicas e Ciências Humanas, Letras e Artes. Atualmente a UFV é compatível com o que se espera de uma Universidade moderna, onde a interação das diversas áreas é um fator importante para otimização dos resultados a serem obtidos.

A UFV chega a 2018 fortalecida como Instituição de ensino, com elevado grau de excelência em suas áreas e reconhecida pelo valor de suas pesquisas, muitas delas aplicadas e de interesse da sociedade. Mesmo em uma conjuntura econômica desfavorável às Universidades, como já aconteceu em outras épocas, a UFV continua buscando o seu desenvolvimento, enfrentando os desafios, e certamente continuará confirmando sua trajetória de sucesso.

III

O agronegócio brasileiro nos últimos 50 anos

Para não nos afastarmos muito no tempo, podemos afirmar que de 1931 até 1968 o agronegócio brasileiro foi uma atividade muito acanhada e de pouca expressão no cenário econômico mundial e mesmo brasileiro. Nesse contexto, encontramos as seguintes dificuldades: áreas cultivadas com culturas anuais e perenes infinitamente menores do que as atuais; pastagens de baixa qualidade gerando baixa produtividade dos rebanhos de corte e leite; baixíssima qualidade dos produtos ofertados aos mercados interno e externo e uma fraca competitividade no comércio exterior. O Brasil pouco exportava de sua produção agropecuária, exceção para os produtos de ciclos de exploração como café, borracha e açúcar. Mais do que simples testemunhas do “boom” de crescimento da atividade agropecuária, os e as profissionais do *Berimbau* foram presença atuante em diversos momentos e situações que contribuíram para a elevação do *status* do nosso agronegócio. Uma síntese das profundas transformações, que já aconteciam no campo ao tempo de nossa formatura e tomaram um forte impulso ao longo dos últimos 50 anos, será apresentada a seguir:

Datas e fatos marcantes

Em 1970 a exportação agrícola brasileira foi de 2 bilhões de dólares. Já em 2000 foi de 12,8 bilhões de dólares ou 23,2% do total das exportações.

Segundo a CONAB, no ano 2000 o saldo do agronegócio na Balança Comercial Brasileira era de 14, 811 bilhões de dólares (FOB). Já em 2013 o saldo passou para 82, 907 bilhões de dólares (FOB), um expressivo crescimento de 585%.

Nessa mesma década de 70 foram definidas políticas concretas de apoio à modernização e crescimento da agropecuária. Assim, foi reformulada a base técnica do setor, traduzida na indução e difusão do uso de insumos modernos e maquinarias visando ao aumento da produtividade agrícola, bem como dos fatores terra e trabalho. Ocorreu também o fortalecimento do quadro técnico do Serviço de Extensão Rural, *especialmente em Minas Gerais*, e o decidido apoio à dinamização da pesquisa agrícola, inclusive com a criação da *Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa* em 7 de dezembro de 1972.

Outro fator importante para o desenvolvimento da agricultura foi a evolução do crédito rural no Brasil que se deu entre 1969 e 1989. Em 1975 a produção brasileira de grãos era de 45 milhões de toneladas. Em 1995 saltou para 80 milhões de toneladas. Esse período ficou marcado pela consolidação e fortalecimento dos chamados Complexos Agroindustriais (CAIs) com a integração entre a atividade industrial e a atividade agrícola e, também, o setor de serviços incluindo o mercado financeiro. Daí em diante firmou-se a ideia do agronegócio.

Louvável também foi a preocupação de compor a pauta de exportação não mais com produtos primários apenas, mas sim, produtos com diferentes níveis de processamento da indústria.

Já na década de 80, à agricultura coube a tarefa-mor de gerar superávits comerciais, a fim de equilibrar o balanço de pagamentos, agravado pela crise da dívida externa e pelos malsucedidos planos de combate à inflação.

Na década de 90, a abertura comercial veio eliminar a proteção comercial de alguns segmentos agroindustriais, e os produtores brasileiros foram forçados a se adaptarem ao novo ambiente competitivo.

Em 1994 a implantação do Plano Real objetivou a redução e o controle da inflação que encontrou na agricultura a sua base de sustentação.

Produção de grãos

A partir de 1968/1969 o rendimento de culturas de grãos como arroz, milho, feijão, soja e trigo conheceu expressivos incrementos, passando de uma média de 1.436 Kg/ha nesta época (1968/69) para 3.562 kg/ha, em 2013 resultando num substancial aumento de 248% nesses 44 anos.

O Brasil tem obtido recordes de produção de grãos a cada ano que passa como resultado da aplicação de tecnologias acarretando no aumento da produtividade. Utilizando-se apenas 6,7% do território nacional para culturas anuais, a produção total de grãos alimentícios, evoluiu cerca de 45 milhões de toneladas em 1975 para 200,5 milhões de toneladas em 2015, crescendo, portanto 536%. Em 2017 a produção brasileira de grãos chegou a 230,3 milhões de toneladas.

O uso intensivo de tecnologias modernas – como a chamada agricultura de precisão – permitiu ganhos de produtividade evitando, por consequência, o desmatamento de grandes áreas. De 1991 a 2017 a produção de grãos e oleaginosas subiu 312% enquanto que a área plantada cresceu apenas 61%, o que é um indicador importante em se tratando de preservação do meio ambiente.

Assim, o Brasil passou a ser o quarto maior produtor mundial de alimentos e suas exportações contribuíram com quase 25% do PIB do país em 2017.

Importante ressaltar também a evolução da produção e da produtividade de outros setores do agronegócio além das culturas de grãos como:

Avicultura de corte

Na década de 70 e durante quatro décadas seguidas os índices zootécnicos e de produção foram muito baixos como, por exemplo: a idade de abate de frangos era de 63 dias; o peso médio era de 1,650kg e a conversão alimentar era de 2,20 kg/kg. Nessa época, a produção anual de frangos era de 123 a 397 mil toneladas e a produção média anual de pintos de corte era de 70 a 278 milhões de cabeças.

Nesse cenário de uma avicultura acanhada, o setor se preparou, se organizou e promoveu um rearranjo em todas as fases do processo produtivo, principalmente quanto à pesquisa e assistência técnica. Então, a partir de 2010 até 2017 o valor dos índices médios de produção passou a ser muito mais relevante, pois a idade de abate foi reduzida para 42 dias; o peso médio subiu para 2,650 e a conversão alimentar passou de 1,70 a 1,57 kg/kg. A produção média de frangos passou então para 13 milhões de toneladas, exportando 4,2 milhões de toneladas e a produção média anual de pintos de corte passou para 6,8 bilhões.

Avicultura de postura e ovos de consumo

A produção média anual de ovos era de 420 milhões de unidades na década de 70 e no período de 2010 a 2017 essa produção passou para 38 bilhões de unidades.

Bovinocultura de corte

Há 40 anos a imagem que se tinha do mercado brasileiro de carne bovina era bem diferente. O rebanho mal chegava a 100 milhões de cabeças, importava-se muito para abastecer o mercado interno, questões sanitárias sérias impediam exportações, pastagens degradadas marcavam a paisagem das propriedades e a produtividade era baixa.

Nessas últimas quatro décadas, a pecuária bovina sofreu uma modernização revolucionária sustentada por avanços tecnológicos dos sistemas de produção e na organização da cadeia produtiva, com claro reflexo na qualidade da carne. O rebanho mais que dobrou, com aumento do ganho de peso dos animais, diminuição na mortalidade, crescimento das taxas de natalidade e diminuição do tempo de abate. Esses ganhos foram possíveis graças à crescente adoção de tecnologias pelos produtores rurais especialmente nos eixos da alimentação, da genética, do manejo e da saúde animal.

Segundo o IBGE, o rebanho de bovinos era de 218,23 milhões de cabeças em 2016, conferindo assim um aumento de 218% em 40 anos.

O Brasil atualmente é o segundo maior produtor mundial de carne bovina, e também o maior exportador mundial. A exportação dessa carne já representa 3% das exportações brasileiras e um faturamento de 6 bilhões de reais. Representando 6% do PIB ou 30% do agronegócio com um movimento superior a 400 bilhões de reais.

Pecuária de leite

A produção brasileira de leite em 1961 foi de apenas 5,2 milhões de toneladas, segundo a FAO. Já em 2015 o crescimento do setor foi superior a 30 milhões de toneladas, uma evolução que chega a 580%.

Esse crescimento se deu não só pelo aumento do número de vacas ordenhadas, mas também pela capacidade efetiva, como a produtividade dos animais brasileiros, graças às intensas pesquisas em todo o ciclo produtivo a começar pelo melhoramento das pastagens e maior eficiência das dietas alimentares.

Suinocultura

A produção brasileira de carne suína era de 705,10 (1000 t) em 1970, passando para 2.480,00 (1000 t) em 2015. O consumo de carne suína no Brasil em 1970 era de 703 mil toneladas. Em 2015 passou para 2.980 (1000 t).

O plantel reprodutivo brasileiro atual é de 1.720.255 matrizes tendo produzido 39.203.964 suínos para abate em 2015 movimentando cerca de 16,11 bilhões de reais.

Frutas e hortaliças

O setor hortifruti passou por extrema evolução de produção entre 1975 até aos dias de hoje. Algumas produções apresentam crescimento vertiginoso chegando a taxas de 12% a 20% nesse período.

A laranja, por exemplo, passou de 91.566 milhões em 1975 para 111.884 milhões de frutos em 2005. Daí a expressividade de exportação brasileira do suco dessa fruta. No acumulado da safra 2017/2018, de julho do ano passado a março deste ano os embarques totalizaram 855,8 mil toneladas de suco concentrado.

Agro-energia

Esse é um ponto importante da contribuição agrícola para o desenvolvimento do país. A produção total de álcool total (anidro e hidratado) passou de 14,43 milhões de metros cúbicos na safra de 1996/1987 para 17,89 milhões de metros cúbicos em 2006/07.

A produção de açúcar nesse período aumentou em 124,65%.

A produção de cana-de-açúcar também expandiu entre 1997 e 2007 passando de 289,52 milhões de toneladas para 427,22 milhões de toneladas.

O crescimento da demanda para álcool carburante e a elevação dos preços do açúcar no mercado internacional explicam essa significativa expansão.

Cotonicultura

Merece destaque a alta evolução da produção brasileira de algodão: a produção de pluma passou de 586 mil toneladas em 1976 para 1.562.000 toneladas em 2015. Esse ganho em produtividade foi mais vertiginoso nesse mesmo período, passando de 143 kg/ha para 1.501 kg/ha.

Silvicultura

O setor florestal é de extrema importância para a economia nacional tanto no consumo interno quanto na exportação. A evolução de área plantada, a produtividade e a qualidade dos produtos têm sido extraordinárias graças à intensificação de pesquisas e manejo florestal.

A área de florestas plantadas no Brasil em 1970 era de 1.658.000 hectares. Em 1990 passou para 4.984.000 e em 2015 alcançou importante expansão atingindo 7.736.000 ha.

Nesse setor, entre tantos outros produtos e subprodutos destacam-se a produção moveleira, a produção de papel e celulose, o desdobramento de madeira, a produção de estrutura e artefatos de madeira, a produção de lâminas e chapas de madeira, a construção civil, a produção de carvão vegetal e painéis reconstituídos.

Entre 1967 e 1987, no Brasil, os incentivos fiscais contribuíram, sobremaneira, para a expansão da área plantada com eucalipto ocorrendo uma taxa anual de plantio de 37.000 ha. Antes desses estímulos a área plantada estava por volta de 745.000ha com uma produtividade média de 15 m³/ha/ano. Nesse contexto, contando com forte desenvolvimento de pesquisas, além da utilização de técnicas silviculturais básicas, a área plantada chegou a 3 milhões de hectares com rendimentos

de 35 m³/ha/ano, chegando em alguns casos a 45 a 70 m³/ha/ano em plantações clonais experimentais.

As exportações de produtos florestais em milhões de dólares em 2004 foram da ordem de 6.693,64 e em 2014 saltou para 9.950,71.

Borracha natural

Na primeira metade da década de 1960, a produção de borracha natural no Brasil contava com menos de 17 mil toneladas e se concentrava nos seringais nativos da Amazônia. A produção de borracha de seringal de cultivo ainda era insignificante e o consumo nacional oscilava entre 35 a 40 mil toneladas

Em janeiro de 1967 foi criada a SUDHEVEA – Superintendência da Borracha, com o objetivo de fomentar a cultura da seringueira em todos os níveis e frentes de produção.

Em 1968 a produção nacional era de 22.958 t, o consumo 38.156 t e 15.198 t eram supridas por importações.

No final da década de 60 crescia a participação da borracha natural oriunda de seringal de cultivo, graças à produção das grandes multinacionais nos estados da Bahia (Firestone e Pirelli) e Pará (Goodyear e Pirelli)

Em 1972 foi criado o Probor (Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural), com o objetivo de aumentar a produção do setor de borracha vegetal e criar condições para a consolidação da expansão da Heveicultura no país substituindo gradativamente o seringal nativo pelo cultivo racional.

O Probor oferecia crédito aos plantadores de seringueira com juros de 7% ao ano e prazo de 8 anos para o início da amortização do financiamento que seria pago com a receita do seringal, visando a produção que começava a partir do 6º ou 7º ano de plantio.

O fungo *Microcyclus ulei*, endêmico na região Amazônica e causador dos fracassos de todas as tentativas de se implantar a Heveicultura naquela região, também passou a atacar indiscriminadamente as plantações no Sul da Bahia.

A partir de 1970 o conceito de “zona de escape” passou a ser encarado com mais atenção, em função, principalmente do que se observava nos pequenos seringais plantados em SP décadas antes.

A seringueira costuma trocar de folhas no período de julho a setembro, quando a temperatura e umidade ficam abaixo dos níveis mínimos exigidos pelo fungo. Desse modo, quando as folhas estão jovens e tenras, susceptíveis ao fungo, as condições climáticas são desfavoráveis ao mesmo.

Clones orientais, extremamente susceptíveis ao *Microcyclus ulei* não eram atacados pelo mesmo e produziam tão bem ou mais do que no Extremo Oriente.

Embalados por esta constatação, os seringais paulistas se multiplicaram nos anos seguintes.

O Probor foi ampliado, abrindo o apoio para os estados de Goiás, Mato Grosso, Pernambuco, Minas Gerais, Maranhão, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo

Em 1975 os seringais nativos produziram 17.003 toneladas e os de cultivo 2.345, totalizando 19.348. O consumo nacional chegou a 58.700 t.

Em 1989 a Sudhevea foi extinta e as suas atribuições, foram transferidas ao recém-criado Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA.

Em 1990 a borracha de seringal de cultivo chegou a 16.639 t, superando pela primeira vez a produção do seringal nativo, que foi de 14.188 t no total de 30.827 t. O consumo nacional foi de 124.109t.

Em 2016 a produção nacional de borracha natural atingiu 190.100 toneladas. São Paulo participou com 109.800 t, equivalente a 57,8% do total, sendo hoje o maior produtor nacional, com maior área plantada, 60.562 ha dos 156.000 ha plantados no Brasil. Depois de São Paulo os maiores produtores são Bahia (12,7%) Minas Gerais (8,1%), Mato Grosso (7,5%) e Goiás (6,0%).

Estima-se que em 2017 o Brasil produziu 201.000 t e consumiu 410.000 t de borracha.

A região de São José do Rio Preto (SP) apresenta a maior concentração de seringais de cultivo no Brasil, assim como as principais usinas de beneficiamento desse produto.

A produtividade nacional, que no início era baixíssima, face aos 1.500 kg/ha/ano dos seringais do Extremo Oriente e África, isentos do *Microcyclus ulei*, começou a aumentar, principalmente nas zonas de escape. Em 2016 a média de SP foi de 1.813 kg, seguido por MT (1.725), Goiás (1.711) e MG (1.409), sendo de 1.293 kg/ha/ano a média nacional naquele ano.

Historicamente o custo de produção da borracha natural brasileira sempre foi muito mais alto do que o preço do sucedâneo importado do extremo oriente, principalmente Malásia. Além disso, a qualidade do nosso produto era bem inferior à qualidade da borracha importada.

Os grandes consumidores de borracha natural no Brasil, a indústria de pneumáticos, todas multinacionais, só consumiam o produto nacional devido às proteções alfandegárias, principalmente o imposto de importação.

Atualmente, a região do Planalto Central considerada zona de escape, concentra a maior área plantada com seringueira no Brasil, todos de clones orientais ou nacionais, suscetíveis ao fungo *M. ulei*, mas de alta produtividade.

Com a erradicação do fungo, o relevo plano e os seringais com alta produtividade, os custos de produção se mostraram competitivos naquela região onde a Heveicultura é considerada como uma ótima alternativa para os agricultores locais.

Em paralelo com a evolução dos seringais de cultivo, a qualidade da borracha nacional muito evoluiu a partir de 1990, graças aos investimentos privados em modernas usinas de beneficiamento. O surgimento de novas indústrias fabricantes de equipamentos para o processamento da borracha sólida e látex centrifugado e uma política de preços internos atrelada aos preços da borracha importada também contribuiu para tal expansão.

A instalação em São José do Rio Preto de uma grande e moderna fábrica de processamento de borracha natural da Bridgestone/Firestone em 1993 bem como a implantação de equipamentos importados da Malásia, muito contribuiu para a melhoria da qualidade da borracha nacional e modernização do parque processador brasileiro, principalmente depois que aquela multinacional concordou em abrir suas portas para os usineiros e fabricantes brasileiros.

Atualmente a qualidade da borracha nacional se equipara à importada, sendo bastante procurada pelos grandes consumidores nacionais, sejam as pneumáticas ou fabricantes de artefatos leves.

Muitos profissionais do **Berimbau** tiveram forte atuação no quadro aqui descrito, seja trabalhando na Região Amazônica ou nas áreas dos seringais de cultivo.

Recursos hídricos e agricultura

1904: Surge a irrigação no Brasil, no Rio Grande do Sul, com a implantação de uma lavoura comercial de arroz irrigado. Em 1906: no Ceará, com a conclusão, pelo governo federal, do Açude do Cedro, com rede de canais para irrigação, cuja construção foi determinada pelo governo imperial em 1880 e iniciada em 1890.

Desde então, a irrigação foi se expandindo gradualmente no país, tanto pela iniciativa privada, como por instruções públicas tais como: Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS (1909); Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS (1919), substituindo o IOCS; Instituto do Arroz do Rio Grande (1930), transformado no Instituto Rio Grandense do Arroz – IRGA (1940); Departamento Nacional de Obras de Saneamento – DNOS (1940); Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (1945), em substituição ao IFOCS; Comissão do Vale do São Francisco – CVSF (1948), Serviços de Vale do Paraíba – SVP (1951), do Governo do Estado de São Paulo; Superintendência do Vale do São Francisco – SUVALE (1967), substituindo a CVSF e o Grupo Executivo de Irrigação e Desenvolvimento Agrário – GEIDA (1968).

A irrigação por aspersão teve sua expansão iniciada no Brasil a partir de 1950 em São Paulo por produtores particulares, primeiramente para a cultura do café e, posteriormente, se expandiu para outros Estados e outras culturas.

Na segunda metade da década de 1960 o governo federal voltou a incentivar o uso da irrigação, especialmente no nordeste brasileiro, incluído o norte de Minas Gerais.

No âmbito da irrigação pública

- Superintendência do Vale do São Francisco – SUVALE
- Departamento Nacional de Obras de Saneamento – DNOS
- Projeto de Irrigação de Jaíba, a partir de 1973 e Programa de Aproveitamento de Várzeas de Minas Gerais – PROVARZEA, a partir de 1974, conduzidos pela Fundação Rural Mineira – RURALMINAS e, também, a partir de 1973, Projeto Sapucaí, executado mediante cooperação entre a RURALMINAS e o DNOS e Projeto Gorutuba, executado mediante cooperação entre a RURALMINAS e o DNOCS.
- Campanha de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF, criada em 1974, substituindo a SUVALE
- Importação do primeiro pivô central para ser instalado no país, em 1976, pela CODEVASF. Tal iniciativa ensejou a instalação da primeira fábrica de pivô central no Brasil, a Valmatic Irrigação Ltda., em 1978, resultante da associação entre Asbrasil (brasileira) e a Valmont Industries (americana, fabricante dos pivôs Valley).
- Primeiro ordenamento jurídico sobre irrigação no Brasil, com a edição da Lei nº 6.662/1979, denominada Lei de Irrigação, que se constituiu o marco referencial legal para a implantação de sistemas de irrigação.
- Programa Nacional para o Aproveitamento Racional de Várzeas Irrigáveis – PROVARZEAS NACIONAL, instituído em 1981.

- Programa Nacional de Irrigação – PRONI e Programa de Irrigação do Nordeste – PROINE, criados em 1986 e conduzidos pelo Ministro Extraordinário de Irrigação, que vieram a dar origem aos atuais Ministério do Meio Ambiente e do Ministério da Integração Nacional.
- Incentivo à elaboração de Planos Diretores de Irrigação, a partir de 1995.
- Instituição da Política Nacional de Recursos Hídricos e criação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, com a edição da Lei nº 9.433/1997.
- Incentivo à elaboração de Planos Diretores de Recursos Hídricos, a partir de 1997.

Na iniciativa privada

- Empresas de Consultoria, realizando trabalhos de planos diretores de recursos hídricos; planos diretores, de irrigação; planejamento, estudos de viabilidade técnica-econômica, social e ambiental; elaboração de projetos básicos, executivos e supervisão da construção de empreendimentos de irrigação e de usos múltiplos de água; gestão integrada (administração, operação e manutenção) de projetos de irrigação e de obras hídricas em geral, inclusive Transposição do São Francisco; assistência técnica e extensão rural à agricultura irrigada, da produção à comercialização; e treinamento e capacitação em gestão de recursos hídricos, operação e manutenção de sistemas de irrigação e de sistemas hidráulicos em geral.

No período de 1969 a 2018, destacam-se os seguintes fatos relevantes, decorrentes do avanço do uso dos recursos hídricos na agricultura

- O país era importador de melão e hoje é o grande exportador dessa fruta.
- Passou-se a produzir uvas no semiárido brasileiro, tanto para consumo, como para produção de vinhos finos, que além de atender ao mercado interno, são largamente exportados.
- Regularização no abastecimento de feijão que chegava, às vezes, a ser importado. Com a irrigação, em diversas regiões do país, o período de cultivo foi ampliado e, atualmente, tem-se a oferta do produto em praticamente todo o ano.
- Forte crescimento da olericultura e fruticultura, com eliminação da sazonalidade ou ampliação da época de colheita, destacando-se uva, banana, limão, manga, mamão e outras. Atualmente graças à irrigação o país é exportador regular de uvas, manga e limão e outras frutas em menor escala.
- Ampla e sistemática utilização dos diversos e modernos métodos de irrigação na produção agrícola brasileira, que garantem a produtividade e a regularidade da colheita, gerando expressivo excedente para exportação.
- A área irrigada, no Brasil, passou de 795.000 ha, em 1970, para 6.955.000 ha em 2015.

Programas de fomento, fortalecimento da produção e da produtividade

Pronazem: em 1975 foi instituído o **Programa Nacional de Armazenagem** – a fim de estimular a produção de grãos e ampliar a capacidade armazenadora brasileira, pois essa abrangência era muito modesta. Tanto que, em 1999, essa capacidade era de 80 milhões de toneladas e em 2013 esse volume passou para 152 milhões de toneladas, que ainda era muito baixa uma vez que a recomendação da FAO é para que a capacidade estática de armazenagem de um país seja igual a 1,2 vezes a sua produção agrícola anual. Seguindo essa linha de raciocínio atualmente o déficit no Brasil seria de cerca de 70 milhões de toneladas. Portanto, há um enorme caminho a percorrer na área de armazenamento de grãos quer seja na propriedade ou na rede oficial e particular de armazéns e silos.

Revolução Verde (RV): outro fato importante que caracterizou o país neste início de 1969 foi a chamada **Revolução Verde (RV)** que veio mudar o perfil da agricultura brasileira ao adotar práticas preconizadas pela RV como desenvolvimento de técnicas para irrigação, aperfeiçoamento do uso de fertilizantes, fungicidas, pesticidas, sementes melhoradas, melhor desempenho de implementos agrícolas como plantadeiras e colheitadeiras, pesquisa de variedades resistentes a pragas e doenças, etc.

Polocentro: Programa de Desenvolvimento dos Cerrados implementado pelo então Ministro da Agricultura Engenheiro Agrônomo Alysson Paulinelli, de 1975 até 1984. Tratava-se de um programa direcionado ao Brasil Central compreendendo os estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, atingindo 202 municípios, tendo como objetivo básico ampliar a fronteira agrícola e otimizar a produção nos espaços já ocupados promovendo o desenvolvimento e a modernização da região em questão. O programa consistia numa conjugação de pesquisa, assistência técnica, crédito rural, financiamento de patrulha motomecanizada, reflorestamento e implantação da infraestrutura de apoio como transporte, energia elétrica e armazenamento.

Prodecer: Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados. Um protocolo entre os governos brasileiro e japonês firmado em 1974 estabeleceu a relação entre os dois países sobre o desenvolvimento agrícola com os seguintes objetivos: estimular o aumento dos alimentos; contribuir para o desenvolvimento regional do país, aumentar a oferta de alimentos no mundo e desenvolver a região dos cerrados. Em 1978 foi criada a empresa *holding* Japonesa – Japan Brazil Agricultural Development Cooperation (JADECO), sediada em Tóquio. No mesmo ano foi instituída a *holding* brasileira denominada Companhia Brasileira de Participação Agroindustrial (BRASAGRO), sediada em Belo Horizonte-MG. Com investimentos de 49% da Jadeco e 51% da Brasagro foi fundada em novembro de 1978 a empresa coordenadora da implantação do programa, a Companhia de Promoção Agrícola (Campo). O Prodecer era supervisionado pelo Ministério da Agricultura, coordenado pela Campo, apoiado por cooperativas agrícolas e executado por produtores rurais. Entre 1979 e 1999 foram implementados 21 projetos de colonização sendo 10 projetos-piloto e 11 projetos de expansão, assentando 758 famílias numa área de 334mil ha de cerrado. O Prodecer iniciou-se em Minas Gerais e os colonos foram assentados nos municípios de Iraí de Minas, Coromandel e Paracatu. Com o sucesso alcançado pela primeira fase do programa, iniciou-se a implantação do Prodecer II atingindo 17 municípios e incorporando mais 200 mil ha. Em 1995 iniciou-se o Prodecer III atingindo os Estados de Tocantins e Maranhão e incorporando mais 90 mil ha ao processo produtivo.

Campos de Demonstração: outro programa importante iniciado em 1973 foram os chamados Campos de Demonstração, financiados pela Organização Internacional do Café (OIC) em convênio com a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR) através de suas afiliadas nos estados atendidos pelo programa quais eram: Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Espírito Santo com objetivo de estabelecer centros irradiadores de tecnologia demonstrando técnicas evoluídas na produção de milho, soja, sorgo e pecuária de corte. Esse programa envolveu muitos pesquisadores de universidades, Institutos de Pesquisas do Ministério da Agricultura e empresas de produção agrícola como cooperadoras. Foram fantásticos os resultados no aumento da produção bem como a demonstração aos agricultores possibilitando, assim, uma mudança em direção a um novo patamar de cultivo agrícola.

Fao/Anda/Abcar: outro importante programa iniciado em 1969 foi o denominado FAO/ANDA/ABCAR. A Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) que registrava o baixo índice de apenas 30% das áreas cultivadas, em 1960, usava adubação. Foi quando então propôs um convênio envolvendo a FAO e a ABCAR para a instalação de campos e ensaios que pudessem demonstrar a importância da adubação em lavouras como milho, feijão, arroz e algodão. Em 1969 foram montados 500 campos nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Em 1975 já eram 3 mil campos e ensaios. Posteriormente o programa se estendeu para o nordeste brasileiro incluindo, também, o uso de corretivos de solo.

Programa Articulação Pesquisa/Extensão Rural: trata-se de um acordo firmado entre a ABCAR e o Ministério da Agricultura por meio de seus Institutos Regionais de Pesquisas visando a disseminação dos resultados dos estudos para a extensão rural nas cinco regiões do país, tendo como ponto de partida os trabalhos técnico-científicos da pesquisa que eram “traduzidos” para um linguajar mais adaptado ao Serviço de Extensão Rural. Além disso, as programações de pesquisas anuais eram embasadas em indicações das necessidades sentidas no campo pelos extensionistas e agricultores.

Projeto Jaíba: desenvolvido em conjunto pela Ruralminas e Codevasf visando à agricultura irrigada no norte de Minas Gerais na margem direita do Rio São Francisco, o projeto tem por objetivo aumentar a produção e a produtividade agrícolas mediante o uso da irrigação. Compreende 107 mil hectares dos quais 66 mil irrigados na produção de uma agricultura diversificada. Pontos importantes como administração, organização de produtores, assistência técnica, treinamentos de agricultores e técnicos concorrem para o sucesso do projeto.

Provárzeas: Programa de Aproveitamento Racional das Várzeas Irrigáveis: num trabalho conjunto entre Ruralminas e Emater-MG na região do Sul de Minas e parte da Zona da Mata.

Prodemata: Programa de Desenvolvimento da Zona da Mata Mineira, envolvendo vários órgãos do Estado como Ruralminas, Emater-MG, IEF e Epamig. Foi financiado pelo BIRD tendo como objetivo enfrentar a pobreza absoluta e recuperar a produção agropecuária em áreas de concentração de pequenos agricultores. Outra faceta do programa era a recuperação da cobertura vegetal nos morros, já que se tratava de uma região montanhosa.

Padap: Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba: esse programa teve forte participação da Ruralminas, da Emater-MG e da Epamig além de cooperativas agrícolas como a COTIA/SP. O alto nível tecnológico implantado nos assentamentos permitiu instalar uma produção agrícola diversificada, rastreável e com qualidade superior. Os assentamentos serviram como polos de conhecimento para outros agricultores, ocorrendo alta taxa de transferência de tecnologia para produtores rurais da região. O programa provocou grandes efeitos na economia regional em áreas de insumos, industrialização, armazenagem e transporte.

Programa de regularização de terras devolutas: executado pela Ruralminas no noroeste do estado de Minas Gerais a fim de garantir o direito à posse da terra aos agricultores, importante fator no processo de produção.

A criação do SENAR (Serviço Nacional de Formação Profissional Rural) na década de 70 vinculado ao Ministério do Trabalho contribuiu, sobremaneira, para melhoria da qualidade e da produtividade da mão de obra rural, outro importante fator no processo de produção, que é o trabalho. Hoje, chama-se Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e está vinculado à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Nos Estados, vincula-se às Federações de Agricultura.

IV

O Berimbau na grande virada do agronegócio

Foi nesse novo e multifacetado cenário descrito no capítulo anterior que os recém-graduados *Berimbons* e *Berimboas* ingressaram no mercado de trabalho em janeiro de 1969, encontrando o país com uma economia crescente sob a égide do “Milagre Econômico”. Esse período durou de 1968 a 1973, e foi caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB, da industrialização e do baixo nível inflacionário. Certamente, o agronegócio estava embutido em todos esses objetivos. Melhorar a produção agropecuária era, sem dúvida, o propósito principal a fim de contribuir para a aceleração do crescimento do PIB. Estava, pois, colocado um pesado e urgente desafio nas costas desses jovens profissionais das ciências agrárias. Vale ressaltar que não somente os agrônomos, engenheiros florestais e economistas domésticos egressos da então **UREMG**, mas muitos outros técnicos formados em ciências agrárias por instituições coirmãs disputavam as oportunidades geradas por esses e outros programas de desenvolvimento agrário. E mais, como o agronegócio em crescimento apresentava demandas técnicas interligadas à atividade agrosilvopastoril, uma gama enorme de profissionais de outras áreas como engenheiros eletricitas, engenheiros mecânicos, engenheiros de alimentos, engenheiros civis, médicos veterinários, advogados, economistas, especialistas em logística e mais recentemente os profissionais da tecnologia da informação, entre outros, também entraram no mercado. A *Turma do Berimbau* levava uma enorme vantagem sobre muitos dos “concorrentes”, porque era egressa de uma instituição renomada que a cada ano ofertava profissionais da melhor qualidade em todos os aspectos. Éramos 93 engenheiros agrônomos, 8 engenheiros florestais e 18 bacharéis em ciências domésticas, num total de 119 jovens profissionais que se dispersaram por este Brasil afora. Havia espaço para todos especialmente no setor público onde existia um *vácuo de competências* que *Berimbons* e *Berimboas* souberam ocupar com propriedade, porque, acima de tudo, detinham o conhecimento técnico-científico que a **UREMG** lhes proporcionara. Muitos colegas do *Berimbau* terminaram o ano letivo já empregados ou muito bem encaminhados para iniciar suas carreiras. A contribuição desses colegas – aposentados ou ainda atuantes – inseridos nas diferentes oportunidades de trabalho ofertadas pelo mercado é facilmente detectada. No próximo capítulo está registrada a presença desse extraordinário grupo de profissionais em ciências agrárias nos mais diversos segmentos do agronegócio e na sociedade como um todo.

Berimbau na Extensão Rural

Com certeza, mais da metade dos formandos do *Berimbau* conseguiu seu primeiro emprego como extensionista rural. A **ACAR-MG** e suas congêneres de outros Estados, bem como outras instituições públicas e privadas, contratavam engenheiros agrônomos, engenheiros florestais e bacharéis em ciências domésticas para seus quadros administrativos e principalmente operacionais. Muitos de nós, carinhosamente apelidados de “*acarinos*”, iniciamos nossas carreiras sacolejando a bordo de um Jeep Willys pelas estradas de terra deste enorme Brasil, íamos levantando poeira, amassando barro, atravessando pequenos cursos d’água e eventualmente sendo rebocados por

tratores agrícolas ou juntas de bois. Uma epopeia! O serviço de extensão rural e assistência técnica para a grande maioria dos novos profissionais foi uma continuidade e o aprimoramento dos ensinamentos recebidos na **UREMG**. Serviu para revelar aos jovens formandos a realidade social do meio rural brasileiro, carente de tecnologia, de gestão, de educação, de hábitos de higiene e de alimentação saudável. Foi nesse coquetel de tarefas e desafios que a maior parte de **Berimbons** e **Berimboas** egressos da Universidade completou sua formação e confirmou seu juramento solene de prestar serviços aos produtores rurais e suas famílias. Vejam o contundente depoimento de nossa colega **Sheila Magda Assis**, nossa querida “Dida Linha”, que foi extensionista no estado de Goiás:

“A evolução técnico-cultural do homem do campo no início dos anos 70 caminhava a passos lentos na região centro-oeste, mais precisamente em Goiás. O agricultor, adepto da monocultura, ainda não fazia uso sequer de curva de nível, a mulher não tinha noção de aproveitamento de alimentos abundantes nas fazendas, a maioria dos partos era feito com ajuda de parteiras e a família desconhecia práticas básicas de saúde e higiene, como o uso de filtro e fossas sépticas. Na região de Inhumas, onde atuei, sem falsa modéstia, fiz a diferença no antes e depois com a fundação de 5 Clubes 4-S, soerguimento da Cooperativa Agropecuária do Mato Grosso Goiano, e colaborei ativamente para a construção da grandiosa Campanha de Saneamento Básico na zona rural de Inhumas-Goiás”.

Assim como a Sheila Magda, invariavelmente todos os **Berimbons** e **Berimboas** que trabalharam – e que ainda trabalham – em extensão rural guardam eternas e edificantes lembranças desse tempo. **Resilda Gomes de Azevedo Rocha** é uma delas. Do seu profícuo trabalho de extensionista, nutricionista, professora e gestora pública em seu estado natal, o Rio Grande do Norte, ela guarda uma lembrança indelével:

“Já me perguntei: além da família, quais desses trabalhos me trouxeram mais satisfações? E conclui: foram aqueles dedicados às famílias rurais: aos mini postos de saúde; à recuperação nutricional de crianças em creches; aos grupos de mulheres que progrediam em autoestima e qualidade de vida, através da pequena renda auferida com seu trabalho nas unidades comunitárias que conseguíamos organizar conjuntamente. A emoção explodia quando nossa equipe era convidada para ver o fardamento e o material escolar das crianças, a foto do filho que tinha ido estudar numa cidade polarizadora; a casa nova ou reformada; a instalação da energia elétrica e aquisição do eletrodoméstico que simplificaria seu trabalho. Nas rodadas de depoimentos, citavam também a superação de inibições e o desenvolvimento de habilidades que poderiam ser convertidas em futuras oportunidades.”

Tempos difíceis e heroicos para as nossas colegas “pica-couves”. O Serviço de Extensão Rural recusava profissionais casadas. Pois foi justamente uma **Berimboa** de fibra e determinação que ajudou a quebrar essa imposição dos Serviços de Extensão Rural: **Resilda** casou-se e manteve-se no emprego. Veja o que ela contou em sua autobiografia:

“Naquela época o Serviço de Extensão Rural não permitia o trabalho de extensionistas casadas sob a alegação de que comprometeria o “sacerdócio” que lhe era atribuído. Fiquei surpresa ao ser convidada para permanecer na atividade, por determinação da EMBRATER. Quebrei assim, um antigo “tabu” da extensão rural brasileira, pois as demais afiliadas do sistema, a começar por Minas Gerais, posteriormente adotaram a medida.”

Acarinos do Berimbau

José Martins de Araújo, o “**Zé Cheira-Pão**”, trabalhou durante curto tempo em outras atividades (ensino médio, reflorestamento, projetos técnicos), mas a partir de 1972 ingressou na ACAR-MG e daí em diante, até hoje, Zé Martins dedica sua vida profissional à extensão rural na região do Triângulo Mineiro.

Rosalvo “Gambá” Pedra Carneiro, ministrou aulas em São Paulo, foi extesionista da antiga ACAR-MG na região de Teófilo Otoni-MG, depois trabalhou com planejamento rural no setor privado e encerrou sua carreira cuidando de propriedade particular em sua terra natal, Ubá-MG. Sobreviveu a grave acidente enquanto trabalhava fora de Ubá, recuperou-se e alguns anos mais tarde foi a óbito por grave enfermidade.

Luiz Gandra “Cabriteiro” Bittencourt, também dedicou sua vida à extensão rural na região do Norte de Minas e ainda trabalha na atividade.

Outros se aposentaram na atividade, como a **Sheila “Dida Linha” Magda Assis, Resilda Gomes de Azevedo Rocha, José “Mercedinha” Rodrigues, Francisco “Cupim” Chagas, Mauricio Almeida**.

Alguns nos deixaram “antes da hora”, como o **Reginaldo “Sensação” Conde**, nosso orador na formatura, que trabalhou até o fim de sua breve vida na ACAR-ES depois EMATER-ES. Reginaldo percorreu todos os postos e cargos na extensão rural, mas seu trabalho ultrapassou a fronteira do trabalho regular de extensão rural para se projetar na área de comunicação na qual sua contribuição foi notável. A leitura de sua autobiografia construída com a ajuda de colegas e parentes é obrigatória e só assim poderemos avaliar o legado do nosso saudoso e insubstituível Reginaldo Sensação. Aos colegas que cultivam o hábito de sintonizar o dominical “Globo Rural” ou outros programas do gênero, fiquem cientes que o dedo e o talento do Consultor de Comunicação Reginaldo Conde – precursor desta forma de fazer extensão no Espírito Santo – estiveram presentes nesses programas de sucesso. Sensação nos faz uma imensa falta...

O serviço de extensão rural, por outro lado, foi o trampolim para muitos colegas migrarem para outras atividades. São vários os exemplos: **Lázaro Vilela** começou na ACAR-GO e hoje é bacharel em Direito Agrário, Direito Civil e Direito Processual Civil pela UFG. **Múcio “Marmota” Silva Reis, Sebastião “Seu Ôvo” Teixeira Gomes e Francisco “dos Zoiros Azuis” Affonso** se tornaram professores e pesquisadores da UFV. **Fernando “Chipanzé” de Assis Paiva** fez carreira como pesquisador da EPAMIG e da EMBRAPA. **Afrânio “Morceguinho” Vasconcelos Barros e José Edmundo “JEB” Brandão** foram para o IBC. **Lindberg “Graveto” Gonçalves Rios, Lairson “Chato” Lopes, José Carlos dos Reis, Eduardo “Cuprita” Marcelino de Moura Estevão, Marcelo de Paula Pereira e José “Mercedinha” Rodrigues**, se tornaram empresários. **José Roberto “Rodinha” Pinto de Castro** foi para a iniciativa privada e depois se tornou empresário. **Roberto “Bidet” Maciel**, foi para o serviço público, primeiro para o IEF e depois para a Petrobras. **Henriqueta “Risadinha” Merçon** abraçou a carreira acadêmica. **Imar Cesar de Araújo, Ricardo “Duroc” Pinto Ribeiro, José Avelino, Walter “Apache” Geraldo Frankline Dinarte do Carmo**, fizeram parte da “troupe” que, sob o comando do **Nilson Lomeu Bastos**, se aventurou no Amazonas, onde protagonizaram uma verdadeira “saga” na região como extesionistas da antiga ACAR-AM. Todos posteriormente migraram para outros setores: **Imar** trilhou uma incrível trajetória profissional no setor público. **Ricardo**, que infelizmente não pôde esperar pelo Jubileu, terminou sua proficiente carreira como pesquisador da EMBRAPA; **José Avelino** ingressou no serviço público e hoje vive aposentado em Poços de Caldas-MG; **Walter** tornou-se produtor rural em São Geraldo, sua terra natal; **Dinarte** continuou no setor público, mas migrou para área técnica do MAPA, onde se aposentou, e agora está na ponta do agronegócio, dono da mais bem montada peixaria de Itaúna, onde nasceu e vive atualmente. **Nilson**, vivendo hoje em Belo Horizonte-MG, passou pela iniciativa privada e posteriormente tornou-se empresário rural e investidor imobiliário.

Em resumo, os extensionistas do **Berimbau** prestaram efetivos serviços aos produtores rurais e suas famílias nos mais recônditos grotões do país ou nos gabinetes administrativos das

instituições que os empregaram. É importante ressaltar que além das “ACARES” e “EMATERES”, os *Berimbons* e *Berimboas* fizeram extensão rural e social em outras instituições públicas e privadas, em outras atividades profissionais e sociais e até mesmo de forma individual. Somos de uma geração criada e preparada para prestar serviço ao produtor, remunerados ou não e independentemente de sermos vinculados ou não a alguma entidade de extensão rural. Prestadores de serviço: assim éramos vistos e considerados pela população.

Berimbau no ensino e pesquisa na UFV

A UREMG do nosso tempo já era notável pela trilogia Pesquisa, Ensino e Extensão e a atual UFV continua ampliando o conceito de excelência em diversas áreas da extensão, do ensino e da pesquisa em ciências agrárias. Seria natural, como efetivamente foi, que vários membros do *Berimbau* se integrassem ao corpo docente da Instituição que os formou. Nesses 50 anos, uma plêiade de professores e pesquisadores da *Turma do Berimbau* deu valiosas contribuições para o conhecimento científico e para a formação de profissionais nos mais variados cursos que hoje compõem o portfólio da UFV.

Departamento de Fitotecnia

O Departamento de Fitotecnia da UFV recebeu **Tuneo Sedyama, Múcio Silva Reis, Paulo “Galocha” Medina, Antônio Américo “Galo” Cardoso, Francisco Affonso Ferreira, e Luiz Sérgio Saraiva**, onde construíram brilhantes carreiras.

Tuneo Sedyama dedicou sua vida profissional inteiramente à pesquisa e ao ensino na UFV. Seu nome e seu trabalho são uma unanimidade quando se fala em melhoramento de soja no Brasil. Sob sua coordenação um seleto grupo de pesquisadores e professores da UFV desenvolveu o *Programa Multidisciplinar de Soja* que deu seguimento ao pioneirismo de pesquisadores da antiga UREMG que o antecederam. Desse projeto foram desenvolvidas e lançadas diversas variedades dessa leguminosa para o mercado brasileiro, que fizeram fama e riqueza de muitos produtores, além de significativos conhecimentos científicos que contribuíram para alicerçar o extraordinário agronegócio da soja brasileira. A brilhante carreira do Sedyama, no entanto, não se limita ao trabalho técnico-científico de desenvolvimento de cultivares de soja. Sua riquíssima autobiografia constante dos anexos desse Memorial nos revela a dimensão do que Tuneo Sedyama representou para a ciência brasileira, para a conquista do Cerrado brasileiro e, em última análise para o agronegócio. Professor Titular da UFV tendo lecionado nos cursos de graduação, de mestrado e de doutorado; Coordenador do Programa de Melhoramento Genético de Soja do Departamento de Fitotecnia; Presidente da Comissão de Pesquisa do Departamento de Fitotecnia e Coordenador do Curso de Pós Graduação em Fitotecnia da UFV. Professor aposentado em 2013, Bolsista do CNPq, atualmente Professor Voluntário na UFV. Orientou e ou foi Coorientador de mais de 200 (duzentos) estudantes de Iniciação Científica, Graduados (bolsistas de aperfeiçoamento), Mestrados, Doutorados e Pós Doutorados. Autor ou coautor de 9 (nove) livros relacionados com soja, cerca de 70 (setenta) capítulos de livros e aproximadamente 1.500 (hum mil e quinhentos) artigos científicos e tecnológicos. Consultor técnico em diversas instituições brasileiras e estrangeiras, tendo recebido um amplo reconhecimento de mérito científico no Brasil e em diversos países do mundo onde atuou. Conferencista, palestrante, extensionista, participou no desenvolvimento de mais de 100 (cem) cultivares de soja no Brasil e exterior. Por tudo isso o Professor Tuneo Sedyama se tornou uma lenda viva, um ícone da soja no Brasil.

Múcio Silva Reis, como tantos outros, começou na extensão rural, acarino em Ceres-GO. Em 1970 licenciou-se da ACAR-GO para iniciar o curso de Mestrado na UFV. Era dado o pontapé inicial para uma carreira metodicamente dedicada ao ensino e à pesquisa, que começou em Belo Horizonte pelo convênio IBC/Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, onde permaneceu até 1972. Em seguida foi contratado pela Universidade Federal de Viçosa e lotado na Central de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro – CEPET, em Capinópolis-MG, onde trabalhou até 1976. Nessa época, Múcio foi integrado ao Programa de Melhoramento de Soja do Departamento de Fitotecnia da UFV, fazendo parte da equipe coordenada pelo Professor Tuneo Sedyama. Em 1976 foi transferido para Viçosa, e iniciou a carreira do Magistério Superior do quadro de pessoal da UFV, no Departamento de Fitotecnia. Em 1980 Múcio Reis iniciou o curso de Doutorado na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo – ESALQ/USP, em Piracicaba-SP, que lhe conferiu o título de Doutor em Agronomia, área de concentração em Genética e Melhoramento de Plantas. Retornando a Viçosa, ele continuou as atividades de ensino em disciplinas de Melhoramento de Plantas e de Produção e Tecnologia de Sementes, na graduação e também na pós-graduação. Várias promoções na carreira e múltiplas atividades acadêmicas e associativas depois encaminharam nosso querido Múcio à aposentadoria em 2014. Hoje encontra-se realizado e vivendo em Viçosa junto a sua maravilhosa família.

Luiz Sérgio Saraiva, nosso *Magnífico Reitor* no período de 1996 a 2000, imediatamente após nossa formatura iniciou sua preparação acadêmica para trabalhar no ensino e na pesquisa, cursando o Mestrado em Genética e Melhoramento na própria Universidade Federal de Viçosa. Em março de 1970 foi contratado como Professor Auxiliar, marcando, assim, o início da carreira docente. Em 1971, concluiu o Mestrado e em 1975 Saraiva partiu para o Doutorado na Indiana University obtendo, em maio de 1979, o título de Ph.D. em Genética. Retornando a UFV, passou a atuar também na pós-graduação, criando disciplinas e orientando alunos de Mestrado e Doutorado. Em 1985, iniciou a trajetória administrativa na UFV, sendo eleito Chefe do Departamento de Biologia Geral, cargo que ocupou por quatro anos. Posteriormente assumiu a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento. Em 1992 foi eleito vice-reitor, cargo que ocupou até 1996 quando ganhou eleição para Reitor, concluindo o mandato em outubro de 2000. Na Reitoria da UFV, o Professor Saraiva dignificou o cargo e interpretou muito bem os anseios de professores por uma gestão da Universidade comprometida com a docência, com a história acadêmica e não com a política. Aposentado, Luiz Sérgio Saraiva continuou contribuindo como administrador universitário em faculdade privada de Cataguases-MG e por último como Diretor Geral do AGROS – Instituto UFV de Seguridade Social. Aposentado desde 2013, Saraiva vive em Cabo Frio-RJ gozando as delícias à beira-mar com sua esposa e rodeado de amigos e familiares.

Francisco Affonso Ferreira, antes de ingressar na UFV percorreu o mesmo caminho de outros colegas pesquisadores: começou como acarino, em Manhumirim e, em seguida, Caratinga-MG. Em 1972, após completar o mestrado na UFV, trabalhou no convênio firmado entre SUVALE/UFV estudando a viabilidade do cultivo de fruteiras diversas no vale do São Francisco. Em 1974, em Campinas, foi assessor de pesquisas agrônômicas da Elly Lily do Brasil Ltda (ELANCO/MONSANTO) com o objetivo de fazer *screening* de novas moléculas químicas sintetizados pela matriz nos EEUU, avaliando possíveis novos herbicidas para o mercado. No final 1976, na EPAMIG, fez pesquisas com olericultura e manejo de plantas daninhas. Sediado na UFLA, trabalhou em parceria com os professores do Departamento de Fitotecnia. Em outubro de 1989 terminou o Doutorado na UFV e em 31 de dezembro de 1990 partiu para o Pós-Doutorado na Universidade de Purdue, nos Estados Unidos. Em maio de 1992, através de um concurso público, ingressou na UFV como professor adjunto e depois tornou-se titular nas áreas de olericultura e biologia e manejo de plantas daninhas com ênfase na pós-

graduação: mestrado, doutorado. Chiquinho “**dos Zoios Azuis**”, assim apelidado, considera como suas principais contribuições para o agronegócio, os trabalhos com fruteiras e hortaliças no Vale do São Francisco; trabalhos com a cultura do alho junto a UFLA o que fez de Minas Gerais grande produtor dessa hortaliça; orientador de dissertações de mestrado, preparando futuros pesquisadores da Embrapa; editor da revista PLANTA DANINHA por 14 anos; e naturalmente o eficiente trabalho de professor na UFV por longos 26 anos. Mas de todas as escolhas que fez, o casamento foi a principal delas. É ele quem afirma em sua autobiografia:

“Em 1972 conheci a Lúcia de Fátima e, em 1974, foi a melhor decisão da minha vida, nos casamos no Rio de Janeiro. Lúcia é aquela pessoa de todas as horas incentivando e participando de todas as decisões.”

Antônio Américo Cardoso fez uma brilhante carreira na UFV. Fez parte do grupo que permaneceu na UREMG logo após a formatura. Cardoso obteve seu Mestrado na UFV em 1970 e o Doutorado na ESALQ, USP em 1977. No magistério foi Instrutor na UREMG, Professor Assistente, UFV, 1971, Professor Adjunto I, UFV, 1976, Professor Adjunto II, UFV, 1977, Professor Adjunto III, UFV, 1985, Professor Adjunto IV, UFV, 1987 e finalmente Professor Titular, UFV, 1992. Ministrou aulas nos cursos de graduação e pós-graduação, foi coordenador de disciplinas e cursos em melhoramento de plantas, técnicas experimentais em fitotecnia, métodos de melhoramento de plantas, melhoramento de grandes culturas. Durante esse tempo coordenou os Seminários do Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia. Foi membro da Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia, Orientador de estudantes de pós-graduação, conselheiro de estudantes do mestrado e doutorado. Fez parte de inúmeras bancas de tese de mestrado, doutorado e exames de qualificação. Foi autor e coautor de dezenas de trabalhos científicos, no Brasil e no exterior, bolsista em órgãos financiadores de pesquisa por 12 anos, revisor de artigos e consultor AD-HOC de projetos do CNPQ, palestrante em diversos congressos científicos. Trabalhou intensamente no fomento à pesquisa, participou da elaboração de projetos financiados por órgãos públicos, exerceu atividades de extensão e teve relevante atuação em atividades administrativas dentro da UFV e externamente em conselhos, câmaras e comissões. A completa dimensão da carreira de Antônio Américo está disponível em sua autobiografia, nos anexos deste Memorial.

Ulisses Gomes Batista, nosso colega Jânio, teixeirense de nascimento, mas em Viçosa, como ele próprio confessa em sua autobiografia:

“Fui carinhosamente acolhido nos anos cinquenta e sessenta para completar minha educação formal – ginásio e agrotécnico – e finalmente para cursar a graduação em engenharia agrônômica”

Assim como vários de nossos colegas de turma, Jânio também começou sua carreira de engenheiro agrônomo como “acarino”. Inicialmente foi designado para o escritório da cidade de Unaí-MG. Durante 5 anos atuou nessa cidade e em outros municípios mineiros e ao fim desse tempo foi trabalhar para Superintendência do Vale do São Francisco-SUVALE, e para a Companhia do Desenvolvimento do São Francisco-CODESVAF, em Brasilândia-MG, na época distrito de João Pinheiro-MG. O futuro, entretanto, lhe reservara outro rumo: 7 anos depois de extensionista da ACAR, Ulisses cursou o Mestrado na Universidade Federal de Viçosa e em seguida fez Doutorado na University of Toronto, Canadá. Regressando ao Brasil, prosseguiu em suas pesquisas iniciadas nos cursos de pós-graduação, estendendo sua valiosa contribuição ao magistério na UFV, onde trabalhou por 27 anos com total dedicação lecionando a disciplina de fitopatologia nos cursos de

graduação e de pós-graduação. Hoje, aposentado, vive em Viçosa, feliz e realizado ao lado da família e de amigos.

Reginaldo da Silva Romeiro conseguiu seu primeiro emprego como professor na cidade paulista de Batatais, atuando por pouco tempo, pois em 1970 começou o Mestrado em Fitopatologia, curso de Microbiologia Agrícola na UFV. Terminado o curso em 1971, trabalhou como professor na UFV por um bom tempo até ingressar no Doutorado nos Estados Unidos, inicialmente em Ohio e na Missouri State University, obtendo o Ph.D. em 1980. Voltou a Viçosa e continuou na UFV até o precoce fim de sua vida. Como pesquisador e professor, especializou-se em bacteriologia, especialmente em controle biológico. Fez vários treinamentos pós-doutorado e recebeu diversos prêmios por seu trabalho como pesquisador. **“Pipi”** deixou um legado de realizações na UFV e uma saudade muito grande no **Berimbau**.

Departamento de Zootecnia

Alfredo Alcides Goicochea Huertas, nosso estimado **“Pitula”** veio do Peru para UREMG em 1968 e conosco se graduou com diversificação em zootecnia. Após a formatura retornou ao seu país onde ficou até 1972 e em seguida emigrou para os Estados Unidos onde foi trabalhar numa empresa de confinamento de bovinos de corte. Enquanto trabalhava no confinamento, Huertas desenvolveu uma extensa campanha de proteção às abelhas africanas que estavam migrando para o Brasil, causando pânico à população. O projeto obteve êxito e foi nesse momento enquanto uma missão de professores de zootecnia da UFV visitava a empresa, o ex-aluno foi reencontrado criando as tais abelhas com muito sucesso. Essa constatação fez com que os professores da missão o convidassem a retornar à UFV para enfrentar as temidas africanizadas no Brasil. Huertas aceitou o convite, retornou à UFV e aí começou um extraordinário trabalho com insetos de grande importância social: as abelhas e o bicho da seda. Na UFV Huertas fez mestrado em nutrição animal. Como professor e pesquisador criou disciplinas no Curso de Apicultura e ofereceu muitos cursos de extensão, dentro e fora da Universidade. Entre tantas pesquisas realizadas descobriu as propriedades benéficas contidas na própolis do mel das abelhas africanas até então desprezadas. O própolis dessas abelhas foi estudado no Japão e patenteado por uma empresa japonesa e o nosso Professor Huertas se tornou o consultor brasileiro responsável, direito que permanece atualmente. **“Pitula”** fez muito mais pela Apicultura e pelo seu país de adoção – o Brasil. Sem falsa modéstia ele reconhece:

“Creio ter contribuído muito para o desenvolvimento sério do meu país, o BRASIL.”

*Contribuiu sim, “Don Huertas”, você é a referência do **Berimbau** em Apicultura.*

José Aldemir Alves Pereira o saudoso **“Pereba”**, fez pós-graduação na UFV e até o precoce fim de sua vida se dedicou ao ensino e pesquisa no Departamento de Zootecnia da UFV, trabalhando especificamente com suinocultura. Apesar do pouco tempo de atuação como professor e pesquisador, Zé Aldemir deixou sua contribuição para o ensino e a pesquisa e entre nós uma enorme saudade.

Departamento de Tecnologia de Alimentos-DTA

Igualmente significativos foram os trabalhos desenvolvidos na área de tecnologia de alimentos através do Departamento de Tecnologia de Alimentos-DTA, no qual se distinguiram os

colegas **Dílson Teixeira Coelho**, **Renato Cruz** e **Alonso Salustiano** que deram grandes contribuições para a consolidação do então recém-fundado DTA.

Dílson Teixeira Coelho, pesquisador e professor na área de tecnologia de alimentos, Ph. D. em Food Science pela Purdue University-USA deixou seu nome indelevelmente gravado na UFV. Participou ativamente da construção das bases do Departamento de Tecnologia de Alimentos- DTA, cuja chefia comandou entre 1974 e 1984. Foi um dos responsáveis pela implantação em 1974 do Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, em parceria com a UFMG e participou decisivamente da criação do curso de Engenharia de Alimentos na UFV, iniciado em 1974. Foi dele também a iniciativa de criação da disciplina de Bioquímica de Alimentos para os cursos de graduação e pós-graduação e de Desenvolvimento de Novos Produtos, oferecido ao curso de graduação em Engenharia de Alimentos. O incansável Professor Dílson coordenou o programa de mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos e foi orientador de um grande número de estudantes nos programas de mestrado e doutorado em Ciência e Tecnologia de Alimentos. De seus trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos vários produtos formulados que serviram de embrião para a implantação de grandes indústrias de alimentos, a exemplo da NUTRILATINA e OLVEBRA, com o desenvolvimento do primeiro Extrato Hidrossolúvel de Soja (SOY MILK), até hoje no mercado.

Renato Cruz, um dos 3 irmãos agrônomos e pesquisadores da família Cruz de Guiricema-MG, teve toda sua vida profissional ligada ao magistério e à pesquisa em tecnologia de alimentos. Professor desde os tempos de estudante, Renato galgou todos os níveis dentro da carreira do magistério na UFV. Como professor auxiliar de ensino no Departamento de Tecnologia de Alimentos-DTA, na área de Cereais, Tubérculos e Raízes, muito querido e reconhecido pela sua dedicação, foi homenageado por 12 vezes pelos formandos do referido curso. Sua formação acadêmica, além da graduação pela UREMG em 1968, inclui o Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos em 1981. Aprovado em concurso público na UFV para o nível de Professor Titular ministrou aulas no Curso de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos, orientando estudantes de Mestrado e Doutorado. Renato Cruz publicou inúmeros trabalhos científicos em revistas especializadas. Ainda no âmbito da UFV, foi Membro da Câmara Curricular de Ensino e representante dos cursos do Departamento de Tecnologia de Alimentos no Conselho de Graduação da UFV. Externamente representou a UFV em diversos órgãos estaduais e federais e assessorou instituições públicas de pesquisa. Contribuiu para o desenvolvimento de ingredientes básicos para a pujante indústria brasileira de alimentos.

Departamento de Economia Rural

Na economia rural, o **Berimbau** presenteou a UFV com o brilhantismo e a dedicação do nosso querido **Sebastião Teixeira Gomes** que, para variar, foi acarino, começando por Leopoldina-MG, e mais adiante promovido a coordenador do escritório regional da EMATER em Muriaé. Como responsável pelo projeto de gado de leite, Sebastião deu início a sua conhecida afinidade profissional com a pecuária leiteira. Depois de alguns anos sacolejando a bordo de um velho Jipe, em 1974, retornou para a UFV, dessa vez para fazer mestrado em Extensão Rural. Em sua autobiografia, **Tião “Seu Ovo”** confessa:

“Desde então, a UFV se tornou meu maior ancoradouro, onde me tornei professor titular pelo Departamento de Economia Rural.”

Durante 37 anos o Professor Teixeira Gomes trabalhou no Departamento de Economia Rural da UFV. Atuou em programas e projetos, sempre privilegiando o produtor de leite. Nesse espaço de tempo, foi professor e orientador de muitos pesquisadores e analistas que hoje fazem parte de instituições públicas e privadas ligadas ao setor do agronegócio brasileiro. Suas apaixonadas confissões amorosas pela UFV podem ser lidas em outro trecho de seu relato histórico:

“A UFV era o meu segundo lar. Lá eu tinha as mais prazerosas das missões: estudar e ensinar, buscar conhecimento, formar jovens e capacitar profissionais, rastrear oportunidades para experiências e aprimoramento tecnológico, levar o saber para o campo e a prática para a Universidade.”

Em 1982 foi para São Paulo e completou sua formação acadêmica com o Doutorado em Economia pela Universidade de São Paulo-USP. Sebastião Teixeira Gomes foi consultor técnico da Embrapa Gado de Leite e de vários outros órgãos como: CNA, CBCL, FAEMG, FAEGO, CCPR/ITAMBÉ, Leite Brasil e SEBRAE. Ao longo de sua carreira, Sebastião Teixeira Gomes deixou um legado inestimável para a criação de políticas públicas e programas privados voltados ao desenvolvimento do produtor em diversos Estados do Brasil.

Escola Superior de Florestas

A turma dos **FLORESTEIROS** do **Berimbau** foi a segunda a ser admitida pela Escola Superior de Florestas da UREMG, após a transferência da Escola Nacional de Florestas para Curitiba. Na época, a Engenharia Florestal era um curso novo, ainda não reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura, mas já se mostrava muito promissor em razão de algumas ações políticas do governo federal, como a criação do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, a instituição dos Incentivos Fiscais ao Reflorestamento, e início de atividade de várias empresas florestais. Tudo isso contribuiu para que tivessem, mesmo antes da formatura, de 8 a 10 ofertas de emprego para cada um dos oito formandos. Entre esses – **Francisco “Cachorro Doido” de Paula Neto, Nairam Felix de Barros e Ovídio Moreira Saraiva**, já falecido, aceitaram convite e permaneceram na Escola de Florestas como professores. **Nairam** e **Chico**, além de pesquisadores, professores e orientadores de pós-graduação, exerceram funções administrativas na UFV. **Nairam** foi chefe de departamento e pró-reitor de pesquisa e pós-graduação. **Chico** foi chefe de Departamento de Engenharia Florestal, entre muitas outras funções dentro e fora da UFV. **Ovídio** foi contratado pela UFV para trabalhar com a disciplina de Manejo da Vida Silvestre e fez um estágio na Costa Rica tornando-se o primeiro brasileiro a trabalhar com esse tema em uma universidade. Lamentavelmente a carreira do **Ovídio** foi interrompida com o seu falecimento. Os outros cinco formandos seguiram rumos diversos, mas todos ocuparam posições de destaque nos órgãos e empresas onde atuaram. O **Berimbau** se orgulha de ter fornecido profissionais que só engrandeceram a tradição de excelência da nossa querida, amada e respeitável Universidade Federal de Viçosa.

Pesquisa e ensino em outras instituições públicas

Alguns colegas do **Berimbau** distinguiram-se também em outras instituições dedicadas ao ensino e à pesquisa, tanto públicas quanto privadas.

Francisco Affonso, antes da UFV trabalhou como assessor de pesquisa na empresa Elly Lily do Brasil Ltda. (ELANCO/MONSANTO), mais adiante fez pesquisas para a EPAMIG junto à Universidade Federal de Lavras. Finalmente, após terminar seu doutoramento na UFV e seu pós-

doutoramento na Universidade de Purdue, **Chiquinho** integrou-se à UFV, dedicando-se ao ensino e às investigações científicas nas áreas de olericultura e manejo de plantas invasoras.

Fernando de Assis Paiva, nosso querido e bem-humorado “**Chipanzé**”, logo após a festa de formatura foi trabalhar na ACARES em Nova Venécia-ES. Mas por pouco tempo: em 1971 Fernando voltou à UFV para fazer o Mestrado na área de fitopatologia. Em 1973 foi contratado para trabalhar no PIPAEMG, programa que deu origem à EPAMIG. Em 1977 conseguiu uma bolsa de estudos da Embrapa e foi para a University of Califórnia, de onde retornou com o Doutorado em Fitopatologia. No início de 1982 foi designado pela EPAMIG para a unidade de pesquisa de Uberaba, onde teve como chefe por algum tempo o colega **Reginaldo Amaral**. Permaneceu em Uberaba até início de 1988, quando recebeu proposta da Embrapa para trabalhar em Dourados-MS, integrando a equipe da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual-UEPAE naquela cidade e que é hoje o Centro de Pesquisa Agropecuária do Oeste-CPAO. Em janeiro de 1991 foi passar uma temporada como Visiting Scholar na Purdue University, instituição cara para a UFV pelo papel desempenhado na implantação da pós-graduação em nossa universidade, ainda no tempo da UREMIG. Permaneceu no CPAO, pesquisando sobre diversas doenças de diversas culturas até se aposentar no final de 2004. Nesse período, presidiu o Congresso Brasileiro de Fitopatologia em agosto de 1996, na capital, Campo Grande. Após a aposentadoria, foi contratado pelo Centro Universitário da Grande Dourados-UNIGRAN como coordenador do recém-criado Curso Tecnológico de Agronomia, atualmente Curso Tecnológico de Produção Agrícola. No início de 2008, desligou-se da UNIGRAN e voltou à UFV, onde participou de estudos de genética molecular do fungo causador da ferrugem do cafeeiro por dois anos. Após esse período, pendurou de vez as chuteiras e mudou-se para Guarapari, ES, onde reside com a esposa.

Antônio Jorge “Jacuí” de Oliveira fez mestrado em economia agrícola na UFV e inicialmente foi contratado pela ABCAR para trabalhar no MAPA. Após doutorado na Purdue University, ingressou na Embrapa onde trabalhou como pesquisador na área de economia agrícola com participação em diversos projetos de avaliação de novas tecnologias, captação de recursos e planejamento estratégico da empresa. Participou, também, de diversas funções administrativas da Secretaria de Planejamento Estratégico que tinha como missão principal assessorar a diretoria executiva da empresa.

Igor Maximiliano Eustáquio Vivacqua von Tiesenhausen, como ele próprio conta—*“nunca tive dúvida sobre que rumo tomar imediatamente após a graduação”*— partiu para o Curso de Mestrado na Escola de Medicina Veterinária da UFMG em manejo e melhoramento animal, que foi concluído em 1974. Em meio ao curso de mestrado Igor prestou concurso e foi aprovado para assumir a posição de professor da UFLA, onde implementou a disciplina de Bovino de Corte na qual lecionou de 1971 até se aposentar em 1993. Foi expressiva sua contribuição para a criação de cursos na área de zootecnia, como o Curso de Mestrado em Zootecnia (1975). Participou da Comissão encarregada, para implantação do Curso de Engenharia Ambiental (2003). O Professor Tiesenhausen desenvolveu inúmeros projetos de pesquisa, publicou trabalhos científicos, orientou estudantes de graduação e pós-graduação, colaborou em processos de gestão. Concomitante as atividades de Ensino e Pesquisas e dentro do Programa de Extensão da ESAL, hoje UFLA, e em parceria com a Emater-MG, ajudou na implantação de programas de suplementação alimentar à pasto e confinamento de bovinos em diversas regiões do país. Membro da Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos e da Sociedade Brasileira de Zootecnia, socialmente envolvido com entidades filantrópicas de Lavras, onde vive com a esposa Berenice, nosso estimado colega continua trabalhando como consultor e orgulhoso de sua efetiva contribuição para a ciência e para a formação de profissionais nas áreas de agronomia e zootecnia.

Cid Barreira da Fonseca, o “Cid Society”, iniciou sua carreira acadêmica como professor assistente da disciplina de Tecnologia de Alimentos do Departamento de Química e Tecnologia de

Alimentos da Escola Superior de Agronomia de Mossoró. Em seguida fez pós-graduação no ITAL/UNICAMP de Campinas e veio para Belo Horizonte para desenvolver atividades acadêmicas na CETEC como Coordenador do Setor de Tecnologia de Alimentos. Participou da construção do convênio CETEC-UFV-UFMG para viabilização do Curso de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos. E não parou por aí: participou do Project Manager do CETEC, especializou-se em tecnologia de carnes e derivados no Bundesanstalt Für Fleischforschung Institut Für Technologie em Kulmbach na Alemanha e para finalizar a brilhante carreira, já gozando a aposentadoria, legou-nos um livro intitulado *Tecnologia de Produtos de Carnes e seus Termos*.

Antônio Tebaldi Tardim foi outro colega que dignificou a turma do Berimbau como pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais-INPE, que é uma entidade pública vinculada ao MCT, e responsável por todas as atividades espaciais na esfera pacífica. No INPE Tardim trabalhou com sensoriamento remoto (SR) voltado à avaliação dos recursos naturais e culturais bem como o impacto das atividades humanas sobre o meio natural. A partir de 1994, ingressou no Programa de Zoneamento como pesquisador visitante ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia. Como se não bastasse, Tardim teve destacada participação no Estudo de Impacto Ambiental, bem como na elaboração dos Projetos de Desenvolvimento de Assentamentos Rurais-PDAs de responsabilidade do INCRA.

Reginaldo Amaral, dedicou a maior parte de sua vida profissional à Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais-EPAMIG, onde além de pesquisador, percorreu por decisão e convocação dos dirigentes, todos os caminhos hierárquicos no segmento da administração e gestão da pesquisa, tais como: Gerente de Fazenda Experimental, Chefe de Unidade Especial de Pesquisa em Governador Valadares, Chefe de Centro Regional de Pesquisa em Uberaba, Chefe de Departamento de Pesquisa, Superintendente de Operações Técnicas e Diretor de Operações Técnicas em Belo Horizonte, e finalmente Chefe de Gabinete da Presidência da EPAMIG.

Air José Martins, outro que nos deixou há algum tempo, desenvolveu uma interessante carreira no setor privado. Inicialmente como técnico agrícola, Air trabalhou na área de entomologia para a Cyanamid Blenco. Tendo conseguido uma bolsa de estudos para estudar agronomia, saiu da empresa e ingressou na UREMG em 1965, na *Turma do Berimbau*. Formado, Necrotério voltou a trabalhar para a Cyanamid, onde ficou pouco tempo, pois aceitou o convite para integrar a equipe de desenvolvimento de novos produtos agroquímicos da Ciba Geigy, que era comandada por Roberto Pinto. Depois de uma bem-sucedida carreira na Ciba, o competente e reconhecido Air recebeu uma proposta para se associar a um produtor de algodão de Goiás quando a cotonicultura passava por uma séria crise provocada pelo bicudo do algodoeiro. O trabalho do nosso colega, reconhecido pela área de pesquisa, levou-o a prestar concurso para lecionar a disciplina de entomologia na Universidade Federal do Mato Grosso. Para fechar essa bela trajetória profissional, Air José Martins fez doutorado na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, para coroar sua dedicação e paixão pela entomologia.

Tarcísio José Caixeta em quase 30 anos de vida profissional dedicada ao desenvolvimento de pesquisas em irrigação, Tarcísio José Caixeta legou-nos uma extraordinária produção científica. Diversificado em Engenharia Agrícola, sua carreira começou com os projetos de Irrigação da Superintendência do Vale do São Francisco-SUVALE, em Barreiras-BA e Petrolina-PE, entre 1969 e 1973, onde trabalhou no desenvolvimento de sistemas e processos relativos à irrigação e no estabelecimento de áreas experimentais de sistemas de irrigação. Nesse período, participou da construção do Perímetro Irrigado de Barreiras-BA em parceria com a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco-CODESVAF. Seguiram-se participações na instalação dos perímetros irrigados de Petrolina-PE, Jaíba e Mociminho em Minas Gerais, entre 1971 e 1978.

Caixeta atuou também em outros programas públicos, como o Provárzeas e Prodemata, entre 1975 e 1982. Em sua formação incluem-se cursos de especialização como: Especialização em Operação e Conservação de Sistemas de Irrigação – Organização dos Estados Americanos-OEA – 1970; Especialização em Gerência de Perímetros Irrigados – Organização dos Estados Americanos-OEA – 1972; Pós-Graduação em Engenharia Agrícola na Universidade Federal de Viçosa-MG de 1975 a 1977 e de 1994 a 1997. Em 1973 ingressou no PIPAEMG, programa de pesquisa que deu origem à atual Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, onde trabalhou até seu falecimento, uma sentida perda para a agronomia e para a *Turma do Berimbau*.

Lairson Couto, um pesquisador brilhante e profissional dedicado, tem uma folha corrida de grandes e excelentes contribuições ao agronegócio como pesquisador, gestor e professor. Para a sociedade, suas contribuições foram igualmente vastas e relevantes. Especializado em irrigação, seu primeiro trabalho foi como Engenheiro de Irrigação na Divisão de Irrigação da SUVALE, hoje, Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco-CODESVAF. Também atuou no Projeto de Irrigação de São Desidério, Barreiras-BA, em 1969. Mais adiante, tornou-se Engenheiro de Irrigação na Divisão de Irrigação da CODEVASF, Rio de Janeiro, RJ, de 1969 a 1974. No final de 1978 iniciou a carreira de pesquisador na Embrapa Milho e Sorgo, em Sete Lagoas-MG. Em 1986 foi para Parnaíba-PI implantar o Centro Nacional de Pesquisa em Agricultura Irrigada da Embrapa, retornando a Sete Lagoas em 1988. Exerceu a função de Chefe Geral da Embrapa Milho e Sorgo de 1990 a 1995 e foi o primeiro Chefe Geral da Embrapa Agricultura Irrigada, de 1996 a 1998. Ainda pela Embrapa, foi cofundador e Presidente do Conselho da Fundação de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Milho e Sorgo-FAPED, de 1993 a 1995. Aposentou-se na Embrapa em 2001 e trabalhou em Brasília de 2001 a 2004 como Assessor Técnico na Superintendência de Conservação de Solo e Água da Agência Nacional de Água-ANA em Brasília-DF, de novembro de 2001 a janeiro de 2004. Retornou a Sete Lagoas dando início a intensa atividade no setor público municipal. Sua formação acadêmica pós 1968 inclui Especialização em Engenharia de Irrigação pela Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande Paraíba-1973; Mestrado em Irrigação pela Universidade da Califórnia, Davis, CA-1976; Doutorado em Ciência do Solo pela Universidade da Califórnia-1978; Pós-doutorado em Irrigação pela Universidade da Flórida-1999. No ensino foi Professor do Centro Universitário UNIFEMM – Sete Lagoas-MG, curso de Engenharia Ambiental, nas disciplinas de Hidrologia e Hidrogeologia, de 1º de agosto de 2008 até maio de 2018; foi também Professor de Limnologia no Curso de Gestão Ambiental na Faculdade Promove em Sete Lagoas-MG, nos anos de 2007 e 2008; Coordenador da Área de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Unifemm a partir de agosto de 2014 até maio de 2018. Atualmente, morando em Sete Lagoas-MG, Lairson continua ativo profissionalmente como consultor ligado às questões ambientais da região e curtindo o convívio com filhos e netos. Um pesquisador e um homem público que dignifica a profissão, a UFV, a Embrapa e o *Berimbau*.

Especialistas em Ciências Domésticas no Ensino e Pesquisa

As nossas colegas “pica-couve” não deixaram por menos. Também notável foi a passagem pela UFV da “meia colega” **Célia Lúcia de Luces Fortes Ferreira**, carinhosamente apelidada de “**Frajola**”. Dona de um extraordinário currículo técnico científico, Célia Lúcia dignificou a profissão e alcançou respeitável reconhecimento no meio científico brasileiro. Iniciou a vida profissional no cargo de nutricionista na Siderúrgica Mannesman em Belo Horizonte imediatamente após a formatura em 1969. Lecionou em Escolas Polivalentes (Uberlândia e Belo Horizonte), foi pesquisadora da EMBRAPA Gado de Leite (Juiz de Fora) e Professora da UFV (Tecnologia de Alimentos – onde trabalhou por 38 anos, 4 meses e 29 dias). Em 1977, obteve o título de Mestre na

Universidade de Wisconsin, Madison; Ph. D. (1986) na Universidade de Oklahoma, Stillwater; fez estágios (dois) no Massachusetts Institute of Technology-MIT, Cambridge; no INRA (Jouis em Josas) França; no CNRA (Centro Nacional de Pesquisa em Alimentos), Ottawa, Canadá, na área de Biotecnologia. No Brasil conduziu pesquisas com probióticos, na área humana e animal, gerando vários convênios com Universidades e centros de pesquisas no exterior e registro de patente em probiótico. Como pós-doutorada, exerceu atividade de professor visitante no Food Research Institute, Madison, WI (1994-1995), desenvolvendo pesquisas em bactérias probióticas anaeróbias e em 2010, na Universidade de Turku, Finlândia, em aplicação clínica de probióticos, onde mantém o status de professor visitante, contribuindo no programa de pós-graduação do Functional Food Forum (FFF – Medical School). Ministrou cursos na área de probiótico, pré e simbióticos no CERELA (Centro de Referência para Lactobacilos), Tucuman, Argentina e no CENSA (Centro Nacional de Sanidade Agropecuária), Mayabeque, Cuba. Em 1986 iniciou um trabalho de extensão junto a produtores de queijo artesanal nas regiões do Serro e da Canastra. Esse trabalho resultou no primeiro estudo científico em queijos artesanais aceito pelo MAPA para legalizar o tempo de maturação inferior a 60 dias o que resultou na alteração de normas e regulamentos dos queijos produzidos nessas regiões tradicionais. A partir daí, os queijos do Serro e Canastra saíram da ilegalidade e passaram a frequentar as gôndolas dos supermercados. Sobre o trabalho de extensão ela conta:

“Escrevi livros, publiquei artigos, orientei teses...mas essas atividades junto aos produtores de queijos artesanais podem ser consideradas minha maior contribuição para a área agrária.”

Henriqueta Merçon Vieira Rolim, a alegre e encantadora **“Risadinha”**. Construiu uma brilhante carreira acadêmica iniciada como docente em Rio Verde-GO, de início em cursos técnicos de segundo grau e posteriormente na Universidade Federal de Goiás. Nesse período, retornou a Viçosa para fazer mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos. A pós-graduação possibilitou seu acesso à Escola de Agronomia-UFG, onde permaneceu até aposentar -se ao final de 2002. Entre atividades de ensino e pesquisa, sempre na área de tecnologia de alimentos, **“Risadinha”** foi parar na Costa do Marfim – África, onde trabalhou por dois anos num programa de implantação e uso de produtos de soja em alimentação humana. É o **Berimbau** se destacando além-mar!

Ainda sobre a extensão e importância do trabalho da Risadinha, Fernando **“Quiabo”** Rodrigues em sua autobiografia cita uma constatação. Vejam o que ele disse:

“Na consolidação da produção da agricultura irrigada, na busca do mercado internacional, ao receber fotos de mangas do Vale do São Francisco comercializadas em Washington – DC – EUA, certificadas pela HACCP, descobriu-se que a Berimboa Risadinha deu sua efetiva colaboração.”

Maria Lúcia de Moura Silva Soboll, a **“Tampinha”** foi pra São Paulo logo após a graduação em Viçosa com o objetivo de se qualificar para cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado em Saúde Pública. E foi nessa área que Maria Lúcia se dedicou ao longo de sua bela carreira profissional no estado de São Paulo, ao mesmo tempo em que constituía uma linda família com dois filhos e o marido, engenheiro agrônomo, que nas palavras dela, foi *“sua principal contribuição para o agronegócio”*! E foram muitas e variadas atividades de pesquisa, ensino e administração por diversas instituições ligadas à área de saúde pública de São Paulo, entre elas: o Serviço de Arquivo Médico e Estatística do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; o Centro de Informações de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo; a Faculdade de Medicina da Universidade do ABC; a

Faculdade de Ciências Médicas da Saúde “Farias Brito”, da Universidade de Guarulhos; a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Orlanda Mabel Cordini De Rosa, uma das “gringas” do *Berimbau*, uruguaia de nascimento, fez Mestrado em Sociologia Rural na University of Guelph, Canadá (1988) e o Doutorado em Comportamento Humano na American Global University, USA (2004). Foi membro permanente do staff do IICA/OEA por 10 anos. Prestou consultorias em organizações internacionais: FAO, BID, OIT, UNIFEM, UNFPA, UNICEF, AID e CIDA/Deloitte – Touch – Canadá. Desde 2006, ocupa a Direção de Relações Internacionais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, onde coordena os projetos internacionais no Mercosul e União Europeia, assim como a cooperação com países das Américas, União Europeia e Austrália. Responsável pelos programas da CAPES (PMM, PROFOR, PFCM) e dos Programas do MEC/MINTE (PEC-G e PEC-PG), também trabalhou na PUC-MG na qualidade de coordenadora do curso de Projetos de Intervenção Social (PREPES 1993-2002).

Alma Amorim, dedicou a maior parte de sua vida profissional a ensinar e promover ações sociais. Coordenou e ministrou treinamentos, participou de projetos, estudos e trabalhos isolados ou em colaboração (não publicados) e colaborou na Proposta de Introdução de Educação do Consumidor nos Currículos Escolares de Educação Básica (UFV, 1990, publicado). Participou de vários seminários e congressos da ABEAS, ABED, MEC, SBCTA e UFPel. Membro titular representante da UPIS no Projeto Borba Gato (1983/84). Atuação na ABED – Sócia desde 1969; Membro do Conselho Técnico científico da seção SP/PR gestão 70/72; Vice-presidente da seção Brasília, gestão 83/85. CEFED – Conselho Federal de Economia Doméstica como Conselheira e participante dos estudos e elaboração de estatuto e regimento interno. Vice-presidente na gestão 29/07/1998 a 31/12/2001.

Maria Eunice de Moura Silva e Fonseca, mais uma especialista em ciências domésticas do *Berimbau* que iniciou sua trajetória como extensionista da antiga ACAR, depois migrando para a área de ensino. Nesse segundo momento dedicou-se aos estudos por onde passou acompanhando o marido, nosso colega “Cid Society”, começando pelo Curso de “Testes e Medidas Educacionais” e de “Metodologia Científica” na Faculdade de Educação da Universidade Regional do Rio Grande Norte. Em Campinas-SP, fez o curso de “Especialização em Dinâmica Populacional” na Faculdade de Saúde Pública da USP em São Paulo/SP. Em Belo Horizonte, onde vive atualmente, continuou seus estudos fazendo o “Curso de Instrutores para a Saúde”, na Fundação Ezequiel Dias/Escola de Saúde de Minas Gerais. Em Betim/MG, foi responsável pela Disciplina “Noções de Economia Doméstica e Atividades Profissionais” no Curso de Licenciatura de Primeiro Grau na área de Educação para o Lar, dentro do Convênio MEC - PREMEX - SEEMG - UFMG - FAE - CETAP no Centro de Formação e Treinamento de Professores de Artes Plásticas.

Resilda Gomes de Azevedo Rocha é uma profissional eclética. Além da graduação em Ciências Domésticas pela antiga UREMGE, Resilda graduou-se em Ciências Econômicas e Nutrição, fez mestrado em Tecnologia de Alimentos, na Universidade Federal do Ceará-UFC. Fez ainda especializações voltadas para as áreas de nutrição e saúde, sendo as mais relevantes promovidas pela UFRN e/ou Secretaria Estadual de Saúde, com participação da USP, UFRJ e UFRS. Fez alguns significativos cursos de aprofundamento e atualização, como: Laticínios, no Instituto Cândido Tostes – Juiz de Fora; Tecnologia do Pescado em Vassouras-RJ, com a participação das Escolas de Pesca do RJ e do Chile; Tecnologia de Frutos, no Núcleo de Pesquisa e Processamento de Alimentos (NUPPA – UFPB); Cozinha Nacional e Internacional, no Hotel Escola Barreira Roxa, em Natal; Soja na Alimentação Humana – EMBRAPA; Tecnologia de Processamento de Leite de

Cabra (Nova Friburgo-RJ); Estatística aplicada à Saúde Pública, (Secretaria Estadual de Saúde, com participação da USP). Em sua autobiografia Resilda ressalta, porém,

“o valor da aprendizagem adquirido no convívio com os colegas de trabalho e famílias rurais. Percebi com eles, que a dignidade é o bem mais valioso, e que a imaginação é mais abrangente que o conhecimento, pois emana da inteligência espiritual, que nos vincula ao cósmico.”

E foi com essa considerável bagagem de conhecimentos técnico-científicos e de experiências vividas no contato com as pessoas é que ela exerceu o magistério no Departamento de Agropecuária da UFRN, mas sempre engajada com o Departamento de Nutrição. E muito mais fez nossa querida “Pica-Couve” pelo seu querido estado natal, o Rio Grande do Norte. A leitura de sua rica autobiografia nos anexos deste documento revela a dimensão do trabalho profissional e social de **Resilda Gomes de Azevedo Rocha**.

Berimbau no setor privado

Ao tempo de nossa formatura, as oportunidades para bacharelados em ciências agrárias no setor privado, no Brasil, eram muito restritas, especialmente para pesquisadores. Eram poucas as empresas fornecedoras de insumos para a agricultura e pecuária que dispunham de diretorias ou departamentos responsáveis pelo desenvolvimento de novos produtos. Nas empresas do setor sementeiro, especialmente as produtoras de sementes híbridas de milho, residiam, talvez, as poucas oportunidades de emprego para engenheiros agrônomos recém-graduados.

Foi numa dessas oportunidades que o colega **Paulo Motta Ribas**, após um estágio em 1967, recebeu o convite da empresa Sementes Agrocere S/A para desenvolver um programa de melhoramento genético na cultura do sorgo, visando à futura produção de sementes híbridas desta gramínea no Brasil, que era uma atividade pujante em países como Estados Unidos, Argentina e Austrália. Antes de iniciar seu trabalho na Agrocere, Ribas fez treinamento em melhoramento de sorgo como Visiting Scientist na Universidade de Purdue, Indiana, USA, de julho a dezembro de 1969. Em 1974 fez o curso de extensão universitária em melhoramento de plantas na ESALQ-USP, Piracicaba-SP. Para completar sua formação acadêmica, obteve o título de M.S. *Latu Sensu* em Marketing para Executivos pela Fundação Getúlio Vargas em 2001-2002. Por 36 anos trabalhou como pesquisador, gerente de pesquisa, gerente de linha de produto e finalmente cofundador e primeiro diretor superintendente da empresa Sementes Biomatrix Ltda do Grupo Agrocere. Sua carreira foi consolidada no setor sementeiro, tendo atuado também como consultor da Embrapa, da própria Agrocere e de empresas privadas na área de negócios de sementes de milho e sorgo. No setor público presidiu a Comissão Estadual de Sementes e Mudas do Estado de Minas Gerais-CESM/MG. Aposentado e produtor rural em Unaí-MG, o Ribas vive em Sete Lagoas-MG.

Fábio Zenaide Mais, o querido e respeitadíssimo colega “**Titico**”, foi outro colega que na mesma época optou pelo setor privado, mesmo tendo sido cortejado para permanecer na UREMG. Também convidado pela Agrocere, Fábio foi trabalhar na Cultrosa, uma empresa que se propunha a implantar 1.000 ha de seringueiras em terras do Município de Camamu, BA, em áreas cobertas por densa mata tropical. Começava aí uma história e uma profícua parceria que durou muitos anos: Fábio Maia- seringueira – culturas tropicais. Fábio tornou-se referência nacional em Heveicultura e como tal foi produtor, gestor, economista, professor, pesquisador, orientador acadêmico, extensionista e consultor. Uma unanimidade regional e nacional: Bahia, Espírito Santo, Amazônia, São Paulo, Centro-Oeste, onde quer que demandassem seus conhecimentos técnicos e gerenciais sobre o cultivo de seringueira e processamento do látex. E por conta de tudo isso, “**Titico**” estendeu

sua atuação além-mar, estagiando e trabalhando nos mais renomados centros de desenvolvimento da Heveicultura mundial, como o Rubber Research Institute of Malásia, em Kuala Lumpur, o mais conceituado e respeitado centro de pesquisas do mundo, em borracha natural, além de visitar o Tum Abdul Rasak Laboratory, em Hertford, Inglaterra, especializado em pesquisa de tecnologia industrial da borracha. Não parando por aí, nosso competente Fábio Maia, como contratado pela empresa Bridgestone/Firestone, trabalhou também na Libéria, África, por 2 anos. O incansável **Berimbom**, depois dessa fantástica trajetória e parceria com a seringueira, mais recentemente apaixonou-se por outras culturas, como o palmito pupunha e coco da Bahia, e segue trabalhando na iniciativa privada com o vigor de um recém-formado.

Alberto Carneiro Drummond, “Cabide” ou “Paraná”, sendo o segundo seu mais conhecido apelido na UREMG, também partiu para a iniciativa privada, inicialmente trabalhando na área comercial da Sementes Agroceres S/A, em Belo Horizonte, onde permaneceu como Gerente de Vendas até 1973. Em seguida, Cabide trilhou uma consistente carreira em empresas do setor de fertilizantes, como Fertiplan, IAP Sul Fertilizantes, Fertisul Adubos, Nutrinobre, sempre presente no mercado do Paraná, estado de adoção e onde mora até hoje. Mais adiante, Paraná partiu para prestação de serviços de consultoria e gestão de empresas do agronegócio com especialidade em condução de viveiros, produção e beneficiamento de café. Sua atuação se estendeu desde a área cafeeira do Paraná, passando pelos estados de São Paulo, Minas, chegando até o Oeste da Bahia. Uma respeitável carteira de 18 clientes, cobrindo 34 propriedades de produção do nosso “ouro negro”. Alberto, agora aposentado, vive em Londrina-PR.

José Roberto Pinto de Castro, nosso estimado **Roberto Pinto**, como já mencionado em capítulo anterior, começou a vida profissional como “acarino” na antiga ACAR-MG, onde permaneceu poucos meses. Com a sua simplicidade encobrendo uma enorme capacidade técnica e gerencial, Roberto Pinto trabalhou para 2 dos maiores grupos agroquímicos do Mundo, primeiro para a europeia Ciba-Geigy por 7 anos e em seguida para a americana DU PONT do Brasil S/A por mais 10 anos. Nessa última, “**Rodinha**” atuou como Gerente de Vendas para o estado de São Paulo, com base em Ribeirão Preto, onde morou até 1988. Desligando-se da DU PONT, começou uma nova fase profissional com a criação da EMBRATEC, Empresa Brasileira de Assessoria Técnica e Comercial Ltda., inaugurando a fase de empreendedorismo e prestação de serviços, ramo em que permanece até os dias de hoje.

O Engenheiro Florestal **Lázaro Corrêa Bittencourt**, construiu uma sólida carreira no setor privado agroindustrial. O começo, no entanto, foi no Departamento de Economia Florestal do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF (hoje IBAMA), no Rio de Janeiro de onde algum tempo depois foi transferido para Goiânia. No serviço público, Lázaro ficou até dezembro de 1974 e a partir dessa data passou a integrar a equipe técnica da Florestal Acesita S/A, empresa pertencente ao grupo da Companhia de Aços Especiais de Itabira-ACESITA, empresa na qual Lázaro prestou excelentes serviços técnicos e administrativos, tendo exercido diversos cargos de confiança. Em janeiro de 1992 solicitou seu desligamento da empresa, mas a brilhante carreira prosseguiu no Instituto Dom Fernando, da Sociedade Goiana de Cultura (mantenedora da Universidade Católica de Goiás), com sede em Goiânia-Go, como técnico nas áreas do Meio Ambiente e de Educação Ambiental. Paralelamente, no período de agosto de 1997 a maio de 2000, prestou serviço ao SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Administração Regional de Goiás) como Instrutor do Curso de Plantio Florestal e Tratamento de Madeira, junto a Sindicatos Rurais em vários municípios goianos. Lázaro aposentou-se formalmente em novembro de 2005, mas o trabalho no Dom Fernando continuou até 2008. Com muito e justificado orgulho, nosso colega informou em sua autobiografia ter sido o “*primeiro goiano formado em engenharia*”

florestal”, e como prêmio pela sua competência profissional e dedicação ao trabalho, foi agraciado em 1986 com o diploma de “HONRA AO MERITO FLORESTAL”, conferido pela Sociedade Mineira de Engenheiros Florestais-SMEF.

José Silveira “Dedinho” Rivelli, fez sua carreira de engenheiro florestal trabalhando exclusivamente no setor privado. Começou na Amazônia, no Projeto Jari, um megaprojeto que se propunha produzir madeira, produtos agrícolas, carne bovina e explorar atividade mineradora. No dizer de suas palavras, *“tivemos o desafio de lançarmos as bases deste projeto a partir do nada”*. No Amapá nosso colega permaneceu por 2 anos, de 1969 a 1971, recém-saído da Universidade e já sendo desafiado pela grandiosidade e complexidade do Projeto Jari. Nos 10 anos seguintes, de 1971 a 1981, Rivelli trabalhou em atividades florestais preparatórias para a implantação da Norske Skog Pisa hoje B O Packaging, única fábrica de papel impresso no Brasil e outros produtos florestais. Seguindo em frente, vamos encontrar o floresteiro **Berimbom**, de 1981 a 1995, trabalhando na Divisão Vegetal da Shell Brasil, dentro e fora do país. Desde 1996, Zé Rivelli abraçou a atividade de consultoria, de início como terceirizado da Shell, mas depois estendendo seus serviços a outras empresas do ramo florestal, no Brasil e no exterior. Durante todos esses anos, Rivelli representou as empresas empregadoras junto a institutos de pesquisas como SIF/IPEF/FUPEF e diversos órgãos estatais afins à atividade florestal. Hoje, dividindo seu tempo entre Lavras e o Rio de Janeiro, José Silveira Rivelli, gozando de alto conceito no mercado, continua na ativa e é mais um profissional que dignificou a UREMG e a *Turma do Berimbom*.

Gustavo Adolfo Bicalho Socias Schlottfeldt, “Cromossomo”, assim apelidado em alusão ao pai – professor de Genética – foi um dos 7 colegas que se diversificou em tecnologia de alimentos, direcionando toda sua carreira ao setor privado. De início na CCPL – Cooperativa Central dos Produtores de Leite Ltda., Rio de Janeiro, como assistente do saudoso Prof. Adão José Rezende Pinheiro. Vários cursos de especializações e treinamentos depois, destacando-se o recebimento de bolsas de estudo da FAO para o Curso Regional de Capacitação em Leite e Derivados no Chile, em 1969, e Curso Inter-regional de Laticínios na Dinamarca, em 1970, concluiu o curso de Ph.D. pela Universidade de Cornell, Estados Unidos, na área de Engenharia de Alimentos, nos anos de 1975-79. Seguiram-se diversas promoções gerenciais na CCPL, chegando à posição de Superintendente Industrial. Em 1980 Gustavo foi para a Danone, onde gerenciou várias fábricas durante 8 anos. Seguiu a carreira na Citrosuco Paulista, onde exerceu a posição de Diretor Industrial da Pepsi-Cola, responsável pelo lançamento de novas fábricas. Com vasta experiência em atividades internacionais de consultoria técnica e consultiva para empresas de alimentos e bancos internacionais, nosso prezadíssimo Gustavo se aposentou e hoje vive nos Estados Unidos junto a Barbara e os filhos. Gustavo Schlottfeldt é mais um **Berimbom** que dignificou o DTA da UFV e a profissão de engenheiro agrônomo no setor privado.

Eliziário de Sá Barreto “Gringo” Pereira, fez *high school* nos Estados Unidos fazendo, portanto, jus ao apelido. Como estagiário na empresa Leite Glória, lá desenvolveu trabalhos muito importantes e reconhecidos no sentido de eliminar uma borra (*scum*) formada em um dos processos de fabricação de produtos derivados do leite. Depois de formado trabalhou nos Estados Unidos, onde desenvolveu também importantes projetos para a Van Camp Sea Food Co (Chicken of the Sea), Division. Ralston Purina, na posição de “Advanced Food Technologist”, empresa líder de mercado de pescados, principalmente de atum. Para estar próximo à empresa foi morar em San Diego, Califórnia. Posteriormente fez Pós-Graduação na área de *Business*. Com especial interesse no mercado da Bolsa de Valores, desenvolveu alguns modelos matemáticos para prever as oscilações desse mercado. Durante um certo período chegou a reunir uma plateia interessante para vender suas publicações financeiras. Na fase final de sua vida, ano de 1998, estava sobrevivendo

dando aulas particulares de xadrez. O Gringo faleceu nos Estados Unidos deixando a imagem de um estudante muito aplicado e interessado em ciência.

Berimbau empreendedor

Programas para o desenvolvimento do empreendedorismo (como os conhecemos atualmente) ligados às instituições de pesquisa, são muito recentes no Brasil, nada muito além dos últimos cinco anos. Se ainda são novidades em 2018, 50 anos atrás termos e conceitos como “ecossistema de inovação”, “parques tecnológicos”, “editais de fomento”, “incubadora”, “inspiradores”, “aceleradores”, “investidor anjo”, e principalmente a popularíssima expressão “*startup*”, eram absolutamente desconhecidos e ausentes no ambiente universitário da época. Nossa geração foi formada com o pensamento de servir ao país objetivando conquistar a independência financeira através do trabalho e de um bom emprego. A novíssima geração de profissionais das ciências agrárias, diferentemente do conservadorismo familiar e da segurança com a qual a maioria de nós foi educada é menos avessa a assumir riscos profissionais. Por conta disso, nos últimos 5 anos firmou-se forte tendência ao empreendedorismo entre estudantes de graduação, de pós-graduação e recém-formados em ciências agrárias. No Brasil e no resto do mundo o “boom” do empreendedorismo é um movimento movido por diversos sentimentos, como: independência comportamental, liberdade criativa, benefícios sociais, fonte de renda em conjunto com satisfações pessoais, flexibilidade gerencial e mentalidade propícia a mudanças rápidas. Nos “ecossistemas” ou ambientes propícios à inovação, a escalada de etapas para se alcançar os objetivos da criação e sua materialização como negócio, começa pelo encontro do jovem candidato interessado em abrir um *startup* com o “inspirador”, professor ou alguém que acredite e que incentive seu projeto inovador. O processo avança na direção dos “editais de fomento”, instrumentos ofertados pelo poder público para dar o empurrão inicial, que é seguido do processo de “aceleração” ou de “incubação”, que tanto pode estar nos setores público ou privado. Neste momento surge a figura do “investidor anjo” que aporta algum recurso financeiro de pequena monta, mas que ajuda promover a “aceleração” pretendida. E finalmente, com o primeiro aporte oficial, depois com a ajuda do capital “angélico”, a *startup* está pronta para receber os investimentos do mercado e deslançar. Exemplos de como se cria um *startup* podem ser conferidos nos sites especializados.

Fica então uma pergunta: ***a UREMG nos preparou para sermos empreendedores segundo esse modelo ou consoante qualquer modelo parecido com essa modernidade?*** A resposta é certamente, não. Como podem ter surgido entre nós empreendedores de sucesso, independentemente da natureza e do tamanho dos negócios? Além da qualidade do ensino técnico, da sólida formação moral e ética adquirida pela nossa convivência universitária, da saudável proximidade com nossos mestres, das práticas usuais na época como os trabalhos de “iniciação científica” (ainda hoje presentes na grade curricular de muitas faculdades), dos “estágios técnico-científicos” e das “excursões técnicas”, o que mais poderia ter acontecido na Universidade para que algum de nós se transformasse em empreendedor? Certamente não encontraremos respostas satisfatórias além da certeza de que a UREMG não tinha um programa estruturado e que os nossos empreendedores são fruto ou da experiência familiar pregressa ou simplesmente do talento individual para os negócios, da coragem em assumir riscos e certamente ***da grande capacitação técnica adquirida na Universidade***. Examinando-se a galeria de empreendedores (conhecidos) do ***Berimbau***, encontraremos empresários “hereditários”, que receberam negócios iniciados pela família e os multiplicaram, e outros sem nenhuma herança familiar empresarial e que construíram

sólidos empreendimentos de diferentes naturezas e de tamanhos variáveis, do micro empreendimento até estruturas empresariais mais complexas.

O grupo dos empreendedores hereditários

Nesse grupo temos bons exemplos como os do **João Lenine Bonifácio e Sousa, Rômulo Kardec de Camargos, Otávio Stein de Carvalho Dias, Marcelo de Paula Pereira e Marcos de Paiva Gonçalves.**

João Lenine “Odongo” Bonifácio e Sousa não herdou propriamente um negócio familiar, mas trilhou um caminho profissional conectado à atividade comercial do pai, que foi revendedor de insumos agropecuários em Goiás, seu estado natal. Em Viçosa, “Odongo” cursou o agrotécnico e logo em seguida ingressou no curso de agronomia com a turma do *Berimbau*. Sua formação acadêmica foi completada com o Mestrado em Administração de Cooperativas. Antes de empreender negócios próprios, Lenine trabalhou no setor privado de 1969 a 1976 como Representante Comercial da Cia Paulista de Fertilizantes-COPAS para todo o estado de Goiás. Daí em diante sua carreira tomou outro rumo. Em 1976 ajudou a fundar a Empresa Fertilizantes Aliança, da qual foi sócio até 2016. No ano de 1999, fundou uma empresa que se dedicou à produção e comercialização de sementes de soja denominada Agropecuária Sementes Talismã Ltda, que atualmente se encontra sob a direção dos seus 03 filhos, Marco Alexandre, Raphael e Frederico. Além dos empreendimentos bem-sucedidos, a trajetória de empresário classista é igualmente digna de nota. Sucessivamente **João Lenine** foi Presidente da Cooperativa Mista Rural Vale do Javaés Ltda. – OOPERJAVA (1982-1994); Presidente na Associação Brasileira de Agricultura Irrigada (1987-1991); Presidente do CTPA – Centro Tecnológico para Pesquisas; Gerente da Câmara Setorial de Arroz do Ministério da Agricultura; Delegado no Sindicato Rural de Formoso do Araguaia-TO; Delegado na Federação da Agricultura do Estado do Tocantins em conjunto com a CNE – Confederação Nacional da Agricultura-CNE (2001-2004); Presidente da Associação Brasileira de Produtores de Sementes – ABRASEM (2001-2004); Presidente da Associação Goiana dos Produtores de Sementes-AGROSEM. Quem acompanhou sua trajetória de perto sabe avaliar a enorme contribuição que João Lenine tem dado para o desenvolvimento do agronegócio, em Goiás e no Brasil.

Otávio Stein de Carvalho Dias, o alegre e divertido “**Bundete**”, pertencia a uma das mais tradicionais e importantes famílias de Minas Gerais, com raízes em Poços de Caldas-MG e outras cidades do Sul de Minas e Norte de São Paulo, e com forte envolvimento em atividades no setor agropecuário. Vários membros e gerações dessa destacada família passaram pela UFV, todos muito bem-sucedidos nos seus negócios e se tornando grandes líderes do Agronegócio. Otávio não fugiu à tradição dos Carvalho Dias, ele também veio estudar em Viçosa, fez o Agrotécnico e formou-se em agronomia com a *Turma do Berimbau*. Uma vez formado e seguindo a tradição, retornou aos negócios da família. Os Carvalho Dias tinham uma sociedade familiar muito peculiar, onde cada integrante, uma vez terminados seus estudos, recebia uma fazenda para administrar, mas antes tinham que trabalhar “pesado” em uma das propriedades da sociedade. Assim “**Bundete**” trabalhou na Fazenda Boqueirão em Poços de Caldas até 1976, quando a organização dos Carvalho Dias adquiriu a Fazenda São Miguel em Conceição da Aparecida-MG, cerca de 45 km de Poços de Caldas, conferindo a administração da propriedade a ele. Otávio e sua família já constituída mudaram-se para a Fazenda São Miguel. Com o passar do tempo, tomou gosto também pela política local e foi eleito Prefeito Municipal dessa cidade. Ajudou na fundação da Associação de Criadores de Caracu e sempre fez parte de suas diretorias, até falecer em trágico acidente rodoviário

juntamente com sua esposa Miriam Rennó de Carvalho Dias. Seus 3 filhos continuam administrando a fazenda São Miguel, certamente preparando novas gerações para a continuidade da atividade e das tradições da Família Carvalho Dias.

Marcelo de Paula Pereira é outro colega empreendedor que herdou negócios da família e os fez prosperar. Mas seu começo, mais uma vez, foi na ACAR-MG, onde trabalhou em São João Nepomuceno até 1970, quando foi transferido para o Escritório Local de Belo Horizonte, onde ficou até 1971. A carreira como extensionista prosseguiu até 1973 e nesse ano Marcelo assumiu a Assessoria da Superintendência Agropecuária da Secretaria Estadual de Agricultura, ocasião em que foi feita sua reestruturação na gestão do Secretário Alisson Paulineli. Em 1974 concluiu o curso de Especialização em Engenharia Econômica pela Universidade Católica de Minas Gerais e em 1975 retomou as atividades privadas, trabalhando junto com seu pai na administração das fazendas da família, em Pedro Leopoldo, Baldim e Felixlândia, estando essas preservadas até hoje. Os negócios das fazendas giram em torno da pecuária de corte e da produção de cachaça de alta qualidade. Além da gestão das fazendas da família, o incansável Marcelo trabalha também com Avaliação, Classificação e Divisão de Propriedades Rurais. Mas não para por aí: nosso colega desenvolve atividades corporativas e sociais em sua cidade, Pedro Leopoldo, onde já foi de quase tudo, faltando apenas algum cargo eletivo. Hoje, com 50 anos de formado, se diz feliz pela profissão que abraçou e realizado pelos serviços já prestados e ainda presta ao Agronegócio da região.

Marcos de Paiva Gonçalves, o nosso **Presidente “Tijolino”**, também deu prosseguimento aos negócios da família. Logo depois de formado, foi trabalhar com seu pai. Nesta época, a família tinha uma empresa de Terraplenagem, CARACOL CONSTRUTORA LTDA. O pai pediu-lhe que gerisse a firma pois estava muito cansado e atarefado, e também porque tinha ainda outros negócios a serem administrados. Na Caracol, Marcos trabalhou até 1994 e posteriormente foi para as Fazendas da Família em Vitória e Nova Venécia-ES. Durante sua gestão na CARACOL, foram executadas diversas obras nos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia. **“Tijolo”** hoje vive em uma das fazendas da família próxima a Vitória, ao lado de Maura Cristina dos Santos, que com ele vive há mais de 10 anos. É ele quem diz:

“Vivemos uma vida gratificante, regada de muito amor, harmonia e respeito mútuo”.

O grupo dos empreendedores não hereditários

Nesse grupo estão os colegas empreendedores sem a característica de continuidade familiar que se tornaram produtores ou arrendatários rurais de portes variados paralelamente às suas atividades principais. São tantos e tão dispersos pelo país que seria muito difícil lembrar caso por caso. Mas nesse grupo também se incluem os empreendedores que construíram empresas ligadas ao agronegócio e outras totalmente dissociadas da agropecuária.

O empreendedor **Lindberg Gonçalves Rios**, é um bom exemplo do segundo caso. Como muitos outros **Berimbons**, **“Graveto”** trilhou o caminho da extensão rural, tendo passado pelas cidades de Viçosa, Campo Belo, Bambuí e finalmente fixando-se em Patos de Minas, onde sua trajetória tomou outro rumo a partir de 1971. O primeiro negócio foi a constituição da Empresa Soplantil Ltda., dedicada ao serviço de reflorestamento. Nesta empresa Lindberg e seus sócios implantaram e fizeram manutenção de 60.000 ha (sessenta mil hectares) de eucalipto para terceiros e 10.000 ha (dez mil hectares) próprios. Em 1971 ainda constituiu a empresa SOMIGA LTDA, com objetivos de prestação de serviço e combate às formigas cortadeiras, para fazendeiros e empresas de reflorestamento com eucalipto. O foco na época era ajudar um irmão e dois amigos que estavam

desempregados. Assim, a SOPLANTIL foi um sucesso! Em 1976, deixou a SOPLANTIL LTDA e constituiu a LINDBERGH DO BRASIL LTDA, com os mesmos fins sociais. Nessa fase nosso empreendedor comprou uma propriedade de 11.000 ha (onze mil hectares) no estado do Piauí, região do semiárido, própria para o cultivo de caju, onde foi implantado um projeto de 6.000 ha (seis mil hectares) dessa fruta. Obteve muito sucesso e colheu muita castanha destinada ao comércio em Fortaleza. Em 1998, Lindberg vendeu essa área para uma empresa de Recife e, deixando a atividade da exploração de caju, passou a se dedicar à criação de gado e produção de milho e soja comprando outra propriedade para esse fim. Em 1978 entrou no ramo de cerâmica vermelha produzindo tijolos, lajotas e telhas, que segundo seu relato “*não foi uma boa*”. Contudo, **Lindberg Gonçalves Rios** continua sendo um próspero empreendedor em Patos de Minas e é um bom exemplo de como muitos *Berimbons* descobriram negócios rentáveis e socialmente equilibrados.

Nilson Lomeu Bastos, o “comandante” da saga amazonense do *Berimbau*, é um bom exemplo da vocação inata para os negócios. Dos tempos de acarino no Estado do Amazonas, soube aproveitar as várias oportunidades para conhecer a engrenagem de grandes negócios que aconteciam no Brasil e principalmente na Amazônia. Além de atividades normais da extensão rural em pequenos municípios do Estado, ele atuou na coordenação de grandes programas na sede da ACAR-AM em Manaus. Nessa função aproveitou oportunidades de fazer cursos de especialização, treinamentos e estágios proporcionados pela Empresa. Passou pela Fundação Getúlio Vargas, Banco Central do Brasil e Agência Central do Banco da Amazônia S/A. Quatro anos na extensão rural, seguidos de outros 4 anos no setor privado, estruturou o Programa de Milho e Pastagem Consorciada com Leguminosas da Agrocere S/A, até criar seu primeiro negócio próprio, a empresa AGROTEC LTDA dedicada à Elaboração e Assistência Técnica a grandes projetos agropecuários. Aproveitando uma oportunidade, Nilson adquiriu uma gleba de terras ofertadas pela SUFRAMA e aí começou sua fase de produtor rural com o plantio de 200 ha de seringueira, 30 ha de guaraná. O tempo passou e, já casado, com a família constituída em Manaus, resolveu vender a fazenda, fechou o Escritório da AGROTEC e se mudou para Belo Horizonte/MG. Na capital mineira foi convidado a trabalhar na Superintendência da Borracha em Belo Horizonte, por um ano e meio. Depois continuou trabalhando na assistência técnica a empresas de Belo Horizonte e São Paulo que possuíam propriedades no Amazonas. Ao encerrar seus contratos com essas empresas, aposentou-se e passou a cuidar de negócios imobiliários particulares. E assim, dividindo o tempo com a família e com um grande número de amigos, incluindo a colônia do *Berimbau* da grande BH, Nilson reside no aprazível bairro de Lourdes em Belo Horizonte. O empresário Nilson Lomeu Bastos e sua equipe de extensionistas *Berimbons*, com justo orgulho, fizeram muito pelo desenvolvimento do agronegócio do Estado do Amazonas e engrandeceram a profissão de engenheiros agrônomos.

Guilherme “Xixi” Emílio Simão e **Fernando Antônio “Quiabo” Rodriguez**, amigos inseparáveis e cunhados, colegas na diversificação em Engenharia, começo de vida profissional compartilhada, acabaram também se tornando sócios nos negócios. Mas antes da criação de uma empresa, a dupla **Xixi/Quiabo**, na companhia de outra *troupe* – “**Tiziu**” (**João Venâncio Soares**), “**Catarro**” (**Lairson Couto**), “**Arara**” (**Roque Marinato**), “**Catatau**” (**Tarcísio Caixeta**) e “**Castelinho**” (**Sebastião Moreira**) – protagonizaram outra “saga *Berimbolense*”, encarando o desafio de trabalhar com irrigação no Nordeste, todos contratados pela Superintendência do Vale do São Francisco-SUVALE. Mais adiante, os parceiros participaram também do desenvolvimento do PROGRAMA PROVÁRZEAS em Minas Gerais, na companhia de outro *Berimbom*, o “**Lelé Piraúba**” (**André Carlos Ferreira Xavier**). E, para completar esse período de incríveis experiências, outras parcerias com *Berimbons* foram celebradas pela dupla. Com o “**Enferrujado**” (**Carlos Schlottfeldt**) eles viabilizaram a importação pelo Brasil do primeiro equipamento pivô central de irrigação, e articularam com o setor industrial para que esse equipamento viesse a ser fabricado no

País. E com o “**Odongo**” (João Lenine) que era presidente da Associação Brasileira de Agricultura Irrigada-ABRAI, eles participaram e contribuíram decisivamente com o Programa Nacional de Irrigação-PRONI. Finalmente, **Guilherme** e **Fernando** partiram para seus próprios negócios. Em 1981 Fernando participou da criação de uma empresa de consultoria com sócios de Viçosa e que tinha como marca de fantasia “FAHMA”. Em 1985 Fernando desfez essa sociedade e em 1989 Guilherme se associou à FAHMA. Em 1993 Guilherme se tornou seu único proprietário, mais adiante incorporou novos parceiros e, atualmente, a FAHMA – Planejamento e Engenharia Ltda., se encontra em plena atividade de consultoria, planejamento e execução de obras de engenharia na área de hidrologia e recursos hídricos. **Fernando** por sua vez teve participação em outras duas empresas do setor de recursos hídricos, CONSULCOOP e INTERÁGUAS, essa última em busca de tecnologias aplicáveis para as classes mais humildes, como a de uso do bambu no tratamento de águas residuárias, favorecendo um tratamento de esgoto autossustentável. Todos os colegas citados nesta nota deram e continuam dando valiosas contribuições para a sociedade e para o agronegócio brasileiro.

Flávio Pompei. Para registrarmos devidamente a exuberante trajetória de vida de **Flávio Pompei** e a sua vastíssima contribuição ao agronegócio e à sociedade brasileiros, precisaríamos de um espaço muitas vezes maior e de uma capacidade de síntese narrativa superior às nossas habilidades literárias e jornalísticas. **Pompei** rigorosamente não pode ser classificado em nenhuma das categorias de empreendedores do *Berimbau*. Suas raízes familiares são fincadas no agronegócio do arroz, em Muriaé, região outrora pujante na produção desse grão. Mas, exceto por um breve lapso de tempo e por circunstâncias muito particulares, Pompei não deu continuidade ao negócio de arroz do pai. O destino tinha lhe reservado algo muito maior na carreira profissional, que curiosamente, por sorte e para o bem da agronomia, começou com uma tentativa frustrada de se tornar um funcionário público, quando ainda era estudante em Viçosa. Aluno brilhante, Flávio foi o primeiro colocado no vestibular de 1965 e também num concurso público. São suas essas palavras:

“Contudo, em 1966 eu havia sido aprovado no Concurso para Fiscal de Rendas de Minas Gerais, também em primeiro lugar, mas depois de quatro meses na função eu me demiti porque negaram minha transferência para Viçosa. Sem dúvida era excelente emprego público para o resto da vida, mas meu futuro eu queria desenhar.”

O futuro tinha desenhado uma incrível trajetória para o jovem Pompei, fazendo dele um exemplo raro de profissional que fez de “tudo um pouco” e que não se ajustou aos modelos de classificação empresarial que adotamos neste documento. Foi empregado de empresas e cooperativas do agronegócio. Foi produtor rural de culturas perenes e de culturas anuais. Pesquisou, produziu, difundiu, vendeu, conheceu o sucesso empresarial e a derrocada nos negócios; amargou os percalços do agronegócio e a inconstância das políticas para o setor, sofreu com a má fé típica e culturalmente arraigada na mente de certos empresários brasileiros sempre impulsionados pelo sistema burocrático-legal da justiça brasileira. Pompei sobreviveu a todas as dificuldades e obstáculos postos pelo caminho para construir uma próspera indústria agroquímica na área de fertilizantes líquidos. Negócio que mantém até os dias atuais, em Uberaba-MG, onde vive e ainda trabalha com o entusiasmo e a enorme capacidade de criar projetos e gerar riquezas. Brilhante em tudo que fez na vida, sua biografia completa, inserida nos anexos deste documento é leitura obrigatória para jovens empreendedores do agronegócio.

Carlos Humberto “Negativo” Fonseca Nascimento. Nenhum de nós que conviveu tão de perto e por tanto tempo com ele, em sua consciência, jamais poderia imaginá-lo sentado numa cadeira de CEO de uma holding de empresas do ramo de turismo e entretenimento. Certamente nem ele próprio pensou que o destino o levaria a tal lugar. Não que lhe faltasse inteligência criativa e

disposição para empreender em um ramo de negócios tão diverso da agronomia, mas convenhamos, “**Negativo**” deu um giro de 360 graus em sua vida profissional que começou como a de vários de nós. Após um breve período como funcionário do CONDEPE, Carlos Humberto junto com 2 sócios criaram a PLANIFIC, uma empresa de planejamento que trabalhou com inúmeros projetos de agricultura, pecuária, armazenagem e engenharia civil, em todo o Brasil e na África, até 1991. Ainda no período da PLANIFIC, “**Negativo**” foi para Brasília contratado pelo IPEA, por 2 anos, para ser Assessor Especial do Ministério do Planejamento. Além disso, trabalhou como consultor do Itamaraty, durante um período, para missões em diversos países da África e da América do Sul, visando “vender” tecnologia para aqueles países, juntamente com empresários de diversos setores. Bela e promissora carreira, diríamos. Mas por obra e graça do Plano Collor, vieram as dificuldades e sua vida profissional deu uma “cambalhota” e é ele quem conta em sua autobiografia:

“Mas em 1992, com a derrocada do país e graças ao Plano Collor, a PLANIFIC ficou sem recursos e sem serviços e fui obrigado a me reinventar e mudei para Porto Seguro há 26 anos, onde trabalho com turismo (agência, beach club, locação de veículos, produção de shows, etc.).”

Com a humildade própria de quem nasceu no sertão das Minas Gerais, ele reconhece a importância de pessoas e instituições que lhe deram suporte para a vida. Sobre Viçosa ele diz:

“Viçosa tem especialíssimo papel na minha biografia e na minha vida. Na UFV, eu permaneci durante 08 anos, os melhores de minha vida, me graduando Técnico Agrícola (1964), Engenheiro Agrônomo (1968) e Master of Sciences (1969).”

Foi em Viçosa que ele conheceu Maria das Graças, esposa, mãe, avó e parceira sempre presente nos empreendimentos. “**Negativo**” modestamente reconhece ter contribuído para o desenvolvimento da agricultura com milhares de projetos do Polocentro, programa que deu a partida para a utilização racional dos cerrados nos anos 70. Com coragem e persistência para se reinventar, suas empresas geram, atualmente, cerca de 300 empregos diretos e 600 indiretos. Sua relação com a agropecuária prossegue nas 3 fazendas que possui e onde profissionais arrendatários cultivam, sob irrigação, café, coco, mamão e pimenta do reino e também criam gado em uma dessas fazendas. “**Negativo**” não tem tempo para sentir o agradável aroma da florada do seu cafezal:

“Dedico 100% de meu tempo como CEO das empresas do turismo e pretendo continuar até não mais poder!”

José Carlos dos Reis é mais um acarino da turma que não resistiu à “coceira” que atinge os empreendedores. Seu começo na ACAR em Guaxupé-MG, região de cafés finos, foi tão bem-sucedido e seu trabalho reconhecido pelos cafeicultores, que a poderosa Cooxupé lhe ofereceu um salário extra para que ele não deixasse a região. Zé Carlos diz por que não aceitou:

“Não era para ter saído de lá, pois a COOXUPE me ofereceu até um salário extra para continuar lá, mas resolvi aventurar e aceitar desafios em uma região de agricultura incipiente em Patos de Minas-MG.”

Seguramente nosso colega não só se entusiasmava com a conquista do Cerrado, mas também visava seu futuro como empreendedor. E foi assim que aconteceu depois de 4 anos de extensão rural participando ativamente da experimentação e difusão de tecnologias para produzir nos solos de cerrado. Em 1976 os produtores de Patos e região “tiraram” o Zé Reis da Emater incentivando-o a abrir uma empresa para melhor assisti-los. A empresa do agrônomo José Carlos

dos Reis progrediu fazendo projetos de financiamento para clientes do Banco do Brasil e do BDMG. Durou enquanto o governo incentivou a abertura de cerrado e montagem de infraestrutura nas propriedades através do POLOCENTRO. Mesmo com o fim do programa sua empresa e ele próprio continuaram dando consultoria na área de produção de sementes de soja, tornando a região do Alto Paranaíba na maior produtora de sementes de soja de Minas Gerais. Zé Carlos até hoje continua na área de sementes como produtor e também proprietário do Laboratório Germitel em Patos de Minas, que analisa sementes de grãos para produtores de toda região.

Sebastião Moreira, nosso estimado “**Castelinho**”, após uma passagem de 10 anos pelo setor público na SUVALE (Superintendência do Vale do São Francisco) e na sequência na CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento Vale do São Francisco), partiu para a Amazônia com a família e no Pará se tornou próspero empresário no setor agroflorestal e de pecuária de corte. A virada se deu precisamente em 17 de fevereiro de 1979, quando “Castelo” optou por deixar a CODEVASF e rumar para o Norte, para trabalhar na iniciativa privada como empreendedor, conforme conta:

Foi uma experiência valiosíssima, enfrentando os desafios da realidade amazônica”.

Na cidade de Paragominas-PA, onde se estabeleceu com a família, Sebastião Moreira entrou definitivamente na atividade produtiva agropecuária e madeireira e teve destacada participação no meio social e classista de Paragominas, contribuindo para a formação e crescimento da cidade. Com os filhos crescendo e buscando melhores condições para continuar seus estudos, a mudança para um centro maior foi inevitável. Hoje “**Castelo**” reside em Brasília onde pode ter uma maior convivência com os filhos e netos.

Agradeço a Deus, por compartilhar meus 50 anos de formado junto aos meus colegas que tanto estimo, oportunidade única que a vida me presenteou.”

Lairson “Chato” Lopes. A trajetória do Lairson Lopes é um bom exemplo de como um empresário envolvido com negócios particulares pôde, ao mesmo tempo, exercer uma liderança para mobilizar pessoas em torno de objetivos classistas e cooperativistas. A carreira começou igual a de muitos outros colegas já citados nessas memórias. Seu primeiro emprego em 1969 foi na ACAR-GO em Miracema do Norte, depois em 1971 o prefeito de Paraíso do Norte-GO o convida a abrir um novo escritório local da empresa goiana de extensão rural. Até que em 1974 Lairson Lopes iniciou a fase de empreendedor ao fundar a empresa “Planejamento Técnico Agropecuário-PLANTAGRO”, conveniada com o Banco do Brasil para prestar serviços aos produtores da região. A partir daí “**Chato**” começou a revelar seu tino para o associativismo: foi eleito Presidente do Sindicato Rural da cidade e construiu o Parque de Exposições de Paraíso do Norte, onde acontecem todos os anos uma das maiores feiras do Estado do Tocantins. Mais adiante ajudou a fundar a Associação Comercial e Industrial de Paraíso do Norte- ACIP. O espírito associativista continuou vivo e Lairson participou de mais realizações. Como Presidente da Cooperativa dos Produtores Rurais do Norte Goiano-COOPERNORTE liderou a construção do Laticínio CAT; foi fundador e presidente da Organização das Cooperativas do Tocantins-OCT/OCB; fundador e Presidente da Cooperativa de Crédito dos Produtores Rurais de Paraíso e Região-CREDIPAR, hoje SICOOB/CREDIPAR. Em meio a toda essa atividade, ele conseguiu tempo e disposição para trabalhos sociais. Enquanto Presidente do Clube Recreativo Paraíso construiu sua sede social e é membro da Sociedade de São Vicente de Paulo, atuando como Vicentino em Paraíso do Norte. Empresário do ramo de distribuição de combustíveis e líder incontestável da região onde mora,

nosso brilhante **Berimbom** acompanhou a construção do novo Estado do Tocantins e deu uma efetiva contribuição para o crescimento de uma das mais importantes regiões do novo Estado.

José “Mercedinha” Rodrigues Vieira, fez carreira na ACAR-MG e depois na Emater. Trabalhou com rara dedicação em vários escritórios da empresa como: Escritório Local de João Pinheiro, 1969; Escritório Regional de Montes Claros, 1971, onde assumiu a coordenação técnica regional envolvendo 26 técnicos locais; coordenou atividades com o Banco do Nordeste, Banco do Brasil e prestou apoio ao projeto Jaíba; trabalhou no Escritório Regional de Uberlândia, 1972, onde atuou nos programas de incorporação do cerrado ao processo produtivo POLOCENTRO e PROVARZEAS. Em 1977 participou de um curso especializado em irrigação de arroz no Centro de Agricultura Tropical em Cali-CIAT, Colômbia. Em 1978 participou de uma ação de integração da EMATER com a EPAMIG-Uberaba, CEPET-UFV de Capinópolis, Embrapa Milho e Sorgo de Sete Lagoas e as empresas CARGIL e AGROCERES de Capinópolis. “Zé Mercedinha” continua na lida. Ele e a filha Rafaela, também agrônoma, são sócios de uma pequena empresa em Uberlândia denominada JR Consultoria Ambiental, que presta serviços de consultoria em outorgas de água e projetos de irrigação.

Oziris “Zarur” Viana Lemos, foi definido em sua biografia há 50 anos como um rapaz pacato, típico mineirinho, calado, disciplinado, afável, dorminhoco e namorador. Não sabemos por que cargas d’água recebeu o curioso apelido de “Zarur”. Sua trajetória pós-formatura não é bem conhecida, supõe-se que tenha trabalhado na extensão rural e depois no Instituto Brasileiro do Café-IBC e neste órgão público federal parece ter se aposentado. Durante todos esses anos perdemos o contato com o nosso “Zarur”, até que o *Departamento de Investigações do Berimbau* localizou-o em sua cidade natal, Alpinópolis, no sul de Minas. E aí vem a surpresa ao sabermos que ele agora atua no mercado imobiliário da cidade como construtor de casas e prédios. Conversando por telefone fixo- ele não usa celular e nem navega na internet- ele nos contou a forma tremendamente simples e despojada de como administra seus empreendimentos imobiliários. É bem possível que seus amigos mais íntimos durante o tempo de UREMG jamais imaginariam o pacato “Zarur”, como o definiram, comandando engenheiros civis, operários, se relacionando com agentes financeiros, com os clientes e fornecedores, sem ter um telefone celular! Mas o nosso “Zarur” empreendedor, pica-fumo de formação é um empresário de sucesso em Alpinópolis e região.

Berimbau na atividade pública

A rigor, todos os colegas que trabalharam em instituições públicas de extensão rural, de ensino e pesquisa científica, de fomento, planejamento e financiamento da produção agropecuária, empresas públicas diversas, em órgãos de gestão e fiscalização do processo produtivo do agronegócio, poderiam fazer parte desse grupo. No entanto, seguindo a metodologia adotada na elaboração deste documento memorial, vamos aqui destacar as contribuições dos colegas que não se enquadram nas classificações anteriores. São muitos os **Berimbons** e **Berimboas** que dedicaram suas carreiras em postos da administração pública, dentro de gabinetes e também no campo, incluindo cargo eletivo do poder executivo. A galeria é vasta:

Imar Cesar de Araújo, delicadamente apelidado de “**Regaçado**”, construiu na Amazônia uma extraordinária carreira profissional, sobejamente conhecida e reconhecida pela *troupe* do **Berimbau** amazônico que trabalhou e conviveu com ele. Mas poucos de nós, talvez, temos consciência do que Imar fez pelo Estado do Amazonas. E não foi pouco. Foi muito e de uma amplitude tal que foi difícil classificar suas contribuições para registro no nosso Memorial. Pela vasta contribuição na concepção, estruturação e gestão de programas e de instituições, resolvemos

incluir seu nome no conjunto dos colegas que dedicaram sua vida profissional às atividades públicas. É justo lembrar que Imar tem sido, acima de tudo, um exemplar servidor público. Como extensionista, trabalhou na ACAR-AM por 5 anos. Inicialmente foi designado para trabalhar em Tefé como Supervisor Regional. Muito rapidamente, porém, Imar chamou a atenção das autoridades do Estado pela competência e seriedade com que conduzia suas atribuições na ACAR. A consequência natural disso foi sua transferência para a capital e a indicação para cargos na administração dos negócios da agricultura e pecuária do Estado. A partir de 1974, a carreira do **“Regaçado”** tomou um impulso meteórico com sua indicação como Subsecretário na Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico-SEPLAN. Sucederam-se posições de relevo em outros órgãos, como: Coordenador da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola-CEPA; Coordenador Administrativo e Diretor Presidente, Chefe da Divisão de Apoio Técnico do Departamento de Informática da CODEAGRO; Chefe do Centro Nacional de Pesquisa da Amazônia, da Embrapa; Pesquisador II e Coordenador do Programa CPAA da Embrapa; Superintendência da Zona Franca de Manaus-Suframa. Na Suframa Imar ocupou cargos e exerceu as mais diversas funções administrativas. Após 12 anos nessa empresa, trabalhou para o Centro de Biotecnologia da Amazônia, CBA, de 2003 a 2004. Atuou como Coordenador de Implantação do CBA e de 2004 até 2014, quando se aposentou como Assessor da Coordenação de Implantação do CBA. Agora, nosso querido “Regaçado”, cuida de suas 2 propriedades dedicadas à fruticultura e floricultura, com a família muito bem constituída ele tem a certeza de que contribuiu para o Amazonas como poucos profissionais fizeram.

Rômulo “Berabão” Kardec de Camargos, completaria 60 anos em 31 de março de 2004 se o destino e uma grave enfermidade não tivessem alterado sua viagem na terra. Muito sabemos do Berabão zootecnista e funcionário de carreira na Associação Brasileira de Criadores de Zebu, mas talvez poucos saibam da dimensão de sua contribuição para a ABCZ e para a pecuária brasileira. Empreendedor tipicamente hereditário herdou do pai e do avô, tradicionais pecuaristas da região do Triângulo Mineiro, o gosto pela criação de gado Zebu. Rômulo, impulsionado pelo trabalho de seus predecessores, dedicou-se até o fim de sua vida à criação de raças Zebuínas e mestiços Girolando. Mas foi na ABCZ, seu primeiro emprego, que seu nome e sua atuação profissional e política em favor da sua classe foram reconhecidos em todo o Brasil e também no exterior. A partir de 1970 “Berabão” construiu uma carreira ascendente na ABCZ, chegando a ocupar por duas vezes a presidência da entidade (1992/95 e 1998/2001). Segundo depoimento de José Olavo Borges Mendes, seu companheiro de luta na ABCZ, publicado no Portal Rural Notícias no dia seguinte a sua morte:

“A pecuária brasileira perde um verdadeiro ícone. O empreendedorismo de Rômulo e seu amor pela zebuicultura ajudaram à família ABCZ a crescer e prosperar. A atuação dele nas áreas política e pecuária foi marcante e ficará impregnada na história e no ‘coração’ de nossa entidade”, disse José Olavo.

A atuação do nosso colega não se limitou à área técnica, onde sob sua gestão foram implantados vários programas de interesse da bovinocultura e ações que fizeram a Exposição de Gado de Uberaba transformar-se na Exposição Internacional das Raças Zebuínas a partir de 1994. Na área política, uma das suas marcantes conquistas foi, a seu pedido, em nome da ABCZ, a inclusão do termo “pecuária” na nomenclatura do Ministério da Agricultura. E muito mais fez o nosso “Berabão” pela maior organização pecuária do mundo – a ABCZ, e, principalmente pelo desenvolvimento do agronegócio da produção de proteína animal. Por tudo isso ele foi agraciado entre outras honrarias com o Mérito Pecuário Internacional (no México e na Bolívia) e Líder Empresarial do Setor Carne (Gazeta Mercantil, em 1999 e 2000), Mérito ABCZ (2002). Para sua

família, sua viúva Maria da Graça e os filhos, nossa admiração pelo marido e pai exemplar que foi Rômulo Kardec de Camargos. Para todos nós, a cortante saudade de um ser humano que encantou a todos por onde passou.

Roberto “Bidet” Maciel Vidigal, um dos 8 integrantes da “família floresteira”, teve uma passagem significativa pelo serviço público. No Instituto Estadual de Florestas-IEF trabalhou por 8 meses. Neste período, fez o curso de extensão rural e participou da campanha integrada de reflorestamento do estado de Minas Gerais. Em 1972 ingressou na Companhia Vale do Rio Doce, ainda uma empresa estatal, através de concurso, tendo trabalhado em sua subsidiária – Florestas Rio Doce S.A-DOCEMADE no Espírito Santo, nos municípios de Linhares e São Mateus. Participou da implantação dos primeiros dez mil hectares de eucalipto na região. Em 1971, como convidado do Governo Canadense, conheceu a indústria florestal daquele país, tendo visitado as Províncias de Ontário, Quebec e British Columbia, além da Capital Ottawa. Finalmente em 1972 ingressou na Petróleo Brasileiro S.A.-Petrobrás, tendo participado da implantação e manutenção de florestas de pinus e eucaliptos na região do recôncavo baiano. Também participou da recuperação de áreas degradadas pela exploração do xisto com o plantio de espécies nativas no estado do Paraná. Foi coautor do livro “Adaptabilidade de Espécies Florestais de Rápido Crescimento em Solo Alterado pela Exploração do Xisto”. **“Bidet”** é outro *Berimbom* que ostenta em seu currículo um título não ligado a sua formação original de engenheiro florestal: em 1978 concluiu o curso de bacharel pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas, em Salvador/BA. Aposentado desde 1994 Roberto Vidigal vive na “boa terra” de São Salvador.

Orlando Lopes Vieira Leite, recebeu a alcunha de **“Tristeza”**, que de triste nunca teve nada. O apelido talvez fizesse menção ao modo humilde e discreto com que ele se conduziu durante o tempo de Viçosa e que se estendeu na vida profissional e social. Ele é um dos 5 floresteiros que não ficou na UFV, mas sua trajetória como servidor público e cidadão, no Brasil e em Portugal, onde vive, é exemplar. Tão logo terminou o curso de engenharia florestal foi trabalhar no Instituto Estadual de Florestas-IEF, onde ficou até 1989. Durante os anos de 1976 e 1978, prestou serviços para a empresa Floresta Rio Doce S/A, onde atuou no acompanhamento da execução física de projetos de reflorestamento; análise de produtividade e custo unitário de operações de reflorestamento. No IEF atuou na Divisão de Educação Conservacionista elaborando e planejando atividades de mobilização e conscientização dos recursos naturais renováveis, e em cursos de técnica de comunicação. No Escritório Florestal de Belo Horizonte trabalhou no fomento florestal nessa região, na educação ambiental, controle e fiscalização. Atuou na Divisão de Controle e Fiscalização Florestal, no controle do desmatamento conjuntamente à polícia florestal. Foi representante do IEF na Fundação Estadual de Meio Ambiente e na Câmara de Defesa de Ecossistema. Em Portugal fez estágio nos Serviços Florestais e Agrícolas na área de classificação de solos e cartografia. Obteve equivalência do Curso de Engenharia Florestal, concedida pela Universidade Técnica de Lisboa e Curso de Divulgação das Tecnologias de Informação. Ainda no Brasil fez Curso de Pedagogia. A par dessa profícua atividade profissional, o cidadão Orlando Lopes, aposentado, está envolvido em atividades voluntárias e religiosas na cidade de Vizeu, onde mora. Na Santa Casa local presta serviços diversos e na Paróquia do Coração de Jesus auxilia no atendimento da Secretaria e no apoio domiciliar a idosos e doentes acamados. Como Ministro Extraordinário da Comunhão, fez o curso de teologia para melhor servir à comunidade. Ainda encontra tempo para “atividades sênior”, organizadas pela Câmara Municipal de Viseu, como ginástica, hidroginástica, caminhadas, yoga, dança regional e Grupo Coral. Esse é, em rápidas pinceladas, o extraordinário currículo do diamantinense Orlando Lopes Vieira Leite, brasileiro de naturalidade, mas lusitano de coração.

José Luiz “Seriema” Neves Sudré, ostenta uma rica biografia de múltiplos e relevantes serviços como servidor público e como membro de órgãos representativos da categoria a que pertence em seu estado natal, o Espírito Santo. Primeiro colocado no concurso público estadual em 1973, para o cargo efetivo de Engenheiro Agrônomo da Secretaria de Agricultura do Estado do Espírito Santo, Sudré exerceu a função de Engenheiro Agrônomo na Secretaria Estadual de Agricultura-SEAG no período de 1973-1993. Participou de conselhos, comissões, elaboração de projetos, assessorias, congressos, seminários, publicação de artigos técnicos, divulgações, palestras, dentre outras atividades correlatas, sendo também homenageado por diversas associações e entidades de classe. SEAG; COFAI-Companhia de Fomento Agroindustrial; Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária-EMCAPA; EMATER-ES; EMESPE; Comissão de Licitação da Cases foram algumas das entidades públicas por onde ele passou deixando sua marca de competência e compromisso no trato da coisa coletiva. Sua contribuição se estendeu a outros municípios capixabas. Em Marechal Floriano foi Secretário Municipal de Agricultura, de 2005 a 2008. Em Domingos Martins foi Superintendente da Associação Comercial e Empresarial de Domingos Martins-ACE/DM, entre 2013 e 2015. Se não bastasse, foi conselheiro do CREA-ES e vice-presidente da Sociedade Espíritosantense de Engenheiros Agrônomos-SEEA (1972-1973) e presidente da entidade (1973-1976). A par desse intenso envolvimento no setor público, nosso colega ainda encontrou tempo e disposição para avançar em negócios privados nas áreas de avicultura, floricultura e comercialização de hortifrutigranjeiros, com sua simpatia e refinada educação.

Luiz “Tortura” Gomes de Souza começou sua carreira na iniciativa privada em Goiânia, trabalhando em um escritório privado na elaboração de projetos para a exploração da pecuária de corte. Experiência maravilhosa, pois assistiu a grande transformação do cerrado em áreas de produção intensa. E foi com a também valiosa experiência de Goiânia que Luiz Gomes foi para Brasília, dando início à fulgurante carreira no setor público. No Gabinete do Ministro da Agricultura sua função era organizar informações sobre o financiamento da agricultura para assessoramento da participação do Ministro no Conselho Monetário Nacional. Por um pequeno período passou pelo Conselho Nacional da Pecuária e dali, em 1975, para a Embrapa no começo de sua estruturação. Após um Mestrado em Montpellier, na França, acabou sendo arrastado para funções gerenciais, ocupando cargos relacionados ao planejamento estratégico da empresa, onde ficou até 2010. Nesse período “embrapiano”, foi “cedido” para o Ministério da Agricultura, onde atuou nas áreas de cooperativismo, gestão de programas especiais e na Secretaria Executiva. Hoje “Tortura” cuida de seu sítio em Ubá-MG, sua terra natal e da família. Inteligência privilegiada e prosa sempre muito bem articulada, Luiz Gomes é figura constante nos encontros do *Berimbau*.

Jadir Viana Santos, o “Candango”, não veio de Brasília como o apelido poderia indicar, mas sim do Espírito Santo. Ainda trabalhando regularmente como consultor, Jadir desenvolveu uma extraordinária carreira em órgãos públicos do estado capixaba iniciada no Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo S.A., atual BANESTES, numa passagem fugaz de apenas 6 meses porque, a convite do colega Luiz Gomes, foi para Goiânia trabalhar com crédito rural. Em 1971 retornou ao Espírito Santo como Assessor Técnico da Secretaria de Agricultura do Estado-SEAG. A preparação para voos mais longos prosseguiu: em 1973 fez o Curso de Planejamento a Nível Estadual, no CENDEC/IPEA, em Brasília. Ao voltar, participou da criação do Instituto de Planejamento Agrícola do Estado-ICEPA, mas sentindo a necessidade de qualificação, Jadir partiu para o Curso de Mestrado em Economia Rural, em Viçosa/MG, de 1977 a 1979, já como Assessor Técnico de Planejamento Agropecuário da SEAG. Por último fez Curso de Planejamento Agrícola na Universidade Federal do Espírito Santo. As promoções continuaram dentro do ICEPA. Na sequência trabalhou como Chefe de Gabinete da SEAG e, em 1985, foi convidado para novo

desafio: de junho de 1985 a agosto de 1989 exerceu o cargo de Delegado Estadual do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF, cujas atribuições são atualmente desenvolvidas pelo IBAMA. A busca por novos desafios e mais conhecimentos não havia terminado. De 1990 a 1999 participou da reorganização do Sistema SEAG, ocupando cargos de diretoria em empresas do Sistema SEAG, ampliando seus conhecimentos em diversas áreas do agronegócio. Antes de se aposentar no serviço público ainda fez Curso de Capacitação em Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável e trabalhou na Secretaria de Estado de Planejamento-SEPLAN. Uma incrível carreira de muito sucesso e uma valiosa contribuição à administração pública do Espírito Santo.

Afrânio “Morceguinho” Vasconcelos Barros e José “Jeb” Edmundo Brandão: um fitotecnista e o outro zootecnista trilharam caminhos distintos até chegarem ao Instituto Brasileiro do Café. O fitotecnista **Afrânio** foi acarino, mas permaneceu apenas 1 ano na ACAR-MG, em Manhuaçu-MG, região cafeeira. Talvez por ter gostado da rubiácea e ter adquirido grande experiência no seu cultivo durante o tempo de extensionista, fez concurso no IBC e nele trabalhou até sua extinção em 1990. **“Morceguinho”** rodou por várias cidades da zona da Mata mineira no cargo de Chefe de Serviço Local de Assistência a Cafeicultura-SELAC: Manhuaçu, Manhumirim, Ponte Nova, Juiz de Fora, Muriaé e no estado do Rio, Valença e Natividade. Em Caratinga foi assessor técnico na Agência Regional do IBC da Zona da Mata. Após 1990, com a extinção do IBC, foi alocado para o Mapa em Muriaé e por último no Procafé em Convênio com a Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Muriaé. Aposentou-se em 2002 e continuou na cafeicultura dando consultoria a diversas propriedades cafeeiras da região de Muriaé, cidade onde reside atualmente. **José Edmundo**, zootecnista, iniciou a carreira em 1969 numa empresa agrícola na região de Buritizeiro-MG, no vale do São Francisco. Insatisfeito com o trabalho nessa fazenda, **Jeb** demitiu-se e prestou concurso no IBC e em 1970 foi para o Espírito Santo trabalhar com café. Em 1971, foi designado para assumir a chefia do escritório do IBC, em Santa Teresa-ES, região centro-serrana do Estado. Com a extinção do IBC, foi transferido para o Ministério da Agricultura, onde se aposentou como Auditor Fiscal Federal Agropecuário e atualmente mora em Vila Velha-ES. Dois servidores públicos exemplares que contribuíram para transformar os dois estados – Minas e Espírito Santo – em grandes produtores do Arábica e do Robusta.

Eduardo Marcelino “Cuprita” de Moura Estevão, saiu de Ubá-MG, sua terra natal, em fevereiro de 1969 para um desafio a 1.000 km de casa: assumir um Escritório em Planaltina, cidade satélite no Distrito Federal. Como membro da pequena equipe na implantação da ACAR-DF, Eduardo não se contentou com a rotina da extensão rural: ousadamente procurou o Ministério do Planejamento e foi atendido pelo Diretor do IPEA, a quem propôs a implantação no DF (Núcleo Bandeirantes ou Taguatinga) de um Mercado Atacadista, onde produtores e atacadistas de hortigranjeiros pudessem cumprir sua missão em ambiente mais sadio uma vez que tudo era realizado a céu aberto. Esta ousadia lhe custou encarar novo desafio: convidado a participar de uma seleta equipe de Consultores Técnicos com a responsabilidade de criar no Brasil um Sistema de Abastecimento que resultou na implantação das Centrais de Abastecimento-CEASAS, pelas quais foi responsável direto por ter implantado duas delas como Diretor Técnico Financeiro, o CEASA de Brasília e o CEASA de Goiânia. “Cuprita” não parou por aí. Resolvido a retornar a Ubá por necessidades familiares, ele mais uma vez foi demandado a encarar um novo desafio; agora na concepção e operacionalização de um processo de desenvolvimento a partir da integração de esforços, mas com uma visão inovadora. Daí surgiu o PROGRAMA INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO RURAL da ZONA DA MATA-PRODEMATA, e Eduardo passou a integrar o quadro de funcionários da RURALMINAS, então gestora e coordenadora do programa. Cumprida essa missão, passou para a iniciativa privada, atuando como consultor em projetos de interesse da indústria moveleira de Ubá. Hoje, aposentado, Eduardo Marcelino se dedica a cuidar de seu sítio, administrar um espólio de família e, prioritariamente e em

parceria com sua guerreira esposa, dedica-se a desenvolver um novo projeto de vida como CONSULTOR INDEPENDENTE HERBALIFE. Sempre que entrarmos ou passarmos ao lado de um CEASA, devemos lembrar do alegre e comunicativo “**Cuprita**”.

João Venâncio “Tiziu” Soares fez parte da *troupe* da irrigação que foi contratada pela SUVALE para trabalhar no Nordeste. “Tiziu” e mais 6 *Berimbons* foram destacados para Juazeiro-BA e implantaram o que é hoje o maior pólo de produção de frutas da América Latina. Depois seguiu para Propriá-SE, onde trabalhou por três anos e quatro meses como Assistente Técnico de vários projetos e Responsável Técnico pelo campo de produção de sementes de arroz irrigado. Depois dessa temporada no Nordeste, retornou à terra natal, Uberaba, onde trabalhou de abril a dezembro de 1972 como Assistente Técnico do Sindicato Rural de Uberaba-MG. Na fase seguinte e fazendo o caminho inverso da maioria dos colegas, “**Tiziu**” foi contratado pela ACAR-GO onde trabalhou em projetos de irrigação de várzeas na região de Paraúna-GO. Pela qualidade do serviço apresentado foi transferido para o Escritório Regional da ACAR-GO, Rio Verde com a incumbência de dinamizar a agricultura local, em maio de 1974. Em função dos bons resultados do seu trabalho, o índice de produtividade de diversas culturas foi incrementado e o nosso “Tiziu” foi agraciado com a COMENDA SEBASTIÃO ARANTES em reconhecimento aos trabalhos prestados à região. João Venâncio Soares possui um respeitável currículo acadêmico, além da graduação em agronomia pela UREM-G: Curso de Drenagem de Terras – Holanda-1975; Curso de Agricultura Geral – Iugoslávia – 1980; graduado em Direito pela Universidade de Rio Verde – 1989; Pós-graduação *lato sensu* em Engenharia de Segurança do Trabalho – UniRV-2002; MBA em Gestão, Auditorias e Perícias Ambientais – Instituto de Pós-graduação de Goiás – 2008. Ainda na área pública, foi Secretário Municipal de Agricultura de Rio Verde-GO – 2000; Secretário Geral do Conselho de Meio Ambiente de 2001 a 2008, cargos em que João Venâncio Soares, o “**Tiziu**” do *Berimbau*, contribuiu com excelentes trabalhos para a região de Rio Verde-GO.

Dinarte Antônio “Pinduca” de Souza Carmo, fez parte da *troupe* amazonense juntamente com 5 colegas do *Berimbau*. Trabalhou no Escritório Local de Manaus, prestando assistência técnica aos produtores rurais, principalmente aos Japoneses da Colônia Efigênio Sales na Estrada Manaus-Itacoatiara, até fevereiro de 1979. Transferiu-se para Brasília e assumiu o Núcleo de Controle Orçamentário, recém-criado na EMBRATER. Trabalhando, teve a oportunidade de fazer o Curso de Pós-Graduação em Nível de Mestrado, na Universidade Federal de Viçosa. Viu a oportunidade de se dedicar ao que mais desejava: estudar e trabalhar com hidráulica aplicada em irrigação. Terminou o mestrado e voltando à Brasília assumiu uma coordenação técnica dos recém-criados Programas de Irrigação PROVARZEAS E PROFIR. Nesse Programa, Dinarte foi responsável pelo treinamento em técnicas modernas de irrigação para mais de 700 profissionais de entidades públicas e privadas. Durante sua vida profissional “**Pinduca**” fez cursos, exerceu diversos cargos, elaborou e implantou projetos de irrigação, publicou trabalhos e estudos, participou de congressos e esteve envolvido em atividades de magistério. Em 1996 foi transferido para a Superintendência Federal da Agricultura, em Minas Gerais, trabalhando na Vigilância Internacional da Agricultura – VIGIAGRO - exercendo o Cargo de Chefe da Equipe por 12 anos. Aposentou-se em junho de 2011. Em seu rico texto autobiográfico estão expostas suas valiosas contribuições no setor de irrigação. Um colega que desfruta de muito prestígio nos meios técnicos e a amizade da *Turma do Berimbau*.

André Carlos Ferreira Xavier, o “**André Piraúba**” ou “**André Lelé**”, deixou uma vasta e valiosa contribuição com total dedicação ao serviço público. O começo foi na ACAR-DF, onde prestou grandes e excelentes serviços na área de mecanização agrícola junto à Secretaria de Agricultura e Pecuária do Distrito Federal. Sua capacidade técnica e gerencial o levou à direção da

Empresa de Mecanização Agrícola de Goiás, onde trabalhou um bom tempo. Voltando para Minas Gerais, ingressou na Fundação Rural Mineira de Colonização e Desenvolvimento Agrário-RURALMINAS, atuando como Gerente da Área de Mecanização. Foi também Superintendente de Agropecuária da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais e Diretor da Secretaria Municipal de Transporte da Prefeitura de Belo Horizonte. Deixando o serviço público, ingressou na política partidária e se elegeu prefeito de sua cidade natal, Piraúba-MG. Além do legado como funcionário público e político, “André Piraúba” deixou uma enorme saudade em tantos quantos o conheceram de perto, como nós, seus colegas do *Berimbau*.

Fernando Antônio Rodriguez, nosso “**Brasiguai**”, natural de Assunción Del Paraguay, brasileiro naturalizado, fez e continua fazendo ações, dando contribuições ao Brasil em diferentes campos do agronegócio. De impressionante retrospecto como servidor público e sempre ligado às questões da hidrologia e meio ambiente, “Quiabo” foi Diretor da CODESVAF; trabalhou no Ministério Extraordinário da Irrigação e após a extinção desse, foi Secretário Nacional de Irrigação; Secretário Estadual de Agricultura de Minas Gerais e Vice-Reitor da UFV. Em Brasília, onde vive, ou em qualquer canto do país onde haja questões ligadas à irrigação, água, produção agrícola e meio ambiente, o incansável **Fernando “Quiabo”** é sempre uma voz aconselhadora e presente nas decisões em prol do desenvolvimento do Brasil.

Lairson Couto faz o que muitos de nós fizeram e que qualquer cidadão gozando de boa saúde deveria fazer: continuar trabalhando depois de aposentado e prosseguir prestando serviços às suas comunidades. Em Sete Lagoas-MG, onde mora, Lairson foi Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Políticas Urbanas e Meio Ambiente de Sete Lagoas, de 2005 a 2006; Coordenador da elaboração do Plano Diretor Participativo e das Leis Complementares do Município de Sete Lagoas de 2005 a 2006; Presidente do Serviço Autônomo de Água e Esgoto-SAAE de 2007 a 2008; Coordenador Geral do Subcomitê do Ribeirão Jequitibá de 2013 a 2017; Diretor Financeiro da Associação Setelagoana de Engenheiros, de agosto de 2014 até a presente data; Consultor da Secretaria de Obras, Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano na revisão das Leis Complementares ao Plano Diretor de Sete Lagoas, de janeiro a outubro de 2015; Secretário Municipal de Meio Ambiente de Sete Lagoas de 2009 a 2011. Lairson é um exemplo de cidadania.

Antônio Dutra “Cauby” de Freitas Neto, também tratado por “**Netinho**” pelos colegas do *Berimbau*, teve uma bem-sucedida carreira no serviço público, trabalhando no Departamento Nacional de Obras e Saneamento-DNOS no Sul de Minas. Nesse órgão, entre 1969 e 1980, fez projetos e executou diversas obras de drenagem e recuperação de áreas sujeitas a inundação para uso em agricultura irrigada. No período seguinte, executou obras de terraplenagem para utilização na agricultura, comércio e indústria, em obras de infraestrutura como redes de água potável, esgoto sanitário, drenagem superficial, guias e sarjetas em centros urbanos e empreendimentos imobiliários. “**Netinho**” vive há muitos anos em Pouso Alegre, no Sul de Minas.

Clóves Roberto Melo Alvares: se perguntarmos sobre quem é **Clóves Roberto Melo Alvares**, certamente poucos colegas saberão de quem se trata, mas do “**Profeta**” todos se lembrarão. Clóves é mais um que deu partida em sua carreira na ACAR-MG. Prestou seus serviços ao escritório de Teófilo Otoni-MG, onde ficou até 1970 quando recebeu uma proposta de trabalho na cidade de São Paulo para trabalhar na carteira agrícola de um banco. Como engenheiro agrônomo, ele inspecionava a execução de projetos financiados pelo banco e desse modo conheceu várias regiões dos estados de São Paulo e do Paraná. A permanência nesse emprego foi curta pois em 1971 “Profeta” prestou concurso e foi aprovado para a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, lotado no conceituado Instituto Biológico de São Paulo. Posteriormente, transferido para Campinas ele trabalhou na Fazenda Mato Dentro que desenvolvia pesquisa e experimentação em

café por quase todas as regiões cafeeiras do Estado de São Paulo. No final de 1972 após prestar concurso público para o IBC e ser aprovado, casou-se e logo depois assumiu o cargo de Eng^o.-Agrônomo chefe do Escritório Local de Assistência à Cafeicultura (SELAC) de Manhumirim-MG. Nesse cargo, “Profeta” geriu o processo de renovação cafeeira que acontecia em vários municípios mineiros sob sua jurisdição (Manhumirim, Caratinga, Laginha, Muriaé, Mutum, Chalé, Conceição de Ipanema, São José do Mantimento, Presidente Soares, e Caparaó). Até o final da década de 1980, nessa região, implantou cerca de 80 milhões de cafeeiros com ótimos reflexos na economia. Paralelo a isso, Clóves Roberto foi também cafeicultor em Manhumirim no antigo distrito de Martins Soares onde plantou 60 mil pés de café semi-adensados, por mais de 30 anos num sítio que foi vendido em 2013. Enquanto cafeicultor, entre 1982 e 1994, adquiriu uma “paixão” pela Apicultura. De 1995 quando se aposentou até hoje mantém-se em atividade num pequeno sítio em Tocantins-MG, sua terra natal. Por fim, não poderia ficar sem registro o edificante trabalho voluntário que o nosso estimado “Profeta” realizou em prol do meio ambiente em sua cidade. Numa área de 2 hectares determinada pelo IBAMA como Área de Preservação Permanente (APP) e que sempre esteve abandonada e degradada, objeto de queimadas recorrentes, ele resolveu reflorestá-la com espécies da Mata Atlântica e frutas em geral para atrair a fauna local. As mudas, na maioria, “Profeta” mesmo as fez, outras ganhou e às vezes chegou a pagar com seu próprio dinheiro. Esse trabalho foi iniciado em 2012 e hoje já se pode contemplar a plena formação da vegetação que já está cobrindo a área. É Clóves Roberto, o “**Profeta**” que diz em tom *profético*:

“Espero que um dia uma velha mina d’água que lá havia volte a correr”.

Casado, 4 filhos, 2 netos, “**Profeta**” mora em sua querida Tocantins-MG, cidade da Mata Mineira.

Maria Alice Ladeira, a querida, doce e saudosa “**Tampa**”, não trabalhou na atividade pública formal, porém fez um trabalho voluntário digno de ser registrado em nosso Memorial. Pelas palavras de seu filho Cláudio, autor da biografia da Mãe:

“A primeira palavra que vem a minha cabeça para descrever a Maria Alice Ladeira é: BONDADE. ”

Ainda como estudante universitária Maria Alice ajudava os velhos desamparados do Lar dos Velhinhos. Logo após se formar, “Tampa” casou-se com o Professor Hércio Ladeira e acompanhando o marido foi morar na Alemanha onde teve oportunidade de conhecer quase toda a Europa. Esse tempo fora do Brasil, convivendo com pessoas e culturas diferentes lhe deu a certeza de que todas as pessoas são iguais, não importa onde você esteja. De volta a Viçosa Maria Alice se tornou muito ativa na prestação de serviços comunitários. Ajudou na Obra do Berço, no Grupo de Oração, e principalmente nas atividades da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Ela descobriu que muitas pessoas que iam à missa não sabiam ler e então criou um grupo de leitores para que as leituras ficassem claras e bem interpretadas. Fazia isso com muito prazer e orgulho. Em novembro de 2001, infelizmente, Maria Alice faleceu deixando seu legado: três maravilhosos filhos, uma obra social e uma saudade cuja melhor tradução é do próprio filho Claudio Silva Ladeira:

“... a saudade que tenho dela não dói mais, ela me ensinou a ser feliz, a ajudar ao próximo, e sei que um dia eu estarei ao lado dela na eternidade.”

Berimbau na banca

A “Banca”, o termo que a mídia usa frequentemente para se referir ao sistema financeiro foi o setor no qual os colegas **Ivone Mendes Ferreira**, **Antônio Vieira Guimarães**, **Massamite Araki** e **Koji Hino** atuaram com sucesso, provando que os *Berimbons*, além de excelentes profissionais da agronomia, também entendem de economia e finanças.

Ivone Mendes Ferreira, nossa querida colega “**Mangalarga**”, uberabense da gema, fez carreira no setor público, trabalhando de 1975 até se aposentar em 2001. Antes, porém, concedeu-se um período sabático de 7 anos sem emprego formal, auxiliando os pais e acompanhando os irmãos Ivo, também do *Berimbau*, e o caçula Ivan na administração dos negócios de agropecuária da família. Depois disso, em 1975, começou a carreira no serviço público: primeiro, no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA, onde trabalhou por 1 ano e meio. Em seguida, prestou concurso para o Banco Central do Brasil-BACEN, foi aprovada e lá trabalhou de 1977 até se aposentar em 2001. No BACEN atuou na área de análise e fiscalização de projetos, com foco no programa PROALCOOL. Encerrou sua passagem pelo BACEN trabalhando na Área de Recursos Materiais quando se aposentou em dezembro de 2001. Hoje vive em Brasília, curtindo viagens e o convívio com a irmã.

Antônio “Alambique” Vieira Guimarães ou simplesmente **Tonico Guimarães**, como também ficou conhecido na UREMG, com a sua modéstia, iniciou seu texto autobiográfico afirmando:

“Minha história é curta e simples, atuei praticamente em uma única instituição privada, chamada Citibank S.A.”

Que nos desculpe o “**Tonico**”, mas sua trajetória é longa e riquíssima. Para o conjunto dos seus colegas agrônomos, floresteiros e economistas domésticas, sua história narra uma carreira inusitada e repleta de sucesso e de contribuições. Vamos recordá-la. Logo após 1968, “**Alambique**” teve uma rápida passagem pelo IBRA, atualmente INCRA, no Rio de Janeiro, onde ficou apenas 6 meses. Por sugestão de um amigo que soubera de uma demanda por um agrônomo, “**Tonico**” se apresentou ao Banco Americano, cuja razão social era simplesmente “THE FIRST NATIONAL CITIBANK OF NEW YORK”. Foi contratado e deve ter ensinado muita coisa sobre agronomia para o pessoal do City Bank, e agradeceu pois lá permaneceu por longos 35 anos. Sua trajetória no City, como ele explica, é dividida em 2 etapas. Na primeira etapa, a partir de 1969, por cerca de 10 anos dedicou-se à análise de projetos agropecuários atuando na Carteira de Crédito Rural. Depois mergulhou em projetos agroindustriais de grande monta, nas regiões onde pulsava o coração do agronegócio na época: Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Campinas e adjacências, com alguma extensão para o estado de Goiás e Mato Grosso do Sul. Nos 25 anos seguintes Antônio Guimarães foi envolvido em projetos maiores do banco, atuando na parte Administrativa e Executiva. Nessa fase passou por vários cargos como Supervisor, Team Leader, Branch Head, Citibusiness Head, Remedial Management Head, Early Warning Head e outros, tendo chegado à titulação de “Vice President Resident”, da organização. Entre outras tarefas o vice-presidente “**Tonico**” abriu e implantou a Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários em Maceió e implantou Financeiras em Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. Para chegar aonde chegou a formação básica em economia agrícola foi alicerçada na UREMG passando pela Fundação Dom Cabral- Belo Horizonte onde Tonico buscou especialização em Engenharia Econômica. Com esse “plus acadêmico” ele se capacitou para atuação em grandes projetos do Agronegócio, com recursos advindos do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento-BIRD. A matemática financeira também lhe proporcionou

oportunidades, levando-o a atuar como instrutor perante a Universidade Citigroup, principalmente na área de CREDIT AND COLLETION. No capítulo das contribuições, é obvio que, para a instituição, a colaboração foi altamente significativa. Nenhum executivo no setor privado permanece 35 anos sem colaborar efetivamente. Para o desenvolvimento do país, sua atuação teve peso significativo na captação e aplicação de recursos financeiros destinados a grandes projetos agropecuários. Depois dos 35 anos de City Bank, Guimarães se tornou consultor financeiro e empresarial, atuando no Lemon Bank, onde ficou por 4 anos. Seus inúmeros feitos profissionais e pessoais, bem como suas muitas premiações podem ser confirmadas com a leitura de sua autobiografia nos anexos deste Memorial. Atualmente, “Tonico” vive em Juiz de Fora curtindo a merecida e honrada aposentadoria. Para quem passou grande parte da vida tratando das finanças da “banca”, agora ajuda a tratar dos males dos mortais: em parceria com um familiar farmacêutico, em 2013 “**Tonico**” abriu uma farmácia em Juiz de Fora.

Koji “Kabacinha” Hino foi outro representante do *Berimbau* na “banca”. Ao se formar em economia rural “**Kabacinha**” já tinha conseguido emprego. Terminando o curso, apareceu, em Viçosa, um funcionário de um banco paulista para recrutar engenheiros-agrônomos interessados em trabalhar na área de crédito rural no estado de São Paulo. Koji foi aprovado na entrevista e aceitou o convite do Banco Bandeirantes e já no dia primeiro de janeiro de 1969 tomou posse no cargo de Assistente Técnico de Crédito Rural. Assim Koji Hino – e muitos outros agrônomos – surfou na onda da demanda premente dos bancos privados que precisavam se estruturar para atender a uma resolução do Governo Federal de 1967. Resolução essa que criava a política de crédito rural em todo país. Essa instituição financeira tinha forte atuação no interior do estado de São Paulo e por lá nosso economista rural desenvolveu seu trabalho de 1969 até 2000, quando o Banco Bandeirantes foi incorporado ao Banco Unibanco. Nesse momento “**Kabacinha**” deixou o emprego e partiu para o empreendedorismo, fundando uma lavanderia doméstica denominada Lavfast Lavanderia Doméstica, na cidade de São Paulo. É desse empreendimento que o estimado Koji Hino cuida há 30 anos. Casado, 4 filhos e 4 netos, ele vive em São Paulo, capital, esperando receber os velhos colegas do *Berimbau* para um bate-papo.

Massamite Araki, o japonês “**de Araki**”, fecha o quarteto dos *Berimbons* que trabalharam na banca financeira. Araki não foi direto para o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais-BDMG, onde trabalhou de 1976 até se aposentar em 2005. Logo após a formatura, trabalhou durante um curto tempo em Ubá-MG, onde conheceu Edite com quem casou, teve 1 filha que lhe deu 2 netos. Em 1971 trabalhou no Instituto Brasileiro do Café-IBC, correndo de um lado para outro no combate à ferrugem do cafeeiro. Viajou por várias cidades das regiões cafeeiras de Minas e do Paraná. Foram 6 anos de IBC que terminaram em Belo Horizonte. Cansado dessa incessante atividade, Araki resolveu deixar o emprego para participar de um concurso do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais-BDMG. Eram 16 candidatos para 4 vagas e ele foi aprovado para trabalhar na área de Desenvolvimento Rural, no programa Prodecer nas cidades de Coromandel, Paracatu e Unaí, todas em Minas Gerais. Mais adiante Massamite participou também do Projeto Jaíba cuja implantação foi financiada pelo BDMG. Em 1994 trabalhou no Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais-INDI, na área de Estudos Econômicos. No ano de 1996 foi contemplado pelo governo Japonês, através da Japan International Cooperation Agency-JICA, com uma bolsa de estudo no curso de pós-graduação em Desenvolvimento Industrial Sustentável na cidade de Kitakyushu, onde se localiza a siderúrgica Nippon Steel. Ao retornar começou a trabalhar na área de meio ambiente, fazendo parte da Comissão de Meio Ambiente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais-FIEMG e outras entidades afins. Em 2005 requereu aposentadoria após 36 anos de contribuição ao INSS. Massamite Araki hoje vive em Belo

Horizonte e leva uma vida metódica, fazendo caminhadas diárias na Avenida Bandeirantes, depois de anos de estrada e de escritório.

V

Berimbau nas atividades extracurriculares

Berimbau nos esportes

No segmento esportivo da UREMG/UFV o **Clube do Berimbau** teve, também, uma participação bastante expressiva. Um de seus integrantes – **Reginaldo Amaral** – foi presidente da Liga Universitária Viçosense de Esportes – LUVE. A colega **Sheila Magda**, era a secretária e outro colega **José Belizário Valadares** e um dos Diretores de Esporte, contando ainda com amigos de outros clubes na administração da Liga. Durante o mandato, além da abertura das Olimpíadas Internas, que ocorriam anualmente, foram realizadas diversas competições esportivas, entre outras, contra a Universidade de Brasília (UnB), com Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-ESALQ, em Campinas e Universidade Federal de Lavras-UFLA, em Lavras. Fato que merece destaque foi a solicitação/determinação do Magnífico Reitor Dr. Edson Postch Magalhães, que naquele ano se fizesse a abertura das olimpíadas no espaço onde se ergueria o complexo esportivo da Universidade. No espaço já terraplanado do campo de futebol, toda uma infraestrutura foi montada para o evento. Entretanto, um fortíssimo temporal no dia anterior, transformou o local totalmente inapropriado para o fato. Era primavera, mas o céu estava carrancudo, nuvens negras, um “toró” pronto para desabar. Estávamos aflitos a fim de terminar logo a cerimônia para não tomarmos um banho vindo do céu. Foi quando, no início do discurso do reitor que dizia “*nessa radiosa manhã de sol primaveril...*” um relâmpago seguido de um forte trovão ecoou e desceu “água que Deus mandou”. A turma se dispersou, o discurso foi interrompido e a fala do Senhor Reitor “viralizou”, virou piada em toda a universidade. Que manhã de sol que nada! Desde cedo estava armando uma tempestade. Nem com licença poética a gente engoliu “*a radiosa manhã de sol primaveril*”. Esse foi o motivo para o inesquecível discurso de abertura da olimpíada pelo Reitor. Colegas se destacaram em diversas modalidades esportivas como futebol (**Roberto Pinto e Lairson Lopes**), futebol de salão (**Antônio Jorge, Saraiva**), vôlei e basquete (**Reginaldo, Igor, Romulo Camargos, Roberto Myhrra**), natação e polo aquático (**Eliziário, Luiz Marcio, Fabio Zenaide, Fernando Paiva e Marcos Gonçalves**), principalmente. No “*alterocopismo*” a luta sempre foi muito acirrada e até hoje, ao comemorarmos os 50 anos de graduação, não conseguimos lembrar de apenas um campeão.

Berimbau nas artes e na comunicação

Berimbau no Teatro Universitário de Viçosa-TUV

O **Berimbau** foi um clube bastante participativo no meio artístico da Universidade. Participamos do Clube de Oratória com atuação direta da **Berimboa** Sheila “**Dida Linha**” como secretária e declamadora sendo que a poesia “*Nêga Fulô*” de Jorge de Lima tornou-se sua marca registrada. Também apresentamos vários esquetes no Salão Nobre do prédio principal com participação dos **Berimbons** **Luiz Márcio “Coronel Quá-Quá” Cintra, Dida Linha** entre outros.

Apresentamos 2 peças de teatro com grande sucesso: “Toda Donzela tem um pai que é uma fera” de Gláucio Gil e “Testemunha da Acusação” de Agatha Christie. Com a peça “Toda donzela tem um pai que é uma fera” levamos o nome do TUV além das fronteiras viçosenses. Apresentamos em Lavras-MG e excursionamos por várias cidades capixabas: Castelo-ES, Cachoeiro de Itapemirim-ES e Alegre-ES. Também ensaiamos as peças: “Navalha na Carne”, “Mico Preto” e “Universitário morre às 8”, mas não foram apresentadas ao público. Vale destacar a garra e o empenho do **Berimbom Luiz Márcio Valle de Ulhôa Cintra**, saudoso “**Coronel Quá-Quá**”, que foi um diretor teatral por excelência e a ele creditamos nosso sucesso. Inúmeros **Berimbons** e **Berimboas** participaram do TUV tanto como atores como pessoal técnico, entre eles: **Ana Rosa Botelho**, **Reginaldo Conde**, **Reginaldo Amaral**, **Toshio Hara**, **Roque Marinato**, **Dinarte**, **Fernando Rodrigues**.

Berimbau nas comunicações e nos serviços universitários

O **Berimbau** teve significativa participação em órgãos e ações de comunicação na antiga UREMG. Criamos o jornal “**O MARTELO**”, que se tornou o porta-voz do nosso Clube cujo slogan era:

“Enquanto o Martelo Bate, o Berimbau vibra!”

“O Martelo” foi uma revolução na comunicação, forçando a Gazeta Universitária-GU da época a se reformular para se tornar um veículo de maior credibilidade. Nele atuaram com brilhantismo os colegas “**Alberto Paraná**”, “**Tião Seu Ôvo**”, “**Carlinhos Schlottfeldt**”, **Luiz Márcio Cintra**, “**Graveto**” e “**Saraiva**”.

A **GAZETA UNIVERSITÁRIA-GU** desde sua criação teve sua melhor fase sob a direção e batuta do “Mestre” **Reginaldo Conde** na sua presidência e a colaboração de **José Luiz Sudré** no planejamento. De um tímido jornal preocupado com notícias sociais e locais, a GU tornou-se um respeitável veículo comprometido com a divulgação de notícias de interesse nacional.

A **REVISTA SEIVA**, editada pelo Diretório Acadêmico Artur Bernardes-DAAB foi criada em 1940. Entre outras finalidades publicava artigos técnico-científicos de alunos e professores. O **Berimbau** contribuiu fortemente para a sua continuidade e aperfeiçoamento. Pela **SEIVA** passaram “**Reginaldo Carijó**”, “**Fábio Titico**”, “**Fernando Quiabo**”, “**Tiziu**”, **Tânia**, **Marcelo** e muitos outros.

Na prestação de serviços aos estudantes, a Cooperativa Estudantil dos Alunos e Professores da ESAV Ltda-CEAPEL foi criada em 1942 pelos alunos e em 1966 estatutariamente transformada em **COOPERATIVA ESTUDANTIL DOS ALUNOS E PROFESSORES DA UREMG LTDA-CEAPUL**, onde também contou com a participação do **Berimbau** através dos colegas “**Fernando Quiabo**” na presidência, **Toshio Hara** na secretaria, e os balconistas **Ozires “Zarur” Koji Hino**, **Henriqueta**, **Soninha** e **Tânia**. Todos entregaram seu tempo livre e seu talento à prestação de serviços voltada para a comunidade universitária.

Berimbau na política estudantil

De 1965 quando chegamos a UREMG até 1968 quando formamos, testemunhamos um dos períodos mais difíceis da vida nacional. Sob o regime militar, implantado no país pelo movimento de 31 de março de 1964, os estudantes da UREMG viveram momentos de alta tensão política. A atuação do **Berimbau** foi marcada pela independência e equilíbrio na gestão dos três diretórios

acadêmicos da UREMG e na condução de manifestações contra os desvios e ações antidemocráticas do regime. Na presidência do DAAB da Agronomia tivemos o **Luiz Marcio Cintra (66/67)** e o **Fernando Rodriguez (67/68)**, tendo como vice-presidentes respectivamente **Fábio Zenaide Maia** e **Paulo Motta Ribas**. O DANA da Engenharia Florestal teve na sua presidência o colega **José Silveira Rivelli**, responsável pela considerada melhor gestão desde a fundação deste diretório. O DAOK da Economia Doméstica foi presidido por **Maria Lúcia Moura Silva** tendo como vice **Henriqueta Merçon**. Nossas participações na política estudantil nos renderam dificuldades pessoais, mas em compensação solidificou nossos entendimentos sobre a forma civilizada de fazer política voltada aos interesses da sociedade e do país. Modestamente fizemos parte de um capítulo dramático na história do Brasil.

VI

O significado da festa de 50 anos

O modelo universitário

Na introdução deste Memorial foi dito que para entender o significado dessa festa, seria necessário ter vivido a experiência de cursar a UFV e sua antecessora UREMG, ou mergulhar na história da Instituição. A história oficial da criação da Universidade está muito bem detalhada no capítulo DA ESAV À UFV, QUASE UM SÉCULO DE PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES. A narrativa de como tudo começou, por si só, deixa claramente uma pista para explicar porque os ex-alunos reverenciam a Instituição e valorizam os encontros anuais com tanto carinho. A Escola Superior de Agricultura de Viçosa, inspirada no modelo norte-americano dos Land Grant Colleges, foi concebida para formar técnicos e cidadãos. O modelo nos orientava a viver em comunidade, em sermos solidários, em praticarmos a ética nas relações, em desenvolvermos habilidades para que no futuro pudéssemos servir à população de nosso país. A constituição de Clubes, como o nosso *Berimbau*, foi a forma adotada para integrar socialmente os alunos de todos os cursos, que começavam e terminavam ao mesmo tempo num sistema de grade curricular anual. Por esse motivo, os membros dos Clubes permaneciam unidos até o fim dos seus estudos e por essa via também se explica porque permanecemos unidos 50 anos depois. Retornar à escola e prestigiar seus eventos, como as comemorações de aniversários de formatura, foi uma estratégia estabelecida no começo da Instituição. Tudo o mais é consequência dessa visão estratégica.

Amizade, companheirismo, solidariedade, compromissos.

No tempo em que chegamos a Viçosa, a quase totalidade dos alunos morava em dependências da própria Escola. Poucos eram naturais da cidade e viviam em suas próprias casas. Para todos os demais, os prédios de alojamento eram nossa casa e foram também um laboratório para desenvolver amizades, companheirismo, solidariedade e compromissos. Dividir espaços, reconhecer e respeitar hábitos culturais, desenvolver laços sociais e intelectuais, compartilhar conhecimentos sem ambições personalistas, debater crenças e posições ideológicas, firmar compromissos, preservar os princípios éticos e morais, fidelizar e perpetuar amizades. Assim vivíamos, assim crescemos, assim nos tornamos.

Compromissos éticos

Alguns professores ao aplicar as provas, despediam-se dos alunos e pediam que entregassem as respostas das questões em seu gabinete. Quando não, liberavam os alunos para levarem as provas para casa e tivessem plena liberdade para consultas em livros, apostilas, anotações de aula. Era a plena confiança. Nada de burlar isso! A prática da “cola” não só era desestimulada pelos próprios estudantes como era passível de punição pelo Colegiado composto por docentes e discentes. Era a

Ética. Consciência de que a burla era desonesta para os pares e enganosa para a vida futura. Assim aprendemos, assim prosseguimos na vida profissional.

Perpetuação das relações

Ex-alunos de Viçosa curtem os colegas e suas famílias. Alguns se tornavam compadres, outros, padrinhos de casamento, uns ficavam amigos inseparáveis de copo e espada. No *Berimbau* somos assim, ou quase assim, como uma família que troca beijos, afagos, brigam e depois se beijam de novo. Os reencontros são recheados de humor, de prazer em ver, necessidade de abraçar, conversar e compartilhar sucessos e desventuras. Por que será que somos assim? Por que será que nunca nos cansamos de nos encontrar, de concordar e discordar? Porque fomos (re)criados num ambiente propício para desenvolver sociabilidade, gentileza, honradez e por aí afora. E assim, perpetuamos nossos vínculos para os nossos descendentes. Muitos de nossos filhos se tornaram amigos. De graça!

Ritos e tradições

Ao nosso tempo os estudantes que moravam nos alojamentos cultivavam ritos e tradições que tornavam o ambiente universitário descontraído, alegre, divertido, bem-humorado, aliviado do rigor curricular e da conservadora disciplina construídos ao longo da existência da UREMG. Muitas brincadeiras – sem exageros ou intenção de causar danos materiais ou morais às “vítimas” das pilhérias e traquinagens perpetradas pelos estudantes – faziam parte de nosso cotidiano e até hoje sua lembrança nos provoca sonoras gargalhadas. Com a evolução da pequena UREMG para a grandiosidade da UFV de hoje, alguns desses ritos e tradições foram se perdendo ou sofrendo modificações naturais. Em razão da profunda expansão do leque de cursos e disciplinas ofertadas pela atual UFV, comparado com o tímido portfólio da antiga UREMG, mudou também o perfil do estudante que acorre à UFV. Há 50 anos a grande maioria dos vestibulandos que concorriam aos 3 cursos de graduação da UREMG eram de origem interiorana, trazendo a cultura da vida simples das fazendas e comunidades onde viviam. Éramos chamados jocosamente de “pica-fumo”, “pica-pau” e “pica-couve”. Os vestibulandos de hoje são, em maior número, culturalmente produtos da forte urbanização do país. As diversões preferidas desses jovens guardam pouca ou nenhuma semelhança com as do nosso tempo. Não poderíamos deixar de registrar alguns desses ritos e tradições que fizeram parte integrante de nossa passagem por Viçosa e dos quais sempre nos recordaremos com muita saudade e bom humor.

O Trote e a Marcha Nico Lopes

O Trote dos Calouros ou **Rito de Integração** era a maneira de receber e integrar os recém-aprovados no vestibular. Esse, era aplicado nos dois primeiros meses do ano, um pouco antes do início do ano letivo. Para receber os calouros, alguns veteranos antecipavam sua chegada das férias para ter o prazer de recepcioná-los com o “**Rito**”: batizar o calouro com um apelido, raspar sua cabeleira (menos das moças), confeccionar uma placa feita de papelão para identificá-lo (hoje seria um crachá) contendo o nome, na verdade o apelido de batismo e a cidade de origem). Para frequentar o refeitório, traje ou farda a rigor: paletó, gravata e a placa de identificação. Para as moças, roupa social e placa. Nos outros espaços da UREMG e especialmente na cidade, uso

obrigatório da boina branca, algo completamente “*démodé*” nos dias de hoje! Namorar, levar a namorada ao cinema, nem pensar! O trote durava 1 mês e era uma diversão à parte, brincadeiras de toda sorte, algumas pequenas e inofensivas “sacanagens” (licença pela má palavra!), porém nada que afetasse o calouro física ou moralmente. Banhos com a roupa do corpo, desfiles de moda, encenações artísticas como – um calouro retirar um palito da boca de outro, simulando um beijo de cinema. Castigos pelas indisciplinas cometidas como – fazer dezenas de flexões chamadas de “pinguim” ou medir o perímetro do jardim da praça da matriz com uma régua, isto é, *um palito*. No trote, havia o castigo máximo para quem transgredia as leis: sentar na cadeira hidráulica (hidrante) e levar uma ducha de alta pressão por alguns segundos para refrescar a “consciência” (bumbum). Raríssimos eram os casos de repúdio ou revolta pelas brincadeiras e castigos. Os calouros que assim reagiam demoravam mais tempo para se integrarem à comunidade, mas jamais eram rejeitados. Pregava-se e praticava-se tolerância e respeito mútuos. O trote terminava com uma grande festa que começava com a **Marcha Nico Lopes** que era um desfile caricato pelas ruas de Viçosa com muito bom humor, críticas sociais e políticas e naturalmente regado a cerveja, mas sem excessos. À noite acontecia o grande baile organizado pela Universidade, era quando os novatos já iniciados podiam dançar com as namoradas e os namorados - prática até então expressamente proibida nos 30 dias do rito de iniciação. Daí em diante, calouros e veteranos mantinham-se completamente e harmonicamente integrados para todo o sempre.

Apelidos

Muitos ex-alunos da UREMG daqueles tempos, antes e depois do *Berimbau*, são muito mais conhecidos pelos seus apelidos do que pelos próprios nomes. **Dr. João Venâncio Soares** pode não ser conhecido, mas “**Tiziu**” todos sabem quem é. Professor **Francisco de Paula Neto** assim conhecido nos meios universitários, é o divertidíssimo “**Chico Cachorro Doido**” que todo mundo no mercado sabe quem é. **Fernando Antônio Rodriguez**, respeitadíssimo técnico e homem público, é “**Fernando Quiabo**”. **Maria Alice, Maria Lúcia e Maria Eunice**, as irmãs Moura Silva, assim são conhecidas por poucos. Agora “**Tampa**”, “**Tampinha**” e “**Brasinha**”, por sua vez irmãs do “**Márcio Tampão**”, todos sabem quem são. A origem dos apelidos é diversa. Alguns são hereditários ou familiares como nesse último caso. Outros como “**Dida Linha**” é porque havia semelhança física com outro estudante ou parente que passou pela UREMG e tinha o mesmo apelido, daí o “linha”, um símbolo que na matemática significa repetição. Alguns apelidos indicam a cidade ou estado de origem do calouro ou sua descendência étnica: “**André Piraúba**”, “**Berabão**”, “**Jacuí**”, “**Paraná**”, “**Turco**”, “**Gringo**” e “**Gringa**”. Outros apelidos fazem conexão com bichos: “**Morceguinho**”, “**Galo**”, “**Chipanzé**”, “**Tico-Tico**”, “**Galinhão**”, “**Tartaruga**”, “**Socó**”, “**Cupim**”, “**Capivara**”, “**Arara**”, “**Mariposa**”, “**Gambá**”, “**Beija-Flor**”, “**Seriema**”, “**Papagaio**”, “**Gatinha**”, “**Jaburu**”. Apelidos adjetivando biotipos ou características físicas ou emocionais: “**Rosado**”, “**Graveto**”, “**Marmota**”, “**Embutido**”, “**Pereba**”, “**Pustema**”, “**Tristeza**”, “**Enferrujado**”. **Paulo Ribas**, além de “**Marreta**” era também conhecido como “**Fontes**”, sobrenome do Professor Luiz Fontes, de química inorgânica, que o flagrou fazendo uma imitação de sua aula. **Fabio Maia** virou “**Titico**” apelido de um professor baiano como ele. **Paulo Augusto Gonçalves** ganhou o apelido de “**Taião**”, do próprio pai Professor Arlindo “**Taião**”. Há um sem número de apelidos que não fazem nexos com coisa alguma. **Alma “Fantasminha” Amorim**, por exemplo, não assustava viva alma! **José Silveira Rivelli**, o “**Dedo Duro**”, nunca delatou ninguém. “**Negativo**” é um colega muito positivo em tudo que faz; “**Tortura**” nem é torto, nem é e nunca foi torturador. Alguns são exóticos: “**Tião Seu Ôvo**”, “**Oxiúros**”, “**Cheira Pão**”; “**Cromossomo**”; “**Cara de Caval**”; “**Dodói da Xandoca**”.

Aos leitores desavisados que tiveram a paciência de ler este Memorial até aqui, fica a explicação do porquê de intercalar apelidos aos nomes dos colegas citados anteriormente. Carregamos nossos apelidos sem nenhuma contrariedade ou melindre e muitas vezes nos apresentamos por eles. Convivíamos com as alcunhas sem a exacerbada intolerância e o patrulhamento comportamental que, infelizmente, azedam cada vez mais as relações nos dias atuais. Por sorte, há 50 anos havia muita mais tolerância às brincadeiras, como apelidar alguém. Os apelidos na antiga UFV nunca se transformavam em acusações por “*bullying*”. Aliás, essa palavra não existia em nosso vocabulário....

Dia do Soldado

Vinte e quatro de agosto comemora-se nos meios militares o Dia do Soldado. Na UREMG tradicionalmente também, com um “desfile militar” noturno dos alunos da agronomia e engenharia florestal, marchando ao som de fanfarra e bateria desde o alojamento masculino até o alojamento das “pica-couves” para homenageá-las – e que maldade – mal as comparando a soldados! Tudo armado com muito humor. A marcha parava em frente ao alojamento delas, tropa perfilada, leitura da ordem do dia, as meninas nas janelas dos apartamentos de ouvidos atentos ao monte de besteiras e preparadas para o revide: sacos plásticos e baldes de água gelada no nosso lombo! Risos e palavras de ordem, tudo na mais sadia das brincadeiras. No dia seguinte confraternização e mais risos...

Banho nos pré-vestibulandos

O diretório acadêmico da agronomia mantinha um cursinho para pré-vestibulandos, de alto nível, diga-se. Também em agosto quando o frio à noite era de matar, combinava-se com um dos professores do cursinho, todos estudantes de períodos avançados, para que fosse aplicada uma prova bem longa no último horário. Como nenhum aluno saía até terminar a prova, fazíamos um mutirão para surrupiar as bicicletas dos inocentes calouros e as levávamos para o espaço entre 2 prédios do alojamento. Aí colocávamos um monte de bicicletas bem amarradas com arame e no alto dos andares superiores preparávamos uma bateria de sacos plásticos e baldes com água gelada e borra de café para esperar a moçada do cursinho. Não achando suas bicicletas para voltarem à cidade, saíam procurando e acabavam achando as “*bikes*” no nosso território. Aí era só diversão! Os coitados pelejavam para desamarrar seus meios de transporte debaixo de um ataque impiedoso de água gelada. Bom demais! Às vezes aconteciam incidentes: uma vez roubamos por engano a bicicleta do Professor Moacir Maestri, que naturalmente não foi recolhida por ele, mas nos rendeu uma leve advertência do Professor Geraldo Chaves, diretor da Escola de Agronomia.

Hora do relax

Entrar na UREMG não era fácil. Sair tampouco! O calendário curricular era severo com aulas em 2 períodos, provas mensais, disciplinas que mandavam boa parte dos alunos para as terríveis “dependências” e professores duros, irredutíveis. Convencionamos chamar de “*Semana do Cachorro*” (num tempo que vida de cachorro era sinônimo de coisa ruim) as semanas de provas e “*Semana do Gambá*”, em alusão ao marsupial cachaceiro, as semanas pós-provas. E assim intercalávamos momentos mais difíceis com outros de lazer. Mas habitualmente todos estudavam

do começo da noite até a madrugada em época de prova. Para relaxar, virou tradição um momento em que, por volta das 23 horas, um colega chegava à janela de seu apartamento e gritava uma bobagem qualquer. Era a senha para todos darem um “*break*” nos estudos e irem para janela também. Um festival de besteiras, piadas, desabafos, gozações, uma verdadeira catarse coletiva que durava 30 minutos. No prédio antigo, bem em frente ao prédio novo, morava um aluno peruano. Ele tinha uma vitrolinha e na “hora do relax” ele a colocava no peitoril da janela e punha para tocar discos com música típica peruana. Recebia de volta improperios e bombardeios com sacos plásticos cheios de água. Com a escuridão da noite e a distância, ficava difícil acertar o alvo. Esse, claro, era a tal vitrolinha! Uma noite, um grupo de artilharia subiu ao terraço do prédio munido de potente holofote ligado a uma bateria de carro e quando começou a música peruana a zoar em nossos ouvidos, a forte luz iluminou o alvo e os tiros foram certos, destruindo a vitrolinha do peruano. Júbilo pelo sucesso do ataque! Foi como se tivéssemos vencido uma batalha contra o inimigo. A vitrolinha nunca mais tocou as *cuencas peruanas*.

Furtos

Furtar comida era uma diversão. Não furtávamos por *desvio de conduta* ou para sobreviver à fome nas madrugadas estudando para provas, era apenas por diversão. Afanávamos dos colegas que sabidamente recebiam doces, queijos e carnes dos pais que moravam perto de Viçosa. Tirávamos comida do refeitório, frutas e hortaliças do pomar e das hortas do Campus, ovos e frangos dos aviários, doces e carnes do Departamento de Tecnologia de Alimentos. Uma vez fizemos uma limpa na coleção de mandioca do Professor Edmundo Moura e Estevão e ele, para nos atemorizar, espalhou que entre as linhagens furtadas havia algumas “*mandiocas bravas*”. Ninguém morreu intoxicado pelo efeito do HCN liberado pelo glicosídeo cianogênico presente nas mandiocas bravas, mas seguro morreu de velho: os furtos de mandioca diminuíram. Havia colegas que tinham molhes de chaves e outros instrumentos para abrir cadeados e fechaduras. Bobagem pensar que havia segurança nos armários onde se guardavam as guloseimas ou nos cadeados de bicicletas. “Alugávamos” bicicletas dos colegas também. Dependíamos delas para ir às aulas práticas em locais mais distantes do Campus, ou para ir até a cidade. Quando, por algum motivo, um de nós tinha sua *bike* quebrada ou ela estava com pneu furado, apanhávamos a que estava à mão para não faltar ao compromisso. Depois de usá-la, devolvíamos ao dono. Tudo era motivo de xingatórios dos prejudicados, mas no fim tudo terminava bem.

Excursões, festas, churrascos

Na UREMG do nosso tempo, algumas excursões eram tradicionais como a viagem a Patos de Minas para a Festa Nacional do Milho ou em Uberaba para a grande feira nacional de gado Zebu. Para a Festa Nacional do Milho-FENAMILHO iam os “pica-fumos” da Fitotecnia; em Uberaba iam os “pica-fumos” da Zootecnia. Além dessas tradicionais e quase curriculares excursões, outras aconteciam com objetivos diversos. Tudo sempre a muito custo e com o empenho dos líderes de turma. Os recursos tanto por parte da UREMG como de nós próprios eram escassos. Não faltavam brincadeiras, como vestir um colega com uma surrada batina que passava de turma para turma. Geralmente os “*padres*” eram os mais moleques e gozadores. Visitamos uma mina de caulim quando fazíamos a disciplina de mineralogia e de lá voltamos maquiados pelo pó branco do minério. Também estivemos em um alambique a pretexto do Curso de Tecnologia da Cana-de-Açúcar e de lá voltamos de porre e com um considerável estoque de pinga. Em 1967 a turma da

Fitotecnia fez uma histórica excursão ao Sul da Bahia, com o roteiro feito pelo baiano Fábio Maia. Visitamos a CEPLAC em Uruçuca. Em Ituberá os colegas fitotecnistas tiveram o privilégio de passar horas recebendo os ensinamentos do Doutor Maia, pai do Titico, ele que fora o introdutor do cultivo da seringueira na região. Os floresteiros viajaram ao sul e para a região dos cerrados com o objetivo de conhecer as extensas áreas reflorestadas e visitar os centros de pesquisa. As “pica-couves” fizeram um *tour* pelo Rio, São Paulo e Petrópolis. Em 1967, um grupo de **Berimbons** ganhou uma viagem aos Estados Unidos patrocinada pelo governo norte-americano. **Fábio Maia, Guilherme, Ribas, Rivelli, “Negativo” e “Tampinha”**, após um processo de seleção, viram-se contemplados. Foram 30 dias de visitas a universidades, empresas, fazendas e, porque não, fizeram um pouco de turismo também. Festas nos apartamentos para comemorar aniversários ou para celebrar o início da “Semana do Gambá” eram frequentes. Sempre presentes, os músicos da turma- Mauro Coutinho, Imar, Dinarte, entre outros. Pinga e carne para tira-gosto, naturalmente. Os churrascos na Silvicultura eram igualmente tradicionais, com muito vinho de garrafão e descontração, muita alegria e total integração entre “pica-fumos”, “pica-paus” e “pica-couves”.

Muita saudade de tudo isso...

VII

Os “causos” do Berimbau

Ao longo do tempo vivido em Viçosa e também depois dele, muitas são as passagens divertidas, outras nem tanto, mas todas protagonizadas por *Berimbons* e *Berimboas*. São tantos os “causos” que muitos já se perderam nas brumas do esquecimento, uma vez que não fazíamos um registro formal dos fatos do nosso cotidiano. Cavoucando nos baús da memória, garimpando pérolas aqui e ali com a ajuda de colegas, neste capítulo reproduziremos algumas narrativas das nossas peripécias e traquinagens. Começaremos pelos causos impagáveis do trio **Dinarte, Imar e Igor**, colegas de apartamento da sétima seção:

Flores de entrada

Logo depois de formados, “duros de grana”, Dinarte e Imar fizeram um trabalho de topografia para divisão de uma fazenda em Itaúna-MG. Ganharam um dinheirão jamais visto ou imaginado e resolveram “torrar a bufunfa” no famoso e extinto restaurante árabe *Rubayat*, no centro de BH. De cara, pediram uma bebida típica, qualquer uma que fosse não importando sua natureza e custo. Estavam com dinheiro e com vontade de experimentar as delícias gastronômicas do requintado e caro *Rubayat*. O garçom trouxe-lhes um drink árabe chamado *arak*. Gostaram da beberagem que mais parecia um copo de leite, mas que descia “queimando o goto”. Repetiram outras doses que os deixaram “*pra lá de Marrakesh*”! Pediram pratos igualmente típicos da culinária árabe. A comida nunca saía, a fome aumentava e a tontura provocada pelo *arak* também. Sobre as mesas havia enfeites com flores e eles pensaram: deve ser a “*entrada*”! E como os dois não tinham ideia do que pediram, da quantidade de comida que viria e quanto tempo demoraria a ser servida, “mandaram brasa” nas flores, com vinagre, azeite e sal.

Caipirinha com chulé

Na UREM, por tradição, as turmas que iam se formar tinham preferência na organização e exploração financeira de eventos, com o objetivo de angariar recursos para a festa de formatura. Assim, em 68, o nosso presidente “Tijolinho” reuniu um grupo de colegas dispostos a planejar e trabalhar numa festa junina. Cada um recebeu uma tarefa: as “pica-couves” ficaram encarregadas da decoração e limpeza da quadra de esportes. “Caixeta” se encarregou do controle financeiro e da compra de carne, bebidas e montagem da infraestrutura. E assim por diante, todos saíram com incumbências. Imar e Dinarte eram os responsáveis pela caipirinha, mais ou menos como encarregar a raposa de tomar conta do galinheiro. Por recomendação do tesoureiro “Caixeta”, eles deveriam economizar o máximo possível porque os recursos orçamentários eram parcos. A dupla foi à cidade e conseguiu emprestadas 2 bombonas de 7 litros cada, em seguida foram no alambique da cachaça Estrelinha, de péssima qualidade na época, e compraram 14 litros da “marvada”. Maria Elilce, a “Saruga”, chefe do restaurante universitário emprestou-lhes 2 panelas grandes de alumínio

para fazer a bebida. No apartamento onde moravam foi montada a linha de produção entre 2 camas, que foram afastadas para facilitar a movimentação. Além de quilos de açúcar, compraram meio saco de limão Taiti porque era período de entressafra e o produto estava em falta no pomar da UREMG, de onde normalmente seria obtido através de um “empréstimo”, isto é, furto mesmo. No início da primeira partida de 7 litros, os dois de tempos em tempos provavam um gole para sentir o que estava faltando. Haja prova! O ato de espremer limão era a pior tarefa do processo industrial, porque o sumo queimava a pele entre o indicador e o polegar. “Tijolinho”, “Caixeta” e Igor vieram buscar a primeira panela de caipirinha e já encomendaram a segunda porque a venda de fichas referente a essa bebida estava promissora. O pessoal estava esperando, a saída do produto estava “bombando”. Era urgente partir para a segunda panela. A produção não parou apesar do ardume na mão espremedora do Imar. De repente e acidentalmente, Dinarte deixou cair dentro da panela uma boa quantidade de limão cortado e Imar deu a ideia de espremer o limão dentro da mistura com as mãos. O ardume era aliviado pela diluição do sumo do limão no líquido. Depois da enésima prova, Imar voltando do banheiro já meio “trololó”, ao tomar sua posição para a continuidade do trabalho, tropeçou e acidentalmente seu pé foi parar dentro da panela de caipirinha. Amparado no ombro do Dinarte, Imar perguntou:

“- Dinarte, quem sabe espremer limão com o calcanhar dá certo?

- Uai, vamos experimentar – respondeu o “Pinduca.”

O novo método deu certo e daí até o final e com mais algumas provas, a caipirinha até melhorou o sabor porque aumentou a quantidade de suco de limão na mistura. E o calcanhar do Imar não queimou com o sumo, já o limão ficou melhor espremido. Bom, como os encarregados da logística de transporte da bebida demoraram, o “setor de produção” apagou cada um na sua cama. Lá pelas tantas, entraram no quarto: “Tijolo”, “Corrimento” e “Caixeta” para buscar a segunda partida e se depararam com os dois apagados, e o pior: *o pé do Imar ainda dentro da panela de caipirinha*. Dinarte foi o primeiro a acordar com o xingamento dos três enquanto ainda tiravam o pé do Imar da panela. A segunda partida de caipirinha foi muito elogiada e, sem que o público soubesse, beberam caipirinha feita sob um novo método de produção. Até hoje não se apurou se a bebida ficou melhor por conta da maior proporção de limão ou se foi o chulé do Imar que deu o “tcham” na caipirinha. De qualquer forma, a receita para os churrasqueiros está à disposição com os produtores Imar e Dinarte.

Whisky aguado

Outra forma para “levantar dinheiro” era através dos bingos cujos prêmios resultavam em garrafas de *whisky Mansion House* e *Run Bacardi*, bebidas da nossa época. O bingo era feito no salão de refeitório. A frequência de estudantes e professores era significativa. Imar era o “cantor” das pedras sorteadas. Eloína “**Mosquito Elétrico**” ajudava segurando o saco de pedras. Alguns números recebiam nomes interessantes, como: “dois patinhos na lagoa” (22), “infinito em pé” (8), “idade de cristo” (33), “é ele” (24), com direito ao “requebro” do cantor Imar, “justiça do Mato Grosso” (45), e assim por diante. O prêmio top era o *Mansion House*, importado de São Paulo. Depois de várias rodadas de bingo, um ou outro premiado começou a reclamar da qualidade do whisky, já duvidosa pela origem. Reclamaram que a bebida parecia “aguada”. Para nós, a adulteração do líquido parecia algo improvável, porque o controle do estoque era rígido (!?), debaixo de chaves e cadeados. Apenas Dinarte, Imar e Igor, colegas de quarto, tinham a chave. O Professor Raimundo Nonato Chaves e outros também reclamaram e de fato foi constatado que o whisky estava mesmo adulterado. Chegou-se a duvidar da possibilidade de falsificação por parte do

distribuidor de Ubá, onde comprávamos. As garrafas tinham uma válvula – até hoje usada em certas bebidas – que impedia a reposição do líquido retirado ou adulterado. Certo dia desfez-se o mistério: ao entrar no quarto do vizinho “Parafuso”, qual não foi a surpresa do Imar ao flagrar o manso “Parafuso”, deitado em sua cama, com a boca cheia d’água, soprando bem de leve para transferir a água da boca para uma garrafa de whisky, cujo conteúdo o safardana já tinha bebido! Réu em flagrante delito, “Parafuso” confessou o crime e jurou nunca mais beber. O pau d’água nunca cumpriu o juramento mas pelo menos nosso whisky recuperou a credibilidade e os bingos voltaram a funcionar normalmente. O conteúdo da “mamadeira” do flagrante foi jogado na pia, com pesar...

Segunda chamada garantida

Imar perdeu a prova de primeira chamada na disciplina de Tecnologia de Alimentos que era ministrada por Joanito Campos Junior, um professor muito amigo da turma e muito camarada. Imar, então, se programou para a prova de segunda chamada, que era a última oportunidade para não levar um zero. Acontece que na véspera da prova, nosso colega foi para cidade e “entornou o caneco”, ficando absolutamente tonto. Saindo do bar, ainda cambaleante, tomou o rumo da P.H. Rolfs para voltar à Escola. Ao passar em frente ao prédio onde morava o Professor Joanito, ele viu a porta da garage aberta e mais, o carro dele também estava aberto. Vejam só como vivíamos sem os cuidados e comparem com a paranoia de hoje! Imar não teve dúvidas, entrou no carro do Joanito, deitou no banco de trás e.... apagou. O Joanito, que estava na rua, chegou mais tarde a pé e fechou a garage, mas não fechou o carro e por isso não viu Imar escornado. No dia seguinte pela manhã, o Professor Joanito desceu até a garage e ao abrir o carro deparou com seu aluno ainda dormindo.

“- Que isso, Imar?

- Professor, encontrei seu carro aberto, tomei a liberdade, entrei e dormi. Se eu fosse para a Escola dormiria até tarde e perderia sua prova, concorda?”

Era assim o relacionamento e a descontração entre nós e nossos professores!

As provas com o Vicente

Imar, Dinarte e Igor tomaram mais umas do que outras num bar que ficava na esquina da Rua Virgílio Val com a Praça da Matriz. Acusados de provocar desordem no estabelecimento, foram denunciados, intimados e conduzidos à delegacia de polícia. Depois de um minucioso interrogatório de menos de 5 minutos, a autoridade policial de plantão resolveu liberar o trio por insuficiência de provas. Seguiu-se o seguinte diálogo:

Delegado: Os Senhores estão liberados por insuficiência de provas. Não estou *convincente de suas culpas*.

Imar: Muito agradecidos, Senhor delegado, mas, por favor, *não deixe as provas com o Vicente*.

O Delegado, fulminado pelo infame trocadilho resolveu detê-los por mais algumas horas, como castigo pelo desacato à autoridade.

Igor Maximiliano Eustáquio Vivacqua von Tiesenhausen, nome tão grande quanto seu enorme coração, de inteligência e dedicação máxima aos estudos, ficava irritadiço quando algo saía errado em suas atividades. Morando ao lado de dois tipos como Imar e Dinarte, tornou-se vítima de suas sacanagens.

A briga com o despertador

Igor conduzia um trabalho de iniciação científica que serviu de base para seus projetos futuros como pesquisador e professor de zootecnia na UFLA, em Lavras. Era um estudo para alternativa de aleitamento de bezerros com leite de soja. O preparo do leite artificial dava um trabalhão danado para ele que fazia tudo sozinho e sem ajuda de equipamentos. Mas o pior era levantar às 5 da matina para levar o leite até o estábulo da universidade onde era conduzido o trabalho de campo. Os dois “crápulas” que dormiam ao seu lado, Imar e Dinarte, tão logo o coitado do Igor pegava no sono, alteravam a programação do despertador para 4 horas. Igor meio acordado, meio dormindo, montava na bicicleta e saia disparado em direção ao estábulo levando o rango dos seus bezerros. Lá chegando, paz e quietude na escuridão: o estábulo só abria 1 hora mais tarde. Nosso Igor voltava ao alojamento, “pê da vida”, xingando os dois em português, alemão e russo. Como a amizade era antiga e sincera, tudo caía no esquecimento, a raiva passava e a vida continuava. Quando parecia que nunca mais ia acontecer, Igor caía outra vez na pilhéria e o esperneio se repetia. Ele passou a dormir com o relógio de pulso para conferir a hora que o despertador tocasse. Mas o Imar, se valendo do sono profundo do Tiesenhausen, cuidadosamente alterava também a hora no relógio de pulso e o pobre coitado chegava ao estábulo às 4 horas onde os bezerros do experimento ainda dormiam candidamente nas suas baias.

O grande produtor do Mato Grosso

Inocência, bondade, cortesia, educação e brabeza acompanham o Igor desde os tempos de Viçosa. Dinarte foi fazer um curso de especialização na UFLA, em Lavras, onde Igor trabalhava. Desejoso de encontrar-se com o colega de turma e de quarto, Dinarte ligou para o amigo passando-se por um grande produtor do Mato Grosso, que viera a Lavras para fazer contato e um possível contrato de consultoria com o já conceituado consultor agropecuário Professor Igor Tiesenhausen. Nem de longe o “sonso” Igor desconfiou de que se tratava de um trote. Ficou combinado um encontro no hotel onde o “grande produtor” se hospedara para um café da manhã. Oito horas em ponto lá estava o Professor Tiesenhausen no hall do hotel esperando pelo visitante. De repente quem ele vê saindo do elevador? **Dinarte Pinduca!**

- Uai Dinarte, que prazer encontrar você aqui. O que veio fazer, por que não me telefonou?
- Liguei sim e estou aqui para conversarmos sobre o contrato de consultoria...

Com o sangue fervendo até à ponta do nariz, a velha e costumeira irritação aflorou:

- Dinarte, porque você não vai pra ##@777***>>> que o pariu?

Os dois morrendo de rir, abraçaram-se e foram tomar café.

Tiziu e a Urucubaca

Tido e havido como o azarento da turma, nosso querido “Tiziu” protagonizou muitas histórias engraçadas e outras nem tanto. Uma que não teve graça, mas que ainda hoje nos faz recordar o bom humor do nosso querido João Venâncio Soares foi o banho que lhe aplicou o Ângelo “Capilé”, aluno do Bafó da Onça:

Lata d’água na cabeça, lá vem Tiziu, lá vem Tiziu....

Parafrazeando a letra de um antigo samba de carnaval – “lata d’água na cabeça, lá vem Maria, lá vem Maria, sobe o morro e não se cansa.” – “**Tiziu**” levou uma lata de 3,7 litros cheia de água na cabeça, não subiu o morro, subiu foi a escadaria da Nona Seção com um talho na cabeça, isso sim! Era um fim de tarde de sábado, a maior parte do pessoal descontraído e praticando um dos nossos passatempos favoritos: um banho gelado em quem chegava ou saía do alojamento. A turma do terceiro andar, onde morava o “Tiziu”, não perdoava ninguém, nem os próprios moradores. E o “Tiziu” vinha chegando de uma aula prática extra, no sábado. O banho estava animado. “**Capilé**” resolve molhar o amigo e então enche um galão d’água, espera a vítima chegar bem perto, mira o alvo e lá do alto manda ver. Na hora H a lata escapuliu de suas mãos e desceu cheia d’água, como um bólido, e acertou em cheio João Venâncio, que não gritou. Suspense. Capilé exclamou: *puta que pariu, matei o “Tiziu!”* Descemos as escadas correndo e topamos com o azarado subindo vagarosamente, dois filetes de sangue descendo por baixo do sombreiro de palha que ele usava contra o sol, lamentando sua má sorte:

“- Todo mundo aqui leva água na cabeça, eu, baixinho, preto, pobre e uruca levo a lata cheia d’água!”

Felizmente nada aconteceu de mais a não ser um baita corte e a dor provocada pelo impacto. “Tiziu” foi medicado, “Capilé” desculpado e aliviado e tudo voltou ao normal na Nona. O banho geral prosseguiu até escurecer...

O primeiro salário

“**Tiziu**”, logo após a formatura, foi trabalhar na SUVALE junto com vários outros colegas, como o “**Quiabo**”, “**Xixi**”, “**Caixeta**” e “**Castelinho**”. Menino pobre, nascido e criado numa grande fazenda em Uberaba, onde seu pai era meeiro, estudava com enorme sacrifício. “Tiza” sonhava com o dia em que receberia o primeiro “dindim”. E aconteceu. Ele foi ao banco, em Juazeiro da Bahia, retirou a grana, fez uma trouxinha, botou numa caixa, amarrou-a num barbante e começou a puxar o pacote pelas ruas da cidade, gritando:

“- *Filho da puta!* Eu corri atrás de você a vida inteira, agora você é que corre atrás de mim...!!!!!!

Bênção do anel

“Tiziu” dava azar no pôquer, no amor, em qualquer coisa. Em dia de jogo de futebol ou qualquer outro esporte envolvendo as equipes do **Berimbau**, ele era trancado em seu apartamento para não assistir ao jogo. Era só ele chegar no campo ou na quadra e o placar virava contra nós. Urucubaca pura. Mesmo depois de formado, contratado pela SUVALE, já trabalhando em Juazeiro da Bahia junto a outros **Berimbons** – **Fernando (Quiabo)**, **Lairson Couto (Catarro)**, **Roque (Arara)**, **Guilherme (Xixi)**, **Caixeta (Catatau)** e **Castelinho**– a urucubaca continuava e incidentes desagradáveis atormentavam o pobre “Tiziu”.

O Guilherme Emílio Simão, o “Xixi”, contou que “numa dessas falei pra ele não ligar porque essas coisas aconteciam. No que ele respondeu”:

- “Não, Simão (ele gostava de chamar o Xixi de Simão), parece que está aumentando de uns tempos para cá”.

- “Desde quando? – perguntou o “Xixi”.

Mostrando o anel de formatura, “Tiziu” falou:

- “Eu acho que desde quando eu botei esse anel no dedo a minha urucubaca está aumentando.”

- “Não acredito! – respondeu “Xixi”. E continuou dizendo que se o anel tinha sido benzido pelo Padre Mendes (capelão da Universidade) na missa de benção dos anéis, não seria essa a razão da urucubaca.

- “Aí é que tá, eu não levei o anel para benzer e acho que é por isso que ele está me dando azar” – respondeu o “Tiziu”.

Tentando ajudar o azarado colega, “Xixi” falou:

- “Então você precisa levá-lo para benzer e aqui em Juazeiro é bom porque tem bispo. Quem sabe você o leva para o bispo benzer?”

Poucos dias depois, num domingo, estavam sentados na praça, em frente à Catedral de Juazeiro, o “Tiziu” o “Xixi” e o “Roque Arara”. O pessoal começou a sair da Catedral, pois tinha terminado uma missa. “Xixi” disse para o “Tiziu”:

- “O bispo deve estar na sacristia e essa pode ser uma boa hora para você levar o anel para benzer.”

- “Simão, só vou se você for comigo” – respondeu o “Tiziu”.

- “Eu não. O “Arara”, que é “o bom companheiro”, vai com você.”

E lá se foram os dois, “Tiziu” e “Arara”. Passados uns trinta minutos, voltaram morrendo de rir.

- “O que aconteceu?” – perguntou “Xixi”

E eles contaram que quando entraram na sacristia encontraram o bispo, e o “Tiziu” pediu para ele benzer o anel explicando que o mesmo estava dando azar. E o bispo falou:

- “Como é que você, uma pessoa instruída, com nível superior acredita em superstições e acha que um anel pode trazer azar?”

- “Tá vendo, senhor bispo, como ele dá azar?” – perguntou o “Tiziu”.

E, insistindo em ganhar a benção continuou:

- “Podia ter acontecido duas coisas: o senhor benzer meu anel numa boa, ou me dar uma bronca e benzer assim mesmo.”

O bispo deu um sorriso e benzeu o anel do “Tiziu”. Daí para frente, a urucubaca diminuiu. Só diminuiu... mas não acabou!

Causos do Negativo

NEGATIVO, um cara de rara inteligência, surpreendia a todos nós com “tiradas” e atitudes inesperadas. Vamos a alguns de seus causos:

Negativo e o professor Joanito

Essa foi contada pelo Guilherme “Xixi”. É uma das “pérolas” do “Negativo”.

“Carlos Humberto Fonseca Nascimento – vulgo “Negativo” tinha o hábito de ficar lendo revista em quadrinhos durante as aulas, sentado nas últimas carteiras da sala. Para disfarçar, colocava a revista dentro de um caderno e quando alguém se aproximava, levantava o caderno até junto ao peito na tentativa de enganar quem se aproximava. Um dia, tínhamos uma aula com o Prof. Joanito (aquele mesmo do caso com o Imar e o carro), que tinha recentemente retornado do seu curso de mestrado na Espanha e estava muito entusiasmado em voltar a dar aulas. E com tanto entusiasmo, iniciou a aula exatamente no horário. O “Negativo”, com a sua displicência, chegou atrasado e deu de cara com o professor que já estava de “vento em polpa” na sua preleção. A entrada da sala era perto do local onde o professor, sobre um piso elevado, ficava junto ao quadro.

- Está atrasado, não é? Entra e senta ali” – completou Joanito apontando para uma carteira na primeira fila.

“Negativo” entrou, sentou e ficou naquela *posição de gargarejo*, (em teatro de variedades, ou teatro “rebolado” os velhotes assentavam na primeira fila para ver mais de perto as belas artistas seminuas, era a turma do gargarejo). Neste caso não era isso que levava um estudante a sentar-se na primeira fila com cara de assustado. Com o caderno e a revista dentro juntos ao peito e com os olhos arregalados, “Negativo” acompanhava o professor que caminhava de um lado para o outro, falando e gesticulando. Num dado momento, vendo que o “Negativo” não tirava os olhos dele, o Joanito perguntou, em voz alta:

- E você, por que fica me olhando?

“Negativo”, pego de surpresa, se assustou mais ainda. Pensou alguns segundos e respondeu:

- É que te acho muito bonito, professor!

Naturalmente, a sala toda caiu em gargalhada e foi aquela gozação geral. Aproveitando a confusão, “Negativo” perguntou ao Joanito se ganharia presença na aula e diante da afirmativa, foi lá para o fundo da sala. Foi preciso um bom tempo para tudo se acalmar e a aula voltar a ser ministrada.”

Filé com fritas

A excursão aos Estados Unidos em 1967 começou com um rápido treinamento (ou uma pré-lavagem cerebral) ainda no Brasil. Hospedamo-nos na época no elegante Hotel Glória, Rio de Janeiro. Chegamos no começo da noite e com bastante fome. Decidimos descer para o restaurante tão logo começasse a ser servido o jantar. A primeira gafe: fomos barrados na porta do restaurante porque estávamos em traje esporte. Paletó e gravata eram obrigatórios. Trocamos e voltamos. O cardápio era todo em francês, coisa chique. Lemos, relemos e nada de decidir. Três garçons esperando. Depois de alguns minutos de cochichos, ele, sempre ele, o “Negativo” virou para os garçons e perguntou na lata:

- Tem filé com fritas?

Os garçons se entreolharam, responderam afirmativamente, mas devem ter pensado: “que caipirada que pegamos”!

- Pra mim tá bom” – comentou o Carlos Humberto – no que foi acompanhado pelos outros 5 *capiaus*.

Barriga cheia, para a sobremesa o consenso era: já estamos garantidos, agora vamos arriscar e pedir algo sofisticado. Novamente, “Negativo” tomou a dianteira e pediu um doce com nome complicado, no que também foi seguido pelos demais. Chegada a sobremesa e o que era? Creme de maisena com calda de açúcar queimado e, novamente o “Negativo”:

- Ora bolas, isso a gente come em casa....

Direto na ponta do queijo

Na excursão de 1967 aos Estados Unidos, havia um paulista que passava a maior parte do tempo fazendo troca dos mineiros. Um chato. E a turma de Viçosa “levava na flauta” como se diz em Minas. Mas um dia o tal estudante da ESALQ ultrapassou os limites e em plena visita a uma cooperativa no Estado de Ohio, “Negativo” perdeu as estribeiras e plantou-lhe um direto na ponta do queijo. E o homem que era duas vezes maior do que o “Negas” desabou. Imediatamente a “turma-do-deixa-disso” acalmou os ânimos e a visita continuou sob os olhares atônitos dos trabalhadores americanos que não esperavam por aquela cena de pugilato. O clima ficou meio esquisito na sequência da excursão, mas no último dia, em Miami, promovemos uma festa e a harmonia voltou até nosso retorno ao Brasil. O melhor de tudo é que o “Negativo” e o nocauteado João Hermman, que se elegeu deputado federal, tornaram-se bons amigos e relacionavam-se até a morte prematura do antes adversário Hermman.

Causos do 932

No apartamento 932 moravam “Zuzú”, “Castelo”, “Ribas” e o “Popô” – primo do “Zuzú” que era de outro Clube. Eles tinham uma minicozinha onde se preparavam tira-gostos, fritava-se carnes diversas, inclusive rãs, cozinhava-se mandioca, arroz, enfim, o apartamento mais parecia um boteco tipo copo sujo do que um alojamento de universitários, uma mixórdia!

O sequestro dos franguinhos

“Zuzú” e “Castelo” cursavam zootecnia e durante uma aula prática de avicultura, tomaram “emprestados” 6 pintinhos recém-nascidos. Os nenéns foram levados para o 932, alojados numa caixa de sapato compulsoriamente confiscada do armário do “Popô”. O aquecimento tecnicamente planejado pelos zootecnistas era o próprio abajur da sala de estudo. Alimentação de primeira com ração “fornecida” pelo Departamento de Zootecnia. Os pintinhos batizados com nomes impúblicáveis logo pularam fora da caixa de sapato. Andavam e obravam por todo o apartamento. À noite era preciso virar os lençóis e fronhas ao avesso para dormir livres da títica diária. O ar que se respirava era pesado como se estivessem dentro de um galinheiro. Não teve jeito: os pintinhos já empunçados foram confinados num engradado, uma gaiola improvisada. A *catanga* aumentava e aí aconteceu: nosso quarto Oduvaldo, não suportando mais o fétido ambiente e o trabalho extra de limpar o galinheiro, denunciou o 932. Aí, numa tarde após as aulas práticas, uma ilustre visita apareceu no 932: o Heitor, autoridade administrativa do Campus, acompanhado por um segurança e com ordem para recolher os franguinhos. Impasse: os proprietários dos animais reagiram, afinal os franguinhos eram como seus filhos, parte da família. Os “home” insistiram: “vão ser retirados de qualquer jeito e ponto final”. Nesse momento, num arroubo de extrema coragem e de sentimento paternal (ou maternal, sei lá!) “Castelo” postou-se em frente à gaiola e batendo no peito bradou:

- Pra levar os franguinhos, terão que passar por cima do meu cadáver!

Ribas e “Zuzú” evitaram o assassinato do “Castelinho” e o sequestro dos “cocós”. Uma alternativa foi negociada e o rebanho avícola foi transferido para uma pensão, em Viçosa. Os franguinhos continuaram crescendo com a assistência dos donos e mais adiante viraram uma saborosa *pachola* de frango com arroz, consumida com muita cachaça e cerveja.

Susto do Zuzú

Sérgio Murta de Andrade, o **Zuzú Ganacha**, “**Zuzú Bochecha**”, um cara legal, bonachão, tranquilo, dificilmente se irritava com qualquer coisa. Mas uma vez tomou um susto que o deixou transtornado. Uma turma– nunca se soube quem foi– matou um coelho para comer, certamente furtado do criatório da Escola. Depois do jantar os comensais resolveram pregar uma peça usando a cabeça do orelhudo. Pegaram uma tampa de caixa de sapato, apoiaram a cabeça de tal forma que o bicho parecesse ainda vivo. Escolheram o 932 onde a porta sempre ficava destrancada e, pé ante pé, silenciosamente depositaram “a coisa” no criado de cabeceira do “Zuzú”. Ninguém percebeu nada, nenhum barulho. De repente, Zuzú acordou para ir ao banheiro e ligou a luminária de leitura, deparando-se com aquela coisa: orelhas caídas, olhos arregalados e um filete de sangue escorrendo. “Zuzú” deu um grito de pavor, pulou da cama, quase pulou pela janela. Os colegas acordaram e os vizinhos acorreram para ver o que estava acontecendo. E ele gritava:

“- É sacanagem, é mandinga, *tô f....do, fdp*, vou embora desse lugar...”

E não conseguiu dormir por mais que os colegas o tranquilizassem, afirmando que ninguém poderia desejar mal a uma pessoa tão boa como era o Zuzú.

Muita saudade dele...

Isso aqui tá uma zona!

Já dissemos que o 932 mais parecia um boteco. Era assim, a turma enjoada da comida da **Saruga** no RU, inventava jantares para suportar a fome das madrugadas em véspera de prova. E quando na “Semana do Gambá”, era só farra que rolava: cachaça, tira-gosto, o violão do Mauro Coutinho, um craque, ou do Ribas que sabia uns 3 acordes, mas o suficiente para animar as festas. No fim do último ano, precisamente no último dia de aula, rolou uma farra homérica. O **Berimbau** inteiro comemorou e a turma do 932, depois de beber muito na cidade, continuou no apartamento fazendo farra até não aguentarem mais e caírem todos completamente bêbados na cama. Dia seguinte, era domingo, Ribas e “Titico” tinham agendado um almoço com o Dr. Secundino, dono da Agroceres onde pretendiam trabalhar. Já estava tudo acertado, o almoço era tão somente uma confraternização. Ao meio-dia, “Titico”, pontual e responsável como sempre, foi chamar o Ribas que acordou com uma ressaca pra ninguém botar defeito.

- E aí Ribas, vamos para o encontro com o Dr. Secundino?

- Vou não, Fábio. Fala pra ele que estou pedindo demissão antes de começar a trabalhar, dou conta não, tô péssimo. Se eu for, sou capaz de vomitar durante o almoço...”

Dr. Secundino riu muito e não aceitou o pedido de demissão do cachaceiro que trabalhou com ele por 36 anos na empresa Agroceres. Mas o caso não se encerra aqui. Mais ou menos à uma hora da tarde, a turma do 932 ainda escornada, exceto o “Popó” que era bom moço, foi acordada com a súbita visita do Professor Cid Martins Batista, Diretor do Campus, acompanhado do seu sempre escudeiro Heitor. Do lado externo da porta do apartamento, os moradores do 932 pregarão a orelha de um leitão consumido na véspera. Por isso e pelo estado deplorável do apartamento após a farra, o Cid bradou com seu vozeirão:

- Ô Heitor, isso aqui tá uma zona!

- É verdade, Professor. Tá mesmo – respondeu o bajulador Heitor.

E estava mesmo. Mal comparando, pior que o *Muzungú*. Por causa dessa visita ao 932 e principalmente pelos estragos do bombardeio que aconteceu de sábado para domingo, os moradores das Oitava e Nona Seções foram convocados para uma reunião de urgência com o Professor Geraldo Martins Chaves às 15 horas no Salão Nobre. A história ainda não acabou. Aguardem o próximo capítulo.

Mais causos

Pererecas

Dentro do Campus da UREMG havia represas, brejos, onde na época das chuvas proliferavam rãs-pimenta, pererecas e sapos. As caçadas noturnas aconteciam logo depois do jantar. Entre os caçadores, o saudoso **Sérgio Murta de Andrade**, o “**Zuzú Ganacha**”, morador do 932, era um dos mais experientes. A expedição usava lanterna e um arpão artesanal feito com pau de vassoura e um prego de construção. Por volta das 20 horas chegavam os caçadores com a capanga cheia de rãs, pererecas e alguns sapos. Esses eram descartados e soltos nos gramados. As rãs, especialmente as da variedade pimenta, de carne muito apreciada, iam para panela da cozinha do 932, depois de despidas do couro e limpas. As pererecas menores eram preservadas para eventualmente serem levadas e soltas durante as aulas da manhã. Ivone, coitada, morria de medo de perereca e por isso era nossa vítima predileta. Em certas aulas, não em todas, a depender do bom humor do professor, as pererecas eram colocadas na cabeça da Ivone e de outros melindrosos. Era uma zoeira só até que as pererecas fossem recolhidas e levadas para fora da sala de aula.

Molecagem de colegiais....

Pererecas no baile de 30 anos

No quesito perereca, os encapetados **Dinarte, Nilson e “Quiabo”** eram experts e por muito pouco não causaram uma tragédia no baile dos nossos 30 anos. Durante o sábado, dia do baile, Dinarte e Cia desapareceram. Os colegas se perguntando por que eles não apareceram no churrasco e o filho do Dinarte preocupadíssimo com o sumiço do pai. Na hora do baile Dinarte e “Quiabo” apareceram na porta do salão de terno e gravata como mandava o protocolo da festa. “Quiabo” conduzia uma caixa de sapato devidamente embrulhada. O Professor Saraiva, que estava por perto e com a autoridade de reitor autorizou a entrada dos dois e da caixa que supostamente continha uma garrafa de whisky ou outra bebida. Era e ainda é permitido pela Associação dos Ex-Alunos-AEA levar uma bebida própria para consumo no baile como vinhos, espumantes, whisky, etc. Dinarte, discretamente, colocou a caixa debaixo de sua mesa e foi para o bar beber com os colegas. O baile estava começando. Sentado à mesa ao lado, estava o Professor Luiz Sérgio Saraiva, nosso colega e Magnífico Reitor, e sua esposa. Ambos jamais imaginariam o que tinha dentro daquela caixa. Intrigado porque aquela caixa não tinha sido deixada sobre a mesa, Múcio “**Marmota**” resolveu averiguar o seu conteúdo e ao abri-la se deparou com uma dezena de pererecas vivas. Múcio tampou a caixa e com ar de quem pressente um desastre, cochichou com o Saraiva:

- Saraiva, a caixa tá cheia de perereca. Se Dinarte soltá-las aqui sua gestão estará comprometida, será o caos...

Providencialmente, Múcio, então diretor da AEA, cômico da responsabilidade do cargo e seguro de que aquela caixa continha uma desgraça iminente, convocou um segurança que retirou os batráquios e os soltou no gramado. Quando o dono da caixa retornou para a mesa não encontrando a caixa, não reagiu e não contou pra nenhum de nós qual era seu plano, que consistia em encher os bolsos com as doces pererequinhas e soltar uma aqui outra ali até que o caos fosse estabelecido. Só ficamos sabendo do acontecido no dia seguinte e a revolta contra a atitude do Múcio foi geral pois todos queriam ver “o circo pegar fogo”! Múcio evitou um tumulto que seguramente provocaria acidentes e fatalmente comprometeria a gestão do nosso colega reitor.

Bando de inconsequentes!!!

Janela de avião abre?

Quem contou essa foi o Fernando “Quiabo”. Múcio Reis toma um avião para Manaus. Na hora do lanche, a bordo – bons tempos aqueles, quando ainda se servia lanche de graça em voo doméstico – foi servido uma banana com casca. Num é que o distraído “**Marmota**” chamou a aeromoça e perguntou:

“- Moça, eu queria saber como abrir a janela para jogar a casca fora?”

Que maldade do “Quiabo” com o nosso queridíssimo Múcio Silva Reis.....

Insônia

O papo furado do “Xixi” juntamente com a urucubaca do “Tiziu”, a corneta do “Berabão” e a risada do “Bundete”, eram as coisas que mais incomodavam os **Berimbons**. **Guilherme “Xixi”** costumava chegar aos apartamentos dos colegas à meia-noite para bater papo. Depois de uma hora de papo furado ele era expulso e aí como sua insônia não o deixava dormir, o miserável pegava uma lata vazia de 20 litros presa a uma corda de sisal e começava a subir e descer as escadarias da Oitava Sessão puxando a lata. Um barulho infernal que acordava quem estava nos “braços de Morfeu” com sonoros e respeitáveis elogios a Senhora sua Mãe que pôs aquela cria no mundo...

A pescaria do Gringo

Bicicletas eram essenciais para nossa locomoção. Poucos colegas possuíam carros, apenas dois ou três. **Elizário de Sá Barreto Pereira**, o “**Gringo**”, tinha uma bela *bike* e era um aluno aplicadíssimo, vivia na biblioteca pesquisando, não se prendia às apostilas e caderninhos. Morava na Décima e por infelicidade, bem abaixo de uma “súcia de maus elementos”. Certa noite, voltando da biblioteca com os braços cheios de livros e cópias de trabalhos técnicos, a turma do 1002 lhe aplicou um balde d’água que deixou seus papéis empastelados e até o seu topete com *glostora* desmanchou. Gringo subiu as escadas e bateu na porta do apartamento 1002 supostamente de onde teria vindo o aguaceiro. “**Corrimento**” abriu a porta e jurou que o banho não tinha saído do 1002 e mostrou que os moradores e ele próprio, todos estavam estudando para prova. Supremo cinismo. Nilson mostrou que havia um filete (colocado por ele próprio) d’água saindo do apartamento dos vizinhos e veteranos “**Léo Gambá**” e “**Ciferal**”, componentes de uma “súcia” pior do que a do 1002. O inocente “Gringo” acreditando no forte indício foi tirar satisfação no apartamento vizinho. “Léo Gambá” após ouvir a reclamação e a acusação de ser o autor do banho, mandou o Gringo *pra &&**@@@\$\$\$\$!!!* E bateu-lhe a porta na cara. Ofendido e prejudicado, o nosso “Gringo”, no dia seguinte, denunciou o inocente (nesse caso) “Léo” na Diretoria, que lhe aplicou uma penalidade. Inconformado, “Léo Gambá” prometeu vingança. No primeiro sábado após a pena recebida, desceu

para cidade com sua turma, tomou um acadêmico porre e voltou para a escola. Ao chegar, pegou a bicicleta do “Gringo”, desmontou-a peça por peça e jogou tudo na piscina do Diretório Acadêmico. Dia seguinte, domingo de sol, orla da piscina apinhada de estudantes, “Gringo” empunhando um comprido bambu, pescava os pedaços de sua *bike* ao som do coro:

“- Mais uma, mais uma, mais uma Gringo!”

O pessoal do 1002 também presente, com dor na consciência pelo mal feito, ajudou o “Gringo” a remontar a bicicleta....

Banho frio não é nada, pior é o paletó encolhido!

Esse caso foi relatado pelo floresteiro **Lázaro Corrêa Bittencourt**, de Anápolis-GO: “Cada um de nós do *Berimbau* tem pelo menos um caso pitoresco retido em nossa memória. O que vou relatar refere-se ao famoso “banho de balde”, muito comum nos fins de semana e principalmente durante a noite. Vamos ao caso: certo dia, eu, “Rivelli”, “Chico”, Nairam, Orlando, Cyro, “Bidê”, Ovídio e outros alunos da Floresta fomos convidados para uma festa de aniversário na Vila dos professores. Lá ficamos até altas horas da noite, tomando umas e outras (cerveja, vinho e etc.) e tirando a “barriga da miséria”. Já com o nível etílico bastante elevado, chegou a hora de “pegar a reta” e ir para Universidade. Neste percurso, de vez em quando, alguém parava debaixo de uma das árvores (magnólias) para jogar fora o excesso de comida e bebida armazenado no estômago. Naquele dia, eu estava usando um paletó novo, de Nycron, o famoso “senta/levanta” (ainda não existia o Tergal), feito por um alfaiate da cidade e forrado com um tecido barato. Ao chegar e subir a escadaria da Quarta Seção do Prédio Velho, alguém já estava de “butuca” na janela do segundo andar esperando com o famoso balde d’água fria, quando naquele momento ao adentrar no prédio, tomei um verdadeiro banho, ficando encharcado da cabeça aos pés. O que me causou aborrecimento não foi a ducha fria que levei e sim, o enrugamento do meu paletó, devido o encolhimento de seu forro. Até hoje (50 anos passados) não foi descoberto o autor daquele “delito”, e isso porque todos eram culpados e na época não havia “delação premiada”. Um consolo que tenho é que não fui o primeiro e nem o último a ser contemplado com o famoso “banho de balde”, pois essa era uma prática constante nos alojamentos de nossa UREMG, principalmente em altas horas da noite nos fins de semana”

A autoria do crime provavelmente ficará insolúvel “ad eternum” caro Lázaro. O pior mesmo é que, com o encolhimento, seu lindo e novo paletó deve ter virado “paletó de obrar em pé” como se diz no interior das Minas Gerais...

Algodão doce

Viagem aos Estados Unidos em 1967. O Boeing 707 da Pan American levanta voo do Galeão e lá se vão os mineiros da UREMG em sua estreia internacional nos ares em companhia de mais 24 estudantes das principais faculdades de ciências agrárias do Brasil. Começa o serviço de bordo. A aeromoça traz uma bandeja com umas coisas brancas fumegantes e oferece a “Tampinha” e ao Ribas que estavam sentados lado a lado. Indecisão. “Pra quê aquilo serviria mesmo?” Nenhum dos dois sabia. Aí o sacana do Ribas virou para a aeromoça, que falava português e disse:

- Senhorita, minha colega tá pensando que isso aí é algodão doce, coisa de comer!

Com um sorriso e certamente com um pensamento – “que caipiras” – a aeromoça respondeu:

“- Não é para comer, são toalhas higiênicas.”

Foi nessa hora que Lúcia tascou um beliscão no besta do Ribas....

Muito prazer minha senhora!

André Piraúba ocupava cargo de confiança na Prefeitura de Belo Horizonte. Numa cerimônia foi apresentado a uma senhora da *high society* belorizontina e o diálogo entre os dois, segundo fontes insuspeitas teria sido assim:

- Então Dr. André o senhor é que é o responsável pela operação tapa-buracos?

- Sim, minha senhora. Muito prazer em conhecê-la.

- Olha Dr. André, na porta da minha casa tem uma cratera monstruosa, já xinguei muito a senhora sua mãe...”

Noite fantasmagórica

Esse caso é contado pela “Dida Linha”:

“Numa determinada noite, sem nada para fazer, algumas *Berimboas* reunidas no apto B3 entre as quais: **Tânia, Wilma (Puri), Sheila (Dida Linha), Alma (Fantasminha), Violeta, Rosinha**, além de outras “pica-couves”; tiveram a ideia maquiavélica de assustar as colegas que estavam reunidas no B1.

Enquanto uma desligava a chave geral no quadro de eletricidade que ficava no início do corredor, as outras, vestidas com lençol branco e segurando velas acesas entravam no B1 fazendo “buuu...buuu...buuu...”. Foi uma gritaria fenomenal e as freiras francesas que eram zeladoras do alojamento subiram as escadas querendo saber o que estava acontecendo. As “fantasmas” se aglomeraram no banheiro minúsculo do B3, mas, como não cabia todo mundo, umas 2 ou 3 ficaram sentadas na cama com o lençol enrolado nas pernas. Quando as freiras perguntaram onde estavam os fantasmas, elas, com a maior “cara de pau”, disseram que não sabiam. Foi quando veio a pergunta contundente: “e esse lençol aí?”

KKKK... gargalhada geral da turma no banheiro seguida de uma gritaria porque uma “engraçadinha” resolveu abrir o chuveiro molhando todo mundo.

Coitadas da Madre Marie e da Irmã Anne Marie! Quase caíram duras no chão quando viram tantos “fantasmas”!!!!!!

Gustavo e a pisadura de cavalo

Gustavo Schlottfeldt e Otávio “Bundete” eram bastante próximos desde os tempos do Agrotécnico. Os pais foram colegas de turma em Viçosa e por isso Otávio morou algum tempo na casa dos Schlottfeldt. Gustavo costumava passar férias na Fazenda Recreio, Poços de Caldas. Era uma grande diversão! Pois ali se reunia uma montanha de primos de São Paulo e de diversas outras localidades para as férias. Otávio tinha umas belíssimas primas! Numa manhã, a moçada se reuniu para um passeio a cavalo. O sacana do “Bundete” escolheu o pior cavalo para o Gustavo, um pangaré trotão para um cavaleiro sem nenhuma experiência em montaria. Iriam visitar os primos Junqueiras, em outra fazenda, e Gustavo Schlottfeldt querendo impressionar as primas saiu na frente galopando. Não deu muito tempo, e o coitado do Gustavo ficou com a bunda ralada, não aguentava mais ficar sentado na sela e não achava mais posição de montaria. A caravana não tinha alcançado nem a metade

do caminho de ida. Para encurtar a história, ele não conseguiu mais sentar em lugar algum durante o resto da semana; isso fora a gozação que se instaurou. A “pisadura” de cavalo como se fala na roça, doía tanto que o Gustavo desistiu da paquera com as lindas primas do Otávio.

A vingança do peru

Professor Antônio Américo Cardoso, o “Galo”, aluno aplicadíssimo, fez carreira na UFV e fama entre nós pela sovinice. Festa de 20 anos, “Galo” ofereceu (ou foi intimado?) seu sítio para nosso churrasco. Nessa época, ele criava suínos brancos “tipo carne”. Naturalmente bolamos um plano para tomar “emprestado” um leitão, claro, sem cláusula de devolução. Desconfiado, “Galo” “mão de vaca” postou guardas em todos os acessos à pocilga, frustrando nosso plano. Mas, olhando para um pasto logo abaixo do ponto onde a turma confraternizava, havia uma “manada” de perus. Não deu outra: a capacidade de improvisação falou mais alto e partimos sorrateiramente para furtar um dos perus do “Galo”. Chuva caindo, barro, terreno inclinado e escorregadio, cerca daqui, cerca dali e pronto: pegamos um dos grandes. Imar rolou morro abaixo abraçado ao peru. E o “Galo” de olho na pocilga nem imaginava o que se passava no pasto! O peru foi levado para o ônibus que nos trouxe ao sítio e que estava parado bem longe da sede, portanto pouca gente percebeu que o bicho foi colocado no bagageiro do “busão”. Terminado o churrasco e revelado o rapto do glu-glu para a turma, voltamos a Viçosa e fomos preparar o peru para a festa. Primeiro um banho, depois um golinho de pinga “pra sossegar o bicho”. As Berimboas e a Dona Léa, mãe dos Schlottfeldt, fizeram uma casaca de papel crepom negro, uma gravata borboleta e à noite fomos para o baile com o já conformado peru. Entramos no salão em fila indiana (menos o “Galo”, claro!) triunfalmente puxando o peru por uma cordinha, ao som da “música do elefantinho.” Demos uma volta no salão e fomos à mesa onde estava Cardoso e sua esposa para apresentar-lhe o resultado de seu excesso de zelo com a leitoada. Foi uma baita gozação que ele e a esposa encararam na maior esportiva. Sucesso, palmas, fotos, filmagem. Aí, chegou a hora da vingança do peru e quem sabe do próprio “Galo”. Zé Luís Sudré, já meio tonto e empolgadíssimo, carregou o peru até acima do seu peito para tirar uma foto e recebeu uma “cagada” vingativa do bicho! Splash! Palmas para o cagão de penas, gozação em cima do Sudré que teve de voltar ao hotel para se lavar e trocar de roupa...

Nos 25 foi um cabrito

Com o sucesso do peru do “Galo” na festa de 20 anos, a turma resolveu inovar na festa do Jubileu de Prata: resolvemos levar um ruminante. Uma vaca seria impossível, mas quem sabe um cabrito? Os registros históricos disponíveis são imprecisos e não há muita segurança em se afirmar que o cabritinho levado ao baile tenha sido “tomado por empréstimo” ou comprado. O mais provável é que o bodinho branco que aparece na clássica foto carregado pelo “Caixeta”, tenha sido cedido graciosamente pelo próprio. Uma comissão composta por “Quiabo”, Imar, Dinarte e Nilson, juntamente com as Berimboas Grace e Eloína teria ido na companhia do próprio “Caixeta” buscar o animalzinho no sábado, após o churrasco. Segundo relato do Nilson, foi uma operação custosa pois o dono do sítio não tinha a chave do cadeado que abriria a porteira do local e por isso foi preciso arrombá-la. Chovia a cântaros. Quatro bebuns correndo atrás de um cabrito solto no pasto deve ter sido uma cena patética. Finalmente capturado e com as pernas amarradas, lá se foram, a comissão e o cabrito. A chuva não cedia e o caminho estava enlameado. A caminhonete dançava de um lado para o outro e terminou atolada no barro. A noite chegava e o tempo para dar um banho, perfumar e vestir o cabrito a caráter estava encurtando. Mais uma vez a Casa Branca, solar dos Schlottfeldt, foi a base da Operação Cabrito. Dona Léa com a sua incrível disposição e bom humor ajudou a preparar o mascote.

Aplicou-lhe uma chique gravata borboleta. E lá se foram todos para o baile. Dessa vez não houve vingança do animal como no episódio do peru. O cabritinho do “Caixeta” se comportou placidamente e depois voltou para a casa dos Schlottfeldt. Muitos ainda perguntam onde foram parar o peru dos 20 anos e o cabrito dos 25. Essa pergunta, 25 anos depois, continua sem resposta. Mas provavelmente devem estar repousando no céu dos perus e dos cabritos...

Apache CDF

Walter Geraldo Franklin, o “Apache”, era tão estudioso, mas tão estudioso, que quando caía um temporal e a luz apagava por falta de energia, acreditem, ele ia pra janela do seu apartamento, com o caderno de aulas nas mãos e estudava “as marretas de prova” à luz dos relâmpagos! Não era por acaso que o CDF “Apache” tirava notas excepcionais!

O festival de chopp

Outubro de 1967, penúltimo ano dos nossos cursos, precisávamos fazer um evento para angariar fundos financeiros para o Clube. Turma reunida em volta do à época Presidente Renato Cruz, o “Pustema”, decidimos fazer um festival de chopp na vizinha Ubá, evento esse denominado o 1º FESTIVAL DE CHOPP DA ZONA DA MATA. Até hoje há controvérsias entre nós sobre o motivo de Ubá ter sido a cidade escolhida e não Viçosa. Controvérsias à parte, partimos para o planejamento e para as ações, seguros de que o festival seria um sucesso e íamos bamburrar de tanto ganhar dinheiro. Sob o comando do Pompei, constituiu-se a Comissão Organizadora, que ficou mais conhecida como o Grupo dos Treze: “Carijó”, Mucio, “Zuzú”, “Castelo”, Gustavo, “Seu Ôvo”, “Cuprita”, Rosalvo “Gambá”, “Bundete”, “Tortura”, Jadir, Imar e “Tijolo”. Mas todos os demais membros do Berimbau colaboraram de alguma forma. Contratamos a cervejaria José Weiss de Juiz de Fora para servir o chopp, acertamos com o Clube Tabajaras de Ubá onde foi realizado o Festival, encomendamos camisetas, canecos de chopp, etc. A Comissão Organizadora se revezava em Ubá com o apoio dos colegas de lá: Múcio, “Seu Ôvo”, “Cuprita”, Rosalvo “Gambá” e “Tortura”. Na semana do evento pegamos firme nos últimos arranjos, trabalho duro que era recompensado no fim da jornada com chopp geladinho, churrasquinho de gato comprado no boteco da esquina e um sambão comandado por um dos funcionários da Cervejaria Weiss. Não tínhamos instrumentos de percussão. Sem o surdo para a marcação, usávamos um tambor de 200 litros virado de boca pra baixo. E o sambista da Weiss puxava o mote, um samba muito cantado na época cuja letra começava mais ou menos assim:

“TRISTE MADRUGADA FOI AQUELA,
EM QUE EU QUEBREI MEU VIOLÃO.
NÃO FIZ SERENATA PRA ELA
E NEM CANTEI UMA LINDA CANÇÃO

UMA CANÇÃO PRA QUEM SE AMA
QUE SAI DO CORAÇÃO DIZENDO ASSIM:
ABRA A JANELA AMOR, ABRA A JANELA
DÊ UM SORRISO E JOGUE UMA FLOR PARA MIM
CANTANDO ASSIM...”

Era uma farra gostosa todo começo de noite. Bom, e aí começou o festival propriamente dito. Muita animação, da nossa turma principalmente. Alguns bafafás próprios de uma festa etílica – “**Titico**” nosso chefe da segurança e de capoeira que o diga! – e no fim das contas levamos um prejuízo de lascar! A participação do público foi abaixo de nossa projeção, a venda de brindes idem, até hoje o “**Tijolinho**” tem caneco pra vender. Mas foi uma festa inesquecível sob todos os aspectos em que provamos nossa capacidade de organização, nossa animação incontida e tudo com muita organização.

Por pouco ficávamos sem o “canudo”

De fato, em novembro de 1968 ou início de dezembro, aconteceram fatos que quase provocaram o cancelamento de nossa cerimônia de formatura. Uma boa parte dos colegas que morava nos alojamentos deve se lembrar desses fatos, mas para aqueles que não os souberam na época ou se esqueceram, vamos a eles. Já foi narrado um pouco da maluquice de que nós fomos tomados na última semana de provas e principalmente no último dia de aula. Além da “zona” do 932, conforme caracterizada pelo Professor Cid Martins Batista, o fato mais impactante, no entanto, foi o barulho e os danos ao patrimônio da UREMG verificados na madrugada de sábado para o domingo. O estampido das bombas foi ouvido a 1 quilometro, na Vila dos Professores, cujas famílias foram acordadas sem saber o que poderia estar acontecendo na Escola. Nosso Regimento de Engenharia “seção de explosivos” – muito possivelmente unido a membros de outros Clubes – detonaram um verdadeiro arsenal de bombas para festejar o encerramento das aulas. Contudo, enquanto isso, o restante dos alunos ainda estava fazendo prova e foi por essa razão que todos os moradores das Oitava e Nona Seções receberam uma convocação para reunião de urgência com o Professor Geraldo Martins Chaves, então diretor da Escola Superior de Agronomia, às 15 horas do domingo. Mas por que foram convocados somente os **Berimbons** das 2 seções mencionadas? Porque a direção tinha informações de que o “ninho das bombas” se localizava em uma delas. E, de fato, os maiores danos aos vidros e globos de iluminação foram na Oitava e Nona. Pra completar, nas visitas do Professor Cid aos apartamentos foi encontrado um estoque de bombas nas gavetas do quarto vizinho ao 932, onde moravam “**Negativo**” e “**Tiziu**”. Os indícios eram fortes e não tínhamos como escapar dessa enrascada. O Professor Chaves começou dando uma descompostura em todos nós, enfatizando o nosso baixo nível de solidariedade com os alunos ainda em regime de provas. E terminou com uma ameaça de que se o tiroteio continuasse, nossas famílias seriam penalizadas uma vez que não cabiam mais punições contra os culpados do bombardeio. Aliás, não havia acusações individualizadas sobre os responsáveis por soltar bombas. O grupo inteiro assumiu a culpa. Em outras palavras, *todo o Berimbau, incluindo “pica-paus” e “pica-couves” e suas famílias ficariam privados da festa de diplomação*. Os diplomas seriam enviados pelo correio para nossas casas. Ainda curtindo ressaca, de crista baixa, ganhamos 1 hora para mobilizar todos os moradores dos alojamentos para que fosse cumprido o acordo que fizemos com o Professor Chaves. Enquanto durasse o período de provas, se fosse detonado um traque sequer, o **Berimbau** não participaria da formatura. Ponto! Saímos da reunião levando o trato a sério, conversamos com os moradores de apartamento em apartamento para pedir a todos – integrantes do **Berimbau** e de outros Clubes – uma trégua no bombardeio. Honramos o acordo. As bombas pararam. A “zona” entrou em recesso e o resto dessa história começa com nossa formatura, que felizmente aconteceu, e que agora completa 50 anos.

Maturidade cinquentona, confissões tardias, inconseqüências reconhecidas!

O capítulo dos “causos” não se encerra com esse último relato. Nossa história durante e depois da graduação é rica em “causos”. A galeria está aberta para futuras contribuições e que essas venham logo antes que nossa memória entre naturalmente em falência.

VIII

Saudade

Nascer, crescer, reproduzir e morrer: é o inexorável e irreversível ciclo biológico dos seres vivos que tanto estudamos em nossos cursos. As crenças religiosas atenuam ou aumentam as repercussões da morte, mas o que nenhuma delas consegue é apagar a lembrança e a saudade quando o fim do ciclo vital chega para os humanos. Ao longo dessas páginas memoriais vieram as lembranças e a falta que nos faz os colegas cujas vidas foram interrompidas. A começar pelo **Paulinho “Galocha”**, o primeiro de uma série que hoje somam 24, para cada um deles reservamos um momento de lembranças e de muita saudade. **“Galocha”**, sem você o samba ficou triste! **Otávio “Bundete”** e **Zé Aldemir “Pereba”** soltem suas gargalhadas! Sopra a corneta **“Berabão”**! **“Sensação”**, e o discurso dos 50 anos? Você não imagina a falta que nos faz! **André “Piraúba”**, você nos conquistou, nosso voto é seu! **“Caixeta”**, não permita que ninguém fique triste nessa festa. **Reginaldo “Pipi”**, sem você, com quem iremos polemizar? Sem você **“Zuzú”**, agora as rãs ficarão em paz! Sem você, **Luiz Márcio Cintra** quem representará no palco o *Coronel Quá-Quá*? Sem você, **“Gringo”** nossa equipe de *water polo* e natação não subirá mais ao pódio, e sem o **Dílson**, no comando do ataque, nosso time não ganhará de mais ninguém. Sem você, **“Necrotério”**, a *chacrinha* nunca mais será a mesma. **Maria Alice**, agora ninguém mais confundirá a *“Tampinha”* com você. Que pena! Eram tão engraçadas as gafes de seus namorados! **Toshio**, você está fazendo uma falta danada na afinação do Jegral. **Rosa “Shashishinha”** abra esses olhinhos orientais, hora de acordar! **Mauro Ker “Cara de Cavalo”**, que apelido imerecido que você ganhou! Sem o **Jurandir “Curraleiro”**, pra quem vamos gritar bem alto: Tiláaaapiaaaa? **João “Jaburú”**, você saiu de fininho, e nem nos avisou! **Ricardo Duroc**, a gente promete que não deixará você nervoso. **Rosalvo**, tá na hora de tomar uma! **“Chita”**, pra que tanta pressa? **Paulinho “Taião”**, tá na hora de ensaiar a Testemunha de Acusação. Sem você, **Paulo Henrique**, quem imitará o velho Professor Gonçalves? **Ovídio**, os parceiros do baralho estão te esperando!

O coração bate compassado, os olhos lacrimejam, baixa a tristeza e a respiração fraqueja. É difícil conviver com a perda. A vida continua, mas a saudade fica dolorosamente presente. Para sempre porque...

... SAUDADE É O AMOR QUE FICA!

IX

Reconhecimento

Depois de 50 anos de experiências vividas nos mais diferentes campos da atuação profissional, muito provavelmente não haverá unanimidade se aos membros do *Berimbau* for solicitado nominar qual professor mais impactou nossa carreira. Mais de um talvez, mas mesmo assim dificilmente haverá uma convergência para poucos nomes. Cada curso, cada turma da diversificação e cada um de nós temos ligações pessoais e identidade funcional com determinados professores e suas disciplinas. Se a enquete, de outro modo, fosse no sentido de nominar qual ou quais professores deveriam jamais ter participado de nossa formação, certamente a resposta seria nenhum. Com mais, ou menos afinidade, a verdade é que há um reconhecimento de que todos os nossos mestres, sem exceção, contribuíram para sermos o que somos e o que produzimos em prol do país e da sociedade. A prova testemunhal desse reconhecimento é que somos capazes de lembrar o nome, apelido, características pessoais, estilo, personalidade de quase todos os professores da UREMG que participaram de nossa formação, como também temos gravadas na memória as raras e bem solucionadas querelas próprias da relação entre professor-aluno. No ensejo do nosso **Jubileu de Ouro**, que fique marcada a profunda gratidão dos formandos de 1968 da Agronomia, da Engenharia Florestal e da Ciências Domésticas aos que nos ensinaram as técnicas e as condutas morais responsáveis pelo nosso bem-sucedido desempenho nestes 50 anos de conquistas. Agradecimentos que se estendem a todos, vivos e falecidos, que trabalharam administrativamente para que tivéssemos as condições ideais para estudar e viver condignamente nas dependências do Campus, do Magnífico Reitor Professor Edson Potsch de Magalhães até o mais humilde servidor. Feliz a instituição que chega fortalecida nos dias de hoje podendo se orgulhar de ter nos seus quadros funcionais e administrativos, uma plêiade de servidores preparada pelas gerações anteriores e que continuam dignificando aqueles que fizeram a grandeza da nossa amada UFV.

X

Lembranças

Da nossa formatura, do novo e ainda mal-acabado Ginásio de Esportes, das famílias, das namoradas, noivas e esposas. Do irretocável discurso do “Sensação”, do instante e da expressão do Professor Chaves ao passar o diploma às mãos do “Tijolinho”, da leitura labial onde claramente se identificava um “parabéns”, “seja muito feliz”. Porém, na mente do Geraldo Chaves, com certeza os votos foram de “vá com Deus e não me apareça mais”.

Sete horas da manhã de domingo, um café no Bar do Seu Tião Milagres “pra curar a ressaca”. Na saída, um grupo de **Berimbons** vê o Magnífico Reitor Edson Potsh se dirigindo à Matriz para a missa dominical. Imediatamente foi cercado amigavelmente pela galera e saudado com um unísono “Bicho-berra” – nosso grito de guerra: **“cumequié, cumequié, cumequié, a turma avança enquanto o bicho berra, é Deus no céu, Cururu aqui na terra, Cururu, Cururu”**. Quem não se lembra do saudoso Professor Potsch, apelidado de “*Sapo Cururu*”? E os nossos paraninfos? Inesquecíveis! Professor Paulo de Tarso Alvim da Agronomia; Professora Sandra Cavalcanti da Floresta e Professor Célio Nogueira da Gama da Ciências Domésticas, que também tinha como Patrono Dom Helder Câmara. Paulo Alvim sempre presente em nossas festas, encantando a todos com seu magnetismo e fina inteligência, é uma forte lembrança e dele uma constante saudade.

Cinquenta anos depois, que emoções ainda estarão por vir?

XI

Epílogo

Meio século de muita paixão pelas profissões que escolhemos, de forte amor pela Escola e pela Cidade que nos abrigou por quatro e inesquecíveis anos, de indestrutível relação de amizade forjada intramuros da UREMG-UFV. Um tempo de intensas emoções que não se encerra neste memorável encontro do **Jubileu de Ouro**. O Clube *Berimbau* já mirando os 55, festeja com muito orgulho sua data de aniversário, com o mesmo entusiasmo de 1968 quando nos abraçamos e entramos na vida profissional, sem perdermos os valores que construímos com tanto zelo no tempo de convívio em Viçosa. Na renovação desse abraço iniciado há 50 anos, renovamos também os votos para mantermos o que sempre fomos: mais que colegas de turma, mais que simplesmente amigos e sim uma família...

... A FAMÍLIA BERIMBAU!

XII

Anexo - Autobiografias

Afrânio Vasconcelos Barros – “Morceguinho”.

De acordo com a solicitação, envio alguns dados referentes à atividade profissional. Após formado ingressei na ACAR (hoje EMATER), ficando por 1 (um) ano na cidade de Manhuaçu. Prestei concurso para o IBC (Instituto Brasileiro do Café) em 1970, ficando no órgão até sua extinção em 1990. Durante este período exerci a função de Chefe de Serviço Local de Assistência a Cafeicultura (SELAC) em diversas cidades da Zona da Mata como Manhuaçu, Manhumirim, Ponte Nova, Juiz de Fora, Muriaé e no Estado do Rio de Janeiro em Valença e Natividade. Em Caratinga fui assessor técnico na Agência Regional do IBC na Zona da Mata. Após 1990, fui para o Mapa em Muriaé, depois fiquei no Procafe em convênio com a Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Muriaé. Depois de aposentado em 2002, prestei consultoria a diversas propriedades cafezeiras da região de Muriaé, cidade onde resido. Em relação à vida particular sou casado há 43 anos, tenho 2 filhos e uma filha e 5 netos. Um grande abraço e feliz 2018.

Alberto Carvalheira Drummond – “Paraná”, “Cabide”

DADOS FAMILIARES

- 1969 – Casamento com Maria da Glória Ramos (nativa)
- 1970 – Nascimento 1ª filha – Zilda Maria em Belo Horizonte – MG
- 1973 – Nascimento 2ª filha – Valéria Maria em Belo Horizonte – MG
- 1974 – Nascimento 3º filho – Jorge Alberto em Jacarezinho – PR
- 2000 – Casamento Zilda Maria e Carlos Loureiro Neto
- 2003 – Nascimento 1ª neta – Laura (filha da Zilda)
- 2004 – Nascimento 2º neto – Caio (filho do Jorge Alberto)
- 2008 – Nascimento 3ª neta – Sofia (filha da Zilda)
- 2017 – Casamento Jorge Alberto com Alice Nair Feiber Sonego

DADOS PROFISSIONAIS

- 1969 – Sementes Agroceres S.A. – São Paulo – SP
- 1970 – Agroceres S.A. Importação, Exportação, Indústria e Comércio – Belo Horizonte-MG
- 1973 – Fertiplan S.A. Adubos e Inseticidas – Jacarezinho-PR.
- 1975 – Fertiplan S.A. Adubos e Inseticidas – Cornélio Procópio-PR
- 1975 – Fertiplan S.A. Adubos e Inseticidas – Londrina – PR como Gerente de Vendas PR/MT / MS
- 1978 – Fertilisamentos S.A. Sementes Seleccionadas – Londrina – como Responsável Técnico e elaborador de viveiro de café com 8 milhões de mudas
- 1979 – IAP Sul Fertilizantes – Cambé-PR

- 1983 – Fertilul Adubos – Ibiporã-PR
1988 – Nutri nobre Ind. Com. de Fertilizantes Ltda. – Cambé-PR
1996 – Rio de Janeiro Agropecuária S.A. – Mimoso do Oeste – hoje Luiz Eduardo Magalhães – com Gerente Geral
1999 – Microempresário no ramo de alimentos em sociedade com a esposa
2008 – Aposentadoria por idade, onde o valor não paga os remédios

DADOS ASSISTÊNCIA TÉCNICA

CULTURA DE CAFÉ PRINCIPALMENTE – DESDE O VIVEIRO ATÉ O BENEFÍCIO

- 1 - Carlos Alberto Benutti
 - 1.1 - Fazenda Serra Alta – Grandes Rios-PR
 - 1.2 - Fazenda Lagoa Seca – Grandes Rios-PR
 - 1.3 - Fazenda Três de junho – Grandes Rios-R
 - 1.4 - Fazenda Paineiras – Jardim Alegre-PR
 - 1.5 - Fazenda São José – Jardim Alegre-PR
 - 1.6 - Fazenda Santa Luzia – Ivaiporã-PR
- 2 - Aristides Tavares de Oliveira
 - 2.1 - Fazenda Floresta – Jardim Alegre-PR
 - 2.2 - Fazenda São Benedito – Ivaiporã-PR
- 3 - Manoel Lourenço Filho
 - 3.1 - Fazenda Central – Faxinal-PR
- 4 - Ederaldo Rodrigues Zurlo
 - 4.1 - Fazenda Mata Vaca – Nepomuceno-MG
 - 4.2 - Fazenda Formiga – Lavras-MG
- 5 - Odebrecht Comércio e Indústria de Café
 - 5.1 - Fazenda Santa Ângela – Sertanópolis-PR
 - 5.2 - Fazenda São Sebastião – Londrina-PR
 - 5.3 - Fazenda Mãe de Deus – Londrina-PR
 - 5.4 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida – Londrina-PR
 - 5.5 - Fazenda Brasão – Londrina-PR
- 6 - Francisco Luiz Prando Galli
 - 6.1 - Fazenda São Daniel – Florestópolis-PR
 - 6.2 - Fazenda São Gabriel do Tenente – Centenário do Sul-PR
- 7 - Francisco Fracarolli
 - 7.1 - Fazenda Santa Lúcia – Corumbataí do Sul-PR
- 8 - Rubens Accorsi
 - 8.1 - Fazenda Santo Antonio – Londrina-PR
 - 8.2 - Fazenda São Geraldo – Primeiro de Maio-PR
- 9 - Ilton Esselfelder Hintz

- 9.1 - Fazenda Boa Vista – Santo Antonio da Platina-PR
- 10 - Rene Hauer
 - 10.1 - Fazenda Santa Maria – Ribeirão do Pinhal-PR
- 11 - Cássio Arantes Pereira
 - 11.1 - Fazenda Santa Amélia – Santo Antonio da Platina-PR
 - 11.2 - Fazenda Santa Terezinha – Jacarezinho-PR
 - 11.3 - Fazenda Rita de Cássia – Conselheiro Mayrink-PR
- 12 - Walter Infante Alves
 - 12.1 - Fazenda Cafézinho – Santo Antônio da Platina-PR
 - 12.2 - Fazenda Barreiro – Jacarezinho-PR
- 13 - Raphael Jafet
 - 13.1 - Fazenda Santa Bárbara – São Carlos-SP
- 14 - José Tavares de Oliva
 - 14.1 - Fazenda Jangada – Avaré-SP
- 15 - Vicente Martins Neto
 - 15.1 - Fazenda Santa Zoé – Alvorada do Sul-PR
- 16 - Antenor Pazzelo
 - 16.1 - Fazenda Pôr-do-Sol – Peabiru-PR
- 17 - Maria Helena Sampaio Doria Leme da Fonseca
 - 17.1 - Fazenda Nova Galles – Jacarezinho-PR
- 18 - Jorge Teodócio Atherino
 - 18.1 - Fazenda Flora – Lupionópolis-PR

NOSSOS CONTATOS

Nosso endereço

Rua Goiás, 1892/102

Centro

CEP 86020-410

Londrina - PR

Celular Alberto: 43-99997-4112

Celular/whatsapp Glória 43-99984-1925

Fixo: 43-3322-0822

Alfredo Alcides Goicochea Huertas

Nasci em Cajabamba, Peru, em 06 de agosto de 1941. Meus primeiros estudos foram feitos em minha cidade natal. Em seguida ingressei na Universidade Nacional de Trujillo, Peru, de onde consegui transferir-me para uma universidade do Brasil, através de um processo seletivo organizado pelo Itamaraty no bojo do Acordo de Intercâmbio Cultural entre Brasil e Peru. A Universidade indicada pelo Itamaraty foi a UREMG, onde me ingressei na Escola Superior de Agronomia de Viçosa- ESAV. Depois de 1968, formado em agronomia com especialização em zootecnia, retorno ao meu país de origem, onde me envolvi com muitas atividades. Permaneci no Peru até 1972

quando emigrei para os Estados Unidos e lá fui contratado por uma empresa de confinamento de gado de corte. Fora do meu trabalho desenvolvi uma extensa campanha de proteção às abelhas africanas que estavam migrando do Brasil, causando pânico à população. Desse esforço meu se iniciou um pequeno projeto de apicultura, que foi aceito e apoiado pela empresa que me empregava. O projeto obteve êxito e foi nesse momento que uma missão de professores de zootecnia da UFV visitava a empresa de confinamento reencontra o ex-aluno criando abelhas africanizadas com muito êxito. Essa constatação fez com que os professores da missão me convidassem a retornar a UFV para enfrentar as temidas africanizadas no Brasil. Retornei a Viçosa iniciando um arrojado programa de apicultura envolvendo quase todos os setores agrários, pois não havia mais apicultores, todos abandonaram a atividade pelo temor das abelhas africanas. Em 1980, organizamos um grande Congresso Internacional de Apicultura, talvez o maior congresso realizado pela UFV até então. Na UFV fiz pós-graduação em nutrição animal obtendo o grau de M.S. Então criamos na UFV várias disciplinas no curso de apicultura e oferecemos muitos e muitos cursos de extensão, dentro e fora da Universidade. Viajei por todos os cantos do Brasil e participei de congressos internacionais na França, Romênia e Argentina. E mais, pesquisamos muitas formas para conseguir trabalhar com abelhas africanizadas, pois não havia tecnologia para isso. Entre tantas pesquisas e tentativas descobri as propriedades benéficas do própolis do mel das africanizadas, que era desprezado. Esta descoberta me levou ao Japão em várias oportunidades e também me proporcionou trabalhar com pesquisadores japoneses das Universidades de Toyama, de Tokio e de outras, que visitavam a UFV. Uma empresa japonesa que investia nos estudos dos diferentes própolis patenteia este produto e eu me tornei o consultor brasileiro responsável, direito que permanece atual. Além dos estudos e pesquisas com diferentes tipos de Própolis também pesquisamos a apicultura dentro dos campos em polinização, assim como muitos trabalhos com mel, pólen, geleia real e cera na nutrição humana. Hoje Brasil é um grande produtor de produtos apícolas. Na UFV criamos muitas fontes de renda oferecidos pelas abelhas. Paralelamente a todo este trabalho somei com o Professor Lucio O Campos e criamos na UFV o maior centro de MELIPONICULTURA da América (Abelhas sem Ferrão).

Mais tarde novo desafio: após ter estado na UNIVERSIDADE NACIONAL DE SANTIAGO DEL ESTERO onde realizei o curso de doutoramento em entomologia, iniciamos com muito êxito o programa de criação do bicho de seda na UFV introduzindo na grade curricular o curso de sericicultura e para isso foi construído um grande laboratório. Em síntese:

- Trabalhei com abelhas e inseto da seda, dois insetos sociais muito importantes.
- Creio ter contribuído muito para o desenvolvimento sério do meu país, o BRASIL.
- Tenho 04 filhos todos formados e uma esposa maravilhosa pretendo ainda continuar trabalhando pelo bem do Brasil e da humanidade

AMÉM

AMÉM

Alma Amorim Coutinho – “Fantasminha”

Logo depois de formada fui trabalhar no Paraná, na Secretaria de Agricultura, sendo elemento de ligação num convenio com a Associação das Escolas Reunidas do Instituto Cristão localizado em Castro. Lá, junto com reverendo Muller, montei um curso Técnico de Economia Doméstica de 2º grau com a organização e instalação de salas ambientes. Dirigi e lecionei todas as disciplinas no ano de 1969. Depois fui para São Paulo, na Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, sendo lotada em no Colégio Industrial de Pirajuí (1º grau) e em seguida no Colégio Técnico Industrial

Estadual de Jaú, onde permaneci até 1975. Entre 1972 e 1975 cursei Ciências Biológicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Prof. José Augusto Vieira” em Machado MG. Em 1976 contrai matrimônio com Evandro A. C. Coutinho e me transferei para Brasília. Em 1977 nasceu Naiara e em 1978 Gustavo, então me afastei das atividades profissionais. Retornei em 1987 na Fundação Educacional do Distrito Federal como professora de Práticas Integradas do Lar. Em 1982 Ingressei na UPIS União Pioneira de Integração Social. Durante o período que estive na UPIS fiz dois mestrados: sexologia (ISB) e Metodologia do Ensino Superior (CEUB). Coordenei e ministrei treinamentos, participei de projetos, estudos e trabalhos isolados ou em colaboração (não publicados) e Uma Proposta de Introdução De Educação do Consumidor nos Currículos Escolares de Educação Básica (UFV, 1990, publicado). Participei de vários seminários e congressos da ABEAS, ABED, MEC, SBCTA e UFPel. Membro titular representante da UPIS no Projeto Borba Gato (1983/84). Atuação na ABED – Sócia desde 1969; Membro do Conselho Técnico científico da seção SP/PR gestão 70/72; Vice-presidente da seção Brasília, gestão 83/85; CEFED – Conselho Federal de Economia Doméstica – Conselheira e participante dos estudos e elaboração de estatuto e regimento interno; Vice-presidente na gestão 29/07/1998 a 31/12/2001. Aposentei em 2004. Atualmente residimos em Itaúna, MG, terra natal do Coutinho.

E somos muito felizes!

André Carlos Ferreira Xavier – “Piraúba”, “Lelé” (*)

A carreira no serviço público começou na ACAR-GO na área de mecanização agrícola junto a Secretaria de Agricultura e Pecuária do DF. Dirigiu a Empresa de Mecanização Agrícola de Goiás. Voltando para Minas Gerais ingressou na Ruralminas como Gerente da Área de Mecanização Agrícola, onde comandou uma grande equipe que atendia todo Estado e foi responsável por uma frota de cerca de 200 máquinas e implementos agrícolas. Foi também Superintendente de Agropecuária da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais e Diretor da Secretaria Municipal de Transporte da Prefeitura de Belo Horizonte. Deixando o serviço público, ingressou na política partidária e se elegeu prefeito de sua cidade natal, Piraúba. Faleceu em 2002 de forma trágica depois de lutar contra uma crise depressiva.

(*) Dados biográficos coletados com colegas de turma e contemporâneos

Antônio Américo Cardoso – “Galo”.

1. Nome: Antônio Américo Cardoso, filho de Antônio Pereira Cardoso e Juracy Pereira Cardoso. Nascimento: 03 de julho de 1942, no Distrito de Alto Calçado “São Benedito”, Município de São José do Calçado, Estado do Espírito Santo.

2. Estado Civil: Casado com Maria Aparecida Cordeiro de Carvalho Cardoso.

3. Filhos: Antônio Américo Cardoso Junior, Andréia Carvalho Cardoso e Andrés Carvalho Cardoso.

4. Formação Acadêmica: Engenheiro Agrônomo, ESA/UFV, 1968; Magister Scientiae, UFV, 1970; Doutorado, ESALQ, USP, 1977.

5. Cargos Efetivos: Instrutor, UREMG, 1969; Professor Assistente, UFV, 1971; Professor Adjunto I, UFV, 1976; Professor Adjunto II, UFV, 1977; Professor Adjunto III, UFV, 1985; Professor Adjunto IV, UFV, 1987; Professor Titular, UFV, 1992.

I. ATIVIDADES DE ENSINO

1. AULAS DE GRADUAÇÃO E DE PÓS-GRADUAÇÃO: Total Geral = 3.662 horas/aula

2. COORDENAÇÃO DE DISCIPLINAS E CURSOS

2.1. Disciplinas: Coordenador de Melhoramento de Plantas durante 10 semestres; Coordenador de Técnicas Experimentais em Fitotecnia durante um semestre; Coordenador de Métodos de Melhoramento de Plantas durante três semestres; Coordenador de Melhoramento das grandes culturas durante cinco semestres; Coordenador dos Seminários do Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia durante 12 semestres.

2.2. Cursos de Pós-Graduação: Membro da Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia

3. ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO DE ESTUDANTES

3.1. Graduação: 144 estudantes

3.2. Pós-Graduação

3.2.1. Orientador: 32 Estudantes de Mestrado; 08 Estudantes de doutorado.

3.2.2. Conselheiro: 117 Estudantes de Mestrado; 30 Estudantes de doutorado.

4. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS:

4.1. Concurso Público para Professor na Própria Instituição: Participação em 7 bancas Examinadoras de Concurso Público para Professor.

4.2. - Bancas de Tese de Mestrado: 227 Bancas de Mestrado

4.3. Bancas de Tese de Doutorado: 50 Bancas de Doutorado

4.4. Bancas de Exame de Qualificação; 47 Bancas de Exame de Qualificação.

II ATIVIDADES DE PESQUISA

1. Publicações

1.1. No País

1.1.1. Primeiro ou segundo autor: 24 Trabalhos Publicados

1.1.2. Terceiro autor em diante: 72 Trabalhos publicados

1.2. No Exterior: 03 Trabalhos Publicados

2. BOLSISTA EM ÓRGÃOS FINANCIADORES DE PESQUISAS: Nível I - CNPq de 1985 a 1997 (12 anos)

3. PARTICIPAÇÃO EM COMISSÃO EDITORIAL, REVISOR DE REVISTA CIENTÍFICA, ENTIDADES CIENTÍFICAS E CULTURAIS:

3.1. Revisão de Artigos Científicos: Revisor de 7 Artigos Científicos

3.1.1. No País: Consultor AD-HOC de 7 Projetos do CNPq.

4. PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SIMPÓSIOS, SEMINÁRIOS, ENCONTROS E SEMANAS:

4.1. Com Apresentação de Trabalho no País

4.1.1. Primeiro ou segundo autor: 24 Publicações

4.1.2. Terceiro autor em diante: 105 Publicações

5. PARTICIPAÇÃO EM COMITÊS DE ASSESSORIA, CONSELHOS DIRETORES E CURADORES E AGÊNCIAS DE FOMENTO À PESQUISA: Membro Titular da Subcomissão do Departamento de Padronização e Classificação de Produtos de Origem Vegetal da Secretaria de

Estado da Agricultura do Estado de Minas Gerais, referente à cultura do trigo desde 1977.

6. PROJETOS FINANCIADOS POR ÓRGÃOS PÚBLICOS E PRIVADOS:

- Participação na elaboração e desenvolvimento do projeto “Estudos sobre a Nutrição de Feijoeiro na Zona da Mata de Minas Gerais”, financiado pelo Ministério da Agricultura, em Convênio com a UFV, nos anos agrícolas 1972/73 e 1973/74;

- Participação na elaboração e desenvolvimento de dois projetos de pesquisa executados em Pirapora, MG, no Convênio celebrado entre a Universidade Federal de Viçosa e a SUVALE, no período compreendido entre outubro de 1972 a março de 1975.

III - ATIVIDADES DE EXTENSÃO

1. BOLETINS

01. PEREIRA, E. B.; CARDOSO, A. A.; VIEIRA, C.; LOURES, E. G.; KUGIZAKI, Y. Viabilidade econômica do composto orgânico na cultura do feijão. EMCAPA - Comunicado Técnico n. 40, junho, p. 1-4, 1985.

2. CURSOS, PALESTRAS E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS.

2.1. Cursos: - 28 horas aula- Participação no Curso de Iniciação à Pesquisa oferecido pela UFV para o Ministério da Agricultura, como Orientador, no Trabalho “A mosca do sorgo e seu controle”.

IV - ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

1. CARGOS ADMINISTRATIVOS: Chefe Substituto do Departamento de Fitotecnia em várias ocasiões; Coordenador do Setor de Agronomia do Departamento de Fitotecnia durante 6 anos.

2. PARTICIPAÇÃO EM CONSELHOS, CÂMARAS E COMISSÕES: Membro do Conselho Técnico de Pesquisa de 26/01/1990 a 26/01/1993; Membro da Câmara Curricular do Curso de Engenharia Agrícola, como representante do Departamento de Fitotecnia por 8 anos;

Presidente da Comissão de Pesquisa do Departamento de Fitotecnia por 7 anos; Membro da Comissão de Pesquisa do Departamento de Fitotecnia desde 24/12/1991; Comissões eventuais de âmbito universitário.

V - FORMAÇÃO ACADÊMICA

1. Mestrado- Tese: “Comportamento de misturas de variedades de feijão (*Phaseolus vulgaris* L.)”. 1970, 25p.

2. Doutorado- Tese: “Variação entre compostos e sua utilização no melhoramento do milho (*Zea mays* L.)”. 1976. 48p.

VI - OUTRAS ATIVIDADES

1. OUTRAS ATIVIDADES RELEVANTES

Curso intensivo de produção de hortaliças; Estágio na Companhia Paulista de fertilizantes;

Curso intensivo de Fisiologia Pós-Colheita; Diplomado em Inglês pelo Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos; Curso de Estatística Experimental não paramétrica, ministrado pelo Prof. Humberto de Campos, de 6 a 10 de dezembro de 1986; Participação na Reunião sobre Trigo Irrigado Promovida pela EMBRAPA-UEPAE de Dourados-MS de 24/02 a 01/03/1986.

Classificado em décimo lugar em uma turma de 93 estudantes até o 3º ano de Agronomia e em segundo lugar em uma turma de 37 estudantes no 4º ano de Agronomia; Membro da Comissão Coordenadora da Área de Produção Vegetal do II Simpósio da Pesquisa na UFV; Membro da Comissão para Coordenar as Atividades de Campo do Departamento de Fitotecnia; Membro da Comissão de Seleção de Candidatos a Bolsa de Iniciação Científica do CNPq; Presidente da Comissão

Encarregada de Apurar os Fatos Denunciados no Processo nº 86-05834. Conceito A em todas as Disciplinas Cursadas no Doutorado.

Antônio Dutra de Freitas Neto – “Cauby”

Na UREMG me formei em 1968 na turma do Berimbau com diversificação em Engenharia. Minha carreira foi totalmente desenvolvida no antigo Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS, até sua extinção. Trabalhei intensamente no Sul de Minas, na região de Pouso Alegre onde resido atualmente. No DNOS, entre 1969 e 1980, fiz projetos e executei diversas obras de drenagem e recuperação de áreas sujeitas à inundação para uso em agricultura irrigada. De 1980 até me aposentar em 2008, executei obras de terraplenagem para utilização na agricultura, comércio e indústria, em obras de infraestrutura como redes de água potável, esgoto sanitário, drenagem superficial, guias e sarjetas em centros urbanos e empreendimentos imobiliários.

Antônio Vieira Guimarães – Tônico/Alambique

FAMÍLIA: Antônio Vieira Guimarães, casado com Maria das Graças Vidigal Guimarães, três filhos, um formado em Análise de Sistemas (USP), o outro Farmacêutico (Doutorado – USP) e uma filha Fisioterapeuta (Especialização UNICAMP), todos constituem suas próprias famílias.

O PROTAGONISTA:

Minha história é curta e simples, atuei praticamente em uma única instituição privada, chamada **Citibank S.A.**, depois de uma rápida passagem pelo IBRA, atualmente INCRA, logo após a conclusão da Faculdade. No INCRA, no Rio de Janeiro fiquei apenas seis meses. Era o ano de 1.969. O início da minha jornada no **Banco Americano** foi em setembro de 1969, nesta data, o banco tinha um nome enorme: “THE FIRST NATIONAL CITIBANK OF NEW YORK” No **Citibank**, atuei por **exatos TRINTA e CINCO ANOS**. Completado este período, pedi para sair e fui rumo a outros projetos, como fazer **Consultoria Financeira e Empresarial**. Assim, após o primeiro ciclo no banco Americano, constitui uma empresa de prestação de **Serviços Financeiros** e fui atuar em outro banco denominado “**LEMON BANK**”, mais especificamente para implantação da área de CREDIT AND COLLECTION. Implantei as duas áreas, administrei e saí após quatro anos, quando então decidi mudar para Juiz de Fora – MG, para viver a minha própria vida, ser o protagonista de mim mesmo. Em 2013 montei uma farmácia com meu sobrinho Farmacêutico, chamada ALPA DROGARIA LTDA, em Juiz de Fora. Por questões estratégicas vendemos o referido comércio em 2016.

CONSTRUINDO A HISTÓRIA:

Inicialmente tive oportunidade de dividir a **minha carreira** em **duas etapas** completamente distintas na mesma organização **Citibank**, à medida que caminhava. Atuei em duas grandes áreas do banco como CORPORATE e INDIVIDUAL BANK, trabalhando respectivamente na seguinte ordem, no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Maceió, Recife, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e São Paulo. A consolidação do meu trabalho foi maior em São Paulo, pois lá está a sede Administrativa. Tive oportunidade de administrar vários departamentos e criar outros.

Primeira Etapa:

Na **primeira** etapa, a partir de 1969, por cerca de **10 anos** dediquei minha carreira primeiramente à **análise de projetos agropecuários** atuando na **Carteira de Crédito Rural** e depois alcançando o Agronegócio fui me dedicar a projetos **Agroindustriais** de grande monta, nas regiões onde pulsava o campo, ou seja, de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Campinas e

adjacências, com alguma extensão para o estado de Goiás e Mato Grosso do Sul. E para atuação em projetos Agroindustriais busquei Especialização em Engenharia Econômica (ainda em Belo Horizonte) na Fundação Dom Cabral. A Especialização me capacitou para atuação nestes grandes projetos do Agronegócio, com recursos advindos do **Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD)**. A matemática Financeira também, que me criou oportunidades levando-me atuar como instrutor perante a Universidade Citigroup, principalmente na área de CREDIT AND COLLETION.

Segunda Etapa:

Nos demais vinte e cinco anos seguintes, fui envolvido com projetos maiores do banco, atuando na parte Administrativa e Executiva, passei por vários cargos como, SUPERVISOR, TEAM LEADER, BRANCH HEAD, CITIBUSINESS HEAD, REMEDIAL MANAGEMENT HEAD, EARLY WARNING HEAD e outros, tendo chegado à titulação de “VICE PRESIDENT RESIDENT”, da Organização. Fui designado para abrir e implantar uma Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários em Maceió, chamada – Citibank DTVM e implantar uma Financeira em Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, denominada INTERCITI FINANCEIRA CITIBANK e outros projetos de reestruturação e ampliação do Banco.

CONTRIBUIÇÕES:

1) Para a Organização:

No trabalho interno as maiores contribuições foram no AGRIBUSINESS e na área de CREDIT AND COLLECTION e como Sênior de Crédito atuava a nível Brasil. No final da carreira tive oportunidade de criar e coordenar um comitê de “PROBLEM RECOGNITION AND LESSONS LEARNED”; e meu último projeto foi a Implantação e Administração de uma área denominada “EARLY WARNING ADMINISTRATION”, visando antecipação de sinais de fragilidade nas operações de crédito. Agir preventivamente.

2) Para o País:

Para o desenvolvimento do país, a área de Agronegócio foi muito atuante na captação e aplicação de recursos financeiros destinados às Agropecuárias de grande porte, o PROALCOOL, EGF/AGF (Empréstimo do Governo Federal/Aquisição do Governo Federal), Exportação de Café, desenvolvimento indústrias de sucos, desenvolvimento do segmento Sucroalcooleiro na região de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Campinas e adjacências, pois captava Recursos do **BIRD** e de muitos outros bancos nacionais, que não tinham apetite para atuar no segmento do Agropecuário e Agroindustrial.

CONQUISTAS:

1) Das conquistas coletivas, posso mencionar que as principais no Citibank foram aquelas direcionadas à área de “QUALITY”, tendo ajudado a Organização ganhar o “Prêmio Nacional de Qualidade” e “Melhor Empresa para se Trabalhar”.

2) Das conquistas pessoais, foram importantes para meu desenvolvimento, as premiações de Qualidade (duas vezes). Elas me permitiram levar para casa o prêmio máximo de qualidade o “**GOLD EXCELLENCE AWARD**”.

3) Atualmente: Hoje sou membro permanente do “QUARTER CENTURY CLUB” do Citibank, entidade esta de prestação de serviços humanitários aos seus membros. Atualmente me dedico a projetos pessoais e humanitários e sou membro da Augusta e Respeitável Loja Maçônica União e Força em Juiz de Fora.

Antônio Jorge de Oliveira – “Jacuí”

Nascido em 12 de março de 1944, em Jacuí, MG. Divorciado, pai de 2 filhos: Vinicius (engenheiro mecânico) e Barbara (advogada).

Após a formatura entrei no curso de mestrado de economia agrícola da UFV como bolsista da Fundação Ford. Recebi o título de MS em maio de 1971 e logo em seguida fui contratado pela ABCAR para trabalhar no Ministério da Agricultura como assessor na área de economia agrícola. Em agosto de 1972 fui para a Purdue University fazer o curso de doutorado em economia agrícola, como bolsista da USAID. Em janeiro de 1974, terminado meu contrato com a ABCAR, ainda cursando o doutorado, fui transferido para a EMBRAPA, onde comecei a trabalhar logo após o término do curso, em 1977. Na EMBRAPA, trabalhei como pesquisador na área de economia agrícola com participação em diversos projetos de avaliação de novas tecnologias, captação de recursos e planejamento estratégico da empresa. Participei, também, de diversas funções administrativas da secretaria de planejamento estratégico que tinha como missão principal assessorar a diretoria executiva da empresa. Aposentei em 2009 e continuo residindo em Brasília.

Antônio Tebaldi Tardin

Esposa: Maria Tereza

Filhos: Felipe e Diogo

Netos: Henrique, Rafaella, Thiago, João Vitor e Maria Luísa

Residência: Taubaté-SP

Em 1969 iniciei mestrado em Fitotecnia na própria UFV. O trabalho de tese envolveu um experimento com uma forrageira (soja perene) e meu orientador foi o Prof. José Alberto Gomide da Zootecnia. O propósito de se ter um orientador de outro Departamento foi uma tentativa de promover maior integração entre essas duas áreas de diversificação da Universidade muito dependentes entre si em termos de pesquisa. Logo após a conclusão do mestrado, fui admitido pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) que é uma entidade pública vinculada ao MCT, e responsável por todas as atividades espaciais na esfera pacífica. Na instituição, o nosso principal desafio foi desenvolver pesquisas em sensoriamento remoto (SR) voltadas à avaliação dos recursos naturais e culturais bem como o impacto das atividades humanas sobre o meio natural. Essa equipe de sensoriamento remoto era composta por engenheiros Agrônomos e Florestais, Geólogos, Geógrafos e outras áreas afins, além de Físicos, Matemáticos e da Ciência da Computação. No início, quase tudo era novidade o que exigiu um grande esforço, através de muito estudo. O trabalho nosso se apresentava como um enorme desafio, pois tínhamos que entender SR e demonstrar a sua utilidade através de transferência da tecnologia para instituições brasileiras que efetivamente trabalhavam nos diversos campos de aplicação. Dentre as grandes ações no INPE, destacam-se o desenvolvimento, teste e implementação do Projeto Desflorestamento (PRODES) que utiliza imagens de satélite na avaliação da atividade humana sobre a cobertura florestal natural da Amazônia. Trata-se de um projeto institucional que, anualmente, gera informações atualizadas daquela região do país. Outra ação relevante foi voltada à utilização de imagens de sensoriamento remoto na estimativa de safras agrícolas no âmbito nacional. A partir de 1994, ingressei no Programa de Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE), com ênfase inicial na Amazônia Legal. Seu objetivo principal foi estabelecer uma política inteligente de ocupação da região considerando tanto a preservação quanto a exploração dos seus recursos. Para isso, fui para o Amapá com bolsa de Pesquisador Visitante, oferecida pelo MCT com duração de dois anos. Devido à relevância do

trabalho e o papel do INPE de transferência de tecnologia, permaneci naquele estado até 2010, mesmo depois de aposentado. Fiquei vinculado ao IEPA, que é o instituto de pesquisa do Amapá, onde tinha um cargo de confiança. Além do Programa de ZEE, tive vários outros envolvimento com destaques para Estudo de Impacto Ambiental, bem como na elaboração de PDAs (Projetos de Desenvolvimento de Assentamentos Rurais) de responsabilidade do INCRA. Mesmo após meu retorno, continuei ligado ao Amapá, via consultoria, até 2013, quando encerrei minhas atividades profissionais.

Carlos Humberto Fonseca Nascimento

01. Viçosa

Viçosa tem especialíssimo papel na minha biografia e na minha vida. Na UFV, eu permaneci durante 08 anos, os melhores de minha vida, me graduando Técnico Agrícola (1964), Engenheiro-Agrônomo (1968) e Master of Sciences (1969).

Foi em Viçosa que conheci a Maria das Graças, com quem me casei e com quem temos 03 filhos, todos com curso superior e 05 maravilhosos netinhos.

02. Atuação Profissional

02.01. Após um breve período como funcionário do CONDEPE, criamos com 02 sócios a PLANIFIC, empresa de planejamento, na qual trabalhamos em inúmeros projetos de agricultura, pecuária, armazenagem e engenharia civil, em todo o Brasil e na África, até 1991.

02.02. Ainda no período da PLANIFIC, fui para Brasília contratado pelo IPEA, por 02 anos, para ser Assessor Especial do Ministério do Planejamento.

02.03. Além disso, trabalhei como consultor do Itamaraty, durante um período, para missões em diversos países da África e da América do Sul, visando “vender” tecnologia para aqueles países, juntamente com empresários de diversos setores.

02.04. Em 1992, com a derrocada do país, graças ao Plano Collor, a PLANIFIC ficou sem recursos e sem serviços e fui obrigado a me reinventar e mudei para Porto Seguro, portanto, há 26 anos, onde trabalho com turismo (agência, beach club, locação de veículos, produção de shows, etc.).

03. Formação Pessoal

Tive a sorte e o privilégio de encontrar mentores, que me orientaram nos princípios de honestidade, persistência, educação, caráter, etc., que marcaram minha vida.

No Primário (atual fundamental), foi a Prof. D. Eny de Paula; no Ginásio (atual médio), foi o Pe. José Gonçalves e como profissional, o fantástico Prof. Joaquim Matoso, exemplo de humildade, sapiência e caráter. Esses três mentores, literalmente, me pegaram pela mão e me mostraram os caminhos. Além de minha família, claro!

04. Orgulho Profissional

04.01. Ter contribuído, modestamente, para o desenvolvimento da agricultura com milhares de projetos do Polocentro, que iniciou a utilização dos cerrados como polo de produção agrícola, nos anos 1970.

04.02. Coragem e persistência para me reinventar, explorando um campo completamente diferente da minha formação, o turismo, no qual minhas empresas geram cerca de 300 empregos diretos e 600 indiretos.

Minha relação atual com a agropecuária é tão somente a propriedade de 03 fazendas altamente produtivas, em 02 das quais há plantações de café 100% irrigadas, de coco, mamão e pimenta do reino e em 01 delas, pecuária, às quais dedico 0% de meu tempo, pois são conduzidos por produtores especializados, para os quais estão arrendadas. Dedico 100% de meu tempo como CEO das empresas do turismo e pretendo continuar até não mais poder!!!

Carlos Humberto F Nascimento – CEO

carlos.humberto@grupohills.com.br

carlos.humberto@axemoi.com.br

+55 73 98802-3863 / +55 73 3288-8936

Porto Seguro Bahia

Axé Moi Complexo de Lazer axemoi.com.br

Arena Axé Moi: Carnaporto carnaporto-axemoi.com.br

Reveillon reveillon-axemoi.com.br

Célia Lúcia de Luces Fortes Ferreira

Natural de Belo Horizonte, fui convencida a ir para Viçosa e me tornar pica-couve pelo trio (Brasinha, Tampa e Tampinha), indelével amizade e irmãs de coração. Casada com José Martins Ferreira (1967 - viúva em 2003). Três filhos: Cláudia Fortes Ferreira (Engenheira Agrônoma e pesquisadora da EMBRAPA), Cimara Fortes Ferreira (formada em odontologia, professora na Universidade do Tennessee, Memphis e Diretora de Implantodontia na mesma Universidade), Rodrigo Fortes Ferreira (professor e coach da língua inglesa - pai dos meus netos Nicholas e Emilly). Iniciei minha vida profissional com o cargo de nutricionista na Siderúrgica Mannesman (Belo Horizonte) imediatamente após a formatura em 1969. Lecionei em Escolas Polivalentes (Uberlândia e Belo Horizonte), fui pesquisadora da EMBRAPA Gado de Leite (Juiz de Fora) e Professora da UFV (Tecnologia de Alimentos – onde trabalhei por 38 anos, 4 meses e 29 dias...). Em 1977, obtive o título de Mestre na Universidade de Wisconsin, Madison; PhD (1986) na Universidade de Oklahoma, Stillwater; estágios (dois) no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Cambridge; no INRA (Jouis em Josas) França; no CNRA (Centro Nacional de Pesquisa em Alimentos), Ottawa, Canadá, na área de Biotecnologia. Iniciei no Brasil pesquisas com probióticos, na área humana e animal, gerando vários convênios com Universidades e centros de pesquisas no exterior e registro de patente em probiótico. Como pós-doutorado, exerci atividade de professor visitante no Food Research Institute, Madison, WI (1994-1995), desenvolvendo pesquisas em bactérias probióticas anaeróbias e em 2010, na Universidade de Turku, Finlândia, em aplicação clínica de probióticos, onde mantenho o status de professor visitante, contribuindo no programa de pós-graduação do Functional Food Forum (FFF – Medical School). Ministrei cursos na área de probiótico, pré e simbióticos no CERELA (Centro de Referência para Lactobacilos), Tucuman, Argentina e no CENSA (Centro Nacional de Sanidade Agropecuária), Mayabeque, Cuba. Meu envolvimento com extensão iniciou em 1986, quando passei a trabalhar junto a produtores rurais de queijos artesanais nas regiões do Serro e Canastra. Nessas andanças, pesquisamos e decodificamos o papel das diferenças do processamento na segurança e no tempo de maturação desses queijos. Geramos o primeiro estudo científico em queijos artesanais aceito pelo MAPA para legalizar um tempo de maturação inferior a 60 dias o que resultou na alteração de normas e regulamentos dos queijos produzidos nessas regiões tradicionais. A partir daí, os queijos do Serro e Canastra saíram da ilegalidade e passaram a frequentar as gôndolas dos supermercados.... Continuo trabalhando na elaboração e regulamentação das leis e na elaboração dos cadernos de normas de queijos artesanais

produzidos em MG e em outros Estados da Federação. Tivemos a honra de protagonizar os documentários longa metragem “O Mineiro e o Queijo” e mais recentemente “O Quê do Queijo do Serro”. Escrevi livros, publiquei artigos, orientei teses... mas essas atividades junto aos produtores de queijos artesanais podem ser consideradas minha maior contribuição para a área agrária!

Cid Barreira da Fonseca – Society

Antes de sair de Viçosa, ele namorava uma berimboa e logo depois, casou com a mesma. Eles têm quatro filhos casados que os presentearam com seis netos e três netas. A berimboa é a Maria Eunice cujo apelido é Brasinha. Logo depois que saiu de Viçosa, trabalhou na Cooperativa de Leite, filial da Cooperativa Central dos Produtores de Leite – CCPL –, colocando em prática os ensinamentos do Professor Adão Pinheiro, um grande especialista em Laticínios. Mais tarde, foi convidado para trabalhar em Mossoró, no Rio Grande do Norte, na Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM –, para montagem e funcionamento do Laticínios da ESAM, e, bem como no treinamento dos funcionários do mesmo. Foi professor assistente da disciplina de Tecnologia de Alimentos do Departamento de Química e Tecnologia da ESAM. Ainda em Mossoró, deu varias palestras sobre Leite. Fez o curso de Pós-Graduação em Tecnologia de Alimentos, no ITAL / UNICAMP em Campinas, SP. Recebeu convite para trabalhar na recém-criada Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC – em Belo Horizonte, Minas Gerais. Trabalhou como Coordenador do Setor de Tecnologia de Alimentos, participando da implantação e do desenvolvimento das Áreas de Tecnologia de Carnes e Derivados, Tecnologia de Leite e Derivados e da Tecnologia de Vegetais. Junto com Professor José de Alencar, da Universidade Federal de Viçosa, participou na elaboração do Convênio entre as instituições CETEC - UFV - UFMG para viabilização do Curso de Pós -Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Atuou como Contra Partida do “Project Manager” no Programa de Pesquisa e Treinamento em Tecnologia de Alimentos na Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais UNDP / FAO - BRA/73/017. Como funcionário pesquisador do CETEC, recebeu uma bolsa de estudo para Especialização em Tecnologia de Carnes e Derivados no Bundesanstalt für Fleischforschung Institut für Technologie em Kulmbach na Alemanha. Fez palestras e ministrou cursos sobre Fabricação e Tecnologia de Produtos Cárneos não só no CETEC como também em outras Instituições. Escreveu manual e artigos técnicos sempre voltados para a área de fabricação de Produtos Cárneos, enfocando cuidados e técnicas. Hoje aposentado, escreveu um livro, deixando como legado os seus conhecimentos e experiências, colaborando com aqueles que já trabalham e bem como com aqueles que estão iniciando na área da produção e da tecnologia dos produtos cárneos. O livro é: Tecnologia de Produtos de Carnes e seus Termos – Nosso Tesouro Nossa Tradição. Editora Salesiana. Mora atualmente na Rua Carmésia, 1105 no Bairro Santa Inês em Belo Horizonte. CEP 31080-170 - Tel 031 34861992.

Cloves Roberto de Melo Alvares – Profeta

Casado, quatro filhos, Sani, Riani, Ronel e Vitor Emmanuel e dois netos, Rafaela e Rafael.

Minha formatura foi em dezembro de 1968, mas não cheguei a participar das festividades. Em janeiro de 1969, contudo, já participava de um treinamento para os recém-contratados que a Emater (antiga ACAR-MG) ministrava junto ao Centro de Extensão da Universidade. Éramos todos formandos do “Berimbau” do ano que findara. Após passar por um período de treinamento de campo em Ponte Nova, MG, fui designado para o Escritório de Teófilo Otoni, MG, onde também já trabalhava um colega veterano formado em Agronomia pela UFV (UREMG), Eng.-Agrônomo José

de Oliveira Valente, natural de Porto Firme, MG. Lá trabalhei até janeiro de 1970 quando resolvi sair. “” “” Acabei encontrando um emprego em São Paulo, capital, por convite de um conterrâneo que lá exercia funções no departamento de Crédito Rural eng. Agrônomo Jairo Maranhão (vulgo Baby-Doll) do” Carcará”. O banco oferecia empréstimos a fazendeiros de São Paulo e Paraná e eu efetuava a fiscalização desses financiamentos percorrendo grande parte dos dois estados. Permaneci em tal posto até final de 1971 quando, através de concurso, me transferi para a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo (Instituto Biológico). Posteriormente seria removido para Campinas, na sede da Fazenda Mato Dentro, que desenvolvia trabalhos de pesquisa e experimentação em café por quase todo o estado de São Paulo (Garça, Pirajuí, Botucatu, Franca, etc.). No final de 1972 após prestar concurso público para o IBC (Instituto Brasileiro do Café) e ser aprovado, me casei e logo depois fui convocado a assumir o cargo de Eng. Agrônomo chefe do Escritório Local de Assistência a Cafeicultura (SELAC) de Manhumirim, na zona da mata mineira. Integrante da região de Caratinga, Manhumirim ocupava nessa época o primeiro lugar na renovação cafeeira e o Escritório chefiava uma região que incluía oito municípios: Manhumirim, Laginha, Mutum, Chalé, Conceição de Ipanema, São José do Mantimento, Presidente Soares (Alto Jequitibá) e Caparaó (Alto Caparaó e Caparaó Novo). Até o final da década de 1980 esta região teria implantado cerca de 80 milhões de cafeeiros com ótimos reflexos na economia. Nesse período acabei por adquirir um sítio em Martins Soares, antigo distrito de Manhumirim, onde plantei cerca de 60 mil pés de café semi-adensados (20 hectares), me tornando também cafeicultor por mais de 30 anos quando, em 2013 o vendi. Por essa época, de 1982 a 1994, desenvolvi paralelamente uma pequena atividade na Apicultura pela qual sou ainda apaixonado, pois voltei a exercê-la após me aposentar em 1995 e a partir de 2017 até hoje ainda a exerço numa pequena chácara que adquiri em Tocantins, minha terra natal. Para terminar devo ainda registrar que tomei sob meus cuidados, sem a ajuda de nenhum poder público até hoje, diga-se de passagem, uma área de mais ou menos 2 hectares localizada no alto de um morro que margeia o bairro onde resido (Boa Vista) e que abriga 2 torres de telefonia. Essa área foi determinada pelo IBAMA como Área de Preservação Permanente (APP) e sempre esteve abandonada e degradada, sendo objeto de queimadas recorrentes. Resolvi reflorestá-la com espécies da Mata Atlântica e frutas em geral para atrair a fauna local. As mudas, na maioria, eu mesmo as faço, outras eu ganho e às vezes compro. Iniciei este trabalho em 2012 e hoje já se pode contemplar a plena formação da vegetação que, devagar vai cobrindo a área. *Espero que um dia uma velha mina d’agua que lá havia volte a correr.* Casado, quatro filhos, Sani, Riani, Ronel e Vitor Emmanuel, e dois netos, Rafaela e Rafael, moro em Tocantins-MG.

Dilson Teixeira Coelho

Professor Dílson Teixeira Coelho, Eng. Agrônomo, formado em 1968 pela Universidade Federal de Viçosa, PhD em Food Science em 1973 pela Purdue University – USA. Exerceu por duas vezes a chefia do DTA entre 1974 e 1984. Um dos responsáveis pela implantação em 1974 do Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, em parceria com a UFMG. Participação decisiva na criação do curso de Engenharia de Alimentos na UFV, Iniciado em 1974. Responsável pela criação da disciplina de Bioquímica de Alimentos para os cursos de graduação e pós-graduação e de Desenvolvimento de Novos Produtos, oferecida para a graduação em Engenharia de Alimentos. Coordenador do programa de mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Orientador de um grande número de estudantes nos programas de mestrado e doutorado em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Bolsista nível A no CNPQ por um longo período. Responsável pelo grupo de professores nomeados pela CAPES para a avaliação e credenciamento de vários programas de pós-

graduação em Alimentos e Nutrição em diferentes universidades no país. Responsável pelo desenvolvimento de inúmeros produtos formulados que serviram de embrião para a implantação de grandes indústrias de alimentos, a exemplo da NUTRILATINA, e OLVEBRA, com o desenvolvimento do primeiro Extrato Hidrossolúvel de Soja (SOY MILK), até hoje no mercado. Coordenador do programa de desenvolvimento de todos os alimentos formulados produzidos e distribuídos pelo então sistema de alimentação escolar em todo o Brasil. FAE/MEC. Coordenador da Comissão de Produção da UFV, implementando diversos sistemas de produção e controle com geração de recursos de rendas internas, importantes para o orçamento da UFV. Responsável pela aquisição de um grande número de equipamento que ainda estão em uso no DTA. Contribuiu significativamente para a estruturação e a formatação dos programas acadêmicos oferecidos pelo DTA com participação destacada na condução de projetos de pesquisas e atuação relevante na pós-graduação. Pessoa de fácil relacionamento, pesquisador dedicado e criativo, administrador competente, professor com conhecimento científico e didática invejável.

O professor Dílson Coelho, pela sua competência, dedicação a UFV e contribuição para a consolidação dos cursos de graduação e pós-graduação do DTA, merece uma homenagem especial.

Responsável pela aquisição de um grande número de equipamento que ainda estão em uso no DTA.

Contribuiu significativamente para a estruturação e a formatação dos programas acadêmicos oferecidos pelo DTA com participação destacada na condução de projetos de pesquisas e atuação relevante na pós-graduação.

Pessoa de fácil relacionamento, pesquisador dedicado e criativo, administrador competente, professor com conhecimento científico e didática invejável.

O professor Dílson Coelho, pela sua competência, dedicação a UFV e contribuição para a consolidação dos cursos de graduação e pós-graduação do DTA, merece uma homenagem especial.

Informações coletadas pelo Professor Paulo Cesar Stringheta.

Dinarte Antônio de Souza Carmo

Ao me formar, decidi juntamente com mais 5 colegas trabalhar na ACAR-Amazonas. Assumi o Escritório Local de Manaus, prestando assistência técnica aos produtores rurais, principalmente aos Japoneses da Colônia Efigênio Sales na Estrada Manaus-Itacoatiara, até fevereiro de 1.979. Convidado, mudei para Brasília assumindo o Núcleo de Controle Orçamentário, recém-criado na EMBRATER. Trabalhando tive a oportunidade de sair para fazer o Curso de Pós-graduação em Nível de Mestrado, na Universidade Federal de Viçosa. Vi a oportunidade de me dedicar ao que mais desejava: – estudar e trabalhar com Hidráulica Aplicada em irrigação. Terminei o Mestrado e voltando à Brasília assumi uma coordenação técnica dos recém-criados Programas de Irrigação **Provárzeas e Profir**. Nesta época irrigação e drenagem eram técnicas, muito pouco utilizada nas propriedades agrícolas Brasileiras. Uma das responsabilidades era o treinamento de técnicos em todo o Brasil. Tenho em meu controle mais de 600 profissionais treinados de Universidades, Bancos, ACAR Estaduais, Institutos de Pesquisa, autônomos e Firms Particulares praticamente em todos os Estados Brasileiros. Na vida profissional tive oportunidade de fazer cursos, estágios, exercer cargos diversos, elaborar e implantar projetos de irrigação, publicar trabalhos e estudos, participar de congressos, atividades de magistério, alguns descritos resumidamente, a seguir: # **Curso Nível Médio** – Formação, Técnico Agrícola. Escola Superior de Agricultura da UREMG, Viçosa, início em 1.960 e termino em 1.963. # **Curso Nível Superior** – Formação, Engenheiro Agrônomo – Escola Superior de Agricultura da UREMG, Viçosa, início em 1.964 e término em

1.969. # **Curso Nível de Mestrado** – Formação, MSc Engenharia Agrícola, concentração em Irrigação e Drenagem, Universidade Federal de Viçosa –UFV, início em 1.981 e término em 1.983. # **Curso de Irrigação por Aspersão** – Formação, Especialização na Deutsche Lehranstalten fur Agrartectnik – DEULA Kempen e Westinhansen, Alemanha início em 19 setembro a 12 de dezembro de 1.986. # **Projeto de Irrigação do PCPER I**, no Rio Entre Ribeiros, Município de Paracatu/MG com 41 pivôs centrais, 19,8 km de canal, 1,4 km adutora, estação bombeamento 9.300 m³/h, área irrigada de 2.300 há. - # **Projeto PCPAI**, no Rio Paineiras, Municípios de Ipameri e Campo Alegre/GO, área irrigada 1.720, 28 pivôs centrais, 5 barragens, altura de crista de 5 a 14 m, 3,6 Km de canal e 22,4 km de adutoras. # **Projeto de Irrigação Fazenda Soya** – Município São Desidério Baía, área irrigada de 480 ha, 1,4 Km de adutoras, 1,7 Km de canal e 5 pivôs centrais. # **Estudos Publicados.** § - **Metodologia para Determinação do Índice de Aridez** - § **Emissor de água para Irrigação Sub-superficial** Publicação da Universidade de Viçosa-UFV. § **Irrigação do Algodão Herbáceo no Nordeste** Publicação da C.N.P do Algodão Campina Grande/PB. # **XXXVI Reunião do Conselho Internacional de Irrigação e Drenagem ICID** – Vinã del Mar Chile de 14 a 23 de setembro de 1.987 e Membro Efetivo, Representante do Brasil junto a International Commission on Irrigation and Drenage – ICID. # **Curso Ministrado de Cálculos e Técnicas de Irrigação por Aspersão** Convite do Banco de Fomento Agropecuário Del Peru em Pucallpa Peru de 20 a 29 de março de 1.971. # **Estudo e Assessoria à Irrigação à Região Semi-árida do Chile** Promovido pela International Commission on Irrigation and Drenage – ICID de 20 a 31 de outubro de 1.985. # **Estudo de Irrigação na China.** Convite do Governo Chinês através da Organização do Trabalho – OIT- Analisar absorção de mão de obra na irrigação e verificar viabilidade de irrigação por aspersão. Região de Pequim e mais oito cidades Chinesas de 06 de março a 29 de outubro de 1.988. # **Prêmios e Reconhecimentos.** § - **Diploma de Reconhecimento** concedido pela Universidade Federal de Viçosa, pelos bons serviços prestados à agricultura do Brasil. § **Diploma de Reconhecimento** concedido pela EMBRATER pelos bons serviços prestados à Extensão Rural do Brasil. # **Participações Associativas.** Membro Permanente do Comitê Internacional (I ICID) designação em 20 maio de 1.985 e da Associação Brasileira de Irrigação e Drenagem (ABID) ingresso em agosto de 1.980. Em 1.996 fui transferido para a Superintendência Federal da Agricultura, em Minas Gerais, trabalhando na Vigilância Internacional da Agricultura – VIGIAGRO, exercendo o Cargo de Chefe da Equipe por 12 anos, me aposentando em junho de 2.011.

Eduardo Marcelino de Moura Estevão

(Cuprita)

Pois então!?

Nos tempos atuais, poderia ele ganhar um bom dinheiro processando a Universidade e alguns alunos por buling, pelo apelido que lhe conferiram, em represália por ser irmão de professor rigoroso.

Contudo, por postura pessoal, desafio superado sem conflitos.

Aquele menino, então com 24 anos e muitos sonhos na cabeça, após 7 anos em Viçosa (3 de Agrotécnico e 4 de Agronomia) se lançou no mercado de trabalho num momento em que tudo conspirava para fazer dele um profissional que sempre esteve no limiar dos acontecimentos - era dezembro de 1968.

Aquele MENINO, até então, não tinha dúvidas, só a certeza de que deveria ser trabalhador, honesto, cumpridor de suas responsabilidades com a FAMÍLIA, com a IGREJA e com a

SOCIEDADE, respeitar Pai, Mãe, os mais velhos e as autoridades constituídas, e trabalhar muito assumindo os riscos e desfrutando dos reconhecimentos e das recompensas decorrentes.

Assim foi que atendendo ao chamado do mercado, acolheu um convite para integrar a equipe de implantação da ACAR-DF (hoje EMATER) e lá se foi o MENINO para seu primeiro desafio, para uma terra nova, distante 16 horas de viagem (1.000 km) da Terra Natal, assumir um Escritório em Planaltina, cidade satélite no Distrito Federal– era fevereiro de 1969.

Não teve dúvidas! De posse de um telegrama com três linhas mais ou menos assim: “Venha para a ACAR-DF, salário básico (?\$)1.100,00.

Procurar EDIFÍCIO ANTONIO VENANCIO DA SILVA – ?andar - SCS- Brasília - DF. - Aloísio Valério Fantini – Presidente.”

Como, na capital Federal, endereço só com o nome do prédio?!?!

Se é o Fantini, pode confiar, resposta ao indagar um irmão mais velho.

Cumprindo sua sina, lá se foi ele com uma malinha, daquelas que camelô carrega cobras e lagartos, desembarcou na rodoviária do DF e se apresentou ao Fantini (Doutor Fantine, fazia ele questão q todos fôssemos assim tratados). Duas horas no máximo foram suficientes para que saísse do Escritório Central de posse das chaves de um carro (se é que um fusquinha “pé de boi” assim pudesse ser chamado), com a indicação de ir para Planaltina, se acomodar na Pensão da D. Judith, e no dia seguinte procurasse o escritório no prédio da prefeitura onde estaria o Auxiliar Administrativo – Jorge – que lhe apresentou o escritório.

Em seu apoio Dr. Fantine sentenciou duas recomendações que as guarda até hoje:

1- VÁ E DECIDA! SE DECIDIR CERTO, ESTAREMOS AQUI PARA TE APLAUDIR! SE DECIDIR ERRADO, PODE CONTAR CONOSCO PARA SUPORTAR AS PORRADAS QUE FOR RECEBER!

2- CUIDE DE SUAS OBRIGAÇÕES E FIQUE TRANQUILO QUE DOS SEUS DIREITOS CUIDAREMOS NÓS!

Daí para frente a vida se incumbiu de ditar os rumos da história.

Por um lado, cumprindo o que dita a lei natural da sociedade, se casou com sua única e verdadeira namorada, Rosa Maria, quem veio a ser a administradora de seu PORTO SEGURO, sua FAMÍLIA, com quem teve 4 filhos, Rafaela, Adriana, Eduardo e Sabrina, quarteto este que lhe presenteou com 6 lindos netos, Yago, Maria Eduarda, Italo, Juan, Yasmin e Skyler, estando na fôrma mais dois, que Deus haverá de abençoar com suas chegadas em clima de muita paz, saúde e felicidade.

Por outro lado, profissionalmente, foi brindado com gratificantes desafios, sempre na vanguarda dos acontecimentos:

Participando da pequena equipe na implantação da ACAR-DF, não se contentou só com a extensão das técnicas e práticas agrônômicas; teve a ousadia de contatar o Ministério do Planejamento, sendo atendido pelo Diretor do IPEA, para propor a implantação no DF (Núcleo Bandeirantes ou Taguatinga) de um Mercado Atacadista, onde produtores e atacadistas de hortigranjeiros pudessem cumprir sua 9missão em ambiente mais sadio do que havia na época que era a céu aberto.

Esta ousadia lhe custou encarar outro novo desafio que foi participar, a convite, de uma seleta equipe de Consultores Técnicos com a responsabilidade de implantar no Brasil um Sistema de Abastecimento que resultou na implantação das Centrais de Abastecimento – CEASAS das quais foi responsável direto pela implantação de duas delas como Diretor Técnico Financeiro - CEASA de Brasília e CEASA de Goiânia.

Atendendo ao chamado do coração, decidiu que era hora de retribuir o que havia recebido e resolveu voltar para Ubá cidade natal, para apoiar os progenitores que se encontravam em momentos necessitados.

Estando em Ubá, coração da Zona da Mata mineira, mais uma vez foi demandado a encarar um novo desafio, na concepção e operacionalização de uma visão inovadora de um processo de desenvolvimento a partir da integração de esforços, surgindo aí o PROGRAMA INTEGRADO DE DESENVOLVIMENTO RUAL da Zona da Mata – PRODEMATA, passando a integrar o quadro de funcionários da RURALMINAS, então a gestora e coordenadora do programa.

Cumprida essa missão, passou para a iniciativa privada onde veio a dirigir vários projetos do interesse da indústria moveleira local, inclusive com um ensaio de implantação de pinus, na expectativa de garantir suprimento de madeira bruta para indústria moveleira, indo ao encontro da crescente necessidade de madeira bruta.

Hoje, aposentado, se dedica a cuidar de seu sítio, administrar um espólio de família e, prioritariamente, em parceria com sua Guerreira esposa, se dedica a desenvolver um novo projeto de vida, como CONSULTOR INDEPENDENTE HERBALIFE.

Hoje com residência básica em UBÁ, à Rua Cônego Abreu e Silva - 38 - CENTRO - Ubá-MG - CEP - 36500-064.

E-mail: emme@uai.com.br

Telefones: (32)35324249 # (32)988741944.

Amigos e Amigas, nossas portas sempre abertas.

Eliziário de Sá Barreto Pereira

Eliziário, natural de Juiz de Fora-MG, fez high school nos Estados Unidos e por isso ganhou o apelido de Gringo. Ainda como estudante, foi estagiário na empresa Leite Gloria e lá desenvolveu trabalhos muito importantes e reconhecidos no sentido de eliminar uma borra (scum) formado em um dos processos de fabricação de produtos derivados do leite. Já nos Estados Unidos, depois de formado, desenvolveu também importantes trabalhos para a Van Camp Sea Food Co (Chicken of the Sea), Div. Ralston Purina, na posição de “Advanced Food Technologist”. Esta companhia foi líder de mercado de pescados, principalmente atum e outros. Com isso, fixou residência em San Diego, Califórnia. Posteriormente fez Pós Graduação na área de Business. Com especial interesse no mercado de Bolsa de Valores, desenvolveu alguns modelos matemáticos para prever as oscilações das ações na bolsa de valores. Chegou a reunir uma audiência interessante para vender as suas publicações referentes a este assunto, durante certo período. Na fase final de sua vida, ano de 1998, estava sobrevivendo dando aulas particulares de xadrez. Seu assunto preferido nos últimos anos eram as histórias do grupo Super Sonic School of Samba, sempre em San Diego. Falava muito nos amigos, dentre eles o Airton Moreira, casado com a famosa Flora Purim. Nesta época, nosso amigo Gringo foi socialmente muito ativo e interessado em música pop, francamente bem diferente do estudante metódico e dedicado dos tempos de Viçosa.

Fabio Zenaide Maia – Titico

Ainda em Viçosa, final de 1968, algumas semanas antes da formatura, tive de me decidir sobre uma dúvida que sempre esteve muito presente na minha mente durante todo aquele ano: continuar na UREMG, hoje UFV, fazendo um mestrado associado à carreira de Professor Universitário ou abraçar a vida prática? A segunda opção falou mais alto, principalmente porque

veio na forma de um convite pessoal do Dr. Antônio Secundino de São José, Presidente da Agrocere, para trabalhar na Bahia, na Cidade de Ituberá, numa empresa constituída recentemente, em conjunto com a COPAS e MANAH, todas as três de grande expressão no Agronegócio Brasileiro naquela época. Minha ideia de então era ficar na CULTROSA – Culturas Tropicais S.A. por uns 3 a 5 anos e depois retornar aos bancos universitários para fazer um curso de pós-graduação. Não havia como resistir a tão tentador convite: trabalhar na Cidade onde residia minha família, numa empresa que tinha meu pai, também Engenheiro Agrônomo formado em Viçosa, como Consultor, pertencente a três grandes e respeitadas empresas do agronegócio brasileiro na época, as quais já conhecia graças a estágios realizados enquanto estudante, sob a direção dos seus respectivos Diretores Presidentes: Dr. Secundino, Dr. Wilson Araújo (COPAS) e Dr. Fernando Penteado Cardoso (MANAH), também Engenheiros Agrônomos do mais alto gabarito, pessoas humanas extraordinárias, que adotei como referência e modelo a ser seguido, além do meu saudoso pai, um dos homens mais inteligentes e cultos que tive oportunidade de conhecer ao longo de toda a minha vida. Ao chegar à CULTROSA encontrei uma empresa agrícola, fundada em 1966, ainda no início da implantação do projeto aprovado pela SUDENE para formação de 1.000 ha de seringueiras, em terras do Município de Camamu, Bahia, cobertas por densa mata tropical. O plantio do seringal foi concluído em 1970, juntamente com toda uma complexa infraestrutura de estradas, vilas operárias, posto de saúde, escola, supermercado, oficina, escritório, etc. Neste meu primeiro emprego, trabalhei até 1987, ou seja, por 19 anos. Desempenhei várias funções, de Gerente de Campo, no início, a Diretor Superintendente, 4 anos depois. Adquiri uma grande experiência na cultura da seringueira, passando a ser reconhecido em todo o Brasil como um especialista na Heveicultura nacional, participei de inúmeros congressos, alguns apresentando trabalhos de pesquisas práticas com a cultura, publicados nos respectivos anais, fui professor de Heveicultura em cursos de especialização promovidos pela Superintendência da Borracha – SUDHEVEA, na Faculdade de Ciências Agrárias do Pará – FICAP por cerca de 4 anos consecutivos e no Centro de Pesquisas em Seringueira, em Manaus, tendo contribuído na pós-graduação de muitos Engenheiros-Agrônomos que depois foram trabalhar nos estados brasileiros onde a cultura era praticada, prestei consultorias a outros projetos semelhantes no Espírito Santo e Mato Grosso. Na CULTROSA, além das atividades eminentemente agrícolas de plantio e exploração do seringal, tive de me aprofundar em Economia Rural ao elaborar diversos projetos de financiamento, aprender e praticar Administração Rural, implantar e administrar uma moderna e grande Usina de Processamento de Borracha Natural, construir mais de 150 edificações rurais, construir cerca de 30 km de estradas rurais, etc. O meu emprego serviu como um excelente curso de especialização em diferentes áreas da Agronomia: Fitotecnia, Economia Rural, Administração Rural, Engenharia Rural e Tecnologia Agrícola. Na mesma empresa, em 1970, plantei 6 ha de guaraná e 3 ha de pupunha, os primeiros plantios em escala comercial destas culturas fora da Amazônia, introduzidas na Bahia pelo meu pai, em 1966. Quando as pupunheiras se tornaram adultas processei e envazei, na cozinha de minha casa, alguns potes de palmito em conserva de pupunha que acredito ter sido os primeiros fabricados no Brasil, embora em escala piloto. Por conta da CULTROSA pude fazer um estágio de 40 dias no Rubber Research Institute of Malaysia, em Kuala Lumpur, o mais conceituado e respeitado centro de pesquisas do mundo, em borracha natural, além de visitar o Tum Abdul Rasak Laboratory, em Hertford, Inglaterra, especializado em pesquisa de tecnologia industrial da borracha. Mais tarde a empresa também passou a cultivar cacau, implantando e explorando 500 ha, ampliando o meu conhecimento e experiência nesta cultura. Em paralelo com a CULTROSA, pude fundar uma empresa familiar com meu pai e irmãos, denominada MASAGRIL – Maia Sociedade Agrícola Ltda., no Município de Ituberá, voltada para o plantio de seringueira, cacau, cravo da Índia, cupuaçu, usina de processamento de borracha natural e fábrica de polpa de frutas congeladas (com

SIF). Em 1993 fui convidado para assumir a Diretoria de Produção da Borracha Paulista, em José Bonifácio, São Paulo, na época o maior seringal e a mais importante usina de processamento da borracha natural do Estado, grande fornecedora do produto junto às fábricas de pneus, todas multinacionais, estabelecidas naquele Estado. Um ano depois me candidatei à vaga de Gerente da Fábrica de Processamento de Borracha Natural da Bridgestone/Firestone do Brasil, em São José do Rio Preto, SP, ainda em construção. Tratava-se de uma linha totalmente importada da Malaysia, inédita no Brasil, com capacidade para processar toda a produção nacional. Sabia que a empresa estava recrutando especialistas no segmento em outros países produtores de borracha natural, inclusive dentro dos seus quadros na África e não alimentava maiores esperanças de ser selecionado. Tal não foi a minha surpresa e alegria ao receber a comunicação que fora escolhido para o cargo e que deveria assumir na mesma semana. Como Gerente daquela fábrica passei a atuar em todo o território nacional onde havia produção de borracha natural, nativa ou de cultivo. A linha de processamento da fábrica era a mais moderna da época, produção contínua, com capacidade para 4 toneladas/hora de borracha da melhor qualidade. Estava muito acima das usinas nacionais, em termos de processamento, rendimento industrial e qualidade. A acirrada concorrência com as outras indústrias de pneumáticos estabelecidas no Brasil era motivo para não se permitir visitas de terceiros à unidade, seja de produtores, processadores ou fabricantes de equipamentos para o processamento da borracha natural. Todavia, argumentei junto à alta administração da Bridgestone/Firestone que a mesma estaria dando uma grande contribuição à melhoria da qualidade da borracha natural brasileira se suspendesse a restrição às visitas. Passamos a receber muitos visitantes de outros processadores e de fabricantes de equipamentos. Não demorou muito para que as demais usinas do País adotassem linhas semelhantes, com equipamentos fabricados no Brasil, o que contribuiu diretamente para a melhoria da qualidade e redução do custo de processamento da borracha natural nacional, que atualmente se equipara ao que há de melhor no mundo, em termos de qualidade. Posso afirmar com tranquilidade que ao conseguir autorização para liberar as visitas à fábrica da Bridgestone/Firestone do Brasil dei uma importante contribuição à evolução e melhoria da qualidade da borracha natural brasileira. Em 1999 a multinacional decidiu transferir a linha de processamento para a Libéria, África, onde tem um dos maiores seringais do mundo, 30.000 ha, porque a fábrica local já não estava dando conta da produção da fazenda. Fiquei encarregado de coordenar a operação de transferência, inclusive montagem na Libéria e treinamento da mão de obra africana para operar a nova fábrica. Lá chegando tive de elaborar o projeto da nova unidade, coordenar a construção do enorme galpão, montagem dos equipamentos e treinar o pessoal. Deram-me 3 anos para deixar a unidade em operação de cruzeiro, mas consegui fazer tudo isso em apenas 2 anos. Ao final fui convidado para continuar no cargo de “New Factory Project Manager” da Firestone Plantations Company, na Libéria, África, o maior plantio de seringueira do mundo, mas a saudade da família que começava a crescer com os netos chegando, me fez declinar do convite e retornar ao Brasil. Aqui chegando de volta, montei uma unidade de produção de látex centrifugado, em sociedade com dois amigos, na cidade de Olímpia, SP, passando a fornecer o produto para os fabricantes de luvas cirúrgicas, luvas domésticas, preservativos e cateteres cirúrgicos. Além disso, passei a dar consultoria técnica a grandes processadores de borracha natural do Brasil. Residia na cidade de São José do Rio Preto, SP. Em 2001 por conta de contrato com o Ministério do Meio Ambiente, prestei consultoria a diversas usinas de processamento de borracha de seringal nativo, pertencentes às cooperativas de seringueiros estabelecidas nas matas dos estados de Rondônia, Acre e Pará, tendo contribuído para a melhoria da qualidade da borracha de seringal nativo do Brasil. As minhas 3 filhas já estavam casadas e residiam em Salvador, naquela época. Os netos foram chegando e com eles uma grande e incontrolável vontade de estar junto de todos, filhas, genros e principalmente os netinhos. Em 2002 vendi minha participação na indústria de Olímpia e

retornamos a Bahia, para assumir um novo e grande desafio profissional, coordenar a implantação de um projeto agroindustrial voltado para o plantio e processamento do palmito de pupunha, no Município de Uruçuca, nas proximidades de Ilhéus e Itabuna. Tratava-se de uma joint venture denominada Inaceres, entre a Agrocerec e a Inaexpo, do Equador, maior fabricante e exportadora de palmito do mundo, responsável por 30% das exportações mundiais. Depois de um estágio de 40 dias na empresa equatoriana, plantações e fábrica, retornei a Uruçuca. Elaborei e coordenei a implantação do projeto agrícola e industrial, tendo ficado à frente da empresa até 2007. A Inaceres ocupou lugar de destaque no ranking das produtoras de palmito no Brasil. Quando deixei a empresa o seu produto se encontrava nas prateleiras dos maiores varejistas do País. No mesmo ano criei a Agromaner Consultoria Agroindustrial Ltda., empresa individual, passando a prestar consultoria técnica e elaborar projetos voltados para os cultivos da seringueira, cacau, palmito, guaraná, coco da baía e agroindústrias diversas. Em 2009 a Fundação Odebrecht passou a ser meu principal cliente de consultoria agroindustrial, atuando junto às cooperativas de agricultores familiares estabelecidas no Baixo Sul da Bahia. A Fundação apoiava cooperativas de produtores de palmito, de piaçava, de mandioca e tilápia, produção e unidades industriais. Por conta da Fundação prestava consultoria às cooperativas, principalmente a de palmito, mas também elaborava projetos para o financiamento às mesmas, junto ao Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Bradesco e BNDES. No início de 2011 passei a me concentrar na cooperativa de palmito, chegando a exercer o cargo de Líder da Cadeia Produtiva do Palmito. Mas no mesmo ano, a Agromaner passou a prestar serviço a um novo empreendimento, no Litoral Norte da Bahia, municípios de Conde e Esplanada, voltado para a cultura do coco da baía, denominado Aurantiaca Agrícola Ltda., arrojado projeto agroindustrial que hoje conta com 1.705 ha de coco irrigado e uma moderna fábrica de envasamento de água de coco, da marca Obrigado, com capacidade para processar 400.000 frutos/dia. Em abril de 2011 a Agromaner foi contratada para coordenar o plantio dos primeiros coqueirais e, ao final do ano, entregamos 170 ha plantados. Continuamos prestando consultoria ao Grupo Aurantiaca, que hoje se constitui da empresa agrícola Aurantiaca e da indústria, denominada Frysk Industrial, até a presente data. Tenho atuado nas mais diversas frentes do empreendimento, tanto na fazenda como na indústria, coordenando os projetos de pesquisa agrônômica com a cultura do coco, em parceria com Embrapa, dando consultoria na Unidade de Produção de Fibras, onde produz fibra de coco para uso na fábrica de biomantas do Grupo, utilizadas na contenção de encostas e produzindo pó de coco, importante substrato agrícola, além de elaborar projetos diversos para financiamentos agrícolas e industriais. A água de coco Obrigado é comercializada em todo o Brasil, diversos países da Europa e Estados Unidos. Tenho uma grande satisfação e orgulho profissional, no bom sentido, em afirmar que estamos juntos desde o início, até esta data. Aos 73 anos de idade ainda me encontro com disposição e vigor para iniciar um novo empreendimento próprio, a criação de abelhas, em paralelo com a consultoria ao Grupo Aurantiaca, atividade que exerço com satisfação, assim como uma corridinha de 6 km, de vez em quando. Agradeço a Deus por me possibilitar assumir mais este desafio profissional e, principalmente à minha querida esposa Rose Mary Silva Maia, companheira e cúmplice ao longo dos últimos 45 anos, mãe dedicada e amorosa, presente em todas as fases da vida das nossas filhas, que agora divide comigo a maravilhosa e gratificante função de avós dos nossos queridos 6 netos.

Fernando Antônio Rodriguez – Quiabo

As inquietudes do Quiabo em sua passagem pela UREMG continuaram e continuam. Cyntia, mulher dotada de uma inteligência privilegiada, herdeira da sabedoria e perspicácia do pai, tem sido mais do que companheira, ajudando-o em sua vida profissional e lhe deu três maravilhosos filhos,

pena que todos estejam além fronteiras o que não o permite desfrutar deles mais amiúde, como é seu desejo. Em tudo o que pensava e agia, sempre buscava resultados que traduzissem na melhoria da qualidade de vida de todos. Foi com essa determinação que se dedicou à profissão, começando por dar destaque à especialidade que abraçou. Foi em companhia de outros Berimbons que deu esse passo no Vale do São Francisco, com o Tiziu, Catarro, Arara, Catatau, Xixi e Castelinho. Em parceria com outro Berimbom, Enferrujado, importaram o primeiro equipamento pivô central de irrigação, e articulou com o setor industrial para que esse equipamento viesse a ser fabricado no País. Essa irrigação é a maior área irrigada do país hoje. Participou da criação do PROVÁRZEAS juntamente com outros Berimbons, Xixi e Piraúba, programa esse que após anos de sucesso em Minas Gerais se tornou Nacional, durando quase duas décadas. Deus o premiou dando-lhe a segunda filha que nasceu exatamente no dia do lançamento desse Programa nas Minas Gerais. Com a colaboração de outros Berimbons, Xixi e Odongo, participou do Programa Nacional de Irrigação – PRONI, sendo que o Odongo pelo lado da iniciativa privada, como presidente da Associação Brasileira de Agricultura Irrigada – ABRAI. Renascia a democracia e era preciso que o lado privado pressionasse o Governo. Sua obstinação em criar oportunidades de trabalho e produção de renda, levou-o a participar da criação e participar da primeira diretoria da CODEVASF, da Secretaria de Recursos Hídricos do MMARHAL, e na iniciativa privada da FAHMA, CONSULCOOP e INTERÁGUAS, esta última em busca de tecnologias que pudessem contribuir para as classes mais humildes, como a de uso do bambu no tratamento de águas residuárias, com um tratamento de esgoto autossustentável. Participou da criação de organismos de seguridade social como a São Francisco na CODEVASF e o Agros na UFV. Contribuiu para a criação da FUNARBE, na UFV, instituindo a primeira Fundação com um supermercado Escola, além de incentivar o desenvolvimento da agroindústria em busca da sustentabilidade dessa instituição. Produtos Funarbe hoje são encontrados em vários comércios varejista além fronteiras das Minas Gerais. Na consolidação da produção da agricultura irrigada, na busca do mercado internacional, ao receber fotos de mangas do Vale do São Francisco comercializadas em Washington – DC – EUA, certificadas pela HACCP, descobre-se que a Berimboa Risadinha deu sua efetiva colaboração. Ninguém faz nada sozinho e os Berimbons vão se encontrando mesmo no desconhecido e no anonimato, criando sinergias. Cada um fez e tem feito sua parte. Esta turma ajudou a colocar o país na posição que está no que se refere ao agronegócio. Pelo menos um tijolinho cada um de nós colocou nessa obra. Até hoje, mantém-se em atividade persistindo nas suas inquietudes e aceitando desafios com o mesmo propósito dos conhecimentos e formação emanados de nossa querida Universidade, somos do tempo que nós mesmos controlávamos a ética, a idoneidade e a sinceridade.

Fernando de Assis Paiva – Chipanzé

Logo no início de 1969, Chipanzé seguiu o colega Sensação e foi ser extensionista na ACARES. Foi designado para o Escritório Local da cidade de Nova Venécia, onde permaneceu até o final de 1970, iniciando o Mestrado na UFV em 1971. Acompanhou assim o colega Pipi, desenvolvendo tese sobre o uso de fungicidas sistêmicos (novidade na época) para o controle da ferrugem do cafeeiro, grande ameaça à nossa cafeicultura e que tinha sido detectada no país recentemente. No início de 1973 foi contratado como pesquisador do Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária do Estado de Minas Gerais (PIPAEMG), órgão que deu origem à EPAMIG, sendo mandado para Lavras, onde atuou em pesquisas de controle químico da ferrugem do cafeeiro. Em Lavras foi colega de república do colega Rasputin. No início de 1974, voltou a Nova Venécia para se casar com Neide Calatrone com quem teve três filhos. Assim, deixou de ser colega de

república do colega! No segundo semestre de 1977, conseguiu uma bolsa de estudos da Embrapa e iniciou novo ciclo de estudos, visando o doutorado, na University of California, Riverside, para onde se mudou com a esposa e a filha Michelline, nascida em Lavras. Retornou de Riverside com o título e um par de gêmeos, Rodrigo e Rossano. Desenvolveu a dissertação sobre a caracterização de um novo vírus que infectava a ornamental margarida. Ao voltar no final de 1981, teve de ouvir a gozação do Sensação que dizia ser um desperdício ir aos states para estudar margarida! No início de 1982 foi designado pela EPAMIG para a unidade de pesquisa de Uberaba, onde teve como chefe por algum tempo o colega Carijó. Permaneceu no Centro de Pesquisa Agropecuária Oeste\Centro de Pesquisa de Zebu, atual EPAMIG OESTE. Aí iniciou estudos sobre o mosaico dourado do feijoeiro, atuando também no estudo de doenças de outras culturas, com a soja. Permaneceu em Uberaba até início de 1988, quando recebeu proposta da Embrapa e, devido ao grande “apoio” que a EPAMIG pelo governo estadual, aceitou, mudando para Dourados, MS e integrando a equipe da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE) naquela cidade e que é hoje o Centro de Pesquisa Agropecuária do Oeste (CPAO). Em janeiro de 1991 foi passar uma temporada como Visiting Scholar na Purdue University, instituição cara para a UFV pelo papel desempenhado na implantação da pós-graduação em nossa universidade, ainda no tempo da UREMG. Passou um ano trabalhando na identificação por serologia de estirpes do Vírus do Nanismo Amarelo da Cevada (que ocorre também em trigo e outros cereais viram adeptos da lourinha?). Duas coisas em relação ao Berimbau ocorreram durante este período. Durante os contatos iniciais, teve o auxílio do Chico Olho Azul, de quem adquiriu o carro e sucedeu no endereço. Logo nos primeiros dias em Purdue, andando em uma avenida do campus, percebeu que um “gringo” caminhava em sua direção, aparentemente para solicitar informações. Mas era o colega Cromossomo que visitava a Universidade! Permaneceu no CPAO, pesquisando sobre diversas doenças de diversas culturas até se aposentar no final de 2004. Neste período, presidiu o Congresso Brasileiro de Fitopatologia em agosto de 1996, na capital, Campo Grande. Após a aposentadoria, foi contratado pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) como coordenador do recém-criado Curso Tecnológico de Agronomia, atualmente Curso Tecnológico de Produção Agrícola. No início de 2008, desligou-se da UNIGRAN e voltou à UFV, onde participou de estudos de genética molecular do fungo causador da ferrugem do cafeeiro por dois anos. Após este período, pendurou de vez as chuteiras e mudou-se para Guarapari, ES, onde reside com a esposa.

Endereço:

Rua Turquesa, 314

Setiba

Guarapari, ES

CEP: 29.222-127

Flavio Pompei

Sou procedente de uma cidadezinha mineira muito pequena que já foi um grande entroncamento ferroviário da antiga “Leolpoldina” com suas “Maria Fumaças”: Patrocínio do Muriaé. Hoje só resta a “Estação de Trem”, mas sem trilhos. Sou neto de imigrante italiano, filho de comerciante e empreendedor agrícola da zona da mata de Minas Gerais que foi “comprador de lenha” para a Ferrovia Leolpodina, depois dono de bar que, nos anos 50, foi pioneiro das “maquinas de arroz”. Ainda nos anos 50 saímos do Distrito Municipal para a comarca de Muriaé. Até aos 14 anos fui estudante como a maioria e sempre estive aí “na média da turma”. No segundo semestre do 4º ano do ginásio fui para o internato do Colégio de Viçosa, pq estava ficando “muito moleque”, e

até que funcionou. Eu me entusiasmei com o Curso de Técnico Agrícola da então UREMG, mas “levei pau” no Vestibulinho de 1960. Durante os dois anos seguintes prossegui o “científico” na “Academia de Comércio de Juiz de Fora”, onde realmente aprendi a gostar de estudar. Concluí o 3º colegial no Colégio Arnaldo, da mesma congregação em BH, com todo louvor. Voltei em 64 para Viçosa, mas como não tinha idade suficiente para fazer o vestibular da Escola de Agronomia tive que esperar um ano. Por isso que, durante um ano e em parceria com meu colega Fábio Zenaide Maia, fiz o Cursinho Extensivo UREMG e cumprimos o compromisso de estudarmos pelo menos 48 horas por semana. Eu passei em primeiro lugar em 1965 e ele em quarto. Contudo, em 1966 eu havia sido aprovado no Concurso para Fiscal de Rendas de Minas Gerais, também em primeiro lugar, mas depois de quatro meses na função eu me demiti porque negaram minha transferência para Viçosa. Sem dúvidas era excelente emprego público para o resto da vida, mas meu futuro eu queria desenhar. Durante os quatro anos de UREMG, atual UFV, custeei minha vida como professor do cursinho UREMG. Lecionei botânica à noite, por um ano, e depois química geral, mineral e orgânica por três anos, tanto no extensivo como no intensivo durante as férias. Ao mesmo tempo, durante as janelas do curso de agronomia, lecionei matemática para o terceiro colegial do Colégio de Viçosa. Fui diretor da Revista Científica Seiva e Diretor-Redator da Gazeta Universitária (Jornal semanal do corpo discente) por três anos. Fui selecionado pela USAID entre os seis universitários para um estágio nos EUA, mas Fábio e eu fomos “cortados” no aeroporto no Rio, por “redução das despesas”. Fui líder estudantil durante a revolução (do honorável Castelo Branco), mas que depois virou ditadura dos milicos generais. Fui presidente dos terceiranistas do Berimbau em 1967 e idealizamos juntos o que foi o 1º Festival do Chopp de Ubá, MG. Na vida universitária, alguns de meus artigos na Gazeta provocaram irritação muito grande no diretor da Escola de Agronomia, Professor Chaves. Só não fui transferido para outra instituição porque era bom aluno e estava bem documentado, mas foi “quase”. Formado em 1968 fiz estágio de “trainee” na Coperpoços, mas só arrumei emprego mesmo em março de 1969 como “gerente de produção” na Granja Industrial de Pintos de um dia da Avisco Industrial, em Mococa – SP. No entanto, como três meses depois fui o primeiro colocado no concurso da Mogiana CCCB (Cooperativa Central dos Cafeicultores do Brasil – SP), para seleção de profissionais para implantação do Projeto das Nações Unidas BRASIL 32, casei com minha maravilhosa Leda e fui designado para Cooperativa de Cafeicultores da Zona de Lins, em julho de 69. Foi nesse projeto que aconteceu a introdução das braquiárias e a evolução na nutrição de cafeeiros. Comecei minhas pesquisas com micronutrientes em lavouras de café de Lins durante o ano que vivi lá, onde conquistamos nossas amigas mais longevas e que se conservam até os dias de hoje. Em julho de 70 optei pela vaga de vendedor-técnico da antiga Geigy Química Ltda, durante a introdução dos herbicidas triazinas. Viajava de Kombi e levava um pulverizador pré-histórico de tambor metálico de 200 l, para demonstrações “tratorizadas”. Ainda em 70, passei em primeiro lugar no Concurso Nacional do antigo Instituto Brasileiro do Café e optei por residir em Alfenas, na função Chefe da Sede de Agrônomo. Além dessa função fui produtor de café no Sul de Minas e prossegui pesquisas com micronutrientes que confirmaram a via foliar como a mais rentável. Nessa mesma época idealizei o Controle da Ferrugem por aplicações a baixo volume, 12 litros de calda pronta/ha, uma emulsão invertida de óleo e água que virou “vedete de congressos de pesquisas” àquela época. Esse “atrevimento técnico” motivou a pretensão de colegas pela “paternidade da criança”. Como não conseguiam formular e estabilizar a emulsão invertida da calda pronta “deu no que deu”. O baixo volume foi “vedete dos Congressos de Pesquisas” e está nos anais de várias edições. No entanto, a publicação graciosa de minhas propostas de recomendação para cafeeiros no Suplemento Agrícola do Estado de S. Paulo em 24/6/72 gerou polêmicas memoráveis no antigo IBC. Entretanto, como plantas não mentem, os cafeeiros provaram a minha tese. Em meados de 1973, já com dois filhos maravilhosos,

me demiti do IBC e assumi funções de pesquisa e desenvolvimento na antiga Fertiplan S/A, S. Paulo, então grande empresa de fertilizantes básicos. Coordenei projetos para manejo de micronutrientes e nutrição de plantas que me conduziram às formulações comerciais pioneiras de fertilizantes foliares mistos no Brasil. Foram inovações que me brindaram com preciosos royalties, os fertilizantes foliares **Nutriplan**, **Citroplan**, etc. Em fins de 1976, já com meu casal de filhos maravilhosos, enfrentei acontecimentos familiares que me levaram à condução de negócios do arroz da família Pompei em Muriaé (produção, benefício e comercialização) onde permaneci por pouco mais de dois anos. Em fins de 1978 estava empregado na Vale do Rio Doce e, em seguida, transferido para Valep e Valefértil (ambas da CVRD) em Uberaba como Gerente de Suporte Técnico. Estou nessa cidade desde 2 de janeiro de 1980 e onde permaneço até hoje. Em 81 a Petrobras adquiriu a Valefértil e Valep virando Fosfertil e decidi levar toda administração para BH, mas discordei da mudança com a família e me demiti. Alguns dias depois assumi a função de RT da Produquímica Ltda (hoje S/A), em S. Paulo Capital, onde idealizei a linha de fertilizantes foliares pioneira daquela empresa, denominada PROFOL e MIB (Micronutrientes Balanceados) essa para mistura nos fertilizantes básicos. Nessa mesma época fui aprovado na CAMPO (Cia. De Promoção Agrícola) como um dos três mineiros para participar no projeto de desenvolvimento dos cerrados, PRODECER I, em Iraí de Minas. Assumi dívida muito grande em 1980 e que me parecia impagável, mas que duraria até o fim do ano 2000. No entanto, a megainflação do oligarca Sarney prejudicou os agentes financeiros e, assim, em 1986 já havia pago todos meus contratos antecipadamente. Nessa região produzi soja, milho, café, trigo e colza até 1994, além de ter sido o pioneiro na produção de maçãs no cerrado mineiro, tema publicado em muitos jornais em 1992. Quando em Alfenas, 69 a 73, fui professor universitário de Química Industrial, enquanto em Uberaba lecionei Química e Fertilidade e Fisiologia na FAZU. Prossegui na produção de grãos e café de 81 a 94, quando vendi a fazenda muito bem, já com o plantio 94/95 em andamento. Durante esse meu período de “fazendeiro no cerrados” fundei a UBY Agroindustrial Ltda em minha própria fazenda, mas no mesmo ano de 1985 a transferi para Uberaba, sob razão social de UBY Agroquímica S/A, onde permaneci como superintendente e diretor industrial até agosto de 1995. Éramos seis sócios em 1985, reduzidos a três dois anos depois. Os onze anos de sucesso comercial dos “fertilizantes foliares Ubyfol” me conduziram ao título de Industrial do Ano de Uberaba em 1992, pela Associação dos Distritos Industriais de Uberaba (ASSEDIU). Nesses onze anos sofremos os efeitos dos “planos econômicos” mirabolantes. Viajei muito pelo centro-sudeste-nordeste ministrando palestras e cursos que alvancaram as vendas do Ubyfol. Entretanto, depois de onze anos, quando negocieei a venda de minhas quotas na UBYFOL para os dois sócios remanescentes conheci de perto o que é a malandragem e ingratidão. Sofri as consequências do famoso golpe da “concordata fraudulenta”, que promoveram para não terem que me pagar imediatamente, apesar do capital plenamente disponível. Levei três anos para receber o que virou um terço do negociado e foi com esse recurso que fundei a EUROFORTE AGROCIÊNCIAS em 1998. O crescimento dessa nova empresa foi rápido e motivou a admissão do meu sócio atual em 2001, um engenheiro agrônomo quatorze anos mais novo e graduado em Machado-MG. Trabalhávamos no multimercado dos principais cultivos e progredimos rapidamente, até que aconteceu aquela crise econômica de setembro de 2008 que quase nos “mandou para o vinagre”. Por outro ângulo, foi o período de maior aprendizado de minha vida e da de meu sócio. Aprendemos que o melhor banco do mundo é o do jardim, porque sempre suporta nossa parte mais sensível em qualquer situação. Aprendemos que apesar de sermos emocionais, as emoções não são boas conselheiras. Hoje a Euroforte Agrociências é uma empresa especializada na cana de açúcar, banana e florestas plantadas e considerada de referência nesses mercados quanto às inovações para nutrição de plantas. Foram inovações que desenvolvi sob forma de calda pronta para pronto uso a baixo volume de aplicação: BVI,

EUROBOOSTER, RHYZOMIX, +POL, BIOBRIX, CICLOHEPTOSE, CANAFORTE, etc. E que podem ser conhecidos no site da empresa, www.euroforte.com.br. Já são mais de um milhão de hectares da canavicultura tratados com o BVI-CANA nas últimos seis safras agrícolas, até 2017 e que produziram mais de 10 milhões de toneladas de cana sem a necessidade de expansão da área agrícola.

Finalizando, depois de mais de 49 anos de vida profissional bem sucedida guardei para graduados e graduandos as seguintes pérolas:

- O grande atalho para o sucesso na nossa profissão é perceber que não existe atalho.
- Não existe caminho fácil para o sucesso. Só terá sucesso quem estiver disposto a estudar muito, depois de formado, a “carregar o piano” e a ter humildade suficiente para aprender com os próprios tombos e com os tombos dos que tiveram o altruísmo de nos prevenir.
- A universidade nos ensina muito pouco do exercício da própria profissão e nem poderia ser diferente, mas tem o mérito impagável de nos ensinar a estudar e apreender como a encontrar as melhores soluções.
- Evite supor que tendo sido graduado em agronomia estará pronto para o mercado e preparado para competir e, portanto, merecedor do “salário mínimo da classe”.
- Não existe salário justo e sim empregado lucrativo. Se vc produz lucros para seu empregador então merece o salário que ganha. Mas lembre que para cada mil reais que recebe vc custa ao empregador esses mesmos mil reais e mais outros mil e oitocentos de encargos sociais e trabalhistas que precisarão ser reembolsados por sua própria produtividade para a empresa.
- A solução ótima só é conseguida pelos que tem a coragem de descartar a solução apenas boa.
- O maior vírus e o mais mortal para o conhecimento humano e profissional é o vírus da tolerância com a maldita COLA. Um mau hábito quase generalizado das escolas intermediárias e universidades brasileiras. A COLA destrói mortalmente a construção da ética, da honestidade, do caráter e da dignidade profissional. Se o estudante tivesse consciência do malefício da COLA para a sua competitividade no mercado futuro, ele próprio seria o maior interessado na instituição de penas mais severas para os que escondem o próprio desconhecimento pela apresentação do saber alheio como próprio.
- Lembre que ser vendedor, mais do que uma honra, é prova impessoal de competência e autoconfiança para competir, porque assalariado nada mais é do que um vendedor que vende o próprio saber e a própria expertise “bem baratinho”.
- Se você acredita e confia em você, então é justo que cobre essa mesma confiança de qualquer outra pessoa. Se você investe seus próprios recursos em seu conhecimento e aprendizado, então será ético que defenda o investimento de outros ou de outras empresas em você.
- Sorte sempre foi o encontro do profissional preparado com a oportunidade que sempre lhe aparece.
- Embora nos consideremos seres racionais as decisões humanas são profundamente emocionais.
- A construção do impossível começa sempre pelo que nunca foi feito.

Francisco Affonso Ferreira

Iniciei a vida profissional na ACAR em janeiro de 1969 em Manhumirim e, em seguida, Caratinga-MG. Em 1972, após completar o mestrado na UFV, trabalhei no convênio firmado entre SUVALE/UFV estudando a viabilidade de cultivo de fruteiras diversas no vale do São Francisco.

Em outubro de 1974 transferi para Campinas-SP como assessor de pesquisas agronômicas da Elly Lily do Brasil Ltda. (ELANCO/MONSANTO) com o objetivo de fazer 'screening' de novas moléculas químicas sintetizados pela matriz nos EEUU, avaliando possíveis novos herbicidas para o mercado. No final 1976, na EPAMIG, fiz pesquisas com olericultura e manejo de plantas daninhas. Era sediado na UFLA, trabalhando integrado com os professores do Departamento de Fitotecnia. Em outubro de 1989 terminei o doutorado na UFV e em 31 de dezembro de 1990 parti para o pós-doutorado na Universidade de Purdue, nos Estados Unidos. Em maio de 1992, via concurso público, ingressei na UFV como professor adjunto e depois titular nas áreas de olericultura e biologia e manejo de plantas daninhas com maior ênfase na pós-graduação: mestrado, doutorado. Como principais colaborações para o agronegócio cito os resultados obtidos em Pirapora-MG, comprovando a possibilidade de produção de uva e manga entre outras frutas e hortaliças através de pesquisas com manejo dos solos, adubos, irrigações etc. Na EPAMIG meu principal projeto foi com a cultura do alho, introduzindo cultivares nobres de bulbos grandes e poucos bulbilhos por bulbo. Isto foi possível com o uso de frigorificação pré-plantio para substituir a exigência das plantas em foto-período longo e também pesquisando regiões no Estado onde o controle da água no solo, durante o período de bulbificação, pudesse ser feito por irrigação para evitar o pseudoperfilamento dos bulbos. Com esse projeto, junto com colegas da UFLA, contribuimos para que Minas tornasse um grande produtor de alho de alta qualidade. No período em que estive na EPAMIG em Lavras, atuava também na pós-graduação da UFLA, como orientador de dissertação de mestrado. De 1992 a 2014, na UFV, orientei diversos alunos de mestrado e doutorado, sendo que todos estão exercendo suas funções na EMBRAPA, em universidades diversas, em empresas particulares e privadas. De 2000 a 2014, fui editor-chefe da revista PLANTA DANINHA (www.scielo.br/pd) atendendo a uma solicitação da Sociedade Brasileira da Ciência de Plantas Daninhas (SBCPD). Esta revista é a única na América Latina e está entre as seis revistas no mundo que publicam artigos exclusivos sobre biologia e manejo de plantas daninhas, abrangendo áreas como controle químico, resistência a herbicidas e seu manejo, tecnologia de aplicação, integração lavoura-pecuária-floresta, alelopatia, controle biológico entre outras. Até 2000 a revista era impressa e distribuída somente aos sócios da SBCPD. Logo, em seguida, foi indexada nos principais indexadores do mundo (ISI, SciElo, AGRIS, SCOPUS etc.) com acesso livre a todos interessados no manejo de plantas daninhas. Em 1972 conheci a Lúcia de Fátima e, em 1974, com melhor decisão da minha vida, nos casamos no Rio de Janeiro. Lúcia é aquela pessoa de todas as horas incentivando e participando de todas as decisões. Nossos dois filhos (Fabricio – Engenheiro Mecânico pela UFMG e João Paulo-Engenheiro de Produção pela UFV) só nos dão alegrias. Fabricio conheceu Ana Paula e João Paulo, a Daniela e, hoje, os nossos netos Maria (3 anos), João Marcelo (6 anos) e Bernardo (5 anos) completam a nossa linda família.

Francisco de Paula Neto

Após formar-me Engenheiro Florestal, em dezembro de 1968, pela ESF/UREMG, iniciei as minhas atividades profissionais de Professor de Silvimetria I e III (Dendrometria e Inventário Florestal), em janeiro de 1969, na própria Instituição. A UREMG, a partir de meados de 1969, passou a ser Universidade Federal de Viçosa-UFV. Em junho de 1972, fui para os Estados Unidos da América, para cursar Pós-Graduação na Purdue University, como Bolsista da USAID. Os Cursos de Mestrado e Doutorado em Ciência Florestal foram nas respectivas áreas profissionais especializadas da Mensuração Florestal. Assim, com muito esforço, concluí o Mestrado em dezembro de 1973 e o Ph. D. em dezembro de 1975. Em razão da minha formação acadêmica e profissional, em 1977 fui contratado como Professor Adjunto I. Em 1985, após avaliação

profissional, via Concurso Público, fui promovido para Professor Adjunto IV. Em 1992, também por Concurso Público, passei para Professor Titular, tendo me aposentado em dezembro de 1995. Resumindo, segue a minha Formação e Evolução Acadêmica:

- *Engenheiro Florestal, 1968 – Escola superior de Florestas/UREMG, MG*
- *Master of Science, M.S., 1973 – Purdue University, Indiana, U.S.A.*
- *Doctor of Philosophy, Ph.D., 1975 – Purdue University, IN., U.S.A.*
- *Auxiliar de Ensino, 1969 – U. F. Viçosa*
- *Professor Adjunto I, 1977 – U. F. Viçosa*
- *Professor Adjunto IV, 1985 – U. F. Viçosa*
- *Professor Titular, 1992 – U. F. Viçosa*
- *Professor Titular Aposentado, 1995*

Os seguintes Cargos Administrativos foram por mim exercidos na UFV e em outras Instituições:

- *Chefe de Departamento de Engenharia Florestal da U. F. Viçosa*
- *Presidente da SIF - Sociedade de Investigações Florestais*
- *Diretor do CCA - Centro de Ciências Agrárias da U. F. Viçosa*
- *Presidente da ABEAS - Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior*
- *Diretor do CONFEA - Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia*
- *Diretor-Presidente da Mútua de Assistência dos Profissionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CAIXA DE ASSISTÊNCIA dos Profissionais dos CREAs*
- *Diretor de Monitoramento e Controle do Instituto Estadual de Florestas, IEF/MG*
- *Consultor da EPAMIG - Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais*
- *Gerente de Meio Ambiente do INCRA/MG*
- *Diretor da Faculdade de Viçosa – FDV*

As seguintes Atividades em diversas áreas de ensino e administrativas foram desenvolvidas: Professor e Coordenador de disciplinas da Engenharia Florestal e da Pós-Graduação em Ciência Florestal, de 1969 até 1996.

1. Disciplinas de Graduação:

- *Silvimetria I e Silvimetria III, de 1969 a 1972*
- *Manejo Florestal, de 1976 a 1979*
- *Administração e Crédito Florestal, de 1976 a 1979*
- *Política e Legislação de Recursos Naturais Renováveis, de 1976 a 1979*
- *Economia Florestal, de 1976 a 1979*
- *Monografia: Redação Técnica e Deontologia, de 1984 a 1990*
- *Dendrometria e Inventário Florestal, de 1976 a 1995*

2. Disciplinas de Pós-Graduação:

- *Mensuração Florestal, de 1976 a 1988*
- *Manejo Florestal, de 1976 a 1979*
- *Metodologia de Pesquisas Florestais, de 1977 a 1978*
- *Problema Especial: Estudos Sobre Dendrometria, 1977 e 1980*

- *Problema especial: Técnicas de Amostragens, 1994 e 1995*
- *Técnicas Experimentais em Ciência Florestal, de 1989 a 1996*

3. Coordenadoria de Cursos, Orientação de Trabalhos e Participação em Bancas de Concursos:

- *Coordenador de vários Cursos de Graduação, de Câmaras Curriculares e de Cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal de Viçosa*
- *Orientação e Aconselhamento de Estudantes de Graduação e de Pós-Graduados: Desenvolvimento de Monografias, de Seminários, de Teses de Mestrado e de Doutorado*
- *Participação em diversas Bancas de Defesas de Teses e em vários Concursos, em Instituições/Universidades Brasileiras*

3.1 - Cursos de Graduação:

- *Agronomia – de 1985 a 1989 e de 1983 a 1984*
- *Engenharia Agrícola – de 1985 a 1989*
- *Engenharia Florestal – de 1985 a 1989 e de 1993 a 1995*
- *Tecnólogo em Cooperativismo – de 1985 a 1989*
- *Zootecnia – de 1985 a 1989*

3.2 - Câmaras Curriculares:

- *Membro da Câmara Curricular do Curso de Engenharia Florestal, de 1975 a 1978 e de 1993 a 1995*
- *Membro da Câmara Curricular do Curso de Agronomia, de 1984 a 1985*
- *Presidente das Câmaras Curriculares dos Cursos de Ciências Agrárias da U.F.V.: Agronomia, Engenharia Agrícola, Engenharia Florestal, Zootecnia e Tecnólogo em Cooperativismo*

3.3 - Cursos de Pós-Graduação:

- *Membro da Comissão Coordenadora dos Cursos de Mestrado e de Doutorado em Ciência Florestal da U.F.V., de 1982 a 1985*

3.4 - Orientação e Co-Orientação de Teses, Monografias e Participação em Bancas:

- *Na Graduação: Orientação de cerca de 30 Monografias e de 36 Seminários*
- *Na Pós-Graduação: Orientação de 20 Teses de Mestrado e de 8 Teses de Doutorado; Co-Orientação de 22 Teses de Mestrado e de mais de 10 Teses de Doutorado*

Em 2002, resolvi mudar-me para Belo Horizonte, em razão das diferentes atividades e oportunidades em nível estadual e nacional, bem assim pela maior facilidade de contatos profissionais e de locomoção. Casei-me em julho de 1970 com Vera Lúcia Viana, natural de Guidoal-MG, e tivemos três filhos: Daniela, Francisco Eduardo e Ana Cândida. Este ano, portanto, completo 48 anos de união estável.

Guilherme Emílio Simão

Logo após a formatura, foi contratado pela Superintendência do Vale do São Francisco – SUVALE, atual Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba – CODEVASF e, a partir do início de 1969, foi trabalhar com irrigação nas margens rio São Francisco. Nos anos de 1971 e 1972 fez curso de mestrado em Hidrologia Aplicada, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aprimorando seus conhecimentos nas áreas de recursos

hídricos, infraestrutura hidráulica, irrigação, agricultura irrigada e meio ambiente, campo profissional no qual atua até os dias atuais.

Voltando do curso de mestrado, ficou lotado na sede da SUVALE, no Rio de Janeiro. Em 1974 transferiu-se para a Fundação Rural Mineira – RURALMINAS, fundação pública, vinculada à Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais, passando a residir em Belo Horizonte-MG.

Casou-se, em 1976, com Maria Lélia, irmã do nosso colega Fernando Antônio Rodriguez, o Quiabo e tiveram dois filhos, Mariane e Fúlvio.

No período de 1987 a 1989, trabalhou no Programa Nacional de Irrigação, conhecido também, na época como Ministério Extraordinário da Irrigação, órgão que deu origem aos atuais Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Integração Nacional. Em 1989 retornou à RURALMINAS e, naquele mesmo ano, demitiu-se da mesma e tornou-se sócio da FAHMA Planejamento e Engenharia Ltda., empresa de consultoria, sediada em Belo Horizonte, que ainda hoje dirige, mantendo-se na ativa.

Guilherme e Lélia têm duas netas, Bruna, filha da Mariane e Sofia, filha do Fúlvio. Registra-se que Fúlvio seguiu a carreira do pai, formou-se em Agronomia na UFV, fez mestrado também na UFV e doutorado nos EUA.

O Guilherme faz questão de mencionar que sempre teve o Berimbau no coração, por isso, compareceu às comemorações de todos os quinquênios de formatura.

Sua residência:

Rua do Ouro, 1170, Apto. 601

30.220-000 - Belo Horizonte-MG.

Gustavo Adolfo Socias Schlottfeldt

Minha carreira profissional foi iniciada em 1969 na CCPL – Cooperativa Central dos Produtores de Leite Ltda., Rio de Janeiro, como assistente do saudoso Prof. Adão José Rezende Pinheiro. No período, participei de vários cursos de especializações e treinamentos, destacando-se o recebimento de bolsas de estudo da FAO para o Curso Regional de Capacitação em Leite e Derivados no Chile, em 1969, e Curso Inter-regional de Laticínios na Dinamarca, em 1970. Posteriormente, fiz o curso de Ph. D. pela Universidade de Cornell, Estados Unidos, na área de Engenharia de Alimentos, anos de 1975-79. Seguiram-se diversas promoções gerenciais na empresa, chegando à posição de Superintendente Industrial. A partir de 1980, convidado pela Danone S.A., assumi o gerenciamento sucessivo de várias fábricas, durante 8 anos. Neste período, fui também convidado a assumir posições na Danone França, e posteriormente na Danone Estados Unidos. Em seguida, fui contratado pela Citrosuco Paulista, onde, após diversas promoções, fui nomeado Diretor Executivo Industrial. A partir de 1994, assumi a posição de Diretor Industrial da Pepsi-Cola, responsável pelo lançamento de novas fábricas. Durante toda a carreira profissional, houve participação intensa em atividades internacionais, com apresentação de palestras, realização de visitas técnicas, participação em seminários, feiras e outros eventos. Foram também realizadas consultorias tais como avaliações técnicas para aquisições de empresas de alimentos para bancos internacionais e levantamento de mercado para empresas internacionais interessadas em adquirir ou se associar a empresas brasileiras de alimentos. Do ponto de vista pessoal, casei em 1979 com a americana Barbara Ione Wright, M.S. em Música. Desta união, tivemos um casal de filhos: Stephanie e Konrad, ambos nascidos em São Paulo. A partir de 1997, retornamos aos Estados Unidos para terminar o sonho de educação dos filhos neste país. Inicialmente, residimos na área de

Miami, e após cerca de 17 anos, já aposentados, nova mudança para a praia de Satellite Beach, Florida (ao lado de Cabo Canaveral-NASA), que está sempre às ordens para receber os amigos...

925 Highway A1A #304, Satellite Beach, FL 32937-USA

Celular: +1 321 9611112; e-mail: schlottfeldt@men.com

Henriqueta Merçon Vieira Rolim

Após a conclusão do curso de Ciências Domésticas em dezembro de 1968, iniciei minhas atividades profissionais em Pontalina – Goiás, como extensionista da ACAR – GO. Foi um ano de aprendizado intenso. Já noiva ao sair de Viçosa, casei – me em 1970 com Renato Rolim, marreiteiro da UREMG, indo residir em Rio Verde – Goiás. Comecei minha vida de docente em Rio Verde. De início em cursos técnicos de segundo grau, e posteriormente na Universidade Federal de Goiás. Neste período, tive oportunidade de retornar a Viçosa, quando fiz o Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos. A pós-graduação possibilitou meu acesso à Escola de Agronomia – UFG, onde permaneci até aposentar-me, ao final de 2002. Na Universidade pude participar da formação de acadêmicos de Agronomia e Nutrição, colaborando ainda na criação do curso de Engenharia de Alimentos. Além do ensino, como de costume, atuei em projetos de pesquisa e extensão. Vale ressaltar projeto por mim coordenado, junto ao APL do açafrão em Mara Rosa – GO. Voltado para pequenos produtores, o projeto contemplando a cadeia produtiva do açafrão, reuniu todos os setores da Escola de Agronomia e alguns Institutos da UFG. Além dos aspectos agrônômicos, foram estudados associativismo, processamento, usos farmacológicos do açafrão (controle de melanoma), caracterização genética, desenvolvimento de equipamentos, entre outros. Experiência gratificante, com resultados positivos e concretos. Igualmente interessante foi a oportunidade que tive de integrar uma equipe técnica brasileira, com vistas à implantação da cultura de soja na região da savana, na Costa do Marfim - África. Atuei por dois anos nas áreas de processamento, identificação de oportunidades de utilização da soja pela população local e estabelecimento de estratégias para introdução do produto na alimentação humana. Experiência fantástica. Outra realidade, outra cultura, muitos desafios, grande aprendizado. Ainda na UFG, tive a oportunidade de habilitar-me junto ao Programa Alimentos Seguros, passando a atuar como consultora e multiplicadora após as devidas qualificações. Esta experiência além de ampliar conhecimentos possibilitou-me uma visão maior do setor de alimentos, sob outro foco e de caráter prático. Aposentada, passei a atuar em consultorias junto a indústrias alimentícias, na implantação de sistemas de gestão da qualidade sanitária de alimentos. Continuo atuando na implantação desses programas, possibilitando às empresas do setor atendimento a diretrizes estabelecidas pela ANVISA/MS e MAPA. Constituímos em 2002 uma pequena empresa de processamento de alimentos, onde trabalhamos produtos vegetais, em especial conservas e molhos. Tarefa árdua no atual contexto!!!! Casados há 47 anos, Rolim e eu tivemos três filhos. Marcelo – também Agrônomo pela UFV; Luciano - Engenheiro de Produção pela USP - São Carlos, e Juliana – Advogada pela UFG. Com a graça de Deus, conseguimos formar filhos maravilhosos, motivo constante de orgulho para nós. Completando nossa alegria eles nos deram sete netos lindos. E a vida vai seguindo. E tudo começou em Viçosa. A ela somos eternamente gratos. Estamos em Goiânia, setor Santa Genoveva, à Rua Juriti, n 139, à disposição para receber os amigos.

Igor Maximiliano Eustáquio Vivacqua von Tiesenhausen

FILIAÇÃO: Pai: Hermann Siegfried von Tiesenhausen

Mãe: Eunice Vivacqua von Tiesenhausen

NACIONALIDADE: brasileira - **NATURALIDADE:** Belo Horizonte-MG

PROFISSÃO: ENGENHEIRO AGRÔNOMO - “*Master Science*”

Curso Primário: Grupo Escolar “Barão do Rio Branco” – Belo Horizonte-MG

Curso Ginásial: Colégio Loyola – Belo Horizonte - MG

Técnico e Agricultura: Universidade Federal de Viçosa (Ex UREM) – Viçosa – MG (1961-1964)

Engenheiro-Agrônomo: UFV – Viçosa-MG – (1965-1968)

Mestre em Zootecnia – M.S. – Escola de Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG (Créditos 1969/1970 – Conclusão 1974).

Terminei o Curso em 1968, com o propósito de seguir carreira de pesquisador. Durante o Curso de Graduação conduzi um projeto de experimentação no aleitamento artificial de bezerros substituindo o leite de vaca por “leite” de soja, trabalho este que me valeu muitas brincadeiras dos colegas, muito trabalho e dedicação, mas que me deu o primeiro impulso e determinação para mais tarde, consolidar minha carreira de pesquisador na área de Bovinocultura de Corte. No Curso de Agronomia optei pela diversificação em Zootecnia. Após a formatura prestei concurso e ingressei em 1969 no Curso de Mestrado em Produção Animal e Nutrição de Ruminantes. Neste período fiz disciplinas de Melhoramento Animal na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desenvolvi o trabalho de Tese intitulado: “*Substituição do Farelo de Algodão para “cama” de Frango e pelo Esterco de galinha na engorda de novilhos de corte em confinamento*”. Arquivos da Escola de Veterinária da UFMG 30:1-90, 1978. Belo Horizonte, MG. Após completar os créditos interrompi o Curso de Mestrado para prestar Concurso na Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL – MG). O convite para prestar concurso público foi feito pelo meu amigo e colega o saudoso Professor Fábio Ferreira da Rosa. Na ESAL (Atual UFLA), após aprovado no concurso iniciei em 05/10/1970, ministrando aulas de Bovino de Corte na disciplina de Bovino de Leite. Em 1971 implementei a Disciplina de Bovino de Corte na qual lecionei até me aposentar **proporcionalmente em 1993, para ficar junto a meus pais**. Uma vez consolidada minha posição, após o período probatório, como professor da ESAL, concluí em 1974 o Curso de Mestrado na Escola de Veterinária da UFMG. Contribuí para criação do Curso de Graduação dos Cursos de Zootecnia - Portaria 270 de 1º de novembro de 1974 – Diretor Fábio Pereira Cartaxo, Comissão constituída por Professor Titular Silvio Nogueira de Souza, Professores Assistentes Zoroastro Soares Teixeira e Igor Maximiliano Eustáquio Vivacqua von Tiesenhausen e Auxiliares de Ensino, Rogério Santoro Neiva e Josafat de Pádua Pereira. Membro da Comissão encarregada, para implantação do Curso de Engenharia Ambiental (2003). Membro da Comissão encarregada, para implantação do Curso de Mestrado em Zootecnia (1975). Conduzi e orientei pesquisas do CNPq, em nível de graduação e de mestrado. Realizei pesquisas sobre o aproveitamento de machos provenientes de rebanhos leiteiros para produção de carne, trabalhos com resíduos (cama de frango, esterco de galinha; farinha mista de pena e vísceras, casca de café, bagaço de cana) na alimentação dos bovinos. Silagens de milho, milho associado com girassol, de sorgo, sorgo associado com girassol, de sorgo sacarino, de girassol de resíduo de polpa de maracujá, silagem de capim enriquecida com aditivos nutritivos, silagem de rama de mandioca. Concomitante as atividades de Ensino e Pesquisas e dentro do Programa de Extensão da ESAL (Hoje UFLA) implantamos programas de suplementação alimentar a pasto, confinamento de diversas regiões do

país, atividade junto feita com suporte de colegas da EMATER, atividade que continuei praticando de forma independente, após a aposentadoria proporcional na ESAL (UFLA). Publiquei trabalhos em diversas revistas: *Ciência e Prática*, *Journal Animal Science*, Arquivos da Escola de Veterinária, Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia (SBZ), Anais da SBZ, e para ser sucinto, não as coloquei, e das quais me orgulho muito. Membro da Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos, da Sociedade Brasileira de Zootecnia e socialmente atuei na Conferência Vicentina “Nossa Senhora das Mercês”, Lions Club e na Loja Maçônica “Deus e Caridade 7ª”. Casado com Berenice Chicrala Cherem von Tiesenhausen e residente em Lavras MG. Sigo atuando na profissão que adotei, pela UREMG, hoje UFV consciente que tentei fazer o melhor que pude, para contribuir para a ciência e para formação de profissionais em Agronomia e Zootecnia. O relacionamento com os colegas ao longo destes anos foi raro, espaçado e muito proveitoso, e atualmente com a criação do aplicativo “zap”, *Berimbau Forever*; e *Berimbau Cinquentão*, pelo colega Guilherme, facilitou, e foi salutar. Homenageado como Paraninfo da Turma de 1983: Agronomia, Zootecnia, Engenharia Agrícola e Administração Rural, como Patrono e como Professor homenageado de outras turmas.

Pesquisador III A – Proc. 111.2522/76 – Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Ex. Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq) Brasília-DF. **Professor de Nutrição de Ruminante**, Produção de Bovino de Corte; *Forragicultura e Forragicultura I e II - Pareceres: 4877/75 a 1090/75 do Conselho Federal de Educação – Processo 1114/71. Orientador de Trabalhos de Pesquisas em nível de graduação 1972 a 1975. Orientador em nível de Pós-Graduação – Mestrado - 1974. Membro da Comissão* Encarregada de elaborar o Plano Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Pesquisa Fundamental e Pós-Graduação em Zootecnia – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Ex.). Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq. **Supervisor de Pesquisas** na área de Zootecnia – UFLA (Ex ESAL). **Membro da Comissão** para elaborar o Regimento Interno da ESAL – 1975. **Supervisor do Curso de Zootecnia** – 1976-1978 **Responsável para elaborar** o Processo de Reconhecimento do Curso de Graduação em Zootecnia – 1978. **Pesquisas na área de Nutrição Forragicultura** - Competição de variedades de Milho; Silagens de Capim enriquecidas em aditivos, Silagem de Milho associada com Girassol, Silagem e Sorgo, associada com Girassol, Milho, consorciada com Sorgo, Silagem de Resíduo de Maracujá, Silagem de rama de mandioca. **Pesquisas na área de bovinocultura de corte** - Alimentação de bovinos com diversos tipos de silagem, de cana de açúcar, e de capim do grupo (*Pennisetum purpureum* Shum).

Parabéns a todos os protagonistas das festividades “*Berimbau – Cinquenta Anos*”.

Lavras, 06 de novembro de 2018.

Imar Cesar de Araujo

Início de 1969, juntamente com os colegas Nilson Lomeu Bastos, Dinarte do Carmo, Ricardo Pinto Ribeiro, Walter Geraldo Franklin e Jose Avelino, parto para o Amazonas com a mente aflita para começar a trabalhar, ganhar dinheiro, mas principalmente de prestar serviço e criar coisas novas, mas com o coração partido por deixar meu estado natal e minha querida Itaúna, fomos todos contratados pela ACAR-AM e com certeza fomos protagonistas de uma revolução na agropecuária amazonense e que começou com outros colegas egressos da UREMG que nos antecederam. Entre 1969 e 1973 trabalhei na ACAR, primeiro sendo designado para Tefé como Supervisor Regional, depois como Coordenador do Projeto Borracha e por último Chefe e Assessor de Planejamento e Estudos. Nosso trabalho na ACAR progredia e chamava a atenção das autoridades estaduais. Em decorrência, fui sendo convidado a assumir postos de relevância na administração dos negócios da agropecuária do Estado. Pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico- SEPLAN,

em 1974, fui Coordenador do Núcleo de Programação Institucional. Em 1976 fui nomeado Subsecretário de Estado da Produção-SEPROR. No biênio 1975-76 fui Coordenador da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola-CEPA. De 1976 a 1979 ocupei posições na Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas-CODEAGRO, de Coordenador Administrativo do Grupo CODEAGRO e mais adiante Diretor Presidente da CODEAGRO. O vínculo seguinte, em 1989-1990, foi de Chefe da Divisão de Apoio Técnico do Departamento de Informática. Antes, de 1979 a 1984 fui Chefe do Centro Nacional de Pesquisa da Amazônia, da Embrapa. De 1990 a 1991 fui Pesquisador II e Coordenador Programa CPAA da Embrapa. Vida que seguia e chego à Superintendência da Zona Franca de Manaus, onde trabalhei de 1987 até 2003, exercendo diversos cargos e funções, conforme quadro abaixo:

1997-2003 Vínculo: Colaborador, Enquadramento Funcional: Diretor Departamento Promoção de Investimentos.

1997-2003 Vínculo: Colaborador, Enquadramento Funcional: Diretor Adjunto da Bioamazônia.

1997-1998 Vínculo: Colaborador, Enquadramento Funcional: Superintendente Adj. de Planejamento.

1994-1997 Vínculo: Colaborador, Enquadramento Funcional: Diretor do Departamento de Planejamento, 1991-1994.

Vínculo: Colaborador, Enquadramento Funcional: Técnico do Núcleo de Estudos Estratégicos.

1987-1989 Vínculo: Colaborador, Enquadramento Funcional: Técnico da Divisão de Pesquisa e Planejamento.

Depois de 12 anos de Suframa, trabalhei para o Centro de Biotecnologia da Amazônia, CBA, de 2003 a 2004 como Coordenador de Implantação do CBA e de 2004 até 2014, quando me aposentei como Assessor da Coordenação de Implantação do CBA. A par de minhas múltiplas funções e cargos na área pública, tenho 02 propriedades dedicadas à produção de citros e flores. Completamente adaptado à Amazônia, vivo em Manaus com minha querida esposa Eloina, companheira de todas as horas, os filhos Luciana, Gustavo e Claudia, as netas Luna e Maria Paula, o neto Paulo César, os genros Ênio Herculano e Paulo Eduardo, e a nora Amanda.

Ivone Mendes Ferreira

Encerrado o curso de agronomia em 1968, voltei para Uberaba, minha terra natal, e fiquei 7 anos sem trabalho formal, acompanhando os negócios de agropecuária da minha família. Em 1975 prestei concurso para o Ministério da Agricultura e Pecuária e Abastecimento-MAPA, fui aprovada e foi assim que comecei minha carreira profissional. No Mapa trabalhei 1 ano e meio em seguida prestei concurso para o Banco Central do Brasil que na época precisava de agrônomos para acompanhar e fiscalizar grandes projetos do agronegócio que recebiam financiamentos de bancos públicos. Fui aprovada e no BACEN trabalhei de 1977 até me aposentar em 2001. No BACEN atuei na área de análise e fiscalização de projetos, com foco no programa PROALCOOL. Encerrei minha passagem pelo BACEN trabalhando na Área de Recursos Materiais quando me aposentou em dezembro de 2001. Hoje vivo em Brasília, curtindo viagens, o convívio com minha irmã e de longe acompanhando as atividades agropecuárias dos meus irmãos Ivo e Ivan. Meu endereço em Brasília é: SQS-103 Bloco D, apartamento 503, CEP: 70.342.040. Meu telefone: (61) 3226-8672.

Jadir Viana Santos

No dia 1º de fevereiro de 1969 iniciei uma nova fase da vida, formalizando meu primeiro Contrato de Trabalho, com o Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo S.A., atual BANESTES, no cargo de Engenheiro Agrônomo. Em julho do mesmo ano, convidado pelo amigo Luiz Gomes de Souza mudei para Goiânia/GO, para trabalhar com Crédito Rural e na elaboração de projetos para exploração da pecuária de corte. Em 1971, com a queda na demanda de projetos retornei ao Espírito Santo como Assessor Técnico da Secretaria de Agricultura do Estado – SEAG. No ano de 1973, no auge do planejamento, o Governo do Estado me proporcionou fazer o Curso de Planejamento a Nível Estadual, no CENDEC/IPEA, em Brasília. Ao voltar, participei da criação do Instituto de Planejamento Agrícola do Estado – ICEPA. Sentindo a necessidade de qualificação, solicitei e o Governo autorizou que me ausentasse do Estado para fazer o Curso de Mestrado em Economia Rural, em Viçosa/MG, de 1977 a 1979, com o cargo de Assessor Técnico de Planejamento Agropecuário da SEAG. Ao retornar reassumi minhas funções no ICEPA e, logo após, o cargo de Coordenador Técnico do Instituto. Após, sem prejuízo do trabalho, fiz o Curso de Planejamento Agrícola na Universidade Federal do Espírito Santo. Na sequência trabalhei como Chefe de Gabinete da SEAG e, em 1985, fui convidado e aceitei novo desafio. Assim, de junho de 1985 a agosto de 1989 exerci o cargo de Delegado Estadual do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, cujas atribuições são atualmente desenvolvidas pelo IBAMA. Em 1990, novamente na SEAG, tive o prazer de participar da reorganização do Sistema SEAG, processo que durou até 1999. Neste período, foi possível adquirir grande experiência ao ocupar, na sequência, cargos de Diretoria em algumas das Empresas do Sistema SEAG, quando diversifiquei e ampliei o conhecimento nas áreas florestal, de armazenagem, de mecanização agrícola, de comercialização de hortigranjeiros e de meio ambiente. Tive, ainda, a oportunidade de participar do Curso de Capacitação em Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável e trabalhar nesta atividade na Secretaria de Estado de Planejamento-SEPLAN. Após, ocupei o cargo de Assessor Especial do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves, vinculado a SEPLAN, de 01/2002 a 01/2003. Aposentei-me pelo INCAPER, em julho de 2003, quando ocupava o cargo de Diretor Técnico do IEMA, onde permaneci até 27/10/2004. Após aposentado, continuei trabalhando para o Governo do Estado, ocupando Cargos de Confiança, dentre os quais destaco os de Assessor Especial da Secretaria Extraordinária de Articulação com os Municípios – SEAM, e de Assessor Especial da Secretaria de Estado de Governo – SEG, no período de 2004 a 01/2014. No ano de 2015, resolvi constituir uma Empresa Individual de Responsabilidade Limitada-EIRELI, a JVS Consultoria & Assessoria, por meio da qual presto serviços ao SEBRAE/ES e pretendo expandir para a iniciativa privada. Reconheço que este ciclo de trabalho, que posso considerar exitoso, só se tornou realidade pela consolidação do casamento com Etel Moura Estevão Santos, ocorrido em 02/01/1971, a quem, neste momento, presto minhas homenagens. Constituída a família, recebemos de nosso Deus a guarda de 04 (quatro) filhos maravilhosos, sendo que a mais velha, Bianca, partiu para a vida eterna em 23/10/1993; Herbert, Advogado; Deise, Administradora de Empresa e Talita, universitária cursando Administração de Empresa e é micro empresária, no setor de roupa de festa feminina. Recebemos ainda, e por enquanto, 03 (três) netos, sendo Guilherme, filho do Herbert e Bernardo e Rafael, filhos da Deise. Talita, no momento, namorando. Continuo morando em Vila Velha/ES, à Rua Cabo Aylson Simões, nº 84, Centro.

João Lenine Bonifácio e Sousa

1) Nascido aos 18 dias do mês de março do ano de 1945, na cidade de Rio Verde – GO, filho de João Teodoro de Sousa Filho e Carolina Bonifácio de Sousa.

2) 1963: Formado no curso de Agrotécnico na Universidade Federal de Viçosa – MG. Após, concluí meu curso de Mestrado em Administração de Cooperativas.

3) 1969-1976: Trabalhei no COPAS – Cia Paulista de Fertilizantes, na função de Representante Comercial no Estado de Goiás.

4) 1976: Sócio Fundador da empresa Fertilizantes Aliança, ocorrendo minha saída da sociedade no ano de 2016.

5) 1982-1994: Período em que exerci a função de Presidente da COOPERJAVA – Cooperativa Mista Rural Vale do Javaés Ltda.

6) 1987-1991: Presidente na Associação Brasileira de Agricultura Irrigada.

7) 1997-2009: Período em que estive à frente como Presidente do CTPA – Centro Tecnológico para Pesquisas Agropecuárias Ltda. A finalidade primordial era a de Pesquisa e Desenvolvimento de Sementes para o Cerrado, principalmente de soja, em convênio com a ENGOPA e EMBRAPA.

8) Exerci diversos cargos importantes como: **Gerente** da Câmara Setorial de Arroz do Ministério da Agricultura; **Delegado** no Sindicato Rural de Formoso do Araguaia/TO; **Delegado** na Federação da Agricultura do Estado do Tocantins em conjunto com a CNE – Confederação Nacional da Agricultura.

9) 2001-2004: Atuei como Presidente da Associação Brasileira de Produtores de Sementes – ABRASEM.

10) Já exerci o cargo de Presidente da Associação Goiana dos Produtores de Sementes – AGROSEM.

11) No ano de 1999, fundei uma empresa, sob a denominação atual de AGROPECUÁRIA SEMENTES TALISMÃ LTDA., cujas atividades são de produção e comercialização de sementes de soja. Atualmente, se encontra sob a direção dos meus 03 (três) filhos, Marco Alexandre, Raphael e Frederico.

12) Na vida pessoal, construí uma bela família. Casado com Maristela Evangelista Gonçalves e Sousa. Tive 04 (quatro) filhos, e atualmente 05 (cinco) netos. Sendo:

- Marco Alexandre Bronson e Sousa: Administrador de Empresas, casado com Isabela Lima Nunes. Têm duas filhas: Luiza e Leonora.

- Gabriela Gonçalves e Sousa (*in memoriam*)

- Raphael Gonçalves e Sousa: Engenheiro Agrônomo, casado com Maria Gabriela Machado Junqueira e Sousa. Têm dois filhos: Catarina e Lorenzo.

- Frederico Gonçalves e Sousa: Administrador de Empresas, casado com Larissa Rassi Mendes e Sousa. Têm um filho: João Gabriel.

João Venâncio Soares – Tisiu – Volatina Jacarina, L-1758

1ª. Fase – Nascido em Uberaba-MG, 23/04/1946. Filho de família muito pobre, seis irmãos, neto de negros escravos e índios. Primário em escola de fazenda, grupo escolar e Colégio Estadual. Científico em Colégio Diocesano com bolsas e auxílio de famílias abastadas. Pensando que para o

vestibular em Viçosa-MG haveria a benesse de refeitório e alojamento, viajou com pouquíssimos recursos para se manter e fazer as provas. Um acaso do destino fez com que, lá no prédio principal, conhecesse Nivaldo Estrela Marques, do PINGUIM, hoje Doutor da EMBRAPA que estava em seu apartamento estudando química para 2ª época, que lhe deu guarida. Inicialmente custeou suas despesas prestando serviços gerais no aviário da escola. Mostrou-se bom aluno em Matemática e Física e foi colocado como monitor do Colégio Universitário; passou a dar aulas particulares para pré-vestibulandos. No último ano optou pela diversificação em Engenharia Rural.

2ª Fase – Formado foi trabalhar pela SUVALE. Inicialmente em Juazeiro-BA/Petrolina-PE, juntamente com seis colegas da mesma turma onde implantaram o que é hoje o maior polo de produção de frutas da América Latina. Foi deslocado para a 5ª. Agência da SUVALE, Propriá-SE, onde trabalhou por três anos e quatro meses. Assistente Técnico de vários projetos e Responsável Técnico pelo campo de produção de sementes de arroz irrigado. Professor de Matemática e Inglês do Colégio Diocesano de Propriá, eleito o melhor professor do ano de 1970. Ao sair de Propriá, em abril de 1972, recebeu, por unanimidade da Câmara de Vereadores, a Comenda de Honra ao Mérito pelos trabalhos prestados à Região.

3ª Fase – Trabalhou de abril a dezembro de 1972 com Assistente Técnico do Sindicato Rural de Uberaba-MG.

4ª Fase – Contratado pela ACAR-GO onde fez PRÉ-SERVIÇO e trabalhou em projetos de irrigação de várzeas na região de Paraúna-GO. Pela qualidade do serviço apresentado foi transferido para o Escritório Regional da ACAR-GO, Rio Verde com a incumbência de dinamizar a agricultura local, em maio de 1974. Alguns números:- Em 1974 em toda área de jurisdição do regional tínhamos 30.000 ha de arroz – 600 kg/ ha; 12.000 ha de algodão – 1.050 kg/ ha; 10.000 ha milho – 2.040 kg/ha; 400 ha de soja – 600 kg/ha. Em 2017 – 3.000 ha de arroz – 4.200 kg/ha; 30.000 ha de algodão – 3.750 kg/ha; 750.000 ha de milho – 6.960 kg/ha; 1.250.000 ha de soja – 3.360 kg/ha. Recebeu, em 24/11/2017, a COMENDA SEBASTIÃO ARANTES como reconhecimento pelos trabalhos prestados à região.

COMPLEMENTARES – Curso de Drenagem de Terras – Holanda-1975(Orador da turma e Presidente) da seção de encerramento do curso; Curso de Agricultura Geral – Iugoslávia – 1980; Graduado em Direito pela Universidade de Rio Verde – 1989; Pós-graduação *lato sensu* em Engenharia de Segurança do Trabalho – UniRV-2002; MBA em Gestão, Auditorias e Perícias Ambientais – Instituto de Pós-graduação de Goiás – 2008. Três filhos – Leonardo de Siqueira e Soares – Cirurgião Dentista (orto e implantodontia); Carine de Siqueira e Soares – Tecnóloga de Grãos – MS em Ciências Agrárias; Ana Caroline de Siqueira e Soares – Fisioterapeuta (Pilates e Disposições Ósseas); Esposa – Sebastiana Rodrigues de Siqueira e Soares – Pedagoga com três Pós-graduações na área de alfabetização infantil.

FORA DA CURVA – Formou, em 1975, as bases do que são hoje as COMEAs (Comissões Municipais de Estatísticas Agropecuárias) em uso em todo país com eficiência de 98% em relação aos dados de satélite; Criou a Primeira Central de Embalagens de Goiás – Recolhe e dá destino adequado às embalagens vazias de defensivos, o que rendeu a Comenda do Mérito Ambiental – CREA-GO-2000. Foi Secretário Municipal de Agricultura de Rio Verde-GO – 2000; Secretário Geral do Conselho de Meio Ambiente de 2001 a 2008 quando, por denunciar desmandos ambientais de grandes empresas, foi DEMITIDO POR JUSTA CAUSA e vem sofrendo ameaças e retaliações diversas, desde então. Fala Português, Inglês e Espanhol; conhece Brasil (22 Estados), Paraguai, Argentina, Suriname, Guianas Francesa e Inglesa na América do Sul; Holanda, ex-Iugoslávia, Bélgica, França, Alemanha, Itália e Portugal, na Europa.

José Carlos dos Reis

Profissional

Iniciei a vida prática na EMATER em 1969 na cidade de Guaxupé no sul de Minas onde trabalhei até junho de 1972. Foi uma época muito proveitosa, pois foi um grande aprendizado e consegui realizar um trabalho que foi reconhecido pelos cafeicultores e a COOXUPE. Não era para ter saído de lá, pois a COOXUPE me ofereceu até um salário extra para continuar lá, mas resolvi aventurar e aceitar desafios em uma região de agricultura incipiente em Patos de Minas-MG. Aqui continuei na EMATER até junho de 1976. Nesses 4 anos promovi a abertura do cerrado e instalei campos de demonstração de culturas mostrando que era possível produzir nas terras fracas do cerrado, foi o ponto de partida para o desenvolvimento da agricultura na região. Em junho de 1976 agricultores que eram assistidos por mim através da EMATER resolveram me tirar da EMATER então criei uma empresa de consultoria visando principalmente fazer projetos de financiamento para clientes do Banco do Brasil e BDMG. Este trabalho durou alguns anos enquanto o governo incentivava a abertura de cerrado através do programa POLO-CENTRO e criação de infraestrutura nas propriedades. Mesmo com o fim do programa continuei dando consultoria na área de produção de sementes de soja, tornando a nossa região na maior produtora de sementes de soja de Minas Gerais. Até hoje continuo na área de sementes como produtor e também proprietário do Laboratório Germitel em Patos de Minas que analisa sementes de grãos para produtores de toda região.

Família

Casei em janeiro de 1974. De abril de 1975 a janeiro de 1978 nasceram os meus 3 filhos. Todos têm curso superior sendo uma dentista, um advogado e uma advogada. A dentista exerce a profissão em Patos de Minas e os advogados no tribunal de justiça em Palmas-TO. A minha esposa que está comigo há quase 45 anos é uma pessoa que gosta muito de estar em atividade, não falta à academia, adora fazer coisas diferentes na cozinha, já foi empresaria do ramo de confecção e adora moda feminina.

Tenho uma neta de 8 anos e 2 netinhos sendo um de 5 e outro de 3 anos.

Contatos

1) José Carlos do Reis

(34) 99813-6776

(34) 3821-2757

2) Laboratório Germitel

(34) 3823-2566

José Edmundo Brandão – J.E.B ou Socó

Em 1969 iniciei minha vida profissional em empresa agrícola no interior de Burutizeiro – Minas Gerais.

Em 1970, não satisfeito com a atividade profissional desenvolvida até então, demito-me.

Após seleção, ingresso no Instituto Brasileiro do Café, IBC.

Assumo minhas funções no Espírito Santo em novembro de 1970.

Em 1971, sou designado para assumir a chefia do escritório do IBC, em Santa Teresa - ES, região centro serrana do estado.

Com a extinção do IBC, sou transferido para o Ministério da Agricultura, onde me aposentei como Auditor Fiscal Federal Agropecuário.

Em 1976, casei-me em Colatina-ES com Elisabeth Lievore de Brandão.

Temos dois filhos, duas noras e quatro netos.

Hoje, residimos em Santa Teresa e em Vila Velha, ambas as cidades do ES, desfrutando de nossas aposentadorias e na convivência prazerosa com nossos familiares e amigos.

Nossos endereços:

Av. Luís Muller, 169 - Centro

29650 -000, Santa Teresa-ES Tel. (27) 32591285

Rua Dom Jorge de Menezes 131

Apt. 102 - Praia da Costa

20101-025, Vila Velha-ES. Tel. (27) 32234598

José Luiz Neves Sudré

José Luiz Neves Sudré, filho de Raul Sudré e Stella Neves Sudré, nasceu no dia 27 de outubro de 1946, na cidade de Vitória. Espírito Santo. Atualmente vive em Rio Fundo, Marechal Floriano, ES, no Sítio Santo Antônio, de sua propriedade, onde se dedica ao cultivo de flores e plantas ornamentais, com especialização em floricultura tropical. “Sudré” como os colegas carinhosamente lhe chamam, também é dono de uma história de conquistas pela vida. cursou o primário da escola Sophia Muller, em Vitória-ES (entre 1953-1957), e o secundário, 1º ciclo no Colégio Estadual do Espírito Santo (1958-1961) e o 2º ciclo secundário (científico) no Colégio Estadual do Espírito Santo, 1º, 2º e 3º anos do 2º ciclo no Colégio Americano de Vitória-ES (1962-1964). Foi casado com Thereza Murad e desta união nasceram quatro filhos, que por sua vez lhe deram, até o momento, cinco maravilhosos netos: Gianne Murad Sudré (Médica) – netos: Julia e Matheus; José Luiz Neves Sudré Filho (Engº de Telecomunicações) – netos: Manuela e Raul; Thereza Cristina Murad Sudré dos Santos Neves (Administradora e Psicóloga) – neto: Gabriel Thiago Murad Sudré (Comunicação/MBA Gestão de Projetos) – Divorciado.

O curso superior foi na Escola Superior de Agricultura, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) hoje Universidade Federal de Viçosa – UFV, Viçosa-MG (1965-1968). Interessante relatar que ao ser indicado para Conselho no CREA/ES (1971) na modalidade Agronomia, por parte da Secretaria de Engenheiros SEES foi constatado o fato de ser indicado por outra entidade de classe. A SEEA, não tinha estatuto registrado e não estava apta a indicar representante para o Conselho do CREA/ES. Através de muito trabalho, Sudré teve a grata satisfação de verificar a homologação, (após colocar em dia a documentação necessária) por parte do CONFEA do registro oficial da SEEA junto ao CREA/ES, no ano de 1972. Sudré lembra: “acredito que, sem dúvidas, além das ações normais desenvolvidas, durante a minha passagem pela SEEA, o fato mais marcante foi a regularização do Estatuto Social”. Foi o primeiro colocado no concurso público estadual em 1973, para o cargo efetivo de Engenheiro Agrônomo da Secretaria de Agricultura do Estado do Espírito Santo. Exerceu a função de Engenheiro Agrônomo na Secretaria Estadual de Agricultura no período de 1973-1993. Participou em Conselhos, comissões, elaboração de projetos, assessorias, congressos, seminários, publicação de artigos técnicos, divulgações, palestras, dentre outras atividades correlatas, sendo também homenageado por diversas Associações e entidade de classe. Durante o referido período, de muito orgulho e satisfação profissional, até solicitar a aposentadoria proporcional, para dedicar maior tempo em atividades particulares

(avicultura, flores e comércio de hortifrutigranjeiros) contribuiu, na SEAG, em muitas áreas como: a) assessor técnico de gabinete da SEAG e da Cofai – Companhia de Fomento Agro Industrial; b) membro do Conselho Fiscal da Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária (EMCAPA); da Cofai e da Emespe; do Conselho de Administração da EMATER – ES e da Comissão de Licitação da Cases; c) Membro da comissão que elaborou “Plano Trienal da Agricultura Capixaba” (1972-1974); d) Chefe da assessoria de divulgação e informações agropecuárias da SAEG; e) Redator do Boletim “Agricultura Urgente” e do Boletim “Agropecuária” da Secretaria de Agricultura – Basa editados pela SEAG, e coordenador responsável pela divulgação e comunicação da estratégia de ação para Super Safra (1972-1973). Exerceu o cargo de Secretário Municipal de Agricultura em Marechal Floriano – ES, no período de 2005 a 2008. É cidadão florianense, com título honorífico, conforme Decreto Lei nº 016/2008 de 20 de maio de 2008. Por meio do Decreto Legislativo nº 127, 17 de setembro de 2014, recebeu o título de cidadão martinense, conferido pela Câmara Municipal de Domingos Martins. Foi Superintendente da Associação Comercial e Empresarial de Domingos Martins – ACE-DM, entre 2013 e 2015. Foi homenageado pela Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, na comemoração do dia do Engenheiro Agrônomo e nos 50 anos da SEEA, em 10 de outubro de 2008. Conselheiro (suplente) do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CREA – 11ª região, representando a SEES (1971-1973). Conselheiro (efetivo) do CREA – 11ª região, modalidade agronomia, indicado pela SEEA (1973-1976). Diretor secretário 11ª região (1974-1976). Titular da comissão executiva responsável pela organização da 32ª Semana Nacional do Engenheiro (CONFEA/CREA) em 1975. Vice-presidente da Sociedade Espiritosantense de Engenheiros Agrônomos SEEA (1972-1973) e presidente da entidade (1973 – 1976).

José Martins de Araújo – Cheira Pão

Sou natural de São Domingos do Prata-MG, onde fiz cursos primário, ginásial e científico. Em Viçosa me diplomei como engenheiro agrônomo diversificado em zootecnia. Em 1969 trabalhei em Americana-SP lecionando no Ginásio Vocacional. Ainda em 1969-70 trabalhei para a Empresa de Reflorestamento Mocambo em Itararé-SP. Entre 1970 e 1971 trabalhei em Belo Horizonte-MG para a empresa Vel Projetos. Finalmente, a partir de 1972 ingressei na Acar-MG, atual Emater-MG, começando no escritório de Ituiutaba-MG. Pela Emater-MG trabalhei em várias cidades do Triângulo Mineiro como Prata, Limoeiro do Oeste, Iturama. Atualmente trabalho no escritório de Campina Verde também no Triângulo Mineiro. Solteiro, minha vida tem sido de inteira dedicação em prestar serviços aos produtores dessas regiões, onde fiz um vasto círculo de amizades. Ainda não pensei em me aposentar, sou feliz com o trabalho e com a carreira e com vida.

José Roberto Pinto de Castro

Iniciei minhas atividades profissionais na ACAR-MG em janeiro de 1969. Em agosto do mesmo ano, após receber proposta da J.R. Geigy, pedi desligamento da ACAR e ingressei-me no departamento técnico da Geigy com sede em Belo Horizonte-MG. Em fevereiro de 1971 houve a nível internacional fusão da Geigy com Ciba formando a Ciba-Geigy Química S.A. onde permaneci até setembro de 1978. A partir desta data ingressei no Departamento técnico da DU PONT do Brasil S.A. com sede em Ribeirão Preto-SP ocupando o cargo de Gerente de vendas para o estado de São Paulo. Em 1988 desliguei da DU PONT retornando para Belo Horizonte-MG onde fundei a EMBRATEC (Empresa Brasileira de Assessoria Técnica e Comercial Ltda.). Encerrei as atividades da Embratec em 2008. Sou casado com a Mariêta desde 1971. Temos dois maravilhosos filhos:

Roberta e Rodrigo. Temos como netos o príncipe Lucas e a princesa Manuela. Atualmente administro o condomínio Life Center o maior complexo médico de Minas Gerais.

Minha residência: Rua Gabriel dos Santos 180/601 – Serra –Belo Horizonte-MG

CEP 30.210-510

E-mail: zepinto1508@gmail.com

Tel. 31-32219471/31-999816821

José Rodrigues Vieira

Em 1969 ingressei na antiga ACAR, hoje EMATER MG – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural sendo designado para iniciar minha vida profissional no município de João Pinheiro, noroeste de Minas Gerais, como extensionista local.

Por um período de dois anos convivi com produtores de diversas categorias, empresários, escolas rurais, prestando assistência técnica e assessoria.

Tive a oportunidade de desenvolver ações conjuntas com a ex-Fazenda Modelo, órgão do estado constituído por um quadro técnico qualificado e que era tido como modelo para proporcionar o desenvolvimento agropecuário do município.

Em 1971 fui transferido para Montes Claros a fim de assumir a coordenação técnica regional envolvendo 26 técnicos locais, atividades com o Banco do Nordeste, Banco do Brasil e apoio ao projeto Jaíba.

No mês de setembro de 1972 fui transferido para Uberlândia, Triângulo Mineiro.

Foi um desafio muito grande trabalhar em um dos principais polos agrícola do Estado, além de participar dos programas de incorporação do cerrado ao processo produtivo POLOCENTRO e PROVARZEAS.

Durante ano de 1977 participei de um curso especializado em irrigação de arroz no CIAT – Centro de Agricultura Tropical em Cali, Colômbia.

Em 1978 retomei as atividades inerentes a minha função, e uma das principais ações foram a integração com a EPAMIG Uberaba, CEPET Capinópolis, EMBRAPA CERRADO, CENTRO DE MILHO e SORGO Sete Lagoas, Setor de pesquisa da UFV e empresas produtoras de sementes (CARGIL e AGROCERES).

Aposentei em 2003, montei uma pequena empresa em Uberlândia denominada JR Consultoria Ambiental, onde presto Consultoria Ambiental, outorgas de água e projeto de irrigação, ação conjunta com minha filha Rafaella Silva Rodrigues, agrônoma.

Sou casado com Francisca da Silva Rodrigues há 44 anos, tenho três filhos Alessandra, Rodrigo e Rafaella e três netas Ana Laura, Maria Clara e Isabela.

Considero uma pessoa feliz ao lado de minha família e um profissional bem sucedido.

Residência:

Rua São Conrado, 90. Apto 302 – Copacabana

38411 094 – Uberlândia-MG

José Silveira Rivelli

* José Silveira Rivelli, casado com Elmira Millionini da Fonseca Rivelli. Três filhos: Júlio César Fonseca Rivelli, economista; Luis Henrique Fonseca Rivelli, advogado e Fabíola Fonseca Rivelli dentista. Residência: Lavras/MG

Período de Janeiro de 1969 a Abril de 1971, primeiro engenheiro florestal brasileiro junto ao projeto Jari (Pará/Amapá). Mega investidor com o projeto contemplando as áreas de florestas, agrícola, pecuária e mineração. Tivemos o desafio de lançarmos as bases deste projeto a partir do nada.

Período de Abril de 1971 a Dezembro de 1981, Atividades florestais florestais preparatórias para a implantação da Norske Skog PISA hoje B O *Packaging*, única fábrica de papel impressa no Brasil e outros produtos florestais.

Período de Janeiro de 1981 a Novembro de 1995, Shell Brasil, estabelecimento da divisão florestal nesta empresa, aqui e fora do país.

Período de Janeiro de 1996 a Outubro 2007, terceirizado da Shell como consultor nas oportunidades florestais e energia via biomassa.

Período de Janeiro de 2002. Serviços diversos a diferentes empresas do ramo florestal local e exterior.

Nestes anos representei as empresas junto a institutos de pesquisas como SIF/IPEF/FUPEF etc. Responsável pelo relacionamento junto aos diversos órgãos estatais afins à atividade florestal.

Koji Hino

No fim de 1968, quando ainda estava na UREMG terminando nosso curso, chegou a Viçosa um funcionário de um banco paulista para recrutar engenheiros agrônomos para trabalhar na área de crédito rural no Estado de São Paulo. Fui entrevistado e como era natural de São Paulo fui aprovado e no dia primeiro de janeiro de 1969 assumi minha posição no antigo Banco Bandeirantes no cargo de Assistente Técnico de Crédito Rural. Ao tempo de nossa formatura os bancos privados demandavam profissionais como eu e vários de meus colegas, para trabalharem na estruturação dos departamentos de crédito rural e na operacionalização de linhas de crédito para a agropecuária. Os bancos privados não eram preparados para atender a política de crédito rural que o governo estava implantando em todo o país, consequência da edição governamental de uma Resolução de Número 69 de 1967. Assim iniciei minha vida profissional que se estendeu até o ano de 2000 e que foi interrompida pela falência do Banco Bandeirantes, que foi comprado pelo Unibanco. Neste mesmo ano me aposentei e parti para uma iniciativa privada para me manter e a minha família. Abri uma lavanderia em São Paulo que já tem 30 anos de atividade. Casei-me, tive 4 filhos e hoje tenho 4 netos que me encham de alegria. Resido em São Paulo na Vila Madalena, Rua Lisboa 128. Meu negócio – Lavefast Lavanderia Domestica – fica na Alameda Barros 164, no bairro de Santa Cecília, São Paulo. Será sempre um prazer receber os caros colegas do Berimbau em minha casa ou na minha loja.

Lairson Couto

Avenida Raquel Teixeira Viana, número 30, bairro Canaan.

Sete Lagoas/MG, CEP 35700-293.

Telefone: (31) 991026368

E-mail: lairsoncouto@gmail.com

Site: www.lairsoncouto.com.br

Currículo Lattes: www.lattes.cnpq.br

Origem e família

Natural de Tocantins, Zona da Mata de Minas Gerais. Casado com Helena Maria Marques Couto, natural de Tocantins, MG, Empresária no ramo de Confecções (Aquarela Moda Íntima). Possui três filhos Guilherme, Christian e Gustavo, sendo dois nascidos em Sete Lagoas. Atualmente possui três netos e duas netas. Formado em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa/MG. Reside em Sete Lagoas há 40 anos, onde constituiu sua família. Especializou-se em Irrigação. Veio trabalhar em Sete Lagoas na Embrapa Milho e Sorgo no final de 1978. Em 1986 foi para Parnaíba/Piauí implantar o Centro Nacional de Pesquisa em Agricultura Irrigada da Embrapa, retornando a Sete Lagoas em março de 1988. Exerceu a função de Chefe Geral da Embrapa Milho e Sorgo de 1990 a 1995. Aposentou da Embrapa em 2001 e trabalhou na Agência Nacional de Águas, em Brasília de 2001 a 2004. Retornou a Sete Lagoas. No período de 2005 a 2010 ocupou diversos cargos públicos

No Governo Municipal de sete Lagoas. Foi Secretário Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente de 2005 a 2007. Presidente do SAAE em 2007 e Secretário de Meio Ambiente em 2009 e 2010. A partir de 2008 exerceu as funções de Professor, Pesquisador e Extensionista do UNIFEMM na área de Recursos Hídricos, Sustentabilidade e Meio Ambiente.

Formação Acadêmica

Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa em 1968; Especialização em Engenharia de Irrigação pela Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande Paraíba, agosto a novembro de 1973; mestrado em Irrigação pela Universidade da Califórnia, Davis, CA, Estados Unidos da América do Norte, em 1976; doutorado em Ciência do Solo pela Universidade da Califórnia, Davis, CA, Estados Unidos da América do Norte, em 1978; pós-doutorado em Irrigação pela Universidade da Flórida, Gainesville, FL, Estados Unidos da América do Norte em 1999;

Cargos Técnicos, Gerenciais e Administrativos

Coordenador Geral do Subcomitê do Ribeirão Jequitibá de Setembro de 2013 a outubro de 2017;

Diretor Financeiro da Associação Setelagoana de Engenheiros, de agosto de 2014 até a presente data;

Consultor da Secretaria de Obras, Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano na revisão das Leis Complementares ao Plano Diretor de Sete Lagoas, de janeiro a outubro de 2015; Secretário Municipal de Meio Ambiente de Sete Lagoas de janeiro/2009 a janeiro/2011; Professor do Centro Universitário UNIFEMM, curso de Engenharia Ambiental, nas disciplinas Hidrologia e Hidrogeologia, de 1º de agosto de 2008 até maio de 2018; Coordenador da Área de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Unifemm a partir de agosto de 2014 até maio de 2018; Diretor Presidente do SAAE Sete Lagoas de abril de 2007 a janeiro de 2008; Secretário Municipal de Meio Ambiente de

Sete Lagoas de março de 2006 a agosto de 2007; Coordenador da elaboração do Plano Diretor Participativo e das Leis Complementares do Município de Sete Lagoas. 2005 a 2006;

Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Políticas Urbanas e Meio Ambiente de Sete Lagoas, de abril de 2005 a março de 2006; Chefe Geral da Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas, MG, de maio de 1990 a setembro de 1995; Primeiro Chefe Geral da Embrapa Agricultura Irrigada, Parnaíba, Piauí, de novembro de 1996 a março de 1998. Co-fundador e Presidente do Conselho da Fundação de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Milho e Sorgo, FAPED, de 1993 a 1995.

Experiências Profissionais

Professor no Curso de Engenharia Ambiental do Centro Universitário de Sete Lagoas, UNIFEMM, nas disciplinas Hidrologia e Hidrogeologia de Agosto de 2008 até junho de 2015; Professor da disciplina Gestão de Recursos Hídricos no Curso de Tecnólogo em Gestão Ambiental, Centro Universitário de Sete Lagoas, UNIFEMM, período 2009/2010. Coordenador da Área de Sustentabilidade e Meio Ambiente do Centro Universitário de Sete Lagoas, UNIFEMM, a partir de agosto de 2014 até maio de 2018; Professor de Limnologia no Curso de Gestão Ambiental na Faculdade Promove, Sete Lagoas, MG, nos anos de 2007 e 2008; Assessor Técnico na Superintendência de Conservação de Solo e Água da Agência Nacional de Água, ANA, Brasília, DF, de novembro de 2001 a janeiro de 2004; Pesquisador em Irrigação e Agricultura Irrigada na Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas, Minas Gerais, de novembro de 1978 a novembro de 2001;

Engenheiro de Irrigação na Divisão de Irrigação, SUVALE (hoje CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), Rio de Janeiro, RJ, de agosto de 1969 a agosto de 1974; Engenheiro de Irrigação na Divisão de Irrigação, SUVALE (hoje CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), atuando no Projeto de Irrigação de São Desidério, Barreiras-BA de janeiro a julho de 1969;

Elaboração e Aprovação de Projetos em Editais Públicos e de Fundações

Elaboração e aprovação do projeto: “*Revitalização e Recuperação Hídrica da Sub-bacia do Ribeirão Jequitibá no Município de Sete Lagoas/MG*”, afluyente do rio das velhas. Proposta submetida ao Chamamento Público Nº 002/2014: seleção de propostas de projetos no âmbito do Programa “Produtor de Água”, da Agência Nacional de Águas.

Elaboração, aprovação e coordenação do projeto: “*Monitoramento da Qualidade da Água do Ribeirão Jequitibá e Principais Afluentes*”. Esse projeto foi submetido, aprovado e financiado em Contrato de Parceria Técnico-Financeira entre o Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM e a WWF – Brasil. O projeto foi executado no período de março a dezembro de 2016

Elaboração do projeto: “*Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Quilombola da Pontinha, Paraopeba, MG*”. Proposta submetida ao Edital: Seleção Pública de Projetos Sociais e Ambientais 2018, Programa Petrobrás Socioambiental. Essa proposta foi submetida em junho de 2018 ao Programa Petrobrás Socioambiental e encontra-se em fase de avaliação.

Assessoria Técnica à Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Agropecuária de Sete Lagoas, MG, na elaboração do projeto: “*Revitalização das Hortas Comunitárias Urbanas de Sete Lagoas, MG*”. Essa proposta foi submetida ao Edital de Seleção Pública nº 2018/009, da Fundação Banco do Brasil, Seleção Pública de Projetos para Reaplicação de Tecnologias Sociais. A proposta foi submetida à FBB em julho de 2018 e o processo encontra-se em análise.

Participação como consultor na condução e execução do projeto “*Condução, Monitoramento e Avaliação de Experimentos para Cobertura de Bacia de Rejeitos em Áreas de Mineração, na*

Região dos Cerrados em Minas Gerais". Esse projeto encontra-se em execução em contrato de parceria entre a TERRAYAMA Engenharia e a Engenharia Verde.

Participação em Conselhos e Comitês

Coordenador Geral do Subcomitê do Ribeirão Jequitibá de Setembro de 2013 a outubro de 2017;

Diretor Financeiro da Associação Setelagoana de Engenheiros – ASE, de agosto de 2014a presente data; Membro do Conselho Municipal de Turismo de Sete Lagoas, de janeiro de 2009 a janeiro de 2011; Membro e Presidente do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Sete Lagoas, CODEMA, de janeiro de 2009 a janeiro de 2011; Membro titular do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas de 2006 a 2008; Membro e Presidente do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Sete Lagoas, CODEMA, de março de 2006 a agosto de 2007; Membro titular do Conselho da Fundação Municipal de Ensino Profissionalizante, Sete Lagoas, MG, de 1994 a 1995.

Lairson Lopes

Em janeiro de 1969 chegou a Miracema do Norte de Goiás, onde atuou como extensionista rural. Em agosto de 1971 a convite do prefeito municipal chegou a Paraíso do Norte do Estado de Goiás para abrir o escritório da ACAR-GO, Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Goiás.

Em 1974 criou a empresa PLANTAGRO – Planejamento Técnico Agropecuário, conveniada ao Banco de Brasil S/A, proporcionando crédito e assistência técnica aos produtores rurais desta região.

Presidente do SINDICATO RURAL DE PARAISO, quando construiu o Parque de Exposições, onde se realiza uma das maiores feiras do Estado.

Presidente do Clube Recreativo Paraíso no período de construção de sua sede.

Sócio fundador da ACIP – Associação Comercial e Industrial de Paraíso, onde contribuiu como Tesoureiro desta entidade.

Continuando sempre com o espírito associativo, construiu O LATICINIO CAT, enquanto presidente da COOPERNORTE – Cooperativa dos Produtores Rurais do Norte Goiano.

Presidente fundador da OCT/OCB – Organização das Cooperativas do Estado do Tocantins.

Em 1991 foi presidente fundador da CREDIPAR – Cooperativa de Crédito dos Produtores Rurais de Paraíso e Região, hoje SICOOB/CREDIPAR.

Membro da SSVP – Sociedade de São Vicente de Paulo atua como Vicentino na comunidade de Paraíso.

Empresário do ramo de combustíveis, mantém até hoje, uma sociedade de mais de 45 anos com o Médico Veterinário Pedro Marinho de Oliveira.

Casado há 47 anos com Tomariza Patente Lopes, tem três filhos e cinco netos.

Lairson Lopes, Engenheiro-Agrônomo, graduado em 1968 pela Universidade Federal de Viçosa-MG, nasceu na cidade mineira de TOCANTINS.

Lázaro Corrêa Bittencourt

1 - Dados profissionais

Ao terminar o curso de Engenharia Florestal em 1968 (Turma do Berimbau), pela Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG, hoje Universidade Federal de Viçosa-UFV, iniciou suas atividades profissionais em maio de 1969 no Departamento de Economia Florestal do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF (hoje IBAMA), na cidade do Rio de Janeiro; participando da Equipe Técnica de Análise, Avaliação e Fiscalização de Projetos Florestais apresentados por empresas especializadas, dentro dos parâmetros da Lei dos Incentivos Fiscais para Reflorestamento e da Reposição Florestal Obrigatória para os consumidores e exportadores de madeira.

Em 23 de abril de 1971, pela Portaria nº 2142 do IBDF, foi transferido para a Delegacia Estadual do IBDF em Goiás, com sede na cidade de Goiânia-GO, que além das funções acima mencionadas, exerceu outras atividades junto à Delegacia Estadual, tais como: a) Excepcionalmente, responder pelo expediente da Delegacia em eventuais ausências do Delegado Titular, b) Responsável pelo Fomento Florestal (Produção de Mudanças) da Estação Florestal de Experimentação (EFLEX) de Silvânia-Goiás.

Em 15 de dezembro de 1974, exonerou-se do serviço público, para ingressar na atividade privada.

A partir 17 de dezembro de 1974 passou a integrar a equipe técnica da Florestal Acesita S/A, empresa pertencente ao grupo da Companhia de Aços Especiais de Itabira-ACESITA, ficando temporariamente prestando serviços no Escritório Regional de Timóteo-MG, em 01/03/1975, foi transferido para o Escritório Central em Belo Horizonte-MG.

Foi designado para o cargo de confiança, como chefe do Setor de Programação Florestal, com as seguintes atribuições:

- Elaboração e acompanhamento de projetos de reflorestamento apresentados ao IBDF, para os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, dentro dos moldes das Leis de Incentivos Fiscais e da Reposição Florestal Obrigatória para consumidores de carvão vegetal (no caso a ACESITA), no total de 30 (trinta) projetos perfazendo a área de 35.000 ha (trinta e cinco mil hectares) de efetivo plantio.

- Acompanhamento e controle dos serviços de implantação e manutenção dos projetos florestais.

- Organização e controle do sistema de movimentação de guias florestais, referente ao transporte de carvão vegetal consumido pela Usina Siderúrgica ACESITA em consonância com as normas estabelecidas pelo IBDF (IBAMA);

- Co-responsável Técnico da Empresa junto ao CREA;

- Procurador da empresa junto ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais e quaisquer outras repartições públicas federais, estaduais, municipais e entidades autárquicas ou paraestatais, para assuntos florestais;

- Representante da Florestal Acesita junto a Associação Mineira de Empresas Florestais-AMEF, órgão representativo das empresas florestais de Minas Gerais.

A partir de 18/04/1977, passou a integrar a equipe técnica da Mannesmann Agro Florestal Ltda., empresa pertencente ao grupo da Companhia Siderúrgica Mannesmann, em seu escritório central na cidade de Belo Horizonte-MG.

Foi nomeado para o cargo de confiança, como chefe do Serviço Técnico e Planejamento da Empresa, com as seguintes atribuições:

- Elaboração, acompanhamento e aprovação de projetos de reflorestamento, apresentados ao IBDF, com implantações em vários municípios de Minas Gerais, dentro dos moldes das Leis dos Incentivos Fiscais e da Reposição Florestal Obrigatória para os consumidores de carvão vegetal (no caso a MANNESMANN), totalizando 70 (setenta) projetos com a área de 80.000 ha (oitenta mil hectares) em de efetivo plantio;

- Supervisão e acompanhamento dos serviços de implantação e manutenção dos projetos florestais.

- Co-participante na elaboração do Plano Plurianual de Reflorestamento da empresa para auto-suficiência em carvão vegetal pela Cia siderúrgica Mannesmann, utilizado no alto-forno como termo- redutor na transformação do minério de ferro em ferro-gusa,

- Planejamento anual e plurianual de mão de obra, equipamentos, materiais e insumos utilizados pela empresa;

- Elaboração de planos anuais de investimentos, acompanhamento da aplicação dos recursos aprovados e liberados pela Mannesmann.

- Co-responsável Técnico pela produção de sementes e/ ou mudas da empresa junto ao Ministério da Agricultura.

- Co-responsável Técnico da empresa junto ao CREA-MG;

- Representante da empresa junto à Comissão Técnica de Legislação da Associação Brasileira de Carvão Vegetal-ABRACAVE.

Em 25 de junho de 1986 na cidade de Belo Horizonte - MG, recebeu o Diploma de “HONRA AO MERITO FLORESTAL”, conferido pela Sociedade Mineira de Engenheiros Florestais-SMEF, em reconhecimento a sua atuação no setor Florestal.

Em 06/01/1992 solicitou seu desligamento da empresa.

No período de 15/08/1996 a 27/06/2008 prestou serviços para o Instituto Dom Fernando, da Sociedade Goiana de Cultura (mantenedora da Universidade Católica de Goiás), com sede em Goiânia-Go, como técnico nas áreas do Meio Ambiente e da Educação Ambiental.

Paralelamente no período de agosto de 1997 a maio de 2000 prestou serviço ao SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Administração Regional de Goiás) como Instrutor do Curso de Plantio Florestal e Tratamento de Madeira, junto a Sindicatos Rurais em vários municípios goianos.

Em 28/11/2005 foi concedido sua aposentadoria, mesmo assim exerceu a profissão, junto ao Instituto Dom Fernando até 27/06/2008.

2 – APRIMORAMENTO TÉCNICO

Dentre suas atividades nas empresas, participou de vários Encontros, Simpósios, Seminários e Congressos referentes ao Setor Florestal.

3 – DADOS PESSOAIS/FAMILIAR

Nome: Lázaro Corrêa Bittencourt - Data de Nascimento: 16/11/1940

Naturalidade: Silvânia – Goiás -Estado Civil: Casado

Esposa: Vera Maria Pena Teixeira Bittencourt - Data de Nascimento: 03/10/1946

Naturalidade: Viçosa – Minas Gerais - Profissão: Professora

Filho: Alexandre Pena Corrêa Bittencourt - Data de Nascimento: 29/09/1976

Naturalidade: Belo Horizonte – Minas Gerais - Profissão: Cirurgião-dentista

Nora: Gizelly Nunes dos Santos Bittencourt - Profissão: Cirurgiã-dentista

Neto: Alexandre Pena Nunes Bittencourt - Idade: 06 anos

Filho: André Pena Corrêa Bittencourt - Data de Nascimento: 28/03/1980

Naturalidade: Belo Horizonte – Minas Gerais - Profissão: Médico Oftalmologista

Nora: Lana Francielle da Silva Pereira Bittencourt - Profissão: Advogada

Neta: Amanda Pena Silva Pereira Bittencourt - Idade: 08 anos

Neto: Lucas Pena Silva Pereira Bittencourt - Idade: 04 anos.

3 – NOTA BENE (N.B.): Foi o primeiro Goiano a formar-se em Engenharia Florestal.

4 – INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR:

Como aposentado trabalha atualmente em sua propriedade rural, localizada no município de Leopoldo de Bulhões-Go e participa das atividades da Ordem Maçônica na cidade de Anápolis-Go.

Reside atualmente na cidade Anápolis, estado de Goiás.

Anápolis, 15 de janeiro de 2018 (no 50º ano da formatura).

Lázaro Vilela de Souza

Nascido em 7/6/1943, município de Itarumã – Goiás. Após concluir seu Curso de Agronomia em Viçosa foi extensionista da EMATER-GO até 1992, quando ingressou na Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás-UFG, como Professor de Sociologia Rural. Nomeado Superintendente do INCRA em Goiás por duas gestões (1987/90 e 1993/96) e diretor do IDAGO – Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás, em 1991/92, promoveu o assentamento de trabalhadores rurais em Goiás e Tocantins. Foi Presidente da AEAGO – Associação de Engenheiros Agrônomos de Goiás no biênio 1995/97. Graduiu-se em Direito pela Faculdade de Direito de Uberlândia em 1975, especializando-se em Direito Agrário, Direito Civil e Direito Processual Civil pela UFG. De 1981/83 fez Mestrado em Sociologia Rural em Viçosa, sendo sua Tese “A legislação agrária e trabalhista rural na redefinição de categorias de trabalhadores” premiada em 1º lugar pela SOBER – Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Hoje exerce a advocacia agrária (sua ligação com a agronomia!) e, para não se alienar muito das suas origens, explora olericultura em parceria e gado de corte, em sua média propriedade rural em Damolândia, próximo a Goiânia. Casado há 48 anos com Aparecida, que fez parte do curso de Ciências Domésticas em Viçosa. Pai de 3 filhos: Lara, Lucas e Vinícius.

Lindberg Gonçalves Rios

Lindberg Gonçalves Rios, nascido em 07/12/1939, no antigo distrito de Pedra do Indaiá, Município de Itapecerica, Minas Gerais. Hoje cidade de Pedra do Indaiá, uma cidade pequena e agradável, onde todo mundo conhece todo mundo, o dia passa devagar, quando estou lá, encontro pessoas que fizeram parte da minha infância e adolescência até os 15 anos de idade. A gente encontra as pessoas diversas vezes por dia, relembra sempre os que mudaram ou já morreram, falamos sobre os descendentes deles, pois conheço alguns.

Em 1954 fui para Itapecerica para terminar o curso primário e o secundário até a oitava série. Fui para Viçosa-MG, fiz o agro técnico na antiga UREMG, fiz o curso de agronomia, na turma do Berimbau, colamos grau em 15 de dezembro de 1968, foi o ponto final do curso de engenheiro

agrônomo e o início da batalha profissional. Daí, cada um seguiu ser destino profissional, conforme sua vocação, dentro das diversas possibilidades da profissão.

Eu, inicialmente fui trabalhar na antiga ACAR, serviço de extensão rural. Comecei pelo pré-serviço em Viçosa, fiz um estágio em Campo Belo-MG e Bambuí-MG, fui então designado para o escritório de Patos de Minas, onde trabalhei por dois anos, em 10/04/1971 deixei a ACAR, constitui com outros dois sócios a empresa SOPLANTIL LTDA dedicada ao serviço de reflorestamento, implantei e fiz manutenção de 60.000 ha (sessenta mil hectares) de eucalipto para terceiros e 10.000 ha (dez mil hectares) próprios.

Em 1971 ainda constituí a empresa SOMIGA LTDA, com objetivos de prestação de serviço e combate as formigas cortadeiras, para fazendeiros e empresas de reflorestamento com eucalipto, meu foco na época foi ajudar um irmão e dois amigos que estavam desempregados, foi um sucesso!

Em 1976, deixei a SOPLANTIL LTDA e constituí a LINDBERGH DO BRASIL LTDA, com os mesmos fins sociais. Adquiri uma propriedade de 11.000 ha (onze mil hectares) no estado do Piauí, região do semiárido, própria para o cultivo de caju, onde implantei um projeto de 6.000 ha (seis mil hectares) de caju; tivemos sucesso, colhemos muita castanha de caju e comercializava em Fortaleza. Em 1998, vendi essa área para uma empresa de Recife e deixei a atividade da exploração de caju. Comprei uma fazenda para a criação de gado e produção de milho e soja.

Em 1978 entrei no ramo de cerâmica vermelha produzindo tijolos, lajotas e telhas, não foi uma boa.

Casei-me em 18 de janeiro de 1975, com Cleonice Silva Gonçalves Rios, tivemos quatro filhos, que são eles: Lindbergh Gonçalves Júnior, Alexandre Gonçalves Rios, João Paulo Gonçalves da Silva e Thiago Gonçalves Silva Rios, tenho quatro netas, que são elas: Sophia Oliveira Gonçalves Rios, Laura Oliveira Gonçalves Rios, Ana Clara Magalhães Gonçalves Rios e Alice Warkentin Pereira Rios. Minha esposa, Cleonice, que era uma grande e agradável companheira veio a falecer em 24 de julho de 2014, vítima de infarto e erro de diagnóstico da médica que a atendeu.

Construí minha casa em 1976, aqui em Patos de Minas, onde moro até o dia presente, aposentei em 2004, mas continuo trabalhando na agropecuária.

Gosto muito da vida, de trabalhar, da minha família e dos amigos.

Fui sócio do Rotary Club Patos de Minas por 30 anos, onde fui presidente por duas vezes.

A profissão de engenheiro Agrônomo me deu a oportunidade de ajudar a muitas pessoas e alavancar suas vidas, estou realizado, sou grato a Deus por tudo que consegui realizar, e ainda estou realizando, valeu à pena tudo o que fiz. Tenho muita estima pela minha turma do Berimbau, e ainda continuo com planos de continuar realizando projetos na agropecuária e florestal.

É o que resumidamente realizei, se fosse detalhar, tomaria muitas páginas do nosso livro de memórias.

Um abraço a todos Berimbons e até 15/12/2018.

Um abraço do Graveto.

Minha residência

Rua Professor Felipe Corrêa, nº 240, Bairro Sobradinho, CEP: 38.701-130, Patos de Minas-MG.

Telefones: (34) 3821-3539 / (34) 99656-5693

Luiz Gomes de Souza

No dia 9 de janeiro de 1969 parti para Goiânia. Na época fronteira com o desconhecido. Em um escritório privado, elaborar projetos para a exploração da pecuária de corte. Experiência maravilhosa, pois assisti a grande transformação do cerrado em áreas de produção intensa. Com a queda na demanda por projetos, fui para Brasília. No Gabinete do Ministro da Agricultura tive a função de organizar informações sobre o financiamento da agricultura para assessoramento de sua participação no Conselho Monetário Nacional. Por um pequeno período passei pelo Conselho Nacional da Pecuária e dali, em 1975, para a Embrapa, no começo de sua estruturação. No início, no setor de planejamento. E, após um Mestrado em Montpellier, na França, acabei sendo arrastado para funções gerenciais, ocupando cargos relacionados ao planejamento estratégico da empresa. Fiquei na Embrapa até 2010. Nesse período embrapiano, fui “emprestado” para o Ministério da Agricultura, onde atuei nas áreas de cooperativismo, gestão de programas especiais e na Secretaria Executiva. Estive também por um breve período na CONAB, onde coordenei a implantação de política de planejamento estratégico. Entre 1999 e 2003, por indicação da Embrapa, ocupei o cargo de Presidente da Ceres, sua fundação de seguridade, o que me proporcionou experiência sobre o mercado de capitais. Enfim, o agrônomo se perdeu ao longo do tempo, e acabei me transformando em um economista agrícola “mais ou menos” e em um gestor “razoável”. Durante todos esses anos, juntamente com amigos, participei de duas pequenas empresas de planejamento. Na minha passagem por Goiânia, a minha decisão mais acertada na vida: casei-me com a Cássia Pacífico Homem. Estamos juntos a 45 anos. Temos os filhos Daniel, também agrônomo da UFV, Carolina, administradora de empresa, e Manuela, veterinária. E quatro grandes alegrias: os netos Paula, Bruna, Davi e Luiza. Moro no Sítio Milho Verde, no Córrego Santo Anastácio, S/N, em Ubá, e em Juiz de Fora, na Rua Sampaio, 468, apto 802.

Luiz Sergio Saraiva

Após formar-se em dezembro de 1968, iniciei em março de 1969 o Mestrado em Genética e Melhoramento na própria Universidade Federal de Viçosa, ficando vinculado ao Setor de Genética e sendo orientado pelo pesquisador americano Dr. John Anderson, que fazia parte do programa do convênio UFV-Universidade de Purdue dos Estados Unidos da América. Em poucos meses, com a saída do professor Mário Campos, da Genética, fui solicitado para colaborar assumindo algumas aulas semanais da disciplina Genética Básica. Em março de 1970 fui contratado como Professor Auxiliar, que marcava o início da carreira docente. Em junho de 1971 conclui o Mestrado. Em 1975 fui para os Estados Unidos fazer o doutorado na Indiana University obtendo, em maio de 1979, o título de Ph.D. em Genética. Retornando para a UFV, passei a atuar também na pós-graduação, criando disciplinas e orientando alunos de Mestrado e Doutorado. Em 1985, iniciei minha trajetória administrativa na UFV, sendo eleito como Chefe do Departamento de Biologia Geral, cargo que ocupei por quatro anos. Posteriormente assumi a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento. Em 1992 fui eleito como vice-reitor na chapa com Antônio Bandeira, cargo que ocupei até 1996, quando ganhei a eleição para Reitor, concluindo o mandato em outubro de 2000. Não poderia deixar de falar que foi um grande privilégio e uma enorme honra administrar a Instituição onde tinha me formado e que desfruta de inquestionável prestígio nacional e mesmo internacional, pela qualidade dos profissionais que coloca no mercado e pelo número significativo de pesquisas relevantes para o país. Para mim foi uma grande surpresa ser Reitor da UFV, pois, quando aluno, nunca tive envolvimento com o DCE nem tinha sido líder estudantil, e, na Instituição passei a ser reconhecido como um professor comprometido pela área acadêmica. Na época, os

professores queriam exatamente um Reitor comprometido com essa área e com a história acadêmica e não política. Como Reitor, tive momentos inesquecíveis, mas, o que mais me empolgava, era a Formatura, quando a Universidade devolvia às suas famílias e à sociedade os profissionais por ela formados, cumprindo seu primordial papel: recebia os jovens e os devolvia como profissionais. Após aposentar-me na UFV em 2006, com 36 anos de trabalho, recebi um convite e aceitei o desafio para Administrar uma Faculdade Privada na cidade de Cataguases, distante 100 quilômetros de Viçosa, uma jovem Instituição que precisava ser consolidada. Um modelo totalmente diferente de uma instituição pública como a UFV. Lá trabalhei durante 3 anos, tive uma experiência interessante, retornando a Viçosa para conduzir o destino do AGROS. De 2009 a 2012 fui o Diretor Geral do AGROS – Instituto UFV de Seguridade Social, que é uma Instituição de Seguridade Privada e que possui plano de Saúde de Auto-Gestão, para os professores e funcionários da UFV. Como ninguém é de ferro, em 2013 resolvi pendurar as chuteiras, parando de trabalhar e me mudei para Cabo Frio, para viver à beira mar, usufruindo diariamente do privilégio de poder ver uma paisagem extremamente relaxante em uma das mais bonitas praias do Brasil. Casei-me em 1971 com Maria Amélia, nativa, pica-couve do Gato Preto, e tivemos dois filhos, Luiz Sérgio e Adriano, ambos engenheiros na área de telecomunicações. Temos três queridos netinhos, Letícia, 7 anos, e Vitor, 2 anos, filhos de Adriano, e que moram no Rio de Janeiro e Pedro, 6 anos, filho de Luiz Sérgio Júnior, que mora em São Paulo. No final deste ano, completo 46 anos de casado, com a mesma mulher, um fato digno de registro.

Marcelo de Paula Pereira

Iniciei os trabalhos profissionais na ACAR-MG, fazendo treinamento em Ubá, junto com Roberto Pinto e Juiz de Fora. Assumi o Escritório de São João Nepomuceno até 1970, quando fui transferido para o Escritório Local de Belo Horizonte até 1971. Fui promovido para o Escritório Regional da ACAR de Viçosa, como Especialista em Grandes Animais, onde fiquei até 1972. Neste ano saí da ACAR e fui contratado pela Plantar-Reflorestamento para coordenar seu Escritório Regional de Juiz de Fora até 1973, quando voltei para Belo Horizonte para assumir a Assessoria da Superintendência Agropecuária da Secretaria Estadual de Agricultura, ocasião em que foi feita sua reestruturação na gestão do Secretário Alisson Paulineli. Em 1974 concluí o curso de Especialização em Engenharia Econômica pela Universidade Católica de Minas Gerais. Em 1975 retomei minhas atividades na iniciativa privada trabalhando junto com meu pai, administrando fazendas da família, com atividades de Gado de Corte, Leite, Carvão, Areia, entre outras, em Pedro Leopoldo, Baldim e Felixlândia, fazendas que estão preservadas até hoje. Junto com outro colega, Césio Rosa Pereira, também formado em Viçosa, abrimos uma filial em Pedro Leopoldo da Planific, firma de Projetos Agropecuários da qual nosso colega do Berimbau Negativo era sócio. Em parceria fizemos diversos projetos em toda região, atendendo grande número de Produtores Rurais até 1982. Em 1986 foi criado o Rotary Club de Pedro Leopoldo Cachoeira, do qual sou sócio fundador fazendo parte dele até hoje. Através do Rotary criamos o projeto “Preservando as Águas de Pedro Leopoldo” em convênio com a Prefeitura Municipal, Sindicato Rural e diversos parceiros em 2012, cujo objetivo principal é a construção de Barraginhas de retenção de águas de chuvas. O Projeto encontra-se em execução até hoje, já tendo sido construídas mais de 600 barraginhas em diversas propriedades rurais. Em Pedro Leopoldo sempre participei e participo de todas entidades ligadas ao meio rural, como membro dos Conselhos Administrativos:

- CAPEPE – Cooperativa de Produtores de Leite.
- Sindicato dos Produtores Rurais;

- SICOOB CREDIPEL, criada em 1993, com 25 sócios, da qual sou sócio fundador e já fui Vice-Presidente, contando hoje com 6 agências e mais de 4.000 sócios em diversas cidades.

Participo também da ASEP – Associação dos Engenheiros de Pedro Leopoldo, a qual em 1999 me homenageou como Engenheiro do Ano. Em 2001 fui indicado pelas entidades ligadas ao meio rural para ser Secretário Municipal de Agricultura de Pedro Leopoldo, cargo que exerci até 2004. Em 2008 desenvolvi um empreendimento imobiliário em Lagoa Santa em parceria com o Grupo Orguel de Belo Horizonte. Aposentei em 2010 e continuo trabalhando normalmente. Em 2015 fui eleito Presidente do Sindicato Rural para o período 2016-2018. Em 2016 fui selecionado pela FAEMG – Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais – com mais 34 Presidentes de Sindicatos Rurais de todo estado para uma Viagem Técnica à Austrália e Nova Zelândia sobre Pecuária Leiteira, onde tivemos oportunidade de ver a alta tecnologia usada naqueles países. Há muitos anos trabalho com Avaliação, Classificação e Divisão de Propriedades Rurais, tendo feito diversos trabalhos como Perito Oficial, Laudo Técnico de Avaliação seguindo as normas ABNT (Secretaria da Receita Federal), Laudo Técnico Ambiental, CAR – Cadastro Ambiental Rural e Laudo de Transformação de Propriedade Rural para Urbana (Loteamento).

Na vida familiar me casei em 1976 com Maria Eliza, professora de Química, que faleceu em 2009, tendo 3 filhos: Adriana, formada em Comércio Exterior; Rodrigo, formado em Engenharia Eletrônica; e Ana Cristina, formada em Administração Empresarial e Design de Interiores. Os quais já me deram 2 netos, Gabriel e André, e uma neta, Elisa. Atualmente tenho minha namorada Elizabete, formada em Psicologia. Hoje, próximo aos 50 anos de formado, sinto muito feliz pela profissão que abracei e realizado pelos serviços já prestados e ainda prestando ao Agronegócio da região.

Marcos de Paiva Gonçalves

Apelido: Tijolo

Data de Nascimento: 14/12/1944.

Natural de Cachoeiro do Itapemirim-ES

Filiação: Oliveiros Paiva Gonçalves

Nair de Paiva Gonçalves

Ex-Esposa: Mara Nei Andrade

Filhos: Robson Andrade de Paiva Gonçalves

Cinthia Andrade de Paiva Gonçalves

Herberth Andrade de Paiva Gonçalves

Formação em Agronomia com diversificação em Zootecnia em 1968 pela UNIVERSIDADE RURAL DE MINAS GERAIS – VIÇOSA-MG. Logo depois de formado, fui trabalhar com meu pai. Nesta época, tínhamos uma firma de Terraplenagem. Meu pai pediu-me para que gerisse a firma, pois estava muito cansado e atarefado, pois tínhamos ainda outros negócios a serem administrados. Trabalhei então, até 1994 e posteriormente fui para as Fazendas da Família em Vitória e Nova Venécia-ES. Depois do encerramento de um casamento de alguns anos, tive a felicidade de encontrar minha companheira, Maura Cristina dos Santos, que vive comigo há mais de 10 anos. Vivemos uma vida gratificante, regada de muito amor, harmonia e respeito mútuo. No período que estava na firma, construí estradas, loteamentos, terraplenagens para construções de casas populares e platoes para subestações de energia elétrica.

No Espírito Santo, executei os seguintes serviços:

- BR 101 a Apiacá-ES;
- Cachoeiro do Itapemirim a Atílio Vivacqua;
- Cachoeiro do Itapemirim à Vargem Alta;
- Terraplenagem de dois Centros Industriais da Serra-ES;
- Terraplenagem de uma área para Encol fazer casas populares em Carapina bairro localizado na Serra-ES;
- Loteamento Morada do Lago em Jacareipe município Serra-ES;

No Estado da Bahia-BA

- Na Bahia Construção da Rodovia que liga BR-101 ao município de Nova Alegria com extensão de 30 km.
- Destocamento e enleiramento de uma área de 120a de uma Fazenda pertencente à Usina de Açúcar Paineiras no município de Ibirapuam-BA

No Estado do Rio de Janeiro-RJ

- Terraplenagem de uma área localizada em Coelho Neto no município de Nova Iguaçu-RJ, para Construção da CEASA (Centro de Abastecimento).

Estas foram as obras que fiz quando trabalhei na Firma de Terraplenagem CARACOL CONSTRUTORA LTDA, pertencente a minha família. No campo da agronomia propriamente dito, trabalhei na Fazenda do Morrinho, no município de VIANA-ES em área para cultura de arroz irrigado. No ramo da Pecuária trabalhei com Gado de Corte e Leite na mesma Fazenda.

Maria Alice Ladeira

A primeira palavra que vem a minha cabeça para descrever a Maria Alice Ladeira é: BONDADE.

Maria Alice ajudava a todos sem pedir nada em troca. Simplesmente por querer ajudar e fazer um mundo melhor. Durante a universidade, onde estudou com suas duas irmãs Eunice e a gêmea Maria Lucia, Maria Alice ajudava os velhos desamparados do Lar dos Velhinhos. Conseguiu que um fazendeiro local doasse alguns sacos de laranjas e fazia deliciosos sucos para os velhinhos durante os fins de semanas. Após se formar, Maria Alice casou-se com Hércio Ladeira, professor universitário em uma cerimônia muito interessante. Suas duas irmãs também se casaram ao mesmo tempo. Nem preciso comentar que foi um festão! Maria Alice teve sua primeira filha Alécia em Belo Horizonte e foi morar na Alemanha. Conheceu quase todos os países da Europa, fez amizades duradouras, e teve seu segundo filho por lá, Cláudio. Voltou para o Brasil com o dever cumprido de ter ido ao Vaticano e visto o Papa, e o mais importante, uma vivência incrível de como é a vida em outros lugares, e como todas as pessoas são iguais, não importa onde você esteja. De volta a Viçosa, teve seu terceiro filho Sérgio. Em Viçosa, Maria Alice se tornou muito ativa nas atividades comunitárias. Ajudou na Obra do Berço, no Grupo de Oração, e principalmente nas atividades da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Ela entendia muito bem que muitas pessoas que iam à missa não sabiam ler, e começou a criar um grupo de leitores para que as leituras fossem claras e bem interpretadas. Fazia isto com muito prazer e orgulho. Em Novembro de 2001, infelizmente, Maria Alice nos deixou. Ainda lembro-me deste dia como se fosse hoje, mas a saudade que tenho dela não

dói mais, ela me ensinou a ser feliz, ajudar ao próximo, e que um dia, eu estarei ao lado dela na eternidade.

Maria Eunice Moura Silva e Fonseca

Ralou muito para se formar no curso de Ciências Domésticas, sempre deixando as provas para a segunda chamada. Em Viçosa, conheceu Cid, seu colega de turma, com quem está casada. Completou seus estudos e foi trabalhar na ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural) como Supervisora na cidade de Ipameri, no Estado de Goiás. Quando após certo período, desligou-se da mesma para se casar. Seguiu com seu marido para Mossoró-RN, e para seu aprimoramento profissional, fez os cursos de “Testes e Medidas Educacionais” e de “Metodologia Científica” na Faculdade de Educação da Universidade Regional do Rio Grande Norte. Mudou-se para Campinas/SP e fez o curso de “Especialização em Dinâmica Populacional” na Faculdade de Saúde Pública da USP em São Paulo/SP. Estabeleceu-se definitivamente em Belo Horizonte, quando então teve o seu primeiro filho. Continuou seus estudos fazendo o “Curso de Instrutores para a Saúde”, na Fundação Ezequiel Dias/Escola de Saúde de Minas Gerais. Em Betim/MG, foi responsável pela Disciplina “Noções de Economia Doméstica e Atividades Profissionais” no Curso de Licenciatura de Primeiro Grau, na área de Educação para o Lar, dentro do Convênio MEC - PREMEM - SEEMG - UFMG - FAE - CETAP no Centro de Formação e Treinamento de Professores de Artes Plásticas. Apesar de sua bagagem de conhecimentos, optou por se dedicar exclusivamente à sua família, agora já com quatro filhos, desempenhando o seu papel na educação dos mesmos. Se ralou na Universidade, “Brasinha”, como é conhecida, sentiu-se recompensada na divina missão de educar seus filhos. Longe de se sentir impotente e fraca para realizar sua decidida opção, foi além do tempo, visualizando o futuro de seus filhos como pessoas íntegras, comprometidos no desenvolvimento de uma sociedade justa e fraterna. Portanto, tarefas corriqueiras do dia a dia eram realizadas com muito amor, carinho e determinação, colocando em prática os conhecimentos de Puericultura, Planejamento de Refeições e Preparo de Alimentos, Nutrição, Vestuário, Decoração e outros, adquiridos na Universidade. Neste longo caminho percorrido, reconheceu-se agraciada por Deus, pelo dom da fé em Jesus Cristo, pelo marido que conheceu em Viçosa, pelos filhos, noras, netos, colegas, amigos e pela transformação da “Brasinha” em uma chama, que nunca quer se apagar. Dessa maneira, deseja testemunhar com sua vida, que não tem “Segunda chamada”, o amor e as graças que recebe através de sua devoção à Nossa Senhora.

E a vida continua...

Mora na rua Carmésia 1105, no Bairro Santa Inês, em Belo Horizonte-MG - CEP 31080-170 - Resid. 031- 34861992 - Celular 031-991078478

Maria Lúcia de Moura Silva Soboll

1. Formação profissional

Terminado meu curso de Ciências Domésticas, em Viçosa, em 1968, vim para São Paulo em 1969 para realizar, em 1970, como analista, uma pesquisa sobre o padrão de vida da classe trabalhadora da Cidade de São Paulo junto ao DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Cheguei junto à Faculdade de Saúde Pública da USP, onde frequentei um curso de dinâmica populacional (1971), tendo, na sequência obtido créditos para defender o Mestrado em Saúde Pública (1971-1974), bem como o Doutorado em Saúde Pública (1985). Em 1975 tive a oportunidade de realizar um curso de Registros Médicos na Faculdade de Medicina da Universidade da Costa Rica.

2. Atividades Profissionais

(Em 1970 dei minha *grande contribuição ao AGRONEGÓCIO brasileiro*, e que continua até hoje, casando com um Eng^o-Agrônomo, o que não foi pouco, pois continuo casada *com o mesmo homem* até hoje!). Pessoalmente, além de cuidar da educação de meus dois filhos, Marcelo e Maurício, me dediquei à área de saúde aqui no Estado de São Paulo, compreendendo basicamente as seguintes atividades:

- Diretora Técnica do Serviço de Arquivo Médico e Estatística do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo;
- Diretora Técnica do Centro de Informações de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo;
- Professora Assistente da Disciplina de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade do ABC;
- Professora Titular de Estatística Vital e Epidemiologia do curso de Enfermagem e Obstetrícia da Faculdade de Ciências Médicas da Saúde “Farias Brito”, da Universidade de Guarulhos; e
- Professora Doutora do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
- Todas essas atividades devem ser acrescidas de inúmeras participações em encontros e congressos ligados à matéria em pauta, bem como, além de aulas e seminários, orientação de alunos de pós-graduação na obtenção de seus respectivos títulos de mestrado e doutorado.

Massamite Araki

Iniciei minha vida profissional em Ubá, onde trabalhei por um ano.

Nessa cidade conheci Edite com quem me casei em 1972, hoje tenho uma filha e dois netos de 15 e 7 anos. Em 1971 fui trabalhar no IBC (Instituto Brasileiro do Café), no Paraná (dois anos), Itabira (dois anos) e Belo Horizonte (dois anos), de onde saí em 1976 para o BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais) para trabalhar na área de Desenvolvimento Rural, no programa Prodecer nas cidades de Coromandel, Paracatu e Unaí. Mais tarde o BDMG financiou a área dois do projeto de irrigação do Jaíba. Em 1994 fui trabalhar no INDI (Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais) na área de Estudos Econômicos. No ano de 1996 fui contemplado pelo governo Japonês, através da JICA (Japan International Cooperation Agency) com uma bolsa de estudo para um curso de pós-graduação em Desenvolvimento Industrial Sustentável na cidade de Kitakyushu, que é onde se localiza a siderúrgica Nippon Steel. Ao retornar comecei a trabalhar na área de meio ambiente, fazendo parte da comissão de meio ambiente da FIEMG e outras entidades afins. Em 2005 requeri aposentadoria após 36 anos de contribuição ao INSS.

Múcio Silva Reis

Engenheiro-Agrônomo, diversificado em Fitotecnia, pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG, 1968.

No que se refere a minha vida profissional: Iniciei a carreira de agrônomo como extensionista local da Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Goiás (ACAR-GO), no município de Ceres, a partir de abril de 1969, depois de passar por um período de curso de pré-serviço e treinamento em Viçosa, Goiânia e em Gurupi, de janeiro a março de 1969. Permaneci em Ceres até fevereiro de 1970, tendo me licenciado, sem vínculo empregatício, para iniciar o

Mestrado em Fitotecnia na Universidade Federal de Viçosa, como bolsista do CNPq, a partir de março de 1970.

Terminado o Mestrado, em dezembro de 1971, comecei a trabalhar como pesquisador no convênio IBC/Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, em Belo Horizonte, onde permaneci até 30/05/1972.

Contratado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), a partir de 01/06/1972, passei a ocupar a função de pesquisador responsável pelo Setor de Fitotecnia do então Centro de Experimentação, Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro – CEPET, em Capinópolis, Minas Gerais, até 28/02/1976. Nesta época passei a integrar o Programa de Melhoramento de Soja do Departamento de Fitotecnia da UFV, responsabilizando-me pela condução das pesquisas com soja e outras culturas (feijão, sorgo e milho) no CEPET e região, e também pelo acompanhamento e vistoria, como Responsável Técnico, dos campos de produção de sementes básicas de soja da variedade UFV-1, lançada em 1971 e introduzida naquela região em convênio com empresas do setor privado. Tive a oportunidade de prestar minha contribuição para a consolidação e expansão da cultura de soja nas regiões do Triângulo mineiro e Alto Paranaíba, divulgando e difundindo as mais recentes tecnologias geradas pelas pesquisas naquelas áreas e as novas variedades de soja lançadas pela UFV. Foi uma experiência pessoal fantástica nas atividades de extensão e pesquisa por mim exercidas no intervalo de abril de 1969 a fevereiro de 1976, que me ajudou e valeu muito no futuro, na sequência da minha trajetória profissional.

Em março de 1976 fui transferido para ingressar na carreira do Magistério Superior do quadro de pessoal da UFV, no Departamento de Fitotecnia. Inicialmente atuei como Professor Auxiliar de Ensino e a partir de 18/04/1977 como Professor Assistente I, lecionando disciplinas profissionalizantes do Curso de Agronomia (Cultura da Soja; Melhoramento de Plantas; Produção Comercialização e Tecnologia de Sementes). Comecei a participar de bancas de defesa de dissertação e de comitês de orientação, como conselheiro, de estudantes de Mestrado dos Cursos de Pós-Graduação em Fitotecnia e Genética e Melhoramento.

Em março de 1980 iniciei o Doutorado na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo – ESALQ/USP, em Piracicaba-SP. Em março de 1984 obtive o título de Doutor em Agronomia, área de concentração em Genética e Melhoramento de Plantas.

Retornando à UFV, continuei minhas atividades de ensino em disciplinas de Melhoramento de Plantas e de Produção e Tecnologia de Sementes na graduação e também na pós-graduação, passando a atuar, a partir de 1985, como orientador, em nível de Mestrado e Doutorado, nos Programas de Pós-Graduação em Fitotecnia e Genética e Melhoramento. De Professor Assistente I (18/04/1977) fui promovido a Professor Assistente III (01/02/1985), a Professor Adjunto I (01/12/1985), Adjunto II (01/04/1987), Adjunto III (01/01/1988) e Adjunto IV (01/10/1990), por avaliação de mérito e desempenho acadêmico.

Em 30/12/1992 passei a Professor Titular da UFV, em razão de aprovação em concurso público de provas e títulos, conforme portaria nº 2307 – Reitoria da UFV.

De 20/02/1992 até 31/07/1994, exerci a função de coordenador do Curso Interdepartamental de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento, passando a integrar durante este período o Conselho de Pós-Graduação da UFV. Deixando a coordenação, permaneci como membro da Comissão Coordenadora do Curso representando o Departamento de Fitotecnia, de 01/08/1994 a 31/07/1998.

Em termos de área de atuação em pesquisa e extensão na UFV, concentrei em pesquisas e atividades de extensão nas linhas de Melhoramento Genético e Tecnologia de Produção de Sementes com a cultura da soja. Como participante da equipe do Programa de Melhoramento de

soja da UFV, tive a oportunidade de contribuir no desenvolvimento, lançamento e divulgação de cerca de 25 variedades. Os projetos de pesquisa executados nessas duas linhas, envolvendo estudantes de pós-graduação sob minha orientação (26 dissertações de mestrado e 11 teses de doutorado defendidas) e coorientações (78 estudantes de mestrado e doutorado) a partir de 1985, possibilitaram publicar diversos artigos técnico-científicos, como autor ou coautor, em renomadas revistas científicas com corpo editorial (cerca de 135 artigos), além de boletins técnicos de pesquisa e extensão. Foi possível também participar com apresentação de trabalhos em vários congressos científicos no país e no exterior, bem como em eventos de extensão visando a difusão de tecnologias entre os agricultores, por meio de palestras proferidas em “Dias de Campo”. Foram desenvolvidas atividades de assessoria/consultoria a Associações/Sociedades representativas, como a ABRATES – Associação Brasileira de Tecnologia de Sementes, a SBMP – Sociedade Brasileira de Melhoramento de Plantas e instituições e órgãos públicos de pesquisa e extensão, entre eles o CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais e a CESM – MG (Comissão Estadual de Sementes e Mudas de Minas Gerais). Na CESM – MG participei como vice-presidente da Subcomissão de Cultura da Soja, de 1986 até 1995, e como representante titular da UFV no seu Colegiado, de 12/1999 a 12/2008.

Entre outras atividades extra-acadêmicas exercidas, gostaria de salientar a participação como primeiro secretário da Associação dos Ex-Alunos da UFV – AEA, de 1990 a 1995, e segundo secretário, de 1996 a 2011. Membro do Conselho Fiscal, a partir de 2012; atualmente exerço a presidência deste conselho.

Aposentado como Professor Titular da UFV em 30/01/2014, sinto-me gratificado e realizado por ter tido a oportunidade de atuar no ensino, pesquisa e extensão e contribuir, principalmente no exercício de minhas atividades profissionais como educador, para a formação de novos Engenheiros-Agrônomos e como pesquisador, em prol do desenvolvimento da agricultura do Estado e do País e também na formação de recursos humanos em pesquisa.

No âmbito familiar: casei-me com Silvia Maria Martins, natural de Ubá-MG, no dia 03/01/1970; portanto já caminhamos para as nossas Bodas de Ouro, em 2020, se Deus assim o permitir. Temos quatro filhos e quatro noras: Rodrigo e Nora Ney, Alexandre e Vera Lúcia, Silvio e Fernanda, Múcio Júnior e Emily; cinco netos e duas netas: Eduardo, Miguel, Oscar, Manoel, Laura, Pedro e Lavínia.

Continuamos morando em Viçosa à Rua dos Estudantes nº 90, apartamento 23. Edifício Solange. Centro, 36570-000, Viçosa, MG. Telefone: (31)3891-1608. Estamos a disposição para receber visita dos amigos.

Múcio Silva Reis

14/04/2018

Nairam Félix de Barros

A) Família

Casado com Maura, desde 1970. Tem um casal de filhos; Andrea (Bióloga e professora da UFV) e Nairam Filho (Engenheiro Florestal e Gerente da TTG (The Timber Group)), e quatro netos (Vitor, Arthur, Maria Eduarda e Gabriel)).

B) História Profissional

Após a formatura em 1968, permaneci na UREMG como pesquisador (Convênio com a FAO), mas já em meados de 1969, com a Federalização da Universidade, passei a compor o corpo de professores da Escola Superior de Florestas. Em 1971 estagiei por 10 meses no Institute of Tropical Forests (US Forest Service) em Puerto Rico. Obtive o título de mestrado na UFV, em 1974, e o de Ph. D. na University of Florida. Ao retornar a Viçosa, fui lotado no recém-criado Departamento de Solos, onde implantei o setor de Solos e Nutrição Florestal, assunto inédito em universidades brasileiras. A partir daí, um forte programa de ensino e pesquisa foi desenvolvido, tendo como propulsor um convênio, ainda existente, com as maiores empresas do setor florestal brasileiro. Muitos estudantes foram formados na disciplina e centenas de pesquisas conduzidas, fatos que muito contribuíram e contribuem para o desenvolvimento do setor. Tive a oportunidade de orientar mais de 50 estudantes de pós-graduação e publicado cerca de 240 artigos científicos e 20 livros e capítulos de livros. Fui membro da Câmara de Agronomia do CNPq por três períodos de quatro anos.

Na UFV exerci funções administrativas, como chefe de departamento e pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação. Participei da criação da SIF (Sociedade de Investigações Florestais – entidade que congrega empresas florestais e a UFV), tendo sido seu primeiro Diretor Científico. Isso me permitiu estabelecer uma forte relação com o setor produtivo florestal e trazer para a UFV a realidade e a atualidade das empresas, enriquecendo o ensino e a pesquisa. Aposentei em 2013 para assumir o mandato de Diretor Geral do AGROS (Instituto UFV de Seguridade Social), onde me encontro num segundo mandato. Lidar com a administração de planos de previdência e de saúde tem sido uma experiência desafiadora e enriquecedora, pois as demandas sociais são bem diferentes daquelas que vivi na vida acadêmica.

Nilson Lomeu Bastos

Após a conclusão do curso de Agronomia em Viçosa/MG em dezembro de 1968, iniciei a minha vida profissional na ACAR Amazonas (hoje EMATER) a partir de janeiro/1969. Em Manaus, após um treinamento em Extensão Rural no Centro de Treinamento do Amazonas (MAROMBA), fui trabalhar inicialmente, nos Municípios do Careiro-AM, Itacoatiara-AM e finalmente, em Parintins-AM onde permaneci por 18 meses na direção do escritório local. Posteriormente fui deslocado para o escritório central da ACAR-AM em Manaus, onde fui coordenar o programa de Crédito Rural da empresa. Tendo em vista a demanda de grandes Projetos Agropecuários no Estado do Amazonas, fui designado para fazer um curso de 6 meses em Elaboração de Projetos Agropecuários ministrado pela Fundação Getúlio Vargas e Banco Central do Brasil, em Recife/PE. Regressando a Manaus, fui designado a estagiar na Agência Central do Banco da Amazônia S/A em Belém-PA por 3 meses, com o fim especial de implantar e estruturar uma unidade da ACAR-AM voltada para a Elaboração e Assistência Técnica a Grandes Projetos, onde permaneci ainda por quase 04 anos. A seguir, estruturei o escritório da Agroceres S/A em Manaus-AM, onde coordenei o Programa de Milho e Pastagem Consorciada com Leguminosas onde também permaneci por quase 04 anos.

Logo após fundei a AGROTEC LTDA., empresa particular dedicada à Elaboração e Assistência Técnica a grandes projetos agropecuários, à semelhança da UEP, unidade da ACAR-AM. Por oportuno, adquiri da SUFRAMA uma gleba de 3.000 hectares onde plantei seringueira (200 ha) e guaraná (30 ha), uma vez que a SUFRAMA, que dispunha de 580.000 hectares, oferecia terras subsidiadas no seu Distrito Agropecuário para a implantação de Projetos Agropecuários. O tempo passou e, já casado, com a família constituída em Manaus, resolvemos vender a Fazenda, fechar o Escritório e mudar para Belo Horizonte-MG. Logo a seguir, chegando a Belo Horizonte,

fui convidado e aceitei coordenar o programa de seringueira no Estado de Minas, chefiando o escritório da Superintendência da Borracha em Belo Horizonte, por um ano e meio. Tão logo pedi demissão, continuei trabalhando na assistência técnica a empresas de Belo Horizonte e São Paulo que possuíam propriedades no Amazonas. Ao encerrar os meus contratos com essas empresas, aposentei-me e passei a cuidar das minhas atividades particulares.

Conforme acima citado, casei em Manaus, com a Grace e tivemos 2 filhos e 1 filha que, com a graça de Deus conseguimos formar e bem educar, motivo de grande orgulho para nós. Temos 3 netos que são a nossa alegria. Continuamos a viver em Belo Horizonte-MG à Rua Felipe dos Santos, 335/1302, Lourdes.

Orlanda Mabel Cordini de Rosa

Nascida em Montevideo, Uruguay, lá faz seus estudos de educação básica e secundária. Ingressou na UREMG no ano 1965, como aluna PEC-G, onde cursou o Bacharelado e Licenciatura de Economia Doméstica (1968). Fez estudos mestrado em Sociologia Rural na GY – University of Guelph, Canadá (1988) e o doutorado em Comportamento Humano na American Global University, USA (2004). Desde 2006, ocupa a Direção de Relações Internacionais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, onde coordena os projetos internacionais (Mercosur, União Europeia, assim como a cooperação com países das Américas, União Europeia e Austrália. Responsável pelos programas de CAPES (PMM, PROFOR, PFCM) e dos Programas do MEC/MINTE (PEC-G e PEC-PG. Também trabalhou na PUC-MG na qualidade de coordenadora do curso de Projetos de Intervenção Social (PREPES 1993-2002). Foi membro permanente do staff do IICA/OEA por 10 anos. Prestou consultorias em organizações internacionais: FAO, BID, OIT, UNIFEM, UNFPA, UNICEF, AID e CIDA/Deloitte –Touch – Canada. Dedicou seus trabalhos na área de planejamento social, erradicação da pobreza, resiliência, serviço social para famílias menos favorecidas e assuntos de gênero.

E o mais importante: É uma pessoa feliz!!

Orlando Lopes Vieira Leite

Orlando Lopes Vieira Leite, natural de Diamantina, Minas Gerais; casado com Maria Augusta Matos de Figueiredo Vieira Leite, natural de Poiões – Régua, Portugal, profissão farmacêutica. Foi o que melhor ganhei no estágio que fiz em Portugal. Tenho duas filhas a Carmelina, farmacêutica, atualmente no Brasil e a Márcia, casada e tem duas filhas, é professora de animação cultural na Escola Técnica de Torredeita – Portugal e um filho, Paulo, casado com uma filha, é Designe revive na Escócia. Quanto a minha vida profissional, trabalhei no Instituto Estadual de Florestas, Janeiro-1969 a Dezembro-1989. Durante os anos de 1976 e 1978, trabalhei na Floresta Rio Doce S/A. Em Portugal fui professor de biologia e ecologia na Escola Secundária de São Pedro do Sul e outras escolas, de ensino médio. Minha formação profissional: Fiz estágio nos Serviços Florestais e Agrícolas em Lisboa, Portugal, na área de classificação de solos e cartografia. Tenho equivalência do Curso de Engenharia Florestal, concedida pela Universidade Técnica de Lisboa e Curso de Divulgação das Tecnologias de Informação. Ainda no Brasil fiz o Curso de Pedagogia. Atualmente estou envolvido com o serviço de voluntariado, na Santa Casa de Misericórdia – Viseu, dando apoio a pessoas carenciadas (alimentação e higiene pessoal, com roupas, etc.) Também presto serviços à Paroquia de Coração de Jesus, Viseu no atendimento na Secretaria e apoio domiciliar a idosos e doentes acamados, como Ministro Extraordinário da Comunhão, para melhor servir nesta área, fiz o curso de Teologia. Ainda dedico algum tempo às atividades Sênior, organizada pela Câmara

Municipal de Viseu, como ginástica, hidroginástica, caminhadas, Yoga, dança regional e Grupo Coral.

Abaixo menciono algumas atividades que exerci na Floresta Rio Doce S/A: Acompanhamento da execução física de projetos de reflorestamento. Análise de produtividade, custo unitário de operações de reflorestamento.

IEF: Divisão de Educação Conservacionista: elaboração do planejamento das atividades de mobilização e conscientização dos recursos naturais renováveis, cursos de técnica de comunicação. No Escritório Florestal de Belo Horizonte: fomento florestal na região de Belo Horizonte, educação ambiental, controle e fiscalização. Na Divisão de Controle e Fiscalização Florestal, controle do desmatamento, conjuntamente à polícia florestal, representante do IEF na Fundação Estadual de meio Ambiente na Câmara de Defesa de Ecossistema.

Otávio Stein Carvalho Dias (*)

Otávio Stein Carvalho Dias era natural de Poços de Caldas onde nasceu em 13/11/1944. A Família Carvalho Dias é uma das mais tradicionais e importantes do Sul de Minas Gerais, com raízes em Poços de Caldas-MG e outros municípios do Sul de Minas e Norte de São Paulo. Com muitas atividades no setor agropecuário, vários membros e gerações desta destacada família passaram pela UFV: estudantes muito aplicados, profissionais bem sucedidos e líderes no Agronegócio em suas comunidades. O jovem Otávio não seria uma exceção à regra: ele também veio a Viçosa para estudar agronomia. Otávio passou seus primeiros anos na fazenda do pai Joaquim José de Carvalho Dias, também formado na UFV no ano de 1940, um grande líder rural na sua região. Sua fazenda Recreio se destacou na produção e venda de reprodutores da raça Caldeana (Caracú Descornado) e na produção de café de excelente qualidade, tipo exportação. Em Viçosa Otávio passou parte de sua juventude em cursando primeiro o Agrotécnico até 1963. Em 1964 fez vestibular para o curso de agronomia, foi aprovado e em 1968 formou-se engenheiro-agrônomo com especialização em zootecnia. Durante todo o tempo passado em Viçosa, Otávio angariou amizades e respeito de todos, pela educação, companheirismo e jovialidade. Como era de se esperar, depois de formado ele retornou a Poços de Caldas para se integrar nos negócios da família. Os Carvalho Dias tinham uma sociedade familiar muito peculiar, onde cada integrante uma vez terminado seus estudos, trabalhavam um tempo em algumas das fazendas da família, uma forma de preparar o jovem egresso dos estudos na dura disciplina dos ascendentes. Assim Otávio trabalhou na Fazenda Chiqueirão em Poços de Caldas até o ano de 1976. Em 1974 casou-se com Mirian Rennó e após a aquisição da Fazenda São Miguel, em Conceição da Aparecida-MG, mudou-se pra lá com a família, onde desenvolveu produção de cafés finos, culturas anuais e criação do gado Caracu Mochó, a seleção Caldeano que herdou de seu pai, Joaquim José de Carvalho Dias. Em 1989 foi eleito prefeito do município de Conceição Aparecida, cargo exercido até 1992. Participou da fundação da Associação de Criadores de Caracu e sempre fez parte da diretoria da mesma. Continuou na Fazenda São Miguel até o ano de 2001, quando em 21/05/2001, após um trágico acidente, ele e sua esposa Miriam Rennó de Carvalho Dias faleceram, deixando 3 filhos: Otávio Rennó de Carvalho Dias, engenheiro-agrônomo; Luciana Rennó de Carvalho Dias, médica veterinária e Erika Rennó de Carvalho Dias, Administradora, continuam nas atividades do Pai e residindo até hoje na Fazenda São Miguel.

(*) Dados biográficos compilados com a ajuda dos colegas Gustavo e Alma.

Paulo Motta Ribas

Em dezembro de 1968, logo após nossa formatura, acertei meu primeiro contrato de trabalho com a antiga Sementes Agroceres S.A. Em janeiro de 1969 iniciei meu treinamento em melhoramento de plantas com foco na cultura do sorgo cuja expansão começava em várias regiões do país. Trabalhei com o Dr. Gladstone Drummond, Diretor de Pesquisa da Agroceres na unidade de pesquisa da Empresa no município de Santo Antônio da Platina-PR. Em seguida, dentro do projeto de cooperação UREMG/Purdue, a Agroceres, proporcionou-me um estágio técnico-científico na Universidade de Purdue dos Estados Unidos, onde permaneci até dezembro de 1969. Antes do retorno ao Brasil viajei por vários estados visitando empresas e entidades de pesquisa dedicadas a pesquisa e produção de sementes híbridas. Na volta, continuei meu trabalho no Paraná durante o ano de 1970 e no começo de 1971 fui transferido para a Unidade de Capinópolis no Triângulo Mineiro, onde permaneci por longos 28 anos trabalhando no programa de melhoramento e produção de sementes de sorgo híbrido da Empresa. Neste período exerci cargos técnicos e administrativos na Agroceres e intensa atividade de extensão rural para promover a cultura do sorgo no Cerrado do Brasil Central. Em abril de 1998, meses após a incorporação da Sementes Agroceres pela multinacional Monsanto, deixei a Empresa e logo após, convidado a prestar serviços de consultoria para a Embrapa Milho e Sorgo, transferi-me para a cidade de Sete Lagoas-MG, onde permaneci por quase 5 anos trabalhando nesta Unidade da Embrapa. Neste período fiz um curso de pós-graduação pela Fundação Getúlio Vargas em Marketing Para Executivos. Entre funções e cargos públicos, fui sócio fundador da Associação Brasileira de Milho e Sorgo; participei da criação e atuação do Grupo Pró-Sorgo, entidade ligada a Associação Paulista dos Produtores de Sementes e Mudanças do Estado de São Paulo, visando à difusão da cultura do sorgo no país; membro de comissões técnicas da Embrapa como representante do setor privado; presidente por um mandato da CESM – Comissão Estadual de Sementes e Mudanças de Minas Gerais, órgão do Ministério da Agricultura; presidente por um mandato da UINIMILHO – União dos Produtores de Sementes de Milho da Pesquisa Nacional; diretor da Cooperativa dos Produtores Rurais do Pontal do Triângulo Mineiro, Ituiutaba-MG; co-fundador do Grupo dos Doze Produtores de Leite do Pontal do Triângulo Mineiro. Ao fim do contrato com a Embrapa, em 2003 retornei à Agroceres, que depois de cumprir uma quarentena contratual de 5 anos, voltou ao mercado de sementes de milho e sorgo através da nova Unidade de Negócios Sementes Biomatrix Ltda., empresa que ajudei a organizar na função de Diretor Superintendente. Durante seis anos, trabalhei na Unidade de Patos de Minas e finalmente em Rio Claro-SP, sede da Empresa, onde me aposentei em 2009. Neste mesmo ano iniciei a atividade de consultoria técnica no agronegócio do sorgo, trabalho que mantenho até hoje paralelamente a atividade de produtor rural iniciada nos anos setenta no Triângulo Mineiro e que prossegue atualmente no município de Unaí-MG. No momento, resido em Sete Lagoas-MG, cidade que me acolheu em 1998 e mais recentemente em 2009. Sou viúvo desde 2001, tenho 3 filhos, 4 netos e vivendo uma nova relação matrimonial que já dura oito anos. Uma vida dedicada à agronomia, à família, ao extenso círculo de amigos formado ao longo de 50 anos de trabalho, e do estreito convívio com colegas do Berimbau.

Contatos:

Paulo e Maria Célia

1) Rua Randolpho Silva, 460 - Bairro Mangabeiras - Sete Lagoas- MG

2) Rua Califórnia, 889/404 - Bairro Sion - Belo Horizonte-MG -

E-mail: paulomribas@hotmail.com

Tels. (31) 9 9911-5309 (Paulo); (31) 9 9616-7428 (M. Célia); (31) 3176-0398

Reginaldo Amaral

Quando, pela primeira vez estive na antiga UREMG, hoje UFV, fiquei impressionado com a beleza do lugar e, em especial, com a arquitetura de seus prédios históricos. Vendo, nos corredores do prédio principal, aquelas placas que evidenciam sua história ao longo do tempo, através das turmas de graduação, pensei: “nossa, conseguirei fazer parte disto?” Fiz com muito orgulho. Durante meu tempo na Universidade, além das atividades curriculares, participei bastante também das atividades esportivas. Fui Presidente da LUVE – Liga Universitária Viçosense de Esportes e integrante titular dos times de vôlei e basquete. Graduado, voltei para minha terra, Governador Valadares e, com alguns amigos, abrimos a empresa RURALTEC- Planejamento e Assessoria Técnica Rural Ltda., onde ganhei alguma experiência. Convidado a participar de um Convênio do Ministério da Agricultura e a Cia. Vale do Rio Doce, na Fazenda Modelo de Governador Valadares, juntamente com alguns colegas, logo fomos contratados pela EMBRAPA e trabalhando em parceria com o PIPAEMG – Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais. Terminado meu mestrado fui lotado pela EMBRAPA na Unidade Especial de Pesquisa de Itapirema, Pernambuco e trabalhando em parceria com a Empresa Estadual de Pesquisa-IPA, daquele estado. Após oito meses, através de um acerto entre a EMBRAPA e EPAMIG, voltei a Minas Gerais. Durante minha vida profissional nessa empresa, percorri por decisão e convocação dos dirigentes, todos os caminhos hierárquicos no segmento da administração e gestão da pesquisa, tais como: Gerente de Fazenda Experimental, Chefe de Unidade Especial de Pesquisa em Governador Valadares, Chefe de Centro Regional de Pesquisa em Uberaba, Chefe de Departamento de Pesquisa, Superintendente de Operações Técnicas e Diretor de Operações Técnicas em Belo Horizonte. Trabalhei como Chefe de Gabinete, por dois anos, a convite do Professor e Ex-Reitor Dr. Antonio Lima Bandeira, durante sua gestão como Presidente da EPAMIG. Assim, embora participando de grupos de pesquisadores na empresa, onde publicamos vários trabalhos e textos técnicos, a maior dedicação foi no seguimento de planejamento e gestão da pesquisa. Fui agraciado ainda, além do mestrado, com mais dois cursos em nível de “Latu Sensu” sendo o primeiro “Planejamento e Gestão em Ciência e Tecnologia (Fundação João Pinheiro) e o segundo “Negociação Agrícola Internacional” (UNA-BH). Com muito orgulho fui ainda, na década de 80, levado à Presidência do Rotary Club de Governador Valadares. Hoje aposentado, sinto-me recompensado por tudo que recebi e pelos amigos e colegas com quem convivi, mas, sobretudo, pela companheira inseparável que há 46 anos me acompanha, amada Vera Lúcia.

Moramos hoje em Belo Horizonte, à Rua Deputado Bernardino Sena Figueiredo, 219/501, Cidade Nova, CEP 31170-210, Belo Horizonte-MG. Tels. (31)3486.7592, (31)999.535.184, (31)998.617.592. E-mails: reginaldoamaral71@gmail.com e regam@terra.com.br

Reginaldo Amaral

Dezembro/2018

Reginaldo Conde (*)

Reginaldo Conde iniciou sua carreira em 1969, na então ACARES-ES – Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo, logo após concluir em 1968 o Curso de Agronomia na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Viçosa-MG. A partir de 1969 trabalhou para ACARES-ES, que depois foi dividida em EMATER e EMCAPA – Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária. Posteriormente, houve a fusão das duas empresas no INCAPER – Instituto Capixaba de Pesquisa e Extensão Rural. Reginaldo optou pelo serviço de extensão onde permaneceu até o fim de sua vida. Nessas organizações públicas Reginaldo ocupou

os seguintes cargos: Chefe de Escritórios Locais e Regionais de Desenvolvimento Rural; Coordenador de Comunicação, Processos Educativos e Editoração; Assessor de Relações Públicas. Sua formação acadêmica prosseguiu na Universidade Federal de Lavras-UFLA, onde fez pós-graduação em Gestão de Programas de Reforma Agrária e Assentamento com foco em: Metodologia do Ensino Superior, Economia e Sistema de Mercado, Educação Rural e Ambiental, Políticas Agrárias, Políticas Públicas para o Meio Ambiente, Sociologia e Questão Agrária, Administração Pública e Administração e Organização Rurais. No INCAPER, Reginaldo Conde deixou consistentes contribuições e marcas de seu saber, de sua competência profissional e de sua irradiante simpatia. Assessor de Planejamento estratégico e comunicação social do Instituto, Reginaldo foi o precursor da comunicação das tecnologias recomendadas pelo INCAPER à comunidade rural capixaba. Criou uma ilha de edição no Instituto, na década de 90, considerada uma referência nacional na divulgação dos trabalhos da extensão rural. Na área de comunicação preocupou-se em mostrar para a sociedade a importância do trabalho do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo-IDAF, projetando a riqueza do setor agropecuário do Estado por meio de matérias vinculadas na imprensa capixaba e em rede nacional. Ele também incentivou a criação de programas de rádio voltados para o homem do campo em diversos municípios capixabas. Ainda hoje muitos extencionistas do INCAPER continuam realizando esses programas. Um dos trabalhos de destaque criado por Reginaldo foi o vídeo denominado “Os caminhos da extensão”. Outra contribuição de Reginaldo Conde foi impulsionar o contato da mídia nacional com o INCAPER, nos anos 80, quando o Instituto começou a ser reconhecido em todo País por meio de divulgações em programas de televisão voltados para o homem do campo. Sua última posição administrativa foi como Chefe da Assessoria de Planejamento do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (IDAF). Além de suas atividades normais no INCAPER e IDAF, Reginaldo deu muitas outras contribuições para o Estado do Espírito Santo. Foi Secretário de Planejamento e Agricultura na Prefeitura de Santa Teresa-ES para implementação do planejamento participativo, orçamento popular e reestruturação do organograma administrativo daquela Prefeitura (2001); Professor de Sociologia do Desenvolvimento Rural e Extensão Rural na Universidade de Vila Velha-UVV – Vila Velha-ES (2000); Professor do Curso de Radialismo e Televisão da ETFES (1987); na TV Educativa-ES foi consultor do programa A VOZ DO CAMPO 1996/98; na TV MANCHETE prestou assessoria para formação de pauta (1983/90) do Programa Manchete Rural; na TV GLOBO, prestou assessoria para formação de pauta no Espírito Santo, África do Sul e Austrália (1986-1998) do Programa Globo Rural. Coautor do trabalho “Análise visando o Comportamento da Produção Agropecuária do Pequeno Produtor Rural Capixaba – EMATER-ES 1980. Coautor do Projeto Experimental de Educação Ambiental na Área do Mosteiro ZEN em Ibirajú-ES. Trabalhou no Projeto Aracruz Celulose pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES (1991). Conheceu 68 países para estudar suas diferentes culturas, turismo, geografia e história dos povos. Conferencista sobre o tema relações interpessoais no processo de comunicação, apresentando para liderança e formadores de opinião em todos os municípios capixabas. Reginaldo Conde faleceu no dia 08 de Abril de 2009. Em reconhecimento ao extraordinário trabalho desenvolvido no Estado, por decreto do então governador Paulo Hartung, a Fazenda Experimental do Centro de Educação Ambiental de Jucuruaba-CEAJ, do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural-Incaper, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Agricultura-SEAG, recebe um novo nome, FAZENDA EXPERIMENTAL ENGENHEIRO-AGRÔNOMO REGINALDO CONDE”.

(*) Dados biográficos compilados com a ajuda dos colegas Fernando de Assis Paiva e Marcos de Paiva Gonçalves.

Renato Cruz

Nascido em Guiricema-MG em 07/06/1945, casado com Maria de Lourdes Souza Cruz tem dois filhos e dois netos. Mora em Viçosa/MG. cursou o ensino médio (Agrotécnico) na antiga Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), atual Universidade Federal de Viçosa (UFV). Fez o curso de Agronomia na mesma instituição (1965/1968) diversificando-se em Tecnologia de Alimentos. (Enquanto estudante foi professor em colégios e ginásios da região: Colégio Universitário da UFV, Ginásio São José, em Viçosa, Ginásio Municipal em Coimbra MG). No início de 1969 ingressou na UREMG, como professor auxiliar de ensino, no Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA), na área de Cereais, Tubérculos e Raízes. Galgou todos os níveis dentro da carreira do magistério. Sendo homenageado 12 vezes pelos formandos do referido curso. Concluiu Doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos (1981). Foi aprovado em concurso público na UFV para o nível de Professor Titular. Foi professor do Curso de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos, orientando estudantes de Mestrado e Doutorado. Possui artigos publicados em revistas. Foi membro da Câmara Curricular de Ensino e representante dos cursos do Departamento de Tecnologia de Alimentos No Conselho de Graduação da UFV. Foi representante da UFV na Câmara de Alimentos da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), por dois mandatos. Indicado pelo DTA/UFV, assessorou, por 2 anos, a Universidade Estadual de Passo Fundo-RS, na instalação e consolidação dos laboratórios de análises e centro de qualidade de produtos alimentícios. Assessorou, por 4 anos, a CONAB-Ba na produção, homogeneização e padronização de farinha de mandioca a ser distribuída nas regiões da Bahia, Sergipe e norte do Espírito Santo. Ministrou curso de controle de qualidade (aspectos químicos) das farinhas produzidas em moinhos de trigo em Fortaleza/Ceará. Coordenou, pelo DTA, um trabalho de controle de qualidade de algumas variedades de arroz produzidas pela EPAMIG/MG.

Membro do Rotary Club de Viçosa, foi indicado para ser presidente em um mandato.

Resilda Gomes de Azevedo Rocha

Após o bacharelado em Ciências Domésticas, na UFV-MG, regressei ao RN, onde residia. Fui contratada pela Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR-RN), atual EMATER, na função de extensionista social. Atuei inicialmente no município de Mossoró, principal cidade do interior. Três anos depois fui convocada para compor a equipe da Coordenadoria Estadual de Nutrição e Saúde, em Natal. Naquela época o Serviço de Extensão Rural não permitia o trabalho de extensionistas casadas, sob a alegação de que comprometeria o “sacerdócio” que lhe era atribuído. Fiquei surpresa ao ser convidada para permanecer na atividade, por determinação da EMBRATER. Quebrei assim, um antigo tabu da extensão rural brasileira, pois as demais afiliadas do sistema, a começar por Minas Gerais, adotaram a medida. Casei com Francisco Rocha Gondim, também ligado à atividade agropecuária, (Delegacia Federal da Agricultura). Tivemos os filhos Emerson, Enio e Eider. A família constitui nossa maior realização e foi acrescida de noras e netos. Acostumada ao embalo do estudo, ainda em Mossoró, ingressei no Curso de Ciências Econômicas, concluído em Natal. Depois fiz Nutrição para ajustes de competências em novos desafios do trabalho que requeriam domínio de Nutrição Clínica, como cardápios para hospitais e vigilância nutricional do grupo materno-infantil. Ressalto, porém, o valor da aprendizagem adquirida no convívio com os colegas de trabalho e famílias rurais. Percebi com eles, que a dignidade é o bem mais valioso, e que a imaginação é mais abrangente que o conhecimento, pois emana da inteligência espiritual, que nos vincula ao cósmico. Ressalto ainda, o

embasamento conferido pela ESCD. No contexto profissional, o termo *DOMÉSTICAS* é sugestivo de conotações preconceituosas. O *CIÊNCIAS*, contudo, sugere pluralidade, mas não superficialidade. As múltiplas vertentes de conhecimento das Ciências Domésticas permitem a descoberta de vocações e oportunidades. A complementação e a lapidação do embasamento, em qualquer profissão, é dever dos profissionais. As lacunas de conhecimento me empurraram também para o mestrado em Tecnologia de Alimentos, na UFC, abrangendo: frutos tropicais, laticínios, pescado e carnes. Fiz ainda especializações voltadas para as áreas de nutrição e saúde. As mais relevantes foram promovidas pela UFRN e/ou Secretaria Estadual de Saúde, com participação da USP e/ou UFRJ e UFRS. Alguns cursos de aprofundamento e atualização foram significativos, como: Laticínios (no Instituto Cândido Tostes – Juiz de Fora); Tecnologia do Pescado (em Vassouras, com a participação das Escolas de Pesca do RJ e do Chile); Tecnologia de Frutos, no Núcleo de Pesquisa e Processamento de Alimentos (NUPPA – UFPB); Cozinha Nacional e Internacional, no Hotel Escola Barreira Roxa, em Natal; Soja na Alimentação Humana – EMBRAPA; Tecnologia de Processamento de Leite de Cabra (Nova Friburgo-RJ), Estatística aplicada à Saúde Pública, (Secretaria Estadual de Saúde, com participação da USP). No exercício profissional, incentivei e contribuí para o aumento da disponibilidade de alimentos e a promoção da saúde das famílias rurais, dando especial atenção aos grupos biologicamente vulneráveis. Alguns desses trabalhos mereceram a atenção do UNICEF, servindo de exemplo para outras regiões e países. Em áreas pesqueiras e de ação da Petrobras, participei do projeto EM TORNO DA MESA (parceria da Petrobras com o Depto de Nutrição da UFRN), As ações abrangiam o treinamento de multiplicadores e planejamento das estruturas produtivas destinadas ao aproveitamento integral do pescado, agregando assim, o emprego das escamas, vísceras e espinhas, em farinhas para adubo e ração animal, e, das peles para calçados, casacos, artesanato. Participei também do Movimento Nacional de Combate a Fome e a Miséria, em encontros e trabalhos no RN, CE e DF.

Atuei ainda, como membro da assessoria técnica da Secretaria Estadual da Agricultura Pecuária e Pesca, bem como de equipes de elaboração de planos de governo do estado, no tocante, à expansão e/ou melhoria das condições operacionais de unidades comunitárias de processamento de alimentos. Estas ações geralmente eram articuladas com órgãos como o CNPQ, SEBRAE, Cooperativas, Prefeituras, Universidades. Junto ao Distrito Industrial de Natal, e em municípios do interior, dei apoio técnico a algumas indústrias, sobretudo nas áreas de Laticínios e processamento de frutos. Exerci as atividades de consultora e instrutora no SEBRAE, SENAR, SENAI, SESC e SENAC. Fui professora do Departamento de Agropecuária da UFRN, mas sempre engajada com o Departamento de Nutrição, Mesmo antes de prestar concurso, já tinha atuado como docente da UFRN, por solicitação do reitor, ao governo do Estado. As principais disciplinas foram Tecnologia de Produtos Agropecuários, TPOA e Economia Rural. Enquanto extensionista e professora participei de pesquisas diversas, sobretudo as relacionadas com alimentos não convencionais utilizados na alimentação humana, em períodos de seca, como substitutos de café, vagens da algarobeira, e plantas xerófilas. Fui membro ativo e/ou expositora em vários congressos e similares, inclusive de nível internacional, realizados em Recife, Santos e Campinas, com resumos publicados pela FAO. Algumas vezes participei e/ou contribuí na elaboração de trabalhos específicos para publicações como o Manual Técnico para o Trópico Semiárido Brasileiro, (EMBRAPA/EMBRATER) a Revista Brasileira de Extensão Rural, o livro Um, Dois, Feijão com Arroz – A Alimentação no Brasil de Norte a Sul (Editora Atheneu – SP, 2002), em apoio à tese de uma colega, doutoranda na USP. Sou membro da Associação Brasileira de Tecnologia de Alimentos e da Associação Brasileira de Nutricionistas. Finalmente solicitei aposentadoria e vim curtir a vida com meu esposo, em nosso sítio, nas imediações de Natal. Logo o vício de trabalhar reacendeu, e, enquanto o “Sr. Rochinha” cuidava do gado, sua coqueluche desde a infância, instalei

o Restaurante- Fazenda Coisas da Roça. É simples e rústico, porém referência em gastronomia típica, rico em nuances culturais e históricas, e meu “grude”, até quando as limitações geriátricas permitirem. Já me perguntei: além da família, quais desses trabalhos me trouxeram mais satisfações? E concluí: Foram os dedicados às famílias rurais: aos minipostos de saúde; à recuperação nutricional de crianças de creches; aos grupos de mulheres que progrediam em auto-estima e qualidade de vida, através da pequena renda auferida com seu trabalho nas unidades comunitárias que conseguíamos organizar conjuntamente. A emoção explodia, quando nossa equipe era convidada para ver: o fardamento e o material escolar das crianças, a foto do filho que tinha ido estudar numa cidade polarizadora; a casa nova ou reformada; a instalação da energia elétrica e aquisição do eletrodoméstico que simplificaria seu trabalho. Nas rodadas de depoimentos, citavam também, a superação de inibições e o desenvolvimento de habilidades que poderiam ser convertidas em futuras oportunidades. A atividade docente também foi uma relevante fonte de satisfações e progressos. Ela nos permite projetar raios da luz que encontramos, na jornada de outros buscadores. Autobiografia? Fiz relatos cinquentões, da vida que tive e tenho, que gostei e gosto de ter. Por tudo isto, agradeço a Deus, ao apoio de minha família e amigos, bem como às instituições que me acolheram como estudante e como profissional. Aproveito para mandar o endereço. Meu apto de apoio em Natal, fica na Rua Sebastião Barreto, 91, bl. 7, Aptº 101, Neópolis – Natal-/RN. CEP 59 080 480.

Roberto Laucas Myrrha

Aos 27 anos de vida, minha vida pessoal e profissional começou a mudar em 1965 quando ingressei na UREMG para cursar agronomia. Integrei-me a um grupo de calouros, bem mais jovens do que eu, e deles recebi, desde então, amizade, cooperação e, sobretudo, respeito, manifestações que se perpetuaram ao longo destes 50 anos de graduação. A alcunha recebida dos veteranos, “Vovô”, por ser o mais velho da turma, antes de me irritar, prazerosamente a incorporei como resultado da acolhida no sadio ambiente reinante na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais naquela época. Como engenheiro-agrônomo, consegui meu primeiro trabalho como Responsável Técnico-RT Regional do Instituto Estadual de Florestas-IEF, sediado em Cataguases-MG. Neste órgão estadual, permaneci até 1974, tendo participado da elaboração de Projetos de Reflorestamento da Cia. Mineira de Papéis, Cia Interestadual Mineira Automobilística, Cia. Manufatura de Tecidos de Algodão e Usina Açucareira Paraíso, de Astolfo Dutra. De 1975 a 1978 atuei como RT da Companhia Mineira de Reflorestamento – COMFLOR – sediada em Belo Horizonte-MG, onde desenvolvi atividades no campo da silvicultura, fruticultura e produção de sementes. Neste mesmo período, fui nomeado diretor da CODEFLOR, Agroindústria do São Francisco S/A, empresa criada pela COMFLOR e CODESVAF – Cia. do Vale do São Francisco através do Acordo de Comunhão de Interesses. De 1979 a 1980 fui Gerente Comercial da YBY Agroquímica Ltda. em Manhuaçu-MG. Prosseguindo, entre 1980 e 1982 trabalhei como funcionário da Empresa São Mateus Agropecuária S/A, do Grupo BMG. De 1982 até 2010, trabalhei informalmente prestando assistência técnica a Empresa Perfil Agropecuária e Florestal Ltda. Em meio a esta atividade, em 1984 fui recontratado formalmente pelo meu primeiro empregador, o Instituto Estadual de Florestas, que me colocou em disponibilidade ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente-IBAMA, no biênio 84/85. No período de 1984 até 1997 fiz diversas atividades e ocupei diversos cargos na Instituição, como: Presidente da Comissão Metropolitana para análise de impactos ambientais oriundos do desmatamento na região – COMEL-1986/87; Supervisor Regional para a região metropolitana de Belo Horizonte-1986/88; Chefe do Serviço de Cadastro e Registro – SERCAR-1988; Chefe de Gabinete do Diretor Geral-1988/90; Chefe da Assessoria de Planejamento,

Coordenação e Controle – APC-1990; Assessor da Diretoria Geral-1990/91. Em 1991 me aposentei no IEF, mas continuei dando assistência técnica informal a Empresa Perfil Agropecuária e Florestal Ltda., até que, em 1997 fui contratado para prestar serviços a Empresa Furnas Centrais Elétricas S/A no escritório de representação em Belo Horizonte, atuando exclusivamente em atividades ligadas ao meio ambiente. Em Furnas permaneci trabalhando até 2010, quando encerrei minha carreira. Desquitado, pai de 3 filhos, com nova relação conjugal, me sinto realizado, dividindo meu tempo entre Belo Horizonte e Itaúna.

Roberto Maciel Vidigal

1969 – Trabalhei no Instituto Estadual de Florestas (IEF) durante 8 (oito) meses. Neste período fiz o curso de extensão rural e participei da campanha integrada de reflorestamento do Estado de Minas Gerais.

1969 a 1972 – Ingressei na Companhia Vale do Rio Doce, através de concurso, tendo trabalhado em sua subsidiária – Florestas Rio Doce S.A (DOCEMADE), no Espírito Santo, nos municípios de Linhares e São Mateus. Participei da implantação dos primeiros dez mil hectares de eucalipto. Em 1971, como convidado do Governo Canadense, conheci a indústria florestal daquele país, tendo visitado as Províncias de Ontário, Quebec e British Columbia, além da Capital Ottawa.

1972 a 1994 – Ingressei na Petróleo Brasileiro S.A – Petrobrás, tendo participado da implantação e manutenção de florestas de pinus e eucaliptos na região do recôncavo baiano. Também participei da recuperação de áreas degradadas pela exploração do xisto, com o plantio de espécies nativas no Estado do Paraná. Fui coautor do livro “Adaptabilidade de Espécies Florestais de Rápido Crescimento em Solo Alterado pela Exploração do Xisto”.

1974 a 1978 – Conclui o curso de bacharel em ciências econômicas, pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas, em Salvador/BA.

Aposentei-me em 31 de dezembro de 1994.

Romulo Kardec de Camargos (*)

Nasceu em Uberaba aos 31 dias do mês de março de 1944, filho de Antônio Camargos da Silva e Maria de Lourdes de Camargos. Estudou no Colégio Marista Diocesano, em Uberaba, prestando vestibular na Universidade Federal de Viçosa onde se formou em Agronomia e posteriormente se especializou em Zootecnia.

Sua vida profissional iniciou-se em Uberaba na ABCZ onde atuou como juiz das raças Zebuínas, e presidente do colegiado de juízes. Ao mesmo tempo atuava em sua propriedade selecionando exemplares das raças Gir e Gir Mocho, mais tarde se dedicou criação de Nelore Pintado, Nelore padrão e Brahman. Participou de julgamentos como juiz em todo o Brasil, como também no exterior em alguns países como: Argentina, Bolívia, Uruguai, Paraguai, México, Estados Unidos e América Central. Fez palestras dentro da sua área de atuação, recebendo homenagens e troféus tornando-o um profissional conhecido e respeitado dentro dos países criadores da raça Zebu. Atuou como diretor de registro na ABCZ, onde no ano de 1974 foi convidado a ser diretor da entidade, atuando por várias gestões. Foi eleito presidente da ABCZ- Associação Brasileira dos Criadores de Zebu por duas gestões sendo: 1992 a 1995 e 1999 a 2001.

Missionário, teve grande trabalho à frente dessa entidade: foi o presidente responsável pela entrada raça Brahman no Brasil, em 1994. Construiu dentro do Parque de Exposições Fernando Costa o centro de eventos o qual leva o seu nome. Enquanto presidente da ABCZ, solicitou ao então

Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a mudança de nome do Ministério da Agricultura para Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Ao fim do seu mandato como presidente da ABCZ, foi convidado a ocupar a diretoria da BRASIF-AS Exportação e Importação, começando assim uma nova etapa profissional em sua vida. Afastou da diretoria pelo seu adoecimento e posteriormente faleceu em 2004. Encerrou assim seus sonhos, mas com a certeza de que Deus lhe reservou o descanso merecido pelo dever cumprido!

Deixou viúva Maria da Graça Martins de Camargos, sendo pai de Romulo Kardec de Camargos Junior (*in memoriam*), Renata Martins de Camargos Paranhos Ferreira e Roberta Martins de Camargos.

(*) Dados biográficos compilados pela viúva Maria da Graça Martins de Camargos.

Rosalvo Pedra Carneiro (*)

ROSALVO Pedra Carneiro, ROSALVO Gambá, ao se formar, segundo se sabe, esteve pelas bandas de São Paulo, onde emprestou seus olhos e seu conhecimento, ministrando aulas. Na sequência teria sido contratado pela então ACAR-MG (hoje EMATER-MG) assumindo o Escritório de Teófilo Otoni MG trabalhando na Extensão Rural, com todas as peculiaridades de que um extensionista da época era responsável, incluindo a assistência técnica e o planejamento de crédito rural. Ainda na ACAR-MG militou na região de Carlos Chagas e Nanuque em Minas Gerais, aonde veio a ter contato com a equipe da PLASTER, firma especializada em planejamento agropecuário. Deixando a ACAR, passou a integrar essa equipe de planejamento, mudando-se para Ecoporanga-ES. Em algum momento, nessa ocasião, sofreu um sério acidente automobilístico em serviço, o que lhe custou um significativo período de afastamento de serviço Recuperado, voltou às atividades profissionais vindo a se casar com Jejuína Torres Carneiro, com quem veio a ter um casal de filhos, IGOR (nosso afilhado) e a bela INAIARA, hoje prestando serviços aos nossos patrícios em Portugal. Quis o destino que deixasse a condição de empregado mudando-se para Tombos, próximo de Carangola, cidades mineiras da Zona da Mata, investindo seu tempo e conhecimento na administração e exploração agropecuária em propriedade própria. Por conveniência familiar, retornou à cidade natal, mudando-se com a família para UBÁ, onde continuou com a exploração agropecuária em propriedades próprias, preocupado que era com uma boa qualidade de vida e de estudo para seu casal de filhos. Em 2005 foi acometido de sérios problemas de saúde, vindo a óbito em agosto deste mesmo ano. Deixou a viúva, nossa comadre Zu, e o casal de filhos IGOR (nosso afilhado) e a bela INAIARA.

(*) Dados biográficos compilados pelo colega Eduardo Marcelino de Moura Estevão.

Sebastião Teixeira Gomes

Ao ser indagado sobre minha autobiografia logo veio à minha mente alguns casos da época de estudante... Tempo em que eu era o técnico do time do Berimbau tendo como auxiliar meu colega Ribas. Era também o locutor esportivo da Rádio Montanhosa e, da sacada do prédio principal da UFV, soltava a voz para os ouvintes e torcedores. De locutor a professor, orientador, consultor e palestrante foi um pulo. Nem parece que se passaram 50 anos... Nessa viagem ao longo do tempo, sou mais uma voz desse berimbau ecoando em meio século de profissão e amizade. Numa época em que éramos guiados pela ética e responsabilidade, movidos pela paixão e vontade de transformar o nosso país. Foi no berimbau que nasceu o profissional que sou. Logo que me formei como engenheiro agrônomo, fui contratado para o meu primeiro emprego na ACAR, hoje EMATER-MG.

Comecei no escritório local de Leopoldina dando assistência técnica aos produtores da região. Viajava para as propriedades em um velho jipe. Entre as idas e vindas, no sacolejo das estradas de terra, esse tempo se confundia com o embalar dos meus 3 filhos que logo nasceram e transformaram as nossas vidas. Minha esposa Deusa, grande companheira, foi meu maior incentivo para seguir os passos dessa jornada. Fui promovido a coordenador do escritório regional da EMATER em Muriaé, responsável pelo projeto de gado de leite, dando início a minha afinidade profissional com a pecuária leiteira. Em 1974, retornei para a UFV, dessa vez para fazer mestrado em Extensão Rural. Desde então, a UFV se tornou meu maior ancoradouro, onde me tornei professor titular pelo Departamento de Economia Rural. Durante 37 anos, atuei em programas e projetos, sempre privilegiando o produtor de leite. Nesse espaço de tempo, fui professor e orientador de muitos pesquisadores e analistas que hoje fazem parte de instituições públicas e privadas ligadas ao setor do agronegócio brasileiro. A UFV era o meu segundo lar. Lá eu tinha as mais prazerosas das missões: estudar e ensinar, buscar conhecimento, formar jovens e capacitar profissionais, rastrear oportunidades para experiências e aprimoramento tecnológico, levar o saber para o campo e a prática para a universidade. Em 1982, fui para São Paulo fazer doutorado em economia na USP, orientado pelo professor Fernando Homem de Melo. Defendi a tese com o título *Condicionantes da Modernização do Pequeno Produtor* que tinha como principal objeto identificar os elementos que restringiam o avanço dos criadores. Fui consultor da EMBRAPA GADO DE LEITE, na área de economia da pecuária leiteira. Fazia parte do meu trabalho de consultoria, a elaboração de planilhas de custo de produção para gerar parâmetros de orientação e formação de melhores preços. O desenvolvimento de software permitiu que a planilha tivesse repercussão nacional. Até hoje ela é citada como referência para os produtores, visando aumentar a produtividade e gerar maior rendimento. Fui consultor também na CNA, CBCL, FAEMG, FAEGO, CCPR/ITAMBÉ, Leite Brasil e no SEBRAE de vários estados. No SEBRAE-MG, participei da criação do projeto de assistência Educampo, que atende produtores em todo o estado de Minas Gerais. Ao longo da minha carreira, ministrei centenas de palestras, conferências e consultorias, e tive a oportunidade de fazer um mapeamento da pecuária leiteira nos diferentes estados do Brasil. Deixei minha contribuição à cadeia produtiva e ao sistema nacional de pesquisa por meio dos diagnósticos da atividade que influenciaram a criação de políticas públicas e programas privados voltados ao desenvolvimento do produtor em diversos estados como Minas Gerais, Goiás, Rondônia, Rio de Janeiro, Tocantins, Mato Grosso e vários outros do Nordeste. Identifiquei uma carência no gerenciamento das propriedades em praticamente todos os lugares que visitei para dar consultoria. Para contornar tal deficiência, em 1988, coordenei o PDPL – Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira – resultante do convênio entre a UFV e a Nestlé. Assim nasceu o programa de estágio para alunos da UFV nas áreas de agronomia, zootecnia e veterinária. Os estagiários recebem treinamento com ênfase no gerenciamento das propriedades assistidas e partem para a prática no campo, assessorando o produtor a administrar a terra e gerar mais lucro. Esse programa é motivo de orgulho para todos os envolvidos num ciclo contínuo de parceria. O ganha/ganha é de todos, tanto para os produtores que reconhecem na assistência técnica uma alavanca para o crescimento e o lucro, quanto para os estudantes que identificam no estágio um avanço na formação e capacitação profissional. Desde então, mais de 1.500 estagiários passaram por lá, inclusive o meu filho Adriano, que participou da primeira turma e hoje é o responsável pela continuidade e pelo bom funcionamento do PDPL. Fui autor de 6 livros sobre o agronegócio do leite, escrevi mais de 300 artigos e participei de muitas entrevistas de programas de TV fazendo análise do setor leiteiro.

Hoje aposentado, ao lado da Deusa, minha parceira de sempre, assisto ao sucesso dos meus 3 filhos: Adriano, doutor em Economia pela UFV e das gêmeas Cristiane, Engenheira de Alimentos e

Cristina, Jornalista e Cineasta. E não poderia deixar de falar dos meus maravilhosos 5 netos – Thais, Camila, Tiago, Beatriz e Miguel – que enchem de alegria e renovam a energia da nossa família.

Sebastião Moreira

Ao reler nosso livro da Tuma do Berimbau que, com seus integrantes, marcou a história da Universidade Federal de Viçosa-UFV, MG, dignificando e honrando os preceitos básicos de uma formação acadêmica integral, legado da UFV, levando Brasil a fora o conhecimento técnico necessário ao desenvolvimento das regiões brasileiras. Desta forma, posso dizer para meus filhos: o Brasil é nosso, vamos lutar por ele. Ainda no ano de formatura, em 1968, fui contratado pela SUVALE (Superintendência do Vale do São Francisco), na sequência a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento Vale do São Francisco) que somados trabalhei por 10 anos. No dia 1º de dezembro de 1973, casei-me com Ivete, minha companheira de todas as horas. Tivemos três filhos, um deles, o Luís Guilherme que está no céu, nos deixou aos 8 anos de idade. As saudades são muitas e as lágrimas também. Mas enfim a vida segue e continuamos com a família unida com os dois filhos: Sebastião Júnior e Victor que nos deram três netos: Rodrigo, Susana e Guilherme que curtimos bastante no dia a dia. Minha família é meu porto seguro, blindando-a de todos os males que possam ou venham a ocorrer. A Ivete com sua sapiência sempre entendeu ao longo de nossa vida, e por diversas vezes precisamos parar e olhar o horizonte e refletir sobre o destino que Deus nos reservou. No final da década de 70, precisamente em 17 de fevereiro de 1979, optei por deixar a CODEVASF e rumar para o Norte para trabalhar na iniciativa privada como empreendedor agroflorestal/pecuária. Uma experiência valiosíssima, enfrentando os desafios da realidade amazônica. Estabelecemo-nos na cidade de Paragominas-Pará, na atividade produtiva agropecuária e madeireira, exercendo também no âmbito social funções classistas e instituições de cunho social, contribuindo para a formação e crescimento da cidade. Os filhos crescendo e se deslocando para a capital para continuar seus estudos e concluí-los. Hoje residimos em Brasília, nos dando oportunidade de uma maior convivência com os filhos e netos. Agradeço a Deus, por compartilhar meus 50 anos de formado junto aos meus colegas que tanto estimo, oportunidade única que a vida me presenteou.

Sheila Magda Assis Duarte – Dida Linha

1968. De posse do tão sonhado diploma de Economista Doméstica, deixei o Espírito Santo e parti rumo a Goiás.

Trabalhei em Inhumas como extensionista na ACAR-GO (hoje Emater). Desenvolvi trabalhos na zona rural principalmente com clubes 4-S cujo reconhecimento veio em forma de Diploma de Reconhecimento pelos serviços prestados, entregue em sessão solene pelo Governador de Goiás seguido de palavras elogiosas do Secretário da Agricultura. Na área da saúde, devido à amplitude de uma Campanha de Combate à Verminose no município de Inhumas, fui agraciada pela Embaixada Americana com uma bolsa de estudos nos EEUU e convite para assumir posto de chefia no Escritório Central da ACAR-GO, mas o lado pessoal falou mais alto que o profissional e segui rumo ao altar com o Engenheiro-Agrônomo Raul Adão Duarte. Após o casamento fui morar em Itumbiara-GO, onde me dediquei à filantropia através da Maçonaria. 22 anos depois fui morar na fazenda em Bom Jesus de Goiás levando uma típica vida de peão. Foram 6 anos ajudando meu marido a cuidar das plantações de laranja, coco da Bahia, lichia e pupunha. Após um incêndio onde todo nosso trabalho virou cinza, vendemos a fazenda e nos mudamos para Inaciolândia-GO. Essa experiência incrível rendeu meu primeiro livro “O Teto Preto”. Em Inaciolândia voltei a me dedicar

aos trabalhos sociais e fundei junto com duas amigas uma creche para idosos, a Casa da Feliz Idade, uma ONG que conta com a participação da comunidade. Tenho 2 filhos maravilhosos: Rilton, Engenheiro-Agrônomo também formado em Viçosa e Ronil, Analista de Sistema. Eles me deram 3 netos lindos. Hoje levo uma vida pacata de dona de casa curtindo meu rancho na beira do rio onde recebo os amigos e pescando de vez em quando. Em nosso livro de biografias de 1968 no trecho final diz: “Como disse o Alex (professor), Sheila se sairá muito bem em qualquer atividade que exija bastante energia. Daí concluímos que será muito feliz no casório.”

Previsão confirmada.

Tarciso José Caixeta

Natural de Patos de Minas, nasceu em 29 de maio de 1944 e Faleceu em 17 de fevereiro de 1997. Engenheiro-Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, com diversificação em Engenharia Agrícola. *Magister Scientiae* pela Universidade Federal de Viçosa. *Doutor* em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa. Especialista em Operação e Conservação de Sistemas de Irrigação e em Gerência de Perímetro Irrigados, pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Participante da elaboração e Construção do Projeto Perímetro Irrigado de Barreiras-Bahia e Perímetro Irrigado de Petrolina – Pernambuco. Participante da Implantação do Perímetro Irrigado da Jaíba e do Projeto Piloto de Irrigação em Mocambinho – Minas Gerais. Pesquisador e Responsável pelo programa de pesquisa em Irrigação da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG). Foi responsável pela geração de inúmeras tecnologias, métodos e processos de irrigação pertinentes a programas públicos tais como Provárzeas e Prodemata. Autor de inúmeros trabalhos de pesquisa apresentados em congressos e seminários. Coordenou por longos anos a pesquisa de irrigação da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, EPAMIG. Participou ativamente de dois programas públicos do Estado de Minas Gerais: PROVÁRZEAS e PRODEMATA gerando tecnologias intermediárias de baixo custo para adequação de várzeas, factíveis e adequadas aos pequenos irrigantes. Gerou e introduziu tecnologias métodos e processos de irrigação adequadas ao Provárzeas. Introduziu tecnologia de fértil irrigação na unidade de pesquisa da Embrapa em Coronel Pacheco-MG.

CRONOLOGIA

Engenheiro-Agrônomo, pela escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Viçosa-Minas Gerais em 1968.

Atuação nos projetos de Irrigação de Barreiras, Bahia e de Petrolina, Pernambuco da Superintendência do Vale do São Francisco na geração de pesquisas, sistemas, processos e no estabelecimento de áreas experimentais de sistemas de irrigação 1968-1973.

Especialização em Operação e Conservação de Sistemas de Irrigação – Organização dos Estados Americanos (OEA)-1970

Especialização em Gerência de Perímetros Irrigados – Organização dos Estados Americanos (OEA) 1972.

Participante da construção do Perímetro Irrigado de Barreiras-BA em parceria com a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (SUVALE) 1968-1970.

Participante da construção do Perímetro Irrigado de Petrolina e de campo experimental – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (SUVALE) 1971-1973.

Colaborador na Implantação estabelecimento de pesquisas no Perímetro Irrigado da Jaíba e no Projeto Piloto de Irrigação em Mocambinho-MG 1973-1978.

Pesquisador no Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (PIPAEMG)-1973-1975.

Pesquisador na Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) 1975-1997.

Responsável pelo Programa de Irrigação da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) 1975-1997.

Pós Graduação em Engenharia Agrícola na Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais de 1975 a 1977 e de 1994 a 1997.

Participação em dois programas públicos do Estado de Minas Gerais: PROVÁRZEAS e PRODEMATA 1975-1982.

Geração de tecnologia intermediária para adequação de várzeas para pequenos irrigante do Prodemata 1975-1979

Geração e introdução de tecnologias métodos e processos de irrigação no Provárzeas 1975-1978.

Tuneo Sedyama

Tuneo Sedyama, Eng.-Agr. e M.S. em Fitotecnia pela Universidade Federal de Viçosa-UFV, Viçosa, MG; Ph.D. e Estágio Pós-Doutoramento em Genética e Melhoramento de Plantas pela Purdue University, Lafayette, IN, EUA. Casado com Fumie Sedyama, tendo as filhas Adriana, Elaine, Heloisa e Aline; e os netos Bianca e João Hiroshi.

Foi Professor Titular da UFRV, tendo lecionado as disciplinas relacionadas com Tecnologia de produção da soja, para o curso de Graduação; Método de Melhoramento de Plantas, Melhoramento Clássico e Biologia Molecular, Melhoramento de Soja e Tecnologia de Produção de Soja, para os cursos de Mestrado e Doutorado em Fitotecnia. Atuou como Coordenador do Programa de Melhoramento Genético de Soja do Departamento de Fitotecnia, Presidente da Comissão de Pesquisa do Departamento de Fitotecnia e Coordenador do Curso de Pós Graduação em Fitotecnia da UFRV. Professor aposentado em 2013, Bolsista do CNPq, atualmente Professor Voluntário na UFRV. Orientou e ou foi Coorientador de mais de 200 (duzentos) estudantes de Iniciação Científica, Graduados (bolsistas de Aperfeiçoamento), Mestrados, Doutorados e Pós-Doutorados.

Autor ou coautor de 9 (nove) livros relacionados com soja, cerca de 70 (setenta) capítulos de livros e aproximadamente 1.500 (hum mil e quinhentos) artigos científicos e tecnológicos; participou no desenvolvimento de mais de 100 (cem) cultivares de soja no Brasil e exterior. Participou como palestrante de Conferências Nacionais e Internacionais e de dezenas de Dias de Campo sobre a Cultura da Soja, no Brasil e exterior para milhares de estudantes, profissionais da área de agricultura e produtores de soja.

Participou de consultoria técnico científico na Suíça, Europa – Melhoramento genético da soja para consumo humano; França, Europa – Melhoramento genético da soja para consumo humano; Moçambique, África – Técnicas culturais e melhoramento de soja; África do Sul, África – Melhoramento genético de soja; Argentina (INTA) – Melhoramento genético de soja; Bolívia (ANAPO) – Melhoramento genético de soja; Peru – Melhoramento genético de soja; FINEP, Brasil – Melhoramento genético de soja; CNPq, Brasil – Melhoramento genético de soja; FAPEMIG, Brasil – Tecnologia de produção e Melhoramento genético de soja; CAPES, Brasil – Pós-Graduação em Ciências Agrárias; EMBRAPA, Brasil – Melhoramento genético de soja e EPAMIG,

Brasil – Tecnologia de produção e Melhoramento genético de soja; e diversas outras Empresas Nacionais e Internacionais.

Recebeu o reconhecimento de mérito científico: Homenagem do Curso de Pós-Graduação em Agronomia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2016; Homenagem do I Workshop de Inovação UFV, Universidade Federal de Viçosa, MG, como melhorista responsável pelo maior número de Proteção de Cultivares de titularidade UFV, 2015; Homenagem da Sociedade Brasileira de Melhoristas de Plantas. UFV, 2012; Medalha da Ordem do Mérito do Ex-Aluno, Universidade Federal de Viçosa, 2009; Professor Honorário, Universidad Nacional de San Martín – Tarapoto, Peru, 2007; Homenagem pelo pioneirismo na pesquisa com a cultura da soja e pela dedicação na formação de profissionais na área de Fitotecnia; 4º Congresso Brasileiro de Plantas Oleaginosas, Óleos, Gorduras e Biodiesel, 2000; International Order of Merit – Excellentia, International Biographical Centre Cambridge CBZ – England, 1999; Man of the Year 1999: “Based outstanding accomplishments to date and the noble example for his peers and entire community”, American Biographical Institute – USA, 1997; Reconhecimento do Município pelo êxito em pesquisa da nova variedade de soja UFV-18 (Patos de Minas), Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 1996; Homenagem pela relevante contribuição à pesquisa em prol do desenvolvimento da sojicultura nacional, Comissão Organizadora da XVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, 1996; Homenagem pelas relevantes pesquisa e coordenação do Programa Soja da UFV, UFV/CEPET/Prefeitura de Capinópolis, 1995; “Agradecimento dos pais de família da Bolívia por transmitir sabedoria aos seus filhos”, ANAPO-Santa Cruz, Bolívia, 1993; Personalidade de relevo no município e na região de Viçosa, Prefeitura Municipal de Viçosa, 1991; Comenda Antônio Secundino de São José, Estado de Minas Gerais, 1991; Medalha de ouro “Peter H. Hofs de mérito em pesquisa”, Universidade Federal de Viçosa, 1988; Homenagem Gamma Sigma Delta, Doutorado, Purdue University-EUA, 1976.

Ulisses Gomes Batista

Como vários de meus colegas de turma, também comecei minha carreira de engenheiro-agrônomo como “acarino”, carinhoso apelido que era aplicado àqueles que ingressavam na antiga ACAR, atualmente EMATER-MG. Inicialmente fui designado para o escritório da cidade de Unaí-MG e em outros municípios, meu tempo de Emater foi de 5 anos. Em seguida e por um curto tempo de dois anos, trabalhei para a Superintendência do Vale do São Francisco – Suvale – e para a Companhia do Desenvolvimento do São Francisco-Codesvaf. Em Brasilândia, na época distrito de João Pinheiro. Mas o destino me reservava outro caminho e que trilhei depois das atividades dos primeiros sete anos de trabalho. O número sete, no folclore nacional tido como número de “mentiroso”, continuou ditando minha vida: mais sete anos de aprimoramento técnico-científico, sendo três anos cursando Mestrado na Universidade Federal de Viçosa, de 05/03/1976 a 20/09/1979 e mais quatro anos de 1982 a 1986 no curso de Doutorado na University of Toronto, Toronto, Canadá. Regressando ao Brasil prossegui na pesquisa e no ensino na nossa querida UFV, onde trabalhei por 27 anos lecionando a disciplina de fitopatologia nos cursos de graduação e de pós-graduação. Aqui em Viçosa, vizinha à minha terra natal, Teixeira, fui carinhosamente acolhido nos anos cinquenta e sessenta para completar minha educação formal – ginásio e agrotécnico – e finalmente para cursar a graduação em engenharia agrônoma. Sou casado, tenho três filhos, seis netos. Vivo feliz, rodeado por família, muitos amigos e colegas do Berimbau que aqui vivem. Sou feliz e realizado profissional e socialmente com a profissão que escolhi, sempre à disposição para receber meus prezados colegas do Berimbau.

Meu endereço: Rua José Ubaldo Paiva, 50/302, Bairro Ramos. CEP 36570-266, Viçosa-MG